

*"O elo com o passado
definirá o futuro"*



HOMEM no ESPELHO

*Da mesma autora de
"A mensageira da Morte"*

VIVIANNE
SOPHIE



HOMEM
no ESPELHO

VIVIANNE SOPHIE

Copyright© By Vivianne Sophie, 2017
Copyright© By Grupo Constelação Editorial, 2017

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores e autores.

O HOMEM NO ESPELHO © VIVIANNE SOPHIE
1ª EDIÇÃO – GRUPO CONSTELAÇÃO EDITORIAL – BRASIL.

Diretora Editorial: Valdeny Falquetto
Coordenação Editorial: Flávia Falquetto
Capa: Mirella Santana(www.MirellaSantana.com.br)
Imagens De Capa: DepositPhotos.com© & Freepik©
Diagramação: Nathan Falquetto
Imagens De Diagramação: Freepik©
Revisão De Texto: Letícia Godoy

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Grupo Constelação Editorial, Bahia, Brasil.

SOPHIE, Vivianne.
O Homem No Espelho/
Vivianne Sophie – Bahia, 2017.
220p.

ISBN: 978-85-94067-01-2
1.Literatura Brasileira. 2.Romance. 3.Fantasia. I. Título.

CDD-B869.93

Texto de acordo com as normas do *Novo Acordo Ortográfico*
Da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

2017

Todos os direitos reservados à
GRUPO CONSTELAÇÃO EDITORIAL
Rua Thomaz Antônio Gonzaga, nº 737,
Jardim Liberdade, Teixeira de Freitas, Bahia.
CEP: 45994339
SITE: www.constelacaoeditorial.com.br
E-MAIL: constelacaoeditorial@gmail.com



A marca da
gestão florestal
responsável

*Tudo que sou e tudo que
pretendo ser, devo a dois anjos:*
MEUS PAIS.

*"Acordei e me olhei no espelho
Ainda a tempo de ver
Meu sonho virar pesadelo"*

Paulo Leminski

PRÓLOGO

A chuva grossa caía de forma incessante, encharcando as ruas de Nova York, escondendo as pessoas em suas casas e lavando a cidade para receber o Sol. Adjra não tinha muito tempo, viajar com a criança da Índia havia se mostrado mais complicado do que ela imaginava. Perder seus mais fiéis seguranças era uma dor que ela ainda não se permitira sentir, mas agora sozinha nas ruas da imensa metrópole, tudo que precisava era encontrar um local adequado para deixar o bebê.

A criança que estava enrolada em um manto vinho de veludo fazia alguns barulhos durante o sono, alheia ao fato de que seria separada de suas origens e do seu destino. Era o melhor que Adjra poderia fazer por ela, já que *Eles* não desistiriam facilmente da tarefa de encontrá-la, principalmente agora em que maus ventos pairavam sobre a Índia.

Depois de caminhar por tantas ruas da cidade, Adjra já sentia o peso da idade lhe caindo como um cobertor. O guarda-chuva estragado pelo vento mal cobria a criança em seus braços, e as pernas encharcadas e doloridas não conseguiam dar mais do que alguns passos cambaleantes. Ela tomou fôlego em uma esquina e se pôs a caminhar mais rápido, procurando um local adequado para depositar a criança.

É claro que não poderia ser nenhuma das mansões pelas quais ela passava, a chance da criança ser abandonada ou colocada num orfanato era grande demais. Adjra precisava encontrar a residência certa no meio da selva de prédios e portões, a fim de deixar a criança com pessoas que realmente a mantivesse em segurança.

Antes de viajar, Adjra escrevera uma carta de duas páginas explicando a natureza da situação. Pediu que a menina, enrolada no manto, nunca se tornasse famosa ou muito conhecida, pois correria riscos de morte caso isso acontecesse. Também pediu para que ela nunca suspeitasse de suas origens indianas, já que uma possível busca por respostas poderia revelar sua localização. O demônio não era tão poderoso ainda, mas era só uma questão

de tempo até se fortalecer o suficiente para tentar encontrá-la.

A chuva começou a diminuir e talvez aquilo fosse um sinal dos deuses; animada com a perspectiva de encontrar uma solução, Adjra caminhou mais rápido e ao virar a esquina, avistou uma casa mais simples e de aparência bem cuidada escondida em meio aos prédios da cidade. Um casal jovem podia ser visto pela janela, conversavam sentados à mesa de jantar e Adjra procurou por mais alguma presença na casa. Constatou que estavam sozinhos.

Quando caminhou devagar até a porta da casa, abrigou-se na varanda coberta e sussurrou alguns encantamentos para a criança, dentre eles, retirou dela o poder de sonhar, pois temia que seus sonhos fossem uma forma de rastreamento; e isso poderia ser o fim para Adjra e todos aqueles a quem amava. Ao colocar a criança em cima do tapete úmido da porta, o bebê começou a se mexer e abriu os grandes olhos negros como piche para encará-la.

Adjra apressou-se em retirar a carta do bolso, um pouco umedecida pela chuva, mas ainda legível o suficiente. Colocou o papel debaixo da criança e envolveu um colar da flor de lótus em suas mãozinhas. Este último presente não estava programado, mas vendo aqueles olhos escuros como a noite encarando-a com curiosidade, era impossível não deixar ao menos um vestígio de onde ela vinha, para confortá-la nos dias mais obscuros e talvez um dia levá-la para casa, quando ela pudesse viver em segurança.

Com passos cautelosos, Adjra caminhou para longe, não olhando uma única vez para trás. Quando virou a primeira esquina, conseguiu ouvir o choro da criança e aguardou alguns segundos até que ele cessasse, garantindo que ela estava bem. Sem muitas alternativas, a senhora caminhou até uma ponte conhecida da cidade, alta e elegante, a monstruosidade de concreto lhe arrepiava os cabelos, mas era sua única forma de voltar para casa.

Apertando as mãos e tentando conter o vento frio que a envolvia em uma camada gelada, Adjra começou a murmurar o encantamento, mas antes que suas últimas palavras fossem ditas, uma mão firme lhe agarrou o pescoço, levantando-a do chão sem esforço algum. Olhos amarelos e sorriso diabólico surgiram em seu campo visual e ela já sabia que aquele seria seu último vislumbre do mundo. Sem tempo de pensar em qualquer oração, Adjra se viu despencar da ponte, a queda foi tão rápida que ela logo sentiu a água lhe envolvendo os sentidos.

Ela tentou em vão nadar e não se deixar levar pela correnteza, mas o frio

da água aliada ao cansaço de seu corpo, pouco ajudaram a mulher a se mover; o pânico crescente era tão grande, que em poucos minutos a água entrou por todos os seus orifícios, queimando os pulmões e apagando sua presença daquele mundo para sempre.

CAPÍTULO 01

S onhar nunca foi um hábito para mim. Se por vezes com meus olhos fechados eu sentia o sono me puxar para uma escuridão sem fim, nada mais se passava pelas minhas pálpebras, exceto o que eu tentava imaginar ainda acordada, em uma vã tentativa de ser um pouco normal. Lembro de que quando tinha doze anos, ouvia minhas amigas falarem sobre seus sonhos, eram sempre relacionados a algum ídolo infantil, ou a superpoderes de algum herói do momento. Eu, no entanto, com vinte e dois anos ainda não entendia o porquê de não sonhar; imaginação eu tinha de sobra, mas minha mente de alguma forma recusava-se a dar vida aos meus devaneios.

Como qualquer pessoa que deseja algo e não possui, procurei freneticamente por todos os especialistas no assunto, os quais, em sua maioria, achavam que meu subconsciente estava tão acostumado a ser incomum, que eu provavelmente sonhava e não me lembrava no dia seguinte. Mal sabiam eles que eu tinha certeza de que conseguiria me lembrar do meu primeiro sonho. Outros, mais ousados, submeteram-me a alguns testes, o mais bizarro foi comer uma porção de alimentos antes de dormir, os quais seriam um estimulante para o meu sono REM^[1].

Depois de tantas falhas, caminho satisfeita para o consultório de um hipnotista. Nossa conversa ao telefone foi muito inspiradora e ele disse que eu provavelmente encontraria minhas respostas, já que um possível bloqueio a minha mente poderia estar reduzindo minha capacidade de sonhar. Enquanto busco por uma vaga no estacionamento, torço para que a sessão não seja tão demorada, já que tenho uma entrevista de emprego marcada para dali a duas horas.

Com um diploma de História em mãos, eu ainda não havia conseguido me estabilizar financeiramente; e dar aulas no primário havia se tornado algo tão estressante, que recorri ao Museu de História Natural, o qual abriu uma vaga

em especial, para historiadores, onde provavelmente eu me encaixaria bem, já que falar sobre história sempre foi a minha paixão. A chuva fria e o ar condensado não eram o que eu esperava naquele dia e por isso caminhei usando minha saia lápis azul e meus generosos saltos com pouca destreza até a entrada do prédio residencial.

O porteiro, vendo-me correr pela chuva, abriu a porta rapidamente e me lançou um sorriso divertido, provavelmente pensando porque minhas roupas pareciam tão inapropriadas para o clima imprevisível de Nova York. Retirei meus cabelos da testa e com o rosto mais amigável, comecei a falar euforicamente.

— Desculpa por aparecer assim correndo na chuva, tenho um compromisso daqui a pouco tempo e quando saí do *Brooklyn* havia alguns raios de sol — abro um sorriso animado, tentando não perder muito tempo em jogar conversa fora.

— Ninguém esperava essa chuva moça, fomos todos pegos desprevenidos. — O sorriso genuíno dele me deixa mais animada e quando busco o seu nome no crachá, não consigo ler e praguejo por ser míope.

— A propósito, sou Jennifer Mills, estou procurando pelo Sr. Hard, ele provavelmente está me esperando — estendo a mão para o porteiro, que retribui o aperto com a mão firme.

— Muito prazer, Srta. Mills, sou Joseph Anderson e vou avisar ao Sr. Hard que a senhora está subindo — Joseph caminha a passos lentos para o telefone, observo que ele manca de uma perna e os sinais da idade já são vistos em seu rosto pálido e enrugado.

— Ele disse que você pode subir, o andar dele é 14º, mas o elevador está em manutenção, então você terá que usar as escadas. — Joseph indica uma escadaria enorme nos fundos, e seguro a língua para não praguejar, minha sorte parece cada vez mais afundada no rio.

— Tudo bem, obrigada pela ajuda, Sr. Anderson. — Caminho para a escada com passos decisivos e quando olho para os meus pés, sinto meus saltos molhados debocharem de mim.

Começo a odisseia de subir as escadas e no segundo lance já desejo que termine logo todo aquele sofrimento. Se Hope, minha melhor amiga e também *personal trainer*, estivesse aqui, iria rir da minha falta de resistência e do meu sedentarismo. Horas na frente da TV não haviam me ajudado muito, embora minha magreza não se alterasse, a saúde dos meus músculos parecia protestar, principalmente quando se tem pernas tão curtas quanto as

minhas.

Chego ao 14º andar com os pulmões pegando fogo e demoro um pouco para me recompor e finalmente procurar o número 277 do Sr. Hard. Dou algumas batidas na porta e espero pacientemente no corredor, checando meu relógio e vendo que perdi trinta minutos desde que saí do carro. Quando a porta finalmente se abre, um homem gorducho e barbudo me atende com um sorriso amarelo, o cheiro de nicotina faz meu nariz coçar e tento dar um sorriso alegre para o meu anfitrião.

— Vamos, Srta. Mills, entre! Você está um pouco atrasada. — O velho homem abre espaço e entro na sala pequena do apartamento. As janelas fechadas deixam o ar ainda mais abafado e começo a me sentir nervosa com o local.

— Aceita alguma bebida? — ele pergunta, enquanto enche o copo de uísque barato.

— Não, obrigada, gostaria de começar se não se importasse — digo de forma educada e o velho se senta em um sofá a minha frente e faz menção para que eu me acomode também.

— Bem, vamos lá, minha jovem. Feche os olhos e tente fazer tudo que eu disser, vamos começar relaxando seu corpo e prosseguindo para o momento especial em que você revela seus segredos. — A risada do Sr. Hard é rouca e misturada a uma tosse seca, que me deixa desconfortável.

Fecho meus olhos e tento seguir as palavras do velho, que me manda relaxar, inspirar, deixar meu corpo leve e solto, mas tudo isso parece impossível, já que enquanto estou de olhos fechados, uma fumaça de cigarro invade minhas narinas e a tosse do Sr. Hard me faz perder toda a concentração. Abro os olhos e começo a me levantar, mas ele insiste que tentemos mais uma vez. Peço que o cigarro seja apagado e por fim tento fazer o que é pedido.

Quando deixo minha mente aberta e suscetível ao Sr. Hard, ele começa a fazer algumas perguntas da minha vida, as quais não reluto em responder, já que são simples, como a minha idade, nome dos meus pais, se tenho irmãos, dentre outras coisas mais pessoais. Finalmente as perguntas se referem aos meus sonhos, se me lembro de alguma coisa ou qualquer fragmento de sonho, a resposta é sempre negativa. Quando o velho, com sua voz terna, pergunta-me sobre o que penso todas as manhãs quando acordo, vejo meus lábios responderem por mim: *meu colar de flor de lótus, sempre procuro por ele e preciso senti-lo em volta do meu pescoço.*

O Sr. Hard faz mais algumas perguntas, mas nada concreto parece ser extraído. Quando finalmente estou livre do transe, o velho homem me lança um olhar curioso e sorri um pouco sem graça.

— Srta. Mills, creio que não tivemos nenhum progresso nessa sessão. — Ele tosse por alguns segundos e toma mais um gole de uísque. — Mesmo a sua hipnose, não foi muito além do que esperávamos, acredito que este colar possa lhe revelar mais do que eu.

Mordo minhas bochechas para conter a frustração, eram tantas notícias negativas que eu realmente estava começando a desistir dessa história. Sonhar era algo tão simples e natural nos seres humanos, mas necessariamente em mim, não era possível de acontecer, pelo menos a medicina e a psicologia ainda não haviam conseguido explicar. Levanto-me de forma desanimada e começo a contar o dinheiro do Sr. Hard.

— Não precisa me pagar garota, não fomos a lugar nenhum com isso. — A voz do velho agora é mais grossa e claramente frustrada, pergunto-me se ele pensa que o problema é comigo ou com ele.

— Não, tudo bem. Você gastou o seu tempo, aceite pelo menos a metade — recolho o dinheiro e entrego ao homem, que de forma relutante pega as notas das minhas mãos.

Saio pela porta e felizmente o elevador já está funcionando. Despeço-me de Joseph com um aceno e quando entro no carro, vejo que faltam trinta minutos para minha entrevista, que é quase do outro lado da cidade. Coloco o carro em movimento e xingo vários motoristas na rua enquanto dirijo, o trânsito caótico me estressa, então pego alguns desvios, mas chegar ao museu a essa hora da manhã é um pequeno desafio.

Paro o carro algumas quadras antes e, vendo que a chuva deu uma trégua, coloco-me a andar o mais rápido que meus saltos permitem. Chego à entrada do Museu e vejo um banner enorme anunciando a chegada de uma coleção de artefatos da Índia, começo a olhar as imagens interessada, mas meu relógio apita me lembrando de que faltam cinco minutos para a entrevista. Subo as escadas de pedra correndo e quando a recepcionista me indica o caminho, passo por uma sessão privativa do museu e encontro o escritório onde os candidatos estão sendo entrevistados. A quantidade de pessoas sentadas nas cadeiras acolchoadas me assusta, por isso encosto-me à parede e faço um esforço para me recompor, alisando minha saia e torcendo para não estar com a maquiagem tão borrada.

A maioria dos entrevistados demoram poucos minutos na sala e isso me

deixa ainda mais apreensiva; quando finalmente sou a última no corredor e uma voz feminina me pede para entrar, caminho a passos cautelosos para dentro da sala e fecho a porta grossa de madeira atrás de mim com um baque desajeitado.

— Sente-se, Srta. Mills. — Olho curiosa para a mulher jovem e loira que me encara, os olhos azuis não exibem qualquer emoção e a vejo analisar meu currículo sem esboçar nenhum interesse.

— Bom, vejo aqui que é formada em História. — Abro a boca para falar, mas os olhos frios dela me param e a deixo prosseguir. — Isso realmente é um diferencial, Srta. Mills, você é, de todos, a mais preparada para cargo até o momento. — O sorriso que ela abre é um pouco sarcástico e me vejo retribuindo de forma constrangida.

— Então, diga-me, por que eu deveria lhe dar o emprego? — Sinto meu rosto queimar e penso que não estava preparada para isso, esperava ser questionada sobre as minhas aptidões, mas a mulher a minha frente parece mais interessada em deixar as pessoas constrangidas.

— Bom... eu... — começo a gaguejar e vejo que a loira dispersa seu olhar para o relógio, claramente pensando em me dispensar. Respiro de forma resignada e começo a falar como confiança. — Acredito que justamente por eu ser a mais qualificada para o trabalho... Como historiadora, conheço todos os fatos por trás das obras do museu, além de ainda conseguir oferecer um diferencial em informações, dado ao fato de que participei de muitas pesquisas acadêmicas, a maioria de acordo com o acervo do próprio museu.

Olhos de gelo me encaram por um tempo e o jogo dela de não falar nada me deixa apreensiva. Quando a mulher finalmente esboça um sorriso satisfeito, sei que consegui a vaga. Ela se apresenta depois como Karlie Thompson, a chefe do departamento de História Oriental e será responsável pela nova coleção que chegará da Índia. Enquanto conversamos, ela me bombardeia com várias perguntas sutis sobre fatos históricos e quando recebe respostas satisfatórias de minha parte, combina o meu horário de trabalho, perguntando se posso começar dali a dois dias.

— Entenda que essa coleção que está chegando será bastante importante para o museu, brigamos muito para conseguirmos ser os guardiões dessas obras e precisarei da sua total dedicação em fazer uma excelente apresentação sobre elas. — Karlie fala enquanto caminha comigo para fora.

— Estou totalmente comprometida com o trabalho, Sra. Thompson, vejo você daqui a dois dias — digo de forma profissional.

— Assim espero, até logo, Srta. Mills. — Enquanto observo minha nova chefe caminhar de costas, percebo que ela provavelmente deve ter a minha idade, com um bônus de ter conseguido um emprego melhor e ser tão profissional ao ponto de confundi-la como uma senhora.

CAPÍTULO 02

Dizer aos meus pais que havia conseguido o emprego, foi motivo de festa. Elisabeth, minha mãe adotiva, era uma excelente cozinheira e por isso uma torta logo foi colocada no forno, juntamente com vários acompanhamentos deliciosos. Meu pai, Wilson Mills, era um contador aposentado e adorava celebrar qualquer conquista com uma boa taça de vinho. Por isso, encontro-me agora bebendo e sorrindo com a minha pequena família, mas saber que menti para eles sobre a sessão de hipnotismo me corrói por dentro, e é por isso que me pego soltando as palavras como enxurradas diante deles, sobre início do meu dia.

— Por favor, Jennifer, não acreditei nem por um segundo que você havia desistido dessa ideia maluca — minha mãe fala com um sorriso animado no rosto, provavelmente o vinho surtiu seus efeitos.

— Bem, sim... Mas depois de hoje, acho que realmente não irei pensar nisso por um tempo. Vou me concentrar no meu emprego e tentar fazer o melhor com aquela coleção da Índia. — Esvazio a minha taça e pego a garrafa para colocar mais vinho.

— Talvez você devesse pesquisar sobre o colar, foi a única coisa que encontramos com você, pensar nele pode lhe trazer respostas. — O rosto do meu pai parece pensativo enquanto fala e me pergunto se ele está se lembrando da noite chuvosa em que um bebê foi deixado na sua porta.

— Wilson... Talvez não seja necessário, veja o colar não deve ter significado algum — minha mãe pondera de uma forma um pouco tensa e percebo que o assunto a incomoda.

— Você tem razão, mãe, é somente um colar. Penso nele por pura curiosidade, mas provavelmente foi presente de uma mãe irresponsável — falo de forma contrariada, pois nunca tive vontade de encontrar os meus pais biológicos. Se me deixaram na porta de alguém, provavelmente não me queriam e eu também não nutria interesse nenhum em conhecê-los.

— Bom, vamos nos recolher. Parabéns pelo emprego, querida, durma bem. — O sorriso da minha mãe é um pouco mais aliviado e me vejo retribuindo o seu abraço.

Meu pai passa por mim com um aceno e logo estou sozinha. Sinto uma sensação de ansiedade bem incomum, quase como se eu estivesse indo fazer o meu primeiro estágio ou uma prova que estudei muito. O frio na minha barriga se aperta tanto, que subo para o meu quarto e resolvo pesquisar um pouco sobre as obras que vão chegar ao museu. Quero estar preparada para o que quer que Karlie tenha em mente.

Digito o nome da coleção do museu na barra de busca, e logo vários sites aparecem anunciando a notícia. Clico em um mais confiável e deixo meu dedo passar pelo mouse, enquanto leio as informações.

COLEÇÃO DE ARTEFATOS PERDIDOS DA ÍNDIA CHEGA À NOVA YORK

Recentemente foram encontrados em uma floresta da Índia, artefatos antigos que provavelmente remontam à era do Império, dado as pesquisas feitas pelos estudiosos. Os artefatos consistem em um espelho antigo, adornado em ouro e cravejado com pedras preciosas, demonstrando um excelente estado de preservação; uma tapeçaria antiga e um relógio de areia. Os demais objetos consistem em joias e roupas, as quais estão sendo estudadas a fim de manter a fidelidade das informações.

A grande inauguração será daqui a duas semanas e os convites iniciais já se encontram esgotados. O museu promete abrir a ala especial para o público ainda este mês, mas por enquanto as obras se encontram em sigilo e só nos resta aguardar para conferir o novo acervo.

Olho mais alguns sites de notícias e encontro praticamente as mesmas informações, não há nenhuma foto das obras e muito menos informações históricas sobre as mesmas. Realmente o museu está fazendo um grande sigilo sobre isso e pensar que serei uma das primeiras a ter contato com o tesouro me deixa mais animada do que eu esperava. Fecho o computador com um suspiro e resolvo descansar para o dia seguinte. Karlie disse que eu deveria ir somente ao próximo dia, então eu aproveitaria o dia de amanhã para me preparar e contar a Hope as novidades.



Depois de acordar de mais uma noite sem sonhos, tomei um café da manhã rápido e corri para o Central Park. Havia prometido encontrar com Hope por lá, faríamos um piquenique à moda antiga e assim trocaríamos as novidades. Felizmente o tempo resolveu nos agraciar com raios de sol, o que me fez usar um vestido floral um pouco acima do joelho. Deixei meus cabelos lisos e negros presos no topo da cabeça e me limitei a passar pouca maquiagem sob minha pele morena.

Não havia como negar que meus traços eram um pouco incertos e diferentes da genética dos meus pais adotivos, algo que me rendeu vários questionamentos no colégio, além de certo constrangimento de minha parte. Ainda assim, a minha pele caramelo se destacava da maioria das crianças, que eram brancas como leite. Hope dizia que eu provavelmente tinha um lado oriental, mas tudo que eu conseguia pensar era que talvez minha mãe fosse uma prostituta e em um de seus “trabalhos”, acabou se envolvendo com um estrangeiro, por isso minha genética era tão diferente dos demais.

Quando chego ao Central Park, procuro por Hope no lado sul do Lago, encontrando minha amiga vestida com roupas pretas de ginástica, cabelos presos em um coque e exibindo uma excelente forma. Hope sempre foi uma garota bonita demais para os padrões estéticos: olhos verdes que variavam para o azul; lábios carnudos e rosados que despertavam nos garotos diversas fantasias, além da cabeleira loira espessa, que caía em camadas cacheadas sobre suas costas. Tudo isso tornava minha amiga uma perfeita modelo e seus diversos trabalhos artísticos lhe renderam um amor especial por esportes. Era por isso que Hope viajava com vários jogadores e competidores olímpicos,

sempre ajudando todos a manter a forma.

— Já não era hora, perdi a conta de quantas voltas corri antes de você chegar. — Ela se apressa em me abraçar e sorrio animada com a energia que ela emana em plena manhã.

— Desculpe, a comemoração com os meus pais ontem foi intensa, vinho demais para essa pobre garota — digo, sentando-me na toalha xadrez que Hope forrou sobre o gramado.

— Oh, seus pais são maravilhosos, mas... — Ela para no meio da frase e me lança um olhar penetrante.

— Mas o que? Vai em frente, faça suas observações. — Hope sempre tem um comentário a fazer sobre a vida das pessoas e embora a maioria ache a atitude dela um pouco irritante, eu costumo levar como reflexão e tentar ver o outro lado da moeda.

— Mas você deveria estar saindo com garotos, fazendo sexo, sabe? Não jantando todas as noites com seus pais, você merece se divertir, Jen. — Meu apelido de infância soa um pouco engraçado na voz de Hope, já que ela sempre o fala com ênfase no “n”.

— Não é como se os garotos estivessem todos na minha porta, me convidando para sair. Não sou como você, Hope... — desvio minha atenção para a cesta que ela trouxe e encontro sanduíches naturais e sucos detox dentro.

— Não, você não é, mas é simplesmente linda e se esconde atrás desses óculos e dos livros. Se eu fosse você, estaria fazendo dança do ventre e conquistando todos os homens pelo caminho. — Começo a rir e Hope acaba me acompanhando, a mania dela de querer tornar a vida de todos um pouco mais agitada é engraçada e me mostra o quanto ela precisa estar em movimento.

— Não sou uma boa dançarina e gosto dos meus livros. Meu emprego tomará todo o meu tempo, vou ver em primeira mão a coleção que virá da Índia, então considere isso como uma aventura. — Sinto o orgulho na minha voz, já que pela primeira vez vou participar de algo inédito em minha vida.

— Mas é claro, esqueci-me de parabenizá-la. Vi sua mensagem ontem e juro que dei um grito na academia de felicidade por você. — Ela estende as mãos e segura as minhas com força, abrindo um sorriso largo. — Achei o máximo você poder ver essas velharias primeiro que todos aqueles colecionadores prepotentes, vou lhe ajudar a se vestir para inauguração.

— Não sei se estarei na inauguração, é um evento muito importante e

exclusivo, Hope, provavelmente vou estudar os artefatos e explicar às visitas que vão se seguir pelo museu. — Sinto minhas bochechas queimarem por não ser tão ilustre assim quanto Hope pensou, nada de baile para a Cinderela aqui.

— Não seja tola, encontre uma forma de ir à festa e aproveite para conhecer pessoas novas. Viva o momento, Jen! — Quando olho para Hope, ela já está em pé e sorrindo.

— Certo, farei o possível — digo para convencê-la, pois a verdade é que só quero fazer o meu trabalho, mesmo que ele não inclua festas chiques e regadas à bebida.

— Vou dar mais algumas voltas, beba o seu suco detox e em breve volto para lhe contar sobre a minha noite com Eric. — Eric é um jogador da Alemanha que tem passado uma temporada em Nova York. Hope trabalha para o amigo dele, os dois acabaram se esbarrando e eis que ela começou a sair com o cara, parecendo estar muito animada com ele.

— Ah, vamos lá, conte de uma vez, não jogue a notícia assim e corra — grito para ela que já começa a correr e me deixa sozinha com um sorriso nos lábios.

Olho em volta do parque e vejo várias pessoas se exercitando como Hope. A essa hora, as crianças e os casais não costumam aparecer e por isso me sinto sozinha e sedentária, sentada na grama esperando algo acontecer. Olho para o céu azul celeste e os poucos raios de sol da manhã são uma bênção bem-vinda, já que meu bronzado tem se desbotado. Estou bebendo meu suco detox com uma careta quando recebo uma mensagem de Karlie, perguntando-me se eu poderia começar nessa tarde.

Mordo o lábio indecisa e penso que já combinei com Hope o almoço, mas sei que ela não hesitaria em minha situação, além de que acabei de aceitar a vaga, então preciso me mostrar disposta. Respondo um “sim” para Karlie e digo que chegarei dentro de duas horas. Quando Hope volta da corrida, fica um pouco chateada porque estou indo embora, mas diz que nos encontraremos a noite. Ela volta a correr e eu caminho para o carro quase soltando pulinhos. Meu novo emprego está prestes a começar e algo me diz que não será como os outros.

CAPÍTULO 03

Chego ao museu vinte minutos mais cedo e Karlie parece satisfeita com a minha aparição. Ela me mostra um armário onde poderei guardar minhas coisas e me orienta a usar um uniforme azul marinho, composto por uma saia até os joelhos, blusa social branca e terninho do mesmo tom de azul, bordado com as iniciais do museu. Felizmente eu já usava uma meia calça preta e por isso consegui me encaixar no uniforme, lamentando pela saia ter ficado um pouco larga na minha cintura.

Assim que me mostro apta ao trabalho, Karlie me apresenta ao Sr. Robert Field, o arqueólogo responsável pelos artefatos, e descubro que as caixas acabaram de chegar da Índia e meu trabalho será auxiliar na montagem do espaço para exposição.

— A noção de espaço deve levar em conta a distância aceitável de um objeto para o outro, por isso se tiver dúvidas não hesite em perguntar — Karlie fala enquanto caminha ao lado de Robert, que só me lançou um aceno desinteressado. Ele parece ansioso demais para abrir as caixas.

— Tem certeza de que a montagem da sala não exige alguém mais... — Robert me lança um sorriso sem graça e se volta para Karlie. — Profissional?

Sinto minhas bochechas corarem e mordo a língua para evitar dizer poucas e boas para este arqueólogo *metido a besta*. Robert parece estar na casa dos cinquenta anos, com cabelos castanhos espessos e olhos esverdeados, astutos como os de um felino, sua aparência é ao mesmo tempo intrigante e bem notável, dado as roupas sob medida que ele usa e o sorriso largo e arrogante.

— A Srta. Mills é completamente qualificada para esta tarefa, não há o que se preocupar, Robert, além disso, você poderá supervisionar o trabalho dela. — Quando Karlie me lança um olhar mais sério, sei que ela espera que eu não a decepcione e por isso me vejo assentindo em concordância e olhando novamente para o Sr. Field da forma mais profissional que consigo.

— Darei o meu melhor nesta tarefa, Sr. Field. — Minha voz soa fraca e

amedrontada demais e praguejo mentalmente por ter sido tão inocente.

— Vamos prosseguir então. — Robert dá de ombros e começa a andar novamente.

O museu é realmente grande e caminhar em meio a tantos artefatos me deixa um pouco tonta, acabo dando algumas corridinhas para conseguir acompanhar meus novos chefes. Quando finalmente chegamos ao salão destinado às peças indianas, abro a boca em espanto pela quantidade de caixas no local, são tantas e de vários tamanhos que engulo a vontade de sair correndo, já que isto será mais difícil do que eu pensei.

Robert, vendo minha cara de espanto, revira os olhos e apresenta uma equipe de cinco homens, todos incumbidos de ajudar na abertura das caixas e também na movimentação dos objetos pelo salão. Uma prancheta com fotos e informações dos artefatos é colocada em minhas mãos e começo a folhear, observando com curiosidade o tesouro recém-encontrado. A maioria dos artefatos é objetos de uso pessoal, como alguns talheres e louças pintadas à mão. Há também algumas peças de roupa, todas adornadas com ouro e seda, além de alguns acessórios bem intrigantes. Mas de todas as coisas que contém aqui, a mais interessante, sem dúvida alguma, é o espelho negro.

O artefato de cinco metros de altura é imponente e pelas fotos tem uma moldura prateada, com adornos cravejados por rubis e esmeraldas. Todos estes detalhes parecem formar um desenho, o qual eu luto para entender do que se trata quando sou interrompida por Robert me chamando para ouvir meus planos de organização dos artefatos.

Vendo que a equipe aguarda minhas palavras, umedeço os lábios e penso sobre o pouco que vi nestas fotos. O mais sábio será organizar os objetos de vestuário e itens de beleza em um só canto, deixando os utensílios de cozinha no lado oposto e o espelho na parede central, já que dentre todos os artefatos, ele é o maior e mais intrigante. Exponho meus pensamentos em voz alta e vejo Robert me observando com curiosidade, quando termino de falar, o arqueólogo abre um sorriso em concordância e Karlie me lança uma piscadela de aprovação.

— Vocês ouviram a senhorita, vamos começar a desempacotar tudo, com muito cuidado e depois iremos mover cada um para o seu respectivo espaço. — Robert começa a dar as ordens com animação e vejo que ele também coloca a mão na massa para abrir as caixas.

— Karlie... Estava pensando, o espelho é, sem dúvida, bem chamativo e intrigante, poderíamos colocar uma luz especial sobre ele, deixando todos os

demais objetos com luzes mais suaves, destacando somente o espelho. Seria uma visão e tanto. — Enquanto falo minhas ideias, vejo todas as imagens do salão se transformando a minha frente.

Karlie me encara de forma pensativa, como se estivesse imaginando também todo o cenário, quando ela finalmente fala, exhibe o sorriso mais largo de todos que já a vi dar.

— Excelente ideia, Jennifer, vou providenciar a iluminação agora mesmo.

— Ela acena para Robert e começa a caminhar pelos corredores.

Resolvo ajudar na abertura de caixas e percebo que a maioria dos objetos está embalada em um polímero especial que mantém as condições do ar e temperatura constantes e ajudam na preservação dos mesmos. A equipe de Robert é bem especializada e logo que começam a mover as peças, os mostruários onde todos os artefatos devem se encaixar chegam em tamanhos perfeitos e enumerados.

Ajudo os rapazes a colocar um vestido sobre o mostruário branco e com luvas nas mãos, eliminamos a película que cobre a roupa, selando a caixa logo em seguida e acendendo a iluminação adequada ao objeto. A roupa que é ricamente trabalhada com bordados e fios de ouro reluz perfeitamente em sua caixa e imagino que no corpo de alguma modelo será ainda mais interessante. Pondero sobre pedir a Karlie, algum manequim, mas retiro a ideia da cabeça quando Robert diz que levará tempo acertar as medidas exatas do boneco, para que caiba a roupa, que parece abrigar uma cintura fina demais para os padrões femininos.

— Não estou vendo a caixa do espelho... — digo curiosa, observando a maioria dos objetos já à mostra.

— Ele só chegará pela madrugada, houve um atraso com o avião que vai transportá-lo, mas estarei aqui para recebê-lo, então amanhã vocês poderão contemplá-lo. — Robert exhibe um olhar de pura excitação quando fala no artefato mais interessante da coleção e me vejo retribuindo o sorriso com mesmo entusiasmo.

— Ficarei ansiosa pelo dia de amanhã então — digo animada, já que provavelmente vou pensar nesse espelho a noite toda hoje.

— Não sabia que apreciava artefatos antigos, sobretudo espelhos, Srta. Mills. — Sinto meu rosto corar novamente, mas vejo que Robert ainda está sorrindo e sei que ele aprova meu interesse.

— Bom, sou graduada em história, Sr. Field, com uma especialização em civilizações antigas, meu interesse sobre o assunto é bem amplo. — Fico feliz

quando minha voz soa profissional e não falha, vejo Karlie surgindo atrás de Robert e sua expressão de aprovação me anima ainda mais.

— Está ficando muito bom, Jennifer, já providenciei a iluminação especial para o espelho. Amanhã você poderá estudar todos com calma e preparar sua apresentação para o público. — Enquanto Karlie fala, sinto o chão sumir dos meus pés, vou precisar falar para algum público?

— É... qual público exatamente? Os visitantes? — pergunto temerosa.

— Bem, os visitantes também, mas essa sessão por enquanto é exclusiva, então você irá explicar sobre os objetos somente para aqueles que receberam um convite para vir ao baile e também para os eventuais interessados. — Karlie acena para alguém do outro lado e começa a caminhar sem ouvir minha resposta.

— Parece que você tem uma grande responsabilidade em mãos, Srta. Mills, estudei um pouco sobre as obras quando as descobri, não encontrei nada realmente concreto sobre elas. — Robert exibe um olhar pensativo e fico ainda mais apreensiva com a sua resposta.

— Como assim nada concreto? Na internet disseram que provavelmente as peças são datadas da época do Império... — sinto minha voz sumir, quando vejo uma careta no rosto do arqueólogo.

— Bem, essa é uma das suposições, mas não sabemos ao certo qual o seu ano, somente que provavelmente são objetos de alguma realeza. — Robert dá de ombros e sei que realmente estou ferrada, essa pesquisa vai exigir muito mais do que eu pensava.

— Acho que preciso começar a estudar então... — comento de forma apreensiva, já que o baile é daqui a três semanas.

— Sim, já deveria ter começado. Desejo-lhe boa sorte nos estudos, Srta. Mills. — Robert me lança um sorriso sarcástico e começa a caminhar para junto da sua equipe, provavelmente duvidando que eu consiga respostas.

Volto a me concentrar no espaço a minha frente e continuo pensando que terei que pedir a um antigo professor alguma ajuda, bem como buscar por alguns livros na biblioteca. Esta é uma tarefa além do que esperava, pensei que os textos estariam prontos e só precisaria fazer uma apresentação, mas descobrir a real história dos artefatos, os quais nem mesmo os seus descobridores conseguiram solucionar, deixa-me ainda mais apreensiva e curiosa para saber a origem do espelho.

CAPÍTULO 04

Quando finalmente chego em casa, estou exausta, o primeiro dia de trabalho no museu foi mais do que o esperado e felizmente conseguimos organizar a maior parte dos artefatos, além de catalogar tudo e aguardar agora uma minuciosa pesquisa de minha parte, que oferecerá as informações necessárias para serem colocadas em placas próximas a cada objeto. Robert acabou sendo muito útil no fim do dia, indicou-me alguns artigos da internet e também me cedeu dois livros para pesquisa.

Mande dois e-mails para o professor Arnald, um dos docentes que mais me ajudaram na minha especialização e encaro a tela do computador enquanto espero por algumas respostas. Embora minha cabeça esteja pesada e o sono parece me seduzir, resisto à vontade de descansar e continuo minhas buscas. O pouco que encontro não me dá uma definição exata para os objetos, que, aliás, foram encontrados em meio a uma floresta com pouca interferência humana e sua localização é distante demais de onde se estima que foi a sede de várias cortes imperiais.

Estou quase fechando os olhos quando vejo minha caixa de e-mail piscar e percebo que o professor Arnald me enviou uma mensagem. Para minha surpresa, ele ficou bem animado em ajudar e disse que faria algumas pesquisas pelo resto da semana, prometendo me conceder respostas em um almoço na próxima segunda. Respondo imediatamente agradecendo a ajuda e resolvo finalmente descansar para o dia seguinte, minha mente cansada não conseguirá filtrar nada agora e amanhã usarei todo meu tempo livre para me dedicar às pesquisas.

No dia seguinte, encontro Karlie que exibe um ar mais cansado e diz poucas palavras, somente me informando que Robert passou a madrugada toda no museu e provavelmente não irá aparecer hoje, bem como sua equipe que terminou de montar tudo, incluindo o espelho pela madrugada.

— Vou usar o meu tempo para realizar pesquisas então — informo a

Karlie e ela somente assente de forma desinteressada.

Faço meu caminho para a sala da exposição e encontro dois guardas vigiando a porta. Apresento meu crachá para eles e logo tenho livre acesso ao local. Quando entro no salão, estranho a escuridão da sala, já que a maioria das luzes dos objetos está apagada. Procuro pelo interruptor e as acendo, vislumbrando com espanto como o salão se transformou.

Um tapete gigantesco adorna o piso de mármore branco, os objetos estão todos com iluminações próprias, parecendo ainda mais exóticos do que já são. No final da sala, o maior e mais estranho espelho que vi na minha vida, adorna sozinho a parede central. O vidro negro reflete com perfeição a sala e as pedras incrustadas em sua moldura formam entalhes confusos, alguns parecidos com uma flor de lótus, outros lembram vagamente rosas e são tão diferentes que fico assombrada com a magnitude do que vejo.

Caminho a passos lentos até o espelho, que parece retribuir o olhar de interesse. Sinto minha pele se arrepiar toda vez que fico mais próxima e quando finalmente estou em uma distância respeitável, vejo meu reflexo com perfeição. Não consigo parar de olhar para essa beleza que me aterroriza. “*Deinós*”, a beleza que causa medo. Nenhuma palavra parece tão adequada quanto essa, visto a imponência deste artefato.

Saio do meu transe quando ouço passos atrás de mim, Robert caminha com um ar cansado pela sala e vem em minha direção, observando também o espelho.

— Magnífico, não é? Nunca vi algo tão intrigante. — Ele exhibe uma expressão curiosa e sei que o espelho também o assusta.

— Sim, é muito belo e também assustador. Eu não conseguiria dormir com um desses em casa. — Dou de ombros e desvio o olhar do artefato.

— Muito menos eu... Vai começar as pesquisas hoje? — ele pergunta de forma casual.

— Sim, terei mais algumas informações na próxima segunda também, então espero conseguir algum resultado — digo de forma complacente.

— Claro, vou ajudá-la também. Pedi a Karlie para me deixar auxiliar na pesquisa, então vamos para as nossas salas começar. — Robert faz sinal para que eu o acompanhe e me surpreendo com a sua ajuda.

— Obrigada... — falo de forma surpresa. — Nós temos uma sala?

— Ah sim, nesse museu há uma biblioteca e também salas de pesquisa, podemos utilizá-las. — Ele caminha de forma imponente pelas portas e cumprimenta os guardas com um aceno. — Não se surpreenda tanto com a

minha ajuda, sou o arqueólogo do projeto, deveria ter descoberto eu mesmo, por isso é uma questão de honra auxiliar.

— Entendo — digo de forma pensativa, perguntando-me se Robert na verdade queria levar todo o crédito. — Você encontrou essas peças na floresta? — pergunto curiosa.

— Na verdade foi meu filho, ele é um biólogo e quando, por acidente, encontrou caixas enormes de madeira enterradas, me ligou e eu parti para a Índia. — Robert dá de ombros, como se não fosse grande coisa e seguro um sorriso por observar a falsa modéstia dele.

— Qual deles foi encontrado primeiro? — caminho lado a lado com Robert e me surpreendo quando ele para em uma porta grande e pesada de madeira.

— O espelho. Estava numa caixa enorme e enrolado em vários tecidos, a maioria em farrapos. Mas ele em especial não apresentou nenhum arranhão. — Robert abre a porta e encaro o espaço de nosso trabalho.

A sala é grande e contém duas mesas redondas para estudo, o resto do cômodo abriga várias estantes, abarrotadas de livros em suas prateleiras. Próximo às janelas, há também algumas mesas com computadores e fico animada por ter todo aquele espaço para trabalhar.

— Bem-vinda a nossa sala de estudos, dois membros da minha equipe também se dispuseram a ajudar, devem chegar mais tarde. — Observo mais atentamente o rosto de Robert e por trás de todo o cansaço que ele exhibe, existem olhos intensamente verdes que espelham preocupação.

— Ótimo... — abro um sorriso empolgado e caminho até uma das mesas redondas, retiro meu notebook e alguns papéis da bolsa e resolvo começar a trabalhar.

— Estes vão ser longos dias... — Robert diz pensativo, sentando-se à minha frente e retirando os materiais da própria pasta.



Na hora do almoço, peço licença a Robert e aviso Karlie que estou indo almoçar com uma amiga. Saio do museu que está lotado e vejo alguns guias com uniformes iguais ao meu, apresentando as diversas alas do museu. O Sol quente e o céu azul me dão um choque de realidade, no museu quase não é possível contemplar o tempo, já que por vezes estou ocupada demais para

apreciar o dia.

Hope me espera do outro lado da rua, trajando um vestido bege clarinho, óculos de sol enormes e a cabeleira loira caindo em cachos bem ordenados pelas costas. Ela abre um sorriso quando me vê e uma careta quando repara no meu uniforme do museu.

— Meu Deus, esse uniforme precisa de alguns ajustes ou você não andou comendo. — Ela aponta para minha saia larga.

— Preciso mandar fazer alguns ajustes nele, só não tive tempo ainda — digo desanimada, já que só ganhei dois conjuntos e enquanto um está lavando, o outro está no meu corpo.

— Bem, arranje tempo e se dedique um pouco a você minha amiga. — Ela sorri animada e engancha o braço no meu enquanto caminhamos.

— Almoço calórico hoje? — pergunto com uma ponta de esperança, já que Hope vive de dieta.

— Só porque você está quase sumindo nessa roupa, eu concordo. Vamos comer alguma massa. — Ela dá uns tapinhas no meu braço e parece realmente preocupada com a minha saúde.

— Estou bem, Hope, sério. Só não tenho tido muito tempo de comer, mas assim que a inauguração dessas peças indianas terminar, estarei me alimentando melhor — digo esperançosa, já que com dois dias de trabalho, já me sinto um trapo.

Ela assente em concordância e propõe comermos em um restaurante de comida italiana. Levamos quinze minutos para chegar ao local, e ver a maioria das mesas lotadas me deixa desanimada, até que Hope diz conhecer o dono e acaba conseguindo uma mesa no andar de cima para nós, com uma vista linda do Central Park. Ela escolhe o prato mais leve do cardápio, enquanto eu me arrisco em um canelone bem recheado, já que não como nada desde manhã.

— Tenho uma festa no sábado, preciso que você vá comigo — ela diz fazendo bico e piscando os olhos.

— Não posso, preciso descansar e terminar minhas pesquisas — digo desanimada, pois realmente estou preocupada que Robert e eu não encontremos nada muito interessante para descrever os artefatos indianos.

— Ora, vamos lá. Será divertido. Você descansa durante o dia e à noite vamos tomar alguns *drinks* e nos distrair um pouco. — Nossas comidas chegam e Hope faz uma pausa para provar a refeição com macarrão integral.

— Talvez... Só estou preocupada, preciso desse emprego. — Penso na

alegria dos meus pais em me ver empregada, e no fato de que preciso juntar dinheiro se quero mesmo fazer o meu mestrado em Oxford.

— Você não perderá o emprego, relaxar também é necessário, Jen. Vamos diga sim. — Ela segura minha mão do outro lado da mesa e me vejo assentindo, torcendo para não me arrepender depois.

— Ótimo, vamos nos divertir muito... Eric também estará lá e levará um amigo. — Olho para ela incrédula e me sentindo irritada.

— Não preciso que você tente arrumar pretendentes para mim, Hope, se estou sozinha é uma escolha própria, forçar encontros nunca dá certo. — Minha voz sai um pouco mais grosseira do que eu queria e tento aliviar a tensão, observando surpresa no rosto de Hope.

— Tudo bem... Mas fazer amigos não é nada demais, é? — Ela solta um suspiro e empurra o prato de lado. — Prometo que não forçarei a barra, será somente um encontro de amigos.

Acabo concordando em acompanhar Hope, mas não engulo a história de apresentar um amigo, sei que ela pensa que não ter namorado é quase o apocalipse, e embora eu me sinta sozinha às vezes, já que namorei uma única vez na vida, não consigo me conectar ou me interessar por ninguém. Parece que meu coração parou no tempo e está congelado à espera de algum homem milagroso. Solto uma risada alta, pensando o quão absurdo isso soa e vejo algumas pessoas me olhando de forma curiosa, enquanto adentro novamente o museu.

Volto para sala de trabalho e vejo Robert adormecido na mesa, entro devagar e continuo minhas pesquisas sem fazer barulho, embora o ronco do arqueólogo me deixe desconcentrada. Duas batidas na porta fazem Robert acordar assustado e enquanto ele se recompõe, atendo a porta e dois pesquisadores, Lily e Drew, se apresentam para ajudar nas pesquisas.

— É ótimo ter a presença de vocês — digo com um sorriso sincero, já que quanto mais ajuda melhor.

— Nós estamos bem animados com o trabalho e já temos algumas teorias. — Drew, com seus cabelos ruivos, aparelho nos dentes e óculos grandes de grau me encara com um sorriso animado.

— Que maravilha, vou querer ouvir tudo o que vocês encontraram — indico para eles a mesa em que estou sentada e vejo Robert se levantando.

— Vou fazer uma pausa, pessoal, volto daqui algumas horas. — O arqueólogo sai pela porta, fazendo Lily e Drew ficarem mais relaxados.

— Ele parece um caco, deveria diminuir na cafeína. — Lily se joga em

uma cadeira ao meu lado e o perfume frutado dela faz meu nariz coçar.

— Bom, mãos à obra, pessoal. — Encerro a conversa e volto a me concentrar no artigo que estou lendo.

Lily me lança um sorriso divertido e abre o próprio notebook, repleto de adesivos de *Game of thrones*. A menina é muito branca e tem algumas sardas delicadas no rosto, os olhos azuis são grandes e expressivos, e poderiam dar a ela um ar mais sério, que é quebrado pelo cabelo completamente colorido; uma profusão de cores que me deixa um pouco curiosa e admirada pela beleza da sua cabeleira.

Passamos o resto do dia pesquisando, Robert acaba não voltando ao museu e só somos interrompidos por Rosana, funcionária da lanchonete do museu, que sob as ordens de Karlie, trouxe-nos alguns sanduíches naturais. Embora Lily e Drew adorem conversar, ambos acabam fazendo um trabalho muito bom e no fim do dia, já formamos algumas teorias para a maioria dos utensílios de cozinha, bem como as roupas do vestuário. Karlie entra na sala quando estamos comemorando as descobertas e sorri com curiosidade, esperando ouvir o motivo de tanta empolgação.

— Nós três conseguimos estimar a data e o período da maioria dos objetos de alimentação — digo animada.

— Maravilha, estão de parabéns. Os três. Contem-me o que encontram. — Karlie se joga em uma cadeira a nossa frente e se acomoda para nos ouvir.

Contamos a ela que a maioria dos objetos é datada do século IV ao V, provavelmente durante o Império Gupta, uma dinastia que se opôs aos invasores do noroeste. A maioria dos artefatos é confeccionada em prata pura e outros em ouro branco, o que provavelmente se caracteriza como uma das produções dos artesões da época. Além disso, há a porcelana fina que antes era importada da China, e começou a ser produzida de uma forma mais rústica na própria Índia, sendo um objeto da realeza, como nós já havíamos especulado.

— Excelente explicação, confirmem essas bases teóricas. — Karlie bate palmas animadas e se vira para mim com empolgação. — Preciso que você faça um resumo de tudo isso que falaram, vocês três e o professor Robert irão apresentar os objetos no baile de inauguração. Estejam treinados para o público e também para as perguntas. — Ela se levanta com graciosidade da cadeira e já com o telefone em mãos, diz que estamos dispensados.

— Meu Deus, estou animada por esse baile — Lily fala emocionada.

Sorrio em resposta para os garotos e mordo minhas bochechas contendo a

empolgação, será uma noite importante e como Hope previu, vou estar presente. Imagino que seja uma boa oportunidade de conhecer mais pessoas do meio histórico e também de me sair bem nesse emprego. Só espero conseguir descobrir também a origem do espelho, que até o momento é um grande ponto de interrogação na minha cabeça.

CAPÍTULO 05

No sábado à noite, estou vestida com pijamas e pantufas de gatinho, pensando em uma boa desculpa para dizer a Hope que não irei na festa. Começo a especular o que não pareceria tão descarado, quando vejo meu pai na porta me lançando um sorriso misterioso.

— Ei, pai, não tinha visto que você estava aí. — Sinto minhas bochechas corarem, já que provavelmente estava falando sozinha e parecendo louca.

— Não se preocupe querida, só vim dizer que sua mãe e eu iremos ao teatro. — Ele começa a se afastar, mas dá meia volta novamente abrindo um sorriso mais divertido. — Esqueci-me de dizer que Hope também ligou e disse que estará aqui em vinte minutos, acho que esse pijama não será adequado.

Enquanto ele cai na gargalhada com a minha expressão de assombro, balanço a cabeça em negativa e vejo que já são mais de sete da noite, ou seja, o tempo passou rápido e realmente estou atrasada. Além do fato de que nem adianta inventar uma desculpa agora, Hope provavelmente saberia e viria aqui me intimidar.

— Bom, vou me arrumar então. Boa diversão para você e a mamãe — digo com sinceridade e meu pai acena, antes de sumir pelo corredor.

Encaro meu guarda roupa com as sobrancelhas arqueadas, não tenho nada muito adequado para a festa, já que Hope sempre vai a lugares extravagantes, regados de pessoas ricas e bebidas caras e mortais para a sanidade. Mordo os lábios indecisa e experimento algumas peças, nada parece ficar elegante. Ouço duas batidas na porta e minha mãe entra usando um vestido vinho justo na cintura e levemente rodado do corpete para baixo. Ela parece encantadora e admiro a beleza dela por algum tempo.

— Você está maravilhosa mãe. — Vou até ela e a abraço forte, inalando o seu perfume de rosas.

— Obrigada, querida, mas você precisa se vestir também. — Ela me afasta com carinho e me examina com curiosidade.

— Eu sei, mas não consigo escolher nada. Só tenho roupas para o trabalho, vestidos para o dia, nada muito extravagante. — Sento na cama já sentindo a derrota.

— Bom, acho que tenho algo que poderia lhe cair bem. Aguarde um instante. — Ela sai do quarto e demora uns cinco minutos, até retornar com um vestido em mãos.

— O que é isso, mãe? — pergunto curiosa, já que nunca a vi usar aquilo.

— É um vestido indiano minha querida, comprei na minha primeira lua de mel com o seu pai, nunca cheguei a usar, pois não tive uma ocasião adequada, mas acho que seria perfeito para o evento no museu. — Olho para ela confusa e espero explicação.

— Ah sim, sei do seu evento de apresentação. Hope me contou no salão hoje cedo, por isso trouxe isso a você. — Ela sorri animada e resolvo pegar o vestido para analisar.

Surpreendo-me com a exuberância de cores, a *choli*^[2] é linda, toda vermelha e bordada em dourado, fazendo um par perfeito com o *sári*^[3], do mesmo tom de vermelho, mas com bordados na barra. Uma *dupata*^[4] dourada acompanha o vestido e fico tão encantada com a riqueza do decido, que mal percebo a chegada de Hope atrás de mim.

— Jen, você ainda não está pronta... — A voz dela morre, quando vê o vestido e se aproxima para examinar.

— Agora vou deixar Hope te vestir para a festa de hoje, guarde o vestido com cuidado até o grande dia. — Minha mãe sai com um sorriso iluminado no rosto e lhe lança um olhar de gratidão.

— Por um momento pensei que você iria com essa roupa indiana hoje, não que seja feia, mas é exagerada. — Hope solta uma gargalhada e lança a ela um revirar de olhos.

— É para o baile no museu, já que meu guarda-roupa não tem nada adequado, nem para o evento de hoje. — Volto minha atenção para Hope e vejo que ela usa um tubinho preto de renda com as costas nuas. Seus cabelos loiros estão jogados de lado, formando cachos desordenados, uma maquiagem forte no rosto a deixa poderosa e com certeza destaca suas feições, enquanto os pés calçam sapatos tão altos, que fico surpresa por ela ainda estar de pé.

— Ah eu imaginei que você iria usar essa desculpa, por isso trouxe

algumas opções do meu próprio guarda-roupa. — Ela caminha até o corredor e volta com duas sacolas pretas. — Vamos fazer compras assim que você receber seu primeiro salário, minha amiga. — Hope me lança uma piscadela e começa a retirar as roupas.

A primeira peça que ela mostra é um vestido verde limão, com um enorme decote V na frente, que eu logo descarto sem nem mesmo querer vestir. Revirando os olhos, Hope me mostra mais algumas peças, até que finalmente me interesso por um *cropped* branco, com saia da mesma cor. Experimento o conjunto e fico surpresa em como a roupa me faz parecer mais curvilínea e destaca minha pele.

— Essa com certeza é a roupa. — Hope pisca para mim e começa pegar a própria nécessaire de maquiagem.

— É realmente lindo, obrigada, Hope. — Aperto-a em um abraço e sou retribuída na mesma intensidade. Ela era a melhor companhia que eu havia encontrado em tempos.

— Muito bem, vamos para a maquiagem. — Enquanto deixo Hope me maquiar, fecho os olhos e penso no espelho do museu.

O curioso artefato não nos revela nada, os entalhes em sua moldura são tão confusos, que Robert disse ter visto braços, enquanto Lily jurava que se parecia com um mosaico. Era estranho o fato de que cada pessoa o enxergava de uma forma diferente e mais intrigante a forma como os adornos dourados contrastavam com aquele vidro negro, diferente de qualquer obra já descoberta naqueles arredores.

Volto minha atenção para Hope e percebo que ela quer que eu dê uma boa olhada no espelho. Encaro meu reflexo surpresa, já que as sombras preta e prata nos meus olhos realmente me deixam exótica. Nos lábios aplico somente um *gloss* rosa clarinho e pego uma bolsa preta, colocando meus pertences, enquanto Hope me apressa para chegarmos logo ao carro.

Quando desço até a sala, meus pais já se foram e suspiro aliviada. Minha roupa é um pouco reveladora demais e fico com medo de parecer estúpida. Coloco um sobretudo preto por cima e adentro o carro com Hope, que também tem um casaco na cor vermelha em volta de si, para controlar o frio inesperado de Nova York. Enquanto ela dá partida no carro, olho para a casa dos meus pais e a vejo ficar cada vez menor à medida que avançamos pela rua. Por um momento, vejo uma pessoa parada bem em frente ao nosso jardim, mas como está escuro, não consigo dizer se é homem ou mulher, me viro para comentar com Hope, mas quando olho novamente para trás, a figura

já sumiu de vista.

Sinto um calafrio se espalhar pela minha pele e resolvo me focar no caminho à frente, já que provavelmente tenho estado cansada demais e comecei a imaginar coisas. Hope parece alheia ao meu desconforto, falando sobre como Eric tem sido atencioso e que o amigo dele, cujo nome descobri ser Clay, vai estar lá e quer muito me conhecer. Reviro os olhos com o entusiasmo dela, já que não estou no clima de conhecer ninguém, com os dias cheios que venho tendo, tudo que eu queria era estar em casa agora, descansando na minha cama.

Infelizmente, estou em Manhattan com Hope, que para o carro em um estacionamento supervisionado de um prédio elegante. Cumprimentamos o porteiro e ele nos informa que a festa está acontecendo na cobertura, o que faz Hope dar um gritinho de animação. Entramos no elevador e a longa subida me deixa com frio na barriga, não sou muito boa com as pessoas. Na verdade, Hope sempre foi minha única amiga e os outros poucos colegas que tive, sempre falaram somente o necessário comigo, nada que envolvesse vidas particulares.

Mas agora que o elevador finalmente para e quando as portas se abrem, ouço uma música pop ecoar pelos alto-falantes, e começo a me sentir temerosa. Várias pessoas ocupam a sala principal do apartamento, que é todo mobilhado com sofás na cor tabaco, vidros do chão ao teto e alguns quadros interessantes pendurados nas paredes. Hope me puxa para caminharmos rumo à área externa e vejo que ela digita uma mensagem enquanto caminha, provavelmente procurando por Eric e Clay.

— Os garotos estão lá fora nos esperando, se anime, Jen. — Ela abre um sorriso animado e começa a andar e dançar entre as pessoas que se reúnem na pista de dança em pleno telhado.

Uma piscina iluminada fica no centro de tudo e alguns corajosos já estão dentro dela, começo a questionar sobre o frio, mas vejo a fumaça saindo da água e sei que está aquecida. Garçons com vários *drinks* coloridos passam pela gente e Hope pega uma bebida de ameixa para nós duas, enquanto continua a procura por Eric.

— Então... Onde ele está? — pergunto olhando em volta.

— Bem ali, querida, vou soltar seu braço, pois quero parecer sensual. — Ela me lança uma piscadela e começa a caminhar rebolando.

Tento não revirar os olhos dessa vez e caminho atrás dela de forma mais contida. Eric, quando a vê, parece um leão que encontrou sua presa e exhibe

um olhar tão penetrante que vejo Hope corar com surpresa, já que esse rapaz realmente faz certo efeito sobre ela. Após a troca de abraços entre os dois, Hope me apresenta e Eric diz que Clay está a caminho, quase digo que ele não precisava se incomodar, mas o olhar de advertência da minha amiga me impede de dizer algo.

— Bom, vamos dançar, baby, quero me divertir. — Ela ronrona como um gato perto dos lábios de Eric e sei que ele fará tudo que ela pedir.

— Claro, querida. — Os dois me entregam ambos os copos de bebidas e começam a caminhar para a pista de dança.

Olho para as minhas mãos, uma com uísque e outra com um coquetel, provavelmente pareço a bêbada da festa e como não quero fazer nenhuma besteira, coloco os copos em uma mesa e saio em busca de uma cerveja. Encontro uma com o garçom e começo a beber enquanto caminho até a sacada.

A vista da cidade é maravilhosa e especialmente iluminada esta noite, encaro tudo com certa admiração e olho para a rua abaixo, vendo um casal discutir no estacionamento. A confusão logo termina e enquanto a garota entra no carro sozinha, o cara adentra o prédio parecendo furioso. Examino mais um pouco ao redor e vejo uma silhueta na esquina, parando e olhando diretamente para mim. Forço meu corpo um pouco mais para frente e vejo que a figura está encapuzada e toda de preto, impedindo-me de enxergá-la em meio às sombras.

Sinto uma mão gelada nas minhas costas e solto um grito estridente, então vejo Hope me olhando com uma cara assustada e claramente constrangida, já que várias pessoas começam a nos lançar olhares.

— Jen, está tudo bem? — a pergunta dela parece sincera, mas suas bochechas coradas me mostram que ela está envergonhada.

— Sim, claro. Eu só estava concentrada e me assustei um pouco — digo sem graça e volto meu olhar para as pessoas, que param de nos encarar e voltam aos seus próprios interesses.

— Percebi... Mas bem, tenho alguém para lhe apresentar. — Olho novamente para Hope e finalmente vejo um homem diferente ao seu lado. Não sei como eu não havia reparado nele antes, mas agora percebo o quão idiota pareci.

O homem a minha frente é alto, provavelmente um metro e oitenta. Cabelos castanhos bem cortados, levantados em um topete levemente bagunçado na testa. Sua pele clara se contrasta com os olhos caramelo, além

dos lábios levemente rosados e mais atraentes do que qualquer coisa que eu tenha visto na vida. Percebo que estou encarando-o e volto meu olhar para baixo, mas o meu erro acontece ali, quando vejo que uma blusa azul abraça seus músculos e braços tão fortes que sinto o calor retornar às minhas bochechas.

— Está é minha amiga, Jennifer, e este, minha querida, é Clay Winston. — Abro minha boca para responder, mas o sorriso dele é tão lindo, com um olhar muito intenso, que só volto a mim quando Hope me dá um leve empurrão com o braço.

— É um prazer conhecê-lo, Clay... Digo, Sr. Winston. — Amaldiçoo-me internamente por parecer tão estúpida.

— Somente Clay está bom — ele diz com uma voz grossa e sonora, fazendo-me estremecer. — Gostaria de uma bebida? — ele estende a mão para mim e me vejo segurando-a de forma hesitante.

Quando finalmente uno minha mão a dele, seu sorriso se alarga mais e me vejo sendo guiada pela multidão. Clay encontra um bar dentro da casa e nos sentamos próximos a algumas pessoas que bebem tranquilamente no local. Enquanto ele pede um Martini com cereja para mim e água com gás para ele, volto meu olhar ao redor e vejo várias pessoas conversando na sala, provavelmente entretidas com a noite.

— Você é daqui de Nova York? — Clay pergunta, enquanto me examina com curiosidade.

— Bem, sim, vivi a minha vida toda aqui... — digo um pouco atrapalhada e resolvo provar o meu *drink*.

— É que você parece tão exótica, é a única que se destaca aqui. — Os olhos dele encaram os meus e vejo tanta intensidade naquele olhar, que acabo encarando minha taça desconfortável.

— Ninguém reparou em mim e você provavelmente só me viu porque Hope nos apresentou — digo de forma sincera.

— Na verdade, eu já estava aqui quando vocês chegaram e a vi desde o minuto que entrou. — Percebendo meu olhar incrédulo, ele volta a explicar. — Eu sou o motorista do Eric, quando terminei de estacionar o carro, vi você e sua amiga chegando, pensei em me aproximar, mas achei melhor observá-la.

Mordo minhas bochechas internamente e tento pensar em uma resposta adequada. Aquele homem lindo estava me encarando profundamente e o pior, me analisou a festa inteira e eu nem vi, qual era o meu problema?

— Fico feliz que tenha se aproximado... — surpreendo-me com as minhas próprias palavras e Clay sorri tão abertamente que relaxo completamente.

— Você quer dançar? — Ele estende a mão novamente, parecendo um cavalheiro a moda antiga.

— Não sou muito boa... — digo hesitante, já que não danço há um bom tempo.

Clay abre um sorriso divertido e quando começa a se levantar, Eric se aproxima abraçando-o de forma desajeitada e segurando uma Hope que ri histericamente de algo.

— Clay, meu amigo, você precisa me levar para casa. Já bebi bastante e tenho aquele treino amanhã, você pode nos levar e depois buscar o carro da minha dama? — Eric parece incrivelmente alto e Hope me lança um olhar divertido e curioso sobre mim e Clay.

— Sim, senhor, vamos garotas. — Automaticamente, Clay segura minha mão e começa a caminhar atrás de um Eric e uma Hope tontos.

Fazemos nosso caminho pelo estacionamento e me vejo olhando em volta novamente, ter visto aquela figura encapuzada me deixou um pouco amedrontada e embora eu não seja tão interessante para ser espionada, algo me diz que aqueles olhos estavam fixados em mim.

— Está tudo bem? — Clay pergunta com uma ruga na testa.

— Sim, só um pouco cansada. — Abro um sorriso para confirmar e ele abre a porta de trás para mim, onde Eric e Hope se agarram.

— Se não se importa, preferia ir com você na frente... — digo constrangida e volto a olhar para os meus pés.

— Você quer ir à frente, comigo? — ele exhibe uma expressão incrédula e fico envergonhada pela minha própria audácia.

— Me desculpa, sei que nos conhecemos agora, só não queria... — As mãos de Clay em meus braços me calam imediatamente e vejo que seu olhar é mais determinado agora.

— Não, você não entendeu. Eu sou o motorista, Jennifer, pensei que quando você soubesse disso iria sair correndo daquele bar, mas você ficou e agora quer ir comigo no banco da frente. — Ele abre um sorriso com covinhas e volta a entrelaçar novamente nossas mãos.

— Nunca me importaria com isso, Clay, sou funcionária do museu... — dou de ombros e começo a pensar se Hope planejou esse encontro, justamente por sermos da mesma classe social.

— Então vamos logo... — Ele abre a porta da frente para mim e logo senta

ao meu lado.

O carro é colocado em movimento e tudo que ouvimos são os gemidos baixos de Hope, que logo são cortados quando Clay levanta uma espécie de parede interna no carro, que abafa os sons dos dois. *One Republic* começa a tocar baixinho no rádio e me vejo sorrindo, enquanto Clay murmura o refrão de *Secrets*. Ele percebe que estou sorrindo e estende uma mão para mim, estou encantada com essa conexão repentina e quase me repreendo mentalmente por ter cogitado não ter vindo a essa estúpida festa.

CAPÍTULO 06

Depois de deixar Eric e Hope juntos no apartamento do *Upper East Side*, Clay continua dirigindo e me lança um sorriso de lado, como se questionasse o que fazer agora. Intercalo meu olhar entre ele e a vista para rua, sempre procurando por alguma pessoa, mas não vejo nada anormal e tento me tranquilizar de que realmente estou começando a ficar maluca.

— Vou levá-la em casa agora e depois buscar o carro da sua amiga. — A voz dele parece um pouco desapontada e seguro minha vontade de dizer que gostaria de passar mais tempo com ele, no entanto não quero ser rápida demais e concordo com a cabeça.

— Quem vai buscar o carro de Eric depois? — pergunto curiosa

— Eu pego um metrô e depois vou para casa, o carro sempre fica comigo.

— Ele me lança uma piscadela e volta a se concentrar na estrada.

Ficamos em silêncio por todo percurso, até que dou as coordenadas ao chegarmos ao *Brooklyn*. Quando finalmente estou na porta de casa, Clay desliga o carro e me encara com um sorriso preguiçoso.

— Quais as chances de encontrá-la novamente? — ele pergunta de forma sugestiva e pegando minha mão para entrelaçar nossos dedos.

— Eu diria que são muito boas, Sr. Winston, o que tem em mente? — pergunto de forma brincalhona e vejo o sorriso dele se abrir mais.

— Almoço na segunda, busco você no museu. Amanhã provavelmente vou ficar por conta de Eric, já que ele fica de mal humor quando está de ressaca. — vejo Clay revirar os olhos como eu faço com Hope e acabo sorrindo em resposta.

— Tudo bem para mim, até segunda então... — digo fazendo menção de sair do carro, mas ele segura meu braço levemente e me impede.

— Seu telefone; não posso ir embora sem ele. — Percebo que Clay realmente quer manter o contato comigo e como quero conhecê-lo melhor também, passo meu número e ele fica de mandar uma mensagem quando

chegar em casa.

— As horas vão parecer ainda mais lentas até segunda, Jennifer. — A intensidade com que ele me olha e as palavras desesperadas dele me fazem corar da cabeça aos pés e resolvo quebrar o contato visual para não fazer nenhuma besteira.

— Até segunda, Sr. Winston. — Saio do carro apressada e chego até a porta, lançando uma última olhada para Clay que continua me encarando de forma penetrante, aceno e abro a porta de casa, suspirando com a noite mais incrível da minha vida.



No dia seguinte, acordo mais animada que o normal e minha mãe logo pede detalhes da noite. Conto que conheci Clay e ela fica empolgada e começa a planejar um jantar. Digo a ela que é tudo muito novo e consigo aplacar um pouco a sua ansiedade, já que é a primeira vez que ela me vê tão empolgada com alguém. Resolvo correr um pouco pela rua, para queimar algumas calorias, já que como Hope mesmo disse, precisamos entrar em forma.

Ao pensar nela, lembro-me da questão de Clay e sua profissão. Eu nunca me importaria com isso, afinal eu não era nem de longe uma pessoa rica, mas Hope parecia pensar que havia divisão entre as classes e isso me chateava um bocado, não só por mim, mas também por Clay, que provavelmente ficou tão desconfortável naquela festa, quanto eu.

Continuo correndo e tento não pensar mais no assunto, já que provavelmente vai render uma boa briga com Hope, algo que eu não almejo no momento. As ruas aos domingos ficam estranhamente calmas, sem a turbulência das lojas e de milhares de carros passando, é quase pacífico demais. Sentindo meus músculos começarem a protestar, resolvo voltar para casa e quando me viro, lá está ele, o homem que andou me observando na noite anterior.

A diferença é que agora consigo ver que se trata de um homem, embora sua visão seja um pouco embaçada, como se algum reflexo ilusório caísse sobre os meus olhos. A distância entre nós é de uns dez passos e começo a caminhar em sua direção, então ele vira em uma rua à esquerda e começa a caminhar com passos largos, que estranhamente não emitem barulho nenhum.

Penso em voltar para casa e não seguir esse maluco, mas sei que preciso descobrir o porquê de estar sendo vigiada e por isso caminho atrás dele, que se mantém sempre bem a frente, aparecendo somente para que eu possa segui-lo. Embora sua cabeça nunca se volte para trás. À medida que ando, sinto meu corpo cansado e percebo que já estamos distantes da minha casa, mas estranhamente em bairros movimentados e bem abertos, o que me incentiva a prosseguir.

Estou atravessando a rua sem nem mesmo olhar para os lados, quando escuto uma buzina alta em meus ouvidos, seguida de um impacto que me faz cair sentada no chão. A primeira coisa que sinto é uma dor lacerante subindo pelo meu quadril e em seguida olho novamente para onde estava o estranho, mas ele já está completamente fora de vista. O motorista do carro parece furioso, mas quando me observa fazer uma careta de dor, vem em meu auxílio.

Acabo sendo escoltada para casa e quando chego, evito falar sobre o assunto com os meus pais, dizendo apenas que caí e pego um pouco de gelo para o meu quadril. Percebo que já é o início da tarde e por isso ajudo minha mãe a preparar o almoço, enquanto divago sobre o que realmente acabou de acontecer. O estranho realmente queria me mostrar algo, o que, eu não saberia dizer. Mas quando fui parcialmente atropelada, ele havia sumido completamente, nem mesmo se deu ao trabalho de me verificar.

Comecei a cogitar a possibilidade de estar alucinando, talvez esteja lendo muito Stephen King e por isso estou tão paranoica. Termino o almoço e ignoro todas as perguntas curiosas dos meus pais, alegando estar cansada e subo para o meu quarto a fim de relaxar. Uma das fotos que imprimi do espelho está em cima da minha cama e me pergunto se minha mãe andou dando uma olhada no meu quarto. Pego-a em minhas mãos e analiso aquele artefato estranho, preciso descobrir urgentemente a origem dele, já que o baile é no próximo final de semana e eu nada ainda tenho preparado para ele.

Vou precisar conversar com o professor Arnald na segunda e ver se já temos algum material. Começo a me lembrar de que também marquei com Clay neste mesmo dia e desmarcar será muita falta de interesse da minha parte. O único jeito é levar Clay junto ao almoço com o professor e torcer para que ele não ache muito estranho essa minha obsessão e necessidade de descobrir as origens de um espelho.

Jogo-me novamente na cama e repasso os momentos da noite passada com Clay, ele havia enviado uma mensagem dizendo que chegou bem e lamentava

o pouco tempo que havíamos tido. Como eu só tinha visto hoje o SMS, acabei aproveitando para perguntar sobre Eric e Hope, ele disse que aparentemente haviam brigado de madrugada e Eric estava sozinho em seu apartamento, enquanto Hope claramente já havia ido para casa.

Penso em ligar para ela e perguntar se está tudo bem, mas dada a situação incômoda com Clay, resolvo deixar as coisas esfriarem um pouco e finalmente questioná-la. Estou quase dormindo quando ouço minha mãe bater na porta.

— Jennifer, querida... Está tudo bem? — ela coloca a cabeça para dentro e imediatamente me levanto e sinalizo para ela entrar.

— Está sim, só algumas coisas estão me incomodando... — digo de forma desanimada, já que minha mãe é a única pessoa a quem eu posso explicar a situação no momento.

— Me diga o que lhe preocupa. — Ela se senta ao meu lado e abre um sorriso preocupado.

— É a Hope... Ontem ela me apresentou ao Clay, mas parece que fez isso só porque ele é o motorista de Eric e como eu sou uma mera funcionária, encaixaríamos perfeitamente... — Sinto as palavras saírem de forma amarga da minha boca e percebo que realmente estou chateada.

— Ela disse isso? — minha mãe pergunta, não parecendo surpresa.

— Não disse, mas Clay pensou que eu era classe alta e imaginou que eu nunca iria falar com ele. Quando entendi isso, liguei os pontos e percebi que Hope armou tudo. — Jogo-me novamente na cama e minha mãe faz o mesmo ao meu lado, encarando o teto branco do meu quarto, que antes continha várias estrelinhas fluorescentes.

— Bom, Hope sempre foi uma garota rica, é natural que tenha uma visão diferente, mas não acho que ela tenha feito por mal. Talvez só não entenda que essa questão de ter ou não muito dinheiro nem sempre é importante, mas para uma menina que sempre teve tudo, ela deve considerar bastante os padrões sociais. — Minha mãe olha de forma compreensiva e me sinto grata por tê-la ao meu lado.

— Talvez... Mas ainda assim magoa e me ressenti por Clay também — digo, voltando a encarar o teto.

— É só isso que a está preocupando? — ela pergunta curiosa.

— Sim... acho que estou sobrecarregada com o trabalho também — falo um pouco mais animada, já que minha preocupação vai muito além disso, sem contar com o estranho que aparentemente tem me perseguido, mas sei

que se contasse a minha essa parte, ela provavelmente me trancaria dentro de casa, por isso me limito a encerrar o assunto.

— Bom, acho que você precisa descansar. — Ela se levanta e me abraça de forma protetora. — Nunca se esqueça de que estou aqui por você, Jennifer, para qualquer coisa que precisar.

Sorrio novamente para ela e retribuo o abraço bem apertado, minha mãe é incrível e eu sei que sim, posso contar com ela para qualquer coisa. Mas esse assunto a assustaria demais e eu prefiro evitar no momento. Vou tentar resolver a minha maneira, não preciso incluir mais ninguém nos meus devaneios, já basta o assunto dos sonhos.

CAPÍTULO 07

Na segunda-feira, passo a manhã toda um pouco tensa, o professor Arnald havia me ligado para confirmar o almoço e combinamos em um restaurante próximo ao museu. Estranhamente Clay é obrigado a desmarcar, já que terá que levar Eric ao aeroporto justamente no horário que havíamos combinado. Enquanto ouço a voz dele do outro lado da linha, tento não parecer tão desapontada.

Quando finalmente saio para encontrar o professor, estou uma pilha de nervos, já que nem mesmo Robert e sua equipe conseguiram resultados positivos sobre o espelho. O mais estranho é que a época datada dos demais objetos não coincide com a produção de um vidro negro, já que a maioria dos espelhos daquele tempo era feito de prata ou bronze.

Quando chego ao local, vejo que várias mesas já estão ocupadas e depois de alguns minutos consigo avistar o professor em um canto mais discreto, imerso em um livro o qual não consigo identificar o título. Caminho a passos largos e quando ele finalmente se dá conta da minha presença, sou recepcionada por um sorriso caloroso e percebo que Arnald envelheceu um bocado desde a última vez que nos encontramos.

— Senhorita Mills, quanto tempo não a vejo. — O sorriso do professor Arnald é sempre largo e muito amistoso, eu me pego retribuindo-o sem nem mesmo perceber.

— É um prazer encontrá-lo também professor. Desculpe lhe incomodar, você provavelmente tinha outro compromisso. — Ele se senta à mesa e me indica o local à frente.

— Ora, não é incomodo nenhum, você sabe como gosto de uma boa pesquisa acadêmica. — Ele beberica um pouco da água e um garçom se aproxima de nós com o cardápio.

— Sei que acabei de chegar, mas preciso perguntar, você conseguiu algum

sucesso em suas buscas? — Arnald me encara por um tempo antes de finalmente falar, fazendo-me soltar uma respiração que eu nem mesmo sabia que havia prendido.

— Consegui algo, Jennifer, mas não sei se é o que você realmente está procurando. — O rosto do professor assume uma expressão tão pesarosa que começo a ficar um pouco assustada.

— Veja bem, você conhece a história de *Vishnu*? — O professor faz uma pausa quando o garçom pergunta o que queremos.

Enquanto ele opta por uma salada marroquina e alguns acompanhamentos, resolvo pedir somente um filé grelhado e algumas batatas douradas, já que meu apetite parece estar morrendo no meu estômago. O garçom anota nossos pedidos e logo desaparece em meio às mesas do restaurante, volto meu olhar para o professor que parece pensativo.

— Acho que li alguma coisa sobre ele ser um deus da mitologia hindu, algo assim — digo pensativa, tentando me lembrar das poucas aulas que tive sobre o assunto.

— Bom, ele de fato é um deus, responsável pela manutenção do universo. Há uma lenda sobre ele ajudar o povo da Índia, demonstrando através de um espelho todos os caminhos do mundo. — O professor faz uma pausa e aguarda meu questionamento, como minha cabeça ainda não consegue entender nada, suspiro exasperada e o encaro pesarosa.

— O que seria esses caminhos do mundo? — pergunto de forma cética.

— As várias dimensões que existem no universo, esse mundo em que vivemos só seria uma delas e segundo a lenda, com o conhecimento das demais dimensões, as pessoas poderiam viajar entre elas e obterem conhecimento para salvarem a Índia e mudar todo o destino. — O garçom chega com nossos pratos e o professor logo começa a cutucar a própria comida, parecendo mais entusiasmado. — O espelho foi um presente também de *Shiva* e *Brahma*, outras duas divindades que formam a suprema trindade dos deuses. E há vários relatos de que de fato o espelho existiu e era negro, tal como as fotos que você me enviou. Mas o mais interessante você não sabe...

Começo a achar tudo uma grande loucura e penso que o professor pode ter enlouquecido, afinal depois de tantos anos de trabalhos, seria compreensível que ele estivesse alucinando um pouco sobre as próprias crenças.

— O que há de tão interessante? — pergunto desanimada com a conversa, já sabia que não havia encontrado nada útil novamente.

— O espelho era visto de forma diferente por cada pessoa, algumas viam rostos em sua moldura, outros enxergavam flores, peixes, sempre coisas aleatórias e diferentes das demais. — No momento em que ouço as palavras dele, começo a ficar um pouco mais arrepiada com o comentário. Lily e Drew haviam visto desenhos diferentes no espelho, mas eu pensei que era só por causa do excesso de detalhes.

— O que você viu no espelho, Jennifer? — A pergunta do professor me pega de surpresa e me vejo ponderando sobre a situação.

— Vi várias coisas, as principais foram flores de lótus... — respondo a última parte baixinho, já que tenho certo receio com a flor, que me lembra do pingente da minha mãe biológica.

— Interessante... Nas fotos que você enviou, tenho certeza de que vi braços e o que pareciam ser flores também. — Arnald parece pensativo e me sinto estúpida com toda a situação.

— Você sabe que não posso falar isso na apresentação do artefato, me dê algo concreto... A localização dele? A quem pertenceu? Você poderia conseguir isso? — Sinto o desespero em minha voz e vejo que realmente preciso de algo, ou vou fracassar na primeira tarefa que me foi incumbida no trabalho.

— Bom, há várias localizações para O Espelho de *Vishnu*, alguns dizem que foram passados de Imperador para Imperador, mas sua última localização foi com a família *Rashid*, mas não se sabe muita coisa sobre eles. Dizem que desapareceram após uma febre e não sobrou nenhum herdeiro. — Arnald dá de ombros, como se a localização do espelho em si não fosse tão importante para ele.

— Ótimo, mais um monte de suposições. Estou perdida, professor, não sei o que dizer no dia do baile. — Olho para o meu prato pela primeira vez e vejo que a comida já está fria e eu ainda não a toquei.

— A vida é feita de suposições, Jennifer, cabe a nós selecionarmos o que acreditamos ser real e o que são meras fantasias. — Arnald empurra o prato para o lado e vejo que ele comeu tudo enquanto eu me desfazia em confusão.

— Você pode me enviar o material de tudo que disse? Vou ver o que consigo montar, há mais alguma informação relevante? — Olho para o meu relógio e vejo que já se passou uma hora e meia do meu intervalo.

— Bom... Havia relatos de que algumas pessoas, quando tocavam o espelho, podiam atravessar para essas outras dimensões, mas são somente histórias contadas em noites de fogueira. — Ele solta uma gargalhada e me

pergunto o que há de tão engraçado. — Tenha cuidado, Jennifer, e lhe desejo boa sorte na inauguração.

Quando Arnald levanta, despeço-me dele e agradeço novamente por ter me cedido o seu tempo, embora não tenha encontrado nada substancial. Ele me entrega uma pasta verde com os documentos de sua pesquisa e se despede de mim com um aceno, insistindo em pagar a conta.

Saio do restaurante me sentindo mais impotente ainda, embora algo dentro de mim me incite a ler as pesquisas do professor e tentar formar algo mais coerente. Chego ao museu um pouco atrasada e fico feliz por ninguém também ter retornado. Resolvo visitar novamente a sala dos artefatos, que dessa vez está bem iluminada e com alguns objetos já catalogados com suas respectivas inscrições.

Observo feliz o pouco trabalho que fizemos e caminho até o espelho. Olhando para a moldura, certifico-me de que realmente vejo flores de lótus, embora alguns padrões eu não consiga entender, já que tudo é um misto de coisas intrincadas e que me deixam confusa. Desvio os olhos da moldura e encaro o vidro negro, que quase se assemelha a um lago e resisto à tentação de tocá-lo.

Afasto-me um pouco e sento nos primeiros degraus do pedestal em que o espelho se encontra, abro a pasta do professor e vejo um pouco de tudo que ele me disse no restaurante. Há também uma lenda sobre a família Rashid, a qual teria governado um povoado da Índia no século VI, mas estranhamente foram dados como mortos em seu sexto reinado. Poucas informações se tinham sobre a corte do Imperador e também dos demais membros da família, que pareciam ter desaparecido completamente.

Sem muita noção do que estou fazendo, pego uma caneta na minha bolsa e começo a escrever atrás de um rascunho, unindo as informações dadas pelo professor com os poucos indícios da vida da família Rashid e resolvo ligar esse espelho diretamente a eles. Não ousou mencionar a mitologia de *Vishnu*, deixando de lado todo o cunho sobrenatural e formo uma teoria realística e pouco embasada, mas que na falta de nada, poderia ser a única esperança que eu teria de manter meu emprego.

CAPÍTULO 08

No meio da semana, recebo uma ligação de Clay, ele me convida para um jantar em sua casa e penso muito antes de aceitar, já que nos conhecemos há pouco tempo e é um passo grande demais para mim. Vejo-me dizendo sim, quando ouço o tom suplicante dele, parecendo realmente arrependido por ter cancelado o nosso almoço.

Mais uma vez me vejo no dilema de qual roupa escolher, mas afasto esses pensamentos quando Karlie entra na sala de estudos. O rosto dela nada revela e meu estômago se contrai, já que uma hora antes, enviei o material que reuni sobre o espelho para ela e não sei se será aprovado. O problema todo é o baile ser no sábado e o humor da minha chefe estar muito sombrio, já que alguns poucos objetos ainda não estão devidamente catalogados.

— Boa tarde a todos, primeiramente quero agradecer o trabalho duro de vocês, pessoal, pude acompanhar de perto todas as pesquisas e sei que todos se dedicaram. — O olhar dela repousa em cada um de nós e vejo Drew se encolher um pouco, provavelmente teme mais Karlie do que eu.

— Nós agradecemos pela confiança, Karlie — Robert fala em um tom profissional, pela expressão dele, sei que está tão preocupado como nós, mas tentando não deixar transparecer.

— Bom, tenho duas notícias para vocês... — Ela faz uma pausa e sinto meu coração se apertar. — A primeira, estão todos obviamente convidados para o baile, serão remunerados pelo serviço de vocês e também podem trazer um acompanhante cada. — Ao ouvir essas palavras, Lily solta uma risada de animação e começa a mandar uma mensagem no celular, mas é parada pelo olhar duro de Karlie.

— Como eu ia dizendo, me passem o nome completo do acompanhante até amanhã, vou incluí-los na lista. — Ela solta um suspiro e vendo que não vamos mais interromper, continua a falar. — A segunda notícia é que... — O olhar dela pousa em mim e tento não me encolher muito na minha cadeira.

Durante a semana, eu havia pesquisado mais sobre o espelho e a família

Rashid. Por mais estranho que pareça, encontrei várias teorias sobre o desaparecimento deles, dos mais absurdos até alguns mais coerentes, já que alguns pesquisadores lançaram teses sobre essa dinastia. A mais sensata foi de que a família provavelmente foi vítima da peste negra e acabou migrando para outros territórios, provavelmente morrendo no caminho ou permanecendo no anonimato.

Mas ainda assim, não sei se todas as hipóteses que eu levantei serão aceitas e temo fortemente que Karlie me considere um fracasso total. Respiro fundo e me atento para as palavras seguintes da minha chefe.

— Eu li e analisei todas as pesquisas que vocês fizeram, gostei muito das fundamentações, principalmente da sua, Jennifer. O texto construído para o espelho ficou excelente. — Solto a respiração que estou prendendo e Lily me devolve um sorriso aliviado. — No entanto, quando fiz minhas próprias buscas, encontrei muitas teorias sobrenaturais ligadas a ele, me perguntei por que você não as mencionou em sua descrição.

Acho que fico um tempo sem falar, pois Robert dá uma tossida discreta e me cutuca com o pé por baixo da mesa. A verdade é que eu me mostrei cética em todas as teorias sobrenaturais que encontrei, não só por não acreditar, mas porque também tinha um pressentimento muito ruim sobre o espelho e pensar que os motivos poderiam ser algo além da minha compreensão, me dá arrepios.

— Bom, eu imaginei que a pesquisa deveria se atentar a uma resposta científica e com embasamentos reais, igual os demais objetos. — Minha voz sai mais forte do que eu esperava e percebo que estou na defensiva.

— Entendo. De qualquer forma, foi um ótimo trabalho e prepare-se para sua apresentação. — Karlie me lança um olhar estranho, que não consigo compreender, antes de se virar e sair da sala sem despedidas.

Ouçó Drew e Lily falarem sobre o baile animadamente e tento voltar meus pensamentos para o que acabou de acontecer. Pensei que precisava apresentar somente uma análise realística ou o mais próximo disso, mas a expressão de Karlie é de puro desgosto e isso me incomoda profundamente.

— Ora, não fique assim, Jennifer, você fez um bom trabalho. — Me sobressalto com Robert dando algumas batidinhas nas minhas costas.

— Sim, claro... — respondo vagamente, começando a juntar minhas coisas.

— Vamos tomar alguns *drinks* hoje? Esse dia merece uma comemoração — Lily fala empolgada.

— O que acha, Jennifer? Precisamos dar um tempo dessa pesquisa, ou vamos acabar enlouquecendo — Robert diz animado.

Penso em aceitar, mas lembro que Clay combinou de me buscar daqui a duas horas para jantarmos, será rude desmarcar e claro, eu também quero muito vê-lo e experimentar um pouco mais da conexão que parecemos compartilhar.

— Sinto muito pessoal, tenho um compromisso hoje, mas na próxima eu irei, ok? — Abro um sorriso e eles concordam depois de me fazer prometer que realmente comparecerei numa próxima vez.

Em poucos minutos, despeço-me deles e sou a única na sala. Desligo os computadores e reúno as minhas coisas, passo pelos seguranças que me desejam um bom descanso e enquanto caminho pelos corredores vazios, continuo me lembrando da expressão de Karlie, o que me faz perguntar a mim mesma o que há de errado com ela.

Estou quase terminando de percorrer o caminho até a recepção, quando ouço meu nome e algumas vozes abafadas vindo de uma porta. Diminuo meu passo e olho para os meus *scarpins* barulhentos, resolvendo tirá-los dos pés e caminhar sorrateiramente até a porta.

A primeira coisa que vejo é Karlie, ela está com os cabelos desgrehados e uma expressão indecifrável no rosto, meio encurvada sobre a mesa e de costas para mim. Percebo que ela está falando com alguém pelo *Skype* e a voz masculina que vem do computador é grossa e ao mesmo tempo melódica, diferente de tudo que eu já ouvi.

— No tempo certo tudo acontecerá, minha cara... — o homem fala com escárnio.

— Já esperamos tempo demais... — Karlie responde com certa frustração.

— Tenha paciência, está chegando o grande dia... — quando ouço essa frase, sinto um incômodo estranho e resolvo me afastar, mas o que Karlie diz em seguida me faz parar.

— Tenho medo de que não seja ela, não vou aguentar errar novamente. — ela dá um soco na mesa e um pequeno porta-retratos de vidro cai.

Assusto-me com o barulho e acabo soltando um suspiro alto, Karlie logo olha para a porta e me afasto rapidamente, escondendo entre uma das colunas do corredor. Em poucos segundos ela está na porta e olha para os lados com desconfiança, ela fica por um tempo analisando o espaço, enquanto eu faço uma prece silenciosa para não ser vista.

Como se saísse de um transe, Karlie fecha a porta com força e a tranca por

dentro. Espero mais alguns minutos e finalmente crio coragem para caminhar até a porta. Do lado de fora, coloco meus sapatos rapidamente e caminho até o meu o carro. Nunca senti tanta adrenalina na vida, não sabia de quem Karlie estava falando, embora tenha escutado meu nome minutos antes, ela poderia estar mencionando o meu trabalho com o espelho.

Ainda assim, acho muito estranho o dono daquela voz parecer tão calmo, enquanto Karlie surtava. Se ele fosse o superior dela, provavelmente deveria estar em pânico também, mas algo na voz dele me diz que ele sabe que estão no caminho certo, seja lá qual for. E mesmo sem ver a aparência dele, posso sentir sua presença quase tão sólida quanto a minha.

CAPÍTULO 09

Dez minutos mais cedo, Clay toca a campainha. Para minha sorte, meus pais o mantêm entretido em uma conversa, enquanto eu termino de me arrumar, já que dirigi bem devagar para casa, com os pensamentos confusos por ter ouvido a conversa de Karlie. Na pressa acabo optando por uma calça jeans de lavagem clara, uma camiseta rosa de renda e em deixar os cabelos soltos. Aplico uma maquiagem bem leve e desço para enfrentar Clay, que obviamente já deve estar cansado de esperar.

Quando chego de fininho na sala, ouço risadas que logo me assustam. Clay e meu pai gargalham enquanto assistem a um jogo na TV, minha mãe parece ter deixado o livro de lado e observa os dois com um misto de admiração e animação, que fazem meu estômago se contorcer. Entro na sala e Clay acaba se virando na mesma hora, ele me lança um olhar penetrante e admira meu corpo da cabeça aos pés, finalmente voltando para o meu rosto e abrindo um sorriso tímido.

— Olá... — eu digo com a voz fraca, observando o quanto ele é lindo.

Com uma camisa azul clara que contrasta com os seus olhos, que hoje parecem especialmente estar com um tom de folhas secas, e os cabelos levemente bagunçados, Clay é uma vista a se admirar. Quando ele vem ao meu encontro, observo a sua forma elegante de andar, ao mesmo tempo em que os músculos bem trabalhados estão um tanto expostos pela camisa. Sinto meu rosto corar e resolvo olhar para os meus pais que assistem a tudo em silêncio.

— Bom, acho que vocês estavam se divertindo, mas Clay e eu precisamos ir — digo um pouco ansiosa.

— Claro, foi um prazer conhecê-lo, Clay. Cuide da minha garota. — Meu pai sorri e puxa minha mãe para sair da sala. Relutante, ela me lança um último olhar e vai com ele.

— Seus pais são ótimos e... — Clay se aproxima de mim e estende a mão até o meu rosto, retirando uma mecha fina de cabelo que caiu em meus lábios. — Você está linda.

Abro um sorriso constrangido e ele sorri ainda mais diante do meu rubor. Pego as minhas chaves no balcão e caminhamos para fora. O carro de Clay está do outro lado da rua e quando finalmente estamos dentro dele, me vejo olhando novamente para minha casa, enquanto ela some pelo retrovisor do carro. Dessa vez, no entanto, não há nenhuma sombra à espreita e consigo relaxar.

— Está tudo bem? — Clay pergunta ao perceber o meu olhar pensativo.

— Sim, só tive um dia cheio. — Abro um sorriso de confirmação e ele assente satisfeito.

— Onde você mora? — pergunto curiosa, enquanto avançamos pelas ruas.

— No *East Harlem*^[5], divido um *loft* com um amigo — ele diz sorrindo e pegando minha mão, enquanto segura o volante com a outra.

Após percorrermos algumas quadras, Clay leva o carro até a garagem de um prédio de tijolos vermelhos e com varandas de metal brancas. Saímos do veículo e ele segura minha mão, enquanto pegamos o elevador. Aparentemente o prédio só tem cinco andares e Clay mora no quarto, sendo que o andar todo compõe o *loft* que ele divide com o amigo. Quando ele abre a porta, me assusto com o tamanho do lugar.

A sala ampla tem janelas do chão ao teto e as paredes estão cobertas por desenhos de grafite. Sofás pretos e alguns pufes coloridos estão espalhados pela sala e admiro tudo com certa curiosidade, achando o local bem decorado. Clay me lança um sorriso tímido e me oferece uma bebida, acabo aceitando uma coca-cola e ele logo vai para o balcão que divide a sala da cozinha e começa a retirar algumas coisas do armário, para preparar o jantar.

— Não sabia que você cozinhava... — digo enquanto pego minha coca na bancada.

— Eu adoro cozinhar, só não o faço mais vezes pela falta de tempo. — Ele me lança uma piscadela.

— Bom, eu não vou ficar só olhando. Diga-me o que fazer — retiro minha jaqueta e coloco cuidadosamente no sofá, prendo o cabelo em um coque bagunçado e vejo o olhar de Clay percorrer o meu busto.

— Hã... Você pode... — vejo o seu rosto ficar vermelho e ele sacode a cabeça como se fosse para clarear os pensamentos. — Picar estes legumes aqui. — Ele aponta para alguns tomates e pimentões na pia e eu caminho até

ele me sentindo divertida.

Trabalhamos em silêncio por um tempo, até que Clay resolve colocar uma música para quebrar a tensão. A *playlist* dele é bem variada e ouvimos um pouco de *Hozier*, *Linkin Park* e *Kings Of Leon*. Enquanto esperamos a carne recheada assar, acabo descobrindo um pouco mais sobre sua vida. Clay é órfão e foi criado pelos tios, que também já faleceram. Tem uma irmã que é viciada em crack e ele recentemente a internou em uma clínica.

— Há quanto tempo ela está internada? — pergunto um pouco temerosa em deixá-lo desconfortável.

— Dois meses, ela vem tendo muitas crises por causa da abstinência... — A voz dele é um sussurro desanimado e resolvo encerrar o assunto.

— Como conheceu Erik? — pergunto curiosa, já que mesmo sendo o chefe de Clay, os dois pareceram nutrir um laço de amizade.

— Na lanchonete da faculdade, eu trabalhava lá e Erik era um aluno, mas tinha muitos problemas com as gírias americanas, então começamos a interagir e ensinei a ele algumas coisas. — Vi um sorriso surgir no rosto de Clay, provavelmente Erik deveria parecer bem divertido, um alemão perdido entre americanos.

— Vocês são grandes amigos também — digo sorrindo.

— Bem... sim, somos. Erik também não teve uma vida fácil, o pai dele foi preso na Alemanha, a mãe era americana e resolveu vir para Nova York, morar com a família. Erik teve muitos problemas de adaptação e eu tinha problemas em conseguir amigos, então meio que conseguimos interagir com nossas dificuldades. — Ele dá de ombros.

— Você estudava ou só trabalhava? — resolvo perguntar, já que Clay parece ser inteligente demais para não ter estudado.

— Estudava também, me formei em Escrita Criativa. — Ele abre um sorriso largo com o meu olhar de descrença.

— Meu deus, você é um amante dos clássicos literários e nunca me disse? — fico totalmente surpresa e Clay estende a mão me levando até a escada.

— Venha, preciso lhe mostrar algo. — Subo as escadas de madeira com ele e me deparo com um corredor pequeno, com três portas.

Clay abre uma delas e vejo que é o quarto dele. Uma cama grande e com um edredom cinza está no centro, janelas de vidro estão do outro lado e algumas almofadas estão espalhadas abaixo dela. Quadros de diversas artes adornam as paredes e do outro lado, uma estante repleta de livros está próxima a uma escrivaninha de mogno.

— Uau... — digo enquanto caminho até ela. — Nunca tinha visto um homem com tantos livros. — Sorrio em admiração.

— Bom, sempre fui um admirador de histórias. Pretendo escrever um livro, mas ainda não tive inspiração — ele diz sorrindo, enquanto observo os vários títulos da prateleira.

— Por que você não trabalha na sua área? — vejo a expressão de Clay mudar e me apresso em concertar. — Digo, não que ser motorista seja algum ruim... Mas não é bem o que você estudou...

Ele caminha até a janela e se senta em uma das almofadas, entendendo como um convite, caminho até ele e faço mesmo. Observo os prédios iluminados lá fora e um pequeno fluxo de carros na rua abaixo de nós, é uma bela vista para se ter no quarto. Quando olho novamente para Clay, vejo que ele me observa com intensidade, até finalmente falar.

— Eu comecei a me especializar para ser professor, mas com os problemas da Becky, foi difícil continuar focado. Ela sempre aprontava alguma e eu não conseguia me dedicar totalmente. — Ele solta um suspiro cansado e eu estendo minha mão até a dele, dando um leve aperto de compreensão.

— E como Erik entrou para o mundo do futebol? — resolvo mudar de assunto novamente.

— Ah, ele sempre gostou de esportes, começou jogando com um time do bairro e quando finalmente resolveu fazer testes para o time da Universidade, acabou se mostrando um talento perdido. Com alguns incentivos, ele encontrou um treinador e com isso conseguiu jogar profissionalmente. — Vejo que Clay fala com certa admiração e orgulho do amigo.

Começamos a sentir um cheiro de algo queimando e Clay corre pela porta, comigo atrás. A carne que estávamos preparando ficou parcialmente tostada, mas acabamos conseguindo comer algumas partes e aproveitamos a salada e as batatas. Durante o jantar, mudamos o tópico de conversa para assuntos mais leves e acabamos rindo um com o outro.

Quando finalmente terminamos de limpar toda a louça, Clay propõe um filme e subimos para o quarto dele. Não há uma TV no local, somente na sala, por isso pegamos o notebook e ele acaba colocando *Black Mirror*, uma série que ele disse que eu precisava assistir. Deixamos o notebook no meio e ficamos sentados. Ainda que estejamos distantes, sinto-me muito próxima dele.

Foi bom entender um pouco mais sobre a vida dele e perceber que acima

de tudo, poderemos ser amigos. Clay é uma pessoa que eu gostaria de manter ao meu lado, sob qualquer circunstância e isso por si só já é algo muito grande para mim. Percebo um movimento do meu lado e vejo que um episódio terminou, Clay da pause e se vira para mim com um sorriso de expectativa.

— E então? — ele pergunta com os olhos fixos no meu rosto.

— Gostei, embora esteja refletindo sobre várias coisas aqui... — digo pensativa, já que a série realmente me deixou intrigada.

— Sim, por isso é uma boa série, nos traz reflexões internas. — Ele me lança uma piscadela divertida e se aproxima um pouco. — Foi muito bom você ter vindo... — A voz dele agora é mais rouca e faz minha pele ficar arrepiada.

Aproximo-me um pouco mais dele e encaro os seus olhos, que são um misto de emoções conflitantes. Percebo que ele observa minha boca e quero dizer algo interessante ou divertido, mas de repente todas as palavras parecem ter desaparecido da minha mente. A mão dele se aproxima suavemente do meu rosto e sinto meus lábios se abrirem devagar, estamos tão próximos que consigo sentir o cheiro da colônia pós-barba dele.

Encontro os olhos dele mais uma vez e sei que ele procura por consentimento. Minha mente, no entanto, parece confusa e sei que deveria estar aproveitando o momento, mas algo dentro de mim não me deixa seguir em frente, como se uma força invisível me impedisse de aproximar dele. Clay observa minha indecisão e se afasta educadamente, murmurando algo sobre ir pegar um pouco de água.

Acabo me levantando e desço até a sala, onde o encontro olhando de forma pensativa para a janela e com a voz baixa digo que acho que está na hora ir. Para minha surpresa, Clay não contesta e apenas acena concordando. Ficamos em silêncio durante todo o caminho de volta e sinto meu estômago se apertar, não sei se ele esperava mais de mim e provavelmente fui uma decepção.

Quando paramos em frente à minha casa, penso em dizer algo ou pedir desculpas, mas sei que nada mudará a noite de hoje, afinal, como vou explicar que algo dentro de mim me diz que não é o certo? Parece estúpido demais e quase me sinto arrependida. Despeço-me agradecendo pelo jantar e quando estou quase na porta de casa, volto correndo e chego à janela do carro, vendo uma expressão de surpresa surgir no rosto dele.

— Eu, bom... Na verdade eu tenho um baile para ir no sábado, vai ser mais um trabalho, já que vou apresentar uma das peças do museu aos visitantes, mas gostaria de um acompanhante... Se você quiser ir... Digo, comigo... — As palavras saem um pouco desordenadas e amaldiçoam a minha falta de tato. Hope provavelmente diria isso tudo de uma forma mais sexy e convincente.

Olho para Clay e ele parece ponderar sobre a resposta, sinto a decepção recair sobre mim, já que provavelmente vou levar um fora, começo a me afastar novamente do carro, mas o que ele diz me faz parar.

— Que horas eu pego você? — ele abre um sorriso de lado e me vejo retribuindo com mais animação.

— Às sete seria perfeito... Ah, a vestimenta é traje de gala, mas eu não me importaria se você fosse de bermuda... — faço uma pausa e vejo que estou sendo idiota. — Venha como quiser... só venha...

Vejo que ele ainda está sorrindo e assente em concordância. Afasto-me e aceno enquanto ele dá partida no carro. Fico um tempo na rua observando ele ir e me sinto mais feliz por ter conseguido fazer esse convite, talvez seja só uma questão de tempo e eu consiga contornar essa reação estranha que tive hoje. Volto para casa e quando estou próxima da porta, tenho a sensação de que algo está atrás de mim.

Olho para rua novamente e não vejo nada, somente um silêncio sepulcral. Viro-me novamente e começo a trabalhar com a chave, que estranhamente não encaixa na fechadura de jeito nenhum. Vejo que minhas mãos estão tremendo e tomo um pouco de ar. Um vento forte começa a açoiar meu corpo e tenho vontade de gritar, mas finalmente a porta cede. Entro dentro de casa apressada e não ousa olhar para trás.

CAPÍTULO 10

Finalmente a noite do baile chegou, minha mãe está muito ansiosa com o evento e por isso alisa meu vestido umas três vezes, antes de finalmente achar que ele está adequado para o baile. Uso um par de sandálias douradas para combinar com o bordado do tecido e capricho em uma maquiagem bem delineada, para fazer jus às mulheres indianas.

Clay chega adiantado como sempre e após suspiros de minha parte, já que ele está incrivelmente lindo de smoking, acabamos seguindo para o museu. Nós somos os primeiros a chegar e logo vou me apressando a encontrar Robert, Lily e Drew, que também estão vestidos à moda indiana. Lily usa um sári azul e rosa, com os cabelos coloridos presos em um coque.

Drew está muito engraçado vestindo um *kurta*^[6] branco, com um *dhori*^[7] azul, combinando com o vestido de Lily. Já Robert preferiu ser um pouco mais discreto e embora esteja usando um terno marrom escuro, não deixou de colocar uma *dupatta*^[8] vinho, que lhe cai muito bem. Percebo que os três trouxeram acompanhantes e que tal como Clay, começam a caminhar pela sala com curiosidade, enquanto nós quatro repassamos nosso cronograma de apresentação.

Lily irá apresentar os utensílios alimentícios, como as facas, pratos e copos da coleção indiana. Ela diz ter ensaiado várias vezes em casa e parece confiante com sua performance. Drew está encarregado de falar da tapeçaria e vestuários, os quais ele diz serem mais complicados, já que cada tecido em especial tem uma característica única. Robert irá introduzir toda a apresentação, narrando como foi as descobertas dos objetos e todo o processo de classificação dos mesmos.

Para mim, resta falar do espelho. O único que nenhum dos três se arriscou a palpar e obviamente eu sou a única que pesquisou sobre ele e levantou algumas teses. Quando nos sentimos prontos para o que está por vir, nos

juntamos aos demais no salão e percebemos que alguns convidados já estão chegando. Um coquetel está sendo servido por garçons e embora minha boca esteja seca, sei que não posso arriscar beber em um momento tão crucial da minha vida.

Clay rapidamente se enturma com o amigo de Drew, que já é amigo da irmã de Lily e logo os três estão em uma conversa animada. A esposa de Robert se mantém mais afastada, mas logo que Karlie surge usando um vestido longo preto, acaba se aproximando da mulher e as duas parecem entretidas no assunto. Quando uma multidão considerável já havia se reunido, Robert se posiciona no centro do salão e começa a explicar a história por trás do descobrimento dos objetos.

Acho interessante o baú estar enterrado e um cachorro do filho de Robert ter farejado o local, levando os garotos a cavarem em volta. É sem dúvidas a descoberta mais intrigante da história, já que ninguém estava procurando nada e somente um animal teve a primeira percepção dos objetos. As pessoas parecem entretidas com a história e logo Lily começa a reunir um grupo para falar dos utensílios. Drew também formou o próprio grupo e os levou até as vestimentas, resolvi reunir também algumas pessoas para falar do espelho, quando sinto uma mão fria no meu ombro.

Viro-me subitamente e tento não parecer tão assustada, um homem corpulento, com a pele morena e olhos cor de caramelo, me encara com um sorriso curioso. Abro a boca para falar, mas Karlie aparece atrás dele, com as bochechas coradas e aparentando ter bebido além da conta.

— Jennifer, minha querida, deixe-me lhe apresentar... — ela se posiciona ao lado homem e o encara buscando consentimento, ele por sua vez não volta seu olhar para ela, está me encarando com profundidade. Fico muda por alguns instantes, até finalmente Karlie resolver se pronunciar por nós dois. — Este é Baahir Kumari, um dos financiadores do Museu e esta é Jennifer Mills, nossa nova funcionária.

Baahir, que tem olhos atentos como os de um felino e cabelos pretos encaracolados até os ombros, continua me encarando e parece perceber meu desconforto, então balança a cabeça levemente e estende a mão.

— É um prazer conhecê-la, Srta. Mills, fiquei sabendo que o seu trabalho foi imprescindível para esta noite. — Sinto meu corpo congelar quando me dou conta de que a voz dele é mesma que ouvi quando flagrei a conversa de Karlie no escritório, embora agora pareça mais melodiosa ainda.

— O prazer é meu, Sr. Kumari... — aperto a mão dele com hesitação, mas

Baahir segura a minha de forma firme entre os seus dedos grandes, transmitindo uma sensação estranha para minha pele. Solto minha mão da forma mais delicada que consigo e me afasto um pouco, sentindo-me arrepiada.

— Jennifer, um grupo para o espelho já está formado. — Robert aparece um pouco afobado e com um olhar preocupado, provavelmente se perguntando por que eu ainda não estou fazendo a minha parte.

— Claro, vamos começar agora — dirijo-me a Robert que parece mais aliviado e ao perceber que Baahir está ao meu lado, retesa os músculos um pouco, mas logo retoma sua compostura. — Este é o Sr. Kumari, a Karlie acabou de nos apresentar...

Não sei se devo apresentar alguém que acabei de conhecer, mas como Karlie saiu furtivamente, não me restam alternativas. Baahir cumprimenta Robert com um aceno educado, retribuído da mesma forma. Peço licença para ir, mas Baahir segura meu braço abruptamente.

— Se não se importa, gostaria de estar entre o grupo... — ele diz com uma voz firme, sei que não aceitaria um não como resposta.

— Claro, vamos lá... — Solto meu braço sem muita delicadeza desta vez, mostrando claramente meu desconforto. Começo a caminhar ao lado de Robert, que também parece estar incomodado com a presença atrás de nós.

Enquanto caminho, olho em volta e vejo Clay me lançar um sorriso de encorajamento, ele está em um dos grupos que Lily guia e parece estar se divertindo. Retribuo o sorriso e caminho até a multidão em frente ao espelho. Baahir, para minha surpresa, posiciona-se um pouco mais atrás e me encara com falsa expectativa.

Robert introduz novamente minha apresentação e quando passa a palavra para mim, tento relaxar e deixar as palavras fluírem tranquilamente. Narro a história da família Rashid e como alguns livros mencionam que eles foram os últimos a obterem o espelho. Conto sobre o súbito desaparecimento deles e falo sobre uma das minhas teses, em que acredito que o espelho pode ter sido roubado, por isso estava escondido em um baú.

As pessoas parecem curiosas e algumas fazem perguntas, respondo a todas com muita certeza e convicção, o que parece agradar Robert que me lança um sorriso de aprovação. Quando estamos prestes a terminar, Baahir levanta a mão com um sorriso sarcástico no rosto, penso em ignorar, mas sei que não é o certo, além do fato de que Karlie já está ao lado dele, parecendo mais eufórica que o normal.

— Pois não, Sr. Kumari? — Minha voz sai um pouco aguda demais e torço para não estar sendo tão óbvia no fato de que ele me desagrada.

— A senhorita por acaso já ouviu falar de que o espelho foi criado por *Vishnu*? — A pergunta dele me pegou tão de surpresa que não consegui formar uma resposta imediata, o que ele considerou outra oportunidade para falar. — É um conto interessante, a Índia estava passando por um período turbulento de guerras e invasões bárbaras, o povo parecia perdido em suas crenças e tudo que clamavam era por salvação. Imagine isso, Senhorita Mills, fome, guerras, mortes e Impérios sendo desfeitos, foi uma época muito obscura no país, sem falar nas doenças misteriosas. Todos sentiam que precisavam sair daquele país, até que *Vishnu* se ressentiu pelo sofrimento das pessoas e criou junto com *Shiva* e *Brahama* o “Espelho Negro”.

Quando Baahir termina de falar, a sala toda está em silêncio. Até mesmo o grupo de Drew e Lily se aproximam para ouvir a história, contada por um narrador que parece acreditar fielmente em tudo que diz. Solto a respiração que nem notei estar prendendo e pondero sobre o que dizer, claramente Baahir queria discutir o lado sobrenatural da história, aquele a qual eu havia dispensado nas pesquisas do professor Arnald. Olhei para Robert em busca de salvação, mas ele abaixou a cabeça parecendo envergonhado.

— Você parece acreditar fielmente nos deuses, Sr. Kumari — falo em um tom irônico, pronta para o combate. Não vou deixar um homem pomposo estragar minha apresentação, afinal estamos em um museu, tentando narrar a história dos artefatos com o máximo de realismo que conseguimos. Não é uma aula de mitologia.

— Faz parte da minha cultura e se me permite dizer, há mais segredos nas histórias místicas do que você imagina. — Sinto que as palavras dele são uma forma de me deixar desnorteada e por isso me limito a assentir.

Karlie, parecendo finalmente notar o meu desconforto, vem até o meu encontro e começa a falar que uma cartilha detalhada sobre os objetos será ofertada a cada um e também acha pertinente mencionar as obras do museu. Entendendo como uma clara dispensa, saio do meu lugar e passo pela multidão, que já está entretida com a curadora. Clay vem ao meu encontro e logo me guia para o lado de fora.

— Você está bem? — ele pergunta com cuidado, parecendo esperar um ataque de raiva.

— Sim, só estou furiosa com aquela intromissão. — Cuspo as palavras com raiva e percebo que estou com os punhos cerrados.

— Ora, vamos, era só um babaca querendo aparecer. Quem acredita nessa história de deus? Vishnu? Shiva? Por favor... — Clay parece tão indignado quanto eu e acabo abrindo um sorrindo, sentindo-me mais animada.

— Obrigada pelo apoio, mas vamos dar o fora daqui. Estou com fome e com sede, podemos ir para outro lugar?

— Claro, conheço uma excelente lanchonete — Clay diz com um sorriso no rosto.

Já estamos no estacionamento quando olho mais uma vez para o museu. A movimentação não diminuiu em nada.

Clay abre a porta para mim assim que chegamos ao carro e entra no veículo parecendo mais relaxado. Dirigimos pela cidade, que mesmo à noite parece movimentada. Uma música suave sai dos autofalantes e tento relaxar um pouco, me sentindo estúpida por não ter dado uma resposta mais eficiente a Baahir. Eu tinha evitado ler sobre os deuses, achava que não seria levada a sério se falasse de teorias sobrenaturais, claramente ele achava o contrário ou quis se divertir com o meu desconforto. Fecho os olhos e deixo o vento acariciar o meu rosto, o dia parece não ter fim.

CAPÍTULO 11

Na segunda-feira, tudo que eu quero é não precisar ir trabalhar, depois da minha apresentação ter sido um fiasco, temo que Karlie acabe me demitindo e eu não sei se vou aguentar lidar com isso. Acabo demorando mais do que o normal no banho e quando finalmente entro no carro, rumo ao museu, lembro-me de como acabei chorando no ombro de Clay naquela noite.

Havíamos parado na lanchonete, mas resolvemos comer no carro, já que as pessoas encaravam nossas roupas com curiosidade, afinal eu usava um Sári indiano, enquanto Clay vestia smoking. Passamos o resto da noite rindo e conversando. Até que confessei o quanto queria ter contornado melhor a situação com Baahir e em um dado momento da noite, chorei como um bebê.

Acho que Clay provavelmente me odeia internamente, não recebi nenhuma mensagem dele e também não tive coragem de ligar. Agora eu estou indo enfrentar mais um dia de trabalho e torço para que Karlie esteja calma o suficiente para não me dar uma bronca, ou pior, realmente me demitir.

Quando chego à recepção, sou avisada de que Karlie me espera em sua sala. Temendo a demissão, tento formular argumentos na minha mente, mas tudo parece uma grande confusão. Bato na porta da minha chefe preparada para um sermão épico. Karlie abre a porta em poucos segundos e abre espaço para que eu entre, sento em frente à mesa dela e espero pela sentença.

— Jennifer, não precisava ficar tão tensa. Não sou uma ameaça — ela diz com a sombra de um sorriso e tento relaxar.

— Sinto muito pela noite passada... — digo com pesar.

— Não deveria, você foi maravilhosa e não ligue para Baahir, ele sempre gosta de contar histórias. — Ela abre um sorriso mais largo dessa vez e digita algo no computador, antes de voltar sua atenção para mim. — Chamei você

aqui porque gostaria que você ficasse responsável pela sala indiana. Veja bem, eu monitoro também a ala egípcia e fico um pouco sobrecarregada. Pensei que você poderia ser de grande ajuda, já que acompanhou todos os detalhes. Robert e a equipe dele vão trabalhar em outro projeto, por isso não posso pedir isso a ele agora.

Minha primeira reação é abrir a boca, mas aí lembro que Karlie está me encarando em busca de resposta e provavelmente já estou com cara de idiota. Tento clarear minha mente e finalmente abro a boca, tentando demonstrar profissionalismo.

— Seria maravilhoso, pode contar comigo — falo com mais firmeza na voz.

— Excelente. Reservei uma sala no fim do corredor para você, aqui estão suas chaves, lá você encontrará alguns modelos de planilhas que deve me entregar semanalmente. São os números de visitantes do espaço, os dias em que a sala tem ficado fechada para limpeza, bem como o nome de todos os funcionários que entram lá, fora do horário comercial, ok? — Karlie me entrega um chaveiro com três chaves e me encara esperando confirmação.

— Certo, farei isso — digo com firmeza. Ela explica que todos os agendamentos de visitas serão feitos comigo e eu devo repassar os horários para a recepção.

Quando finalmente sou dispensada, acabo dando um pulinho de alegria no corredor e corro para minha sala animada. Embora o espaço não seja muito grande, há um pequeno sofá próximo à janela, uma mesa de madeira trabalhada, com uma cadeira preta acolchoada, há também um banheiro privativo e uma estante com espaço para livros. O computador é mais moderno e logo que o ligo, vejo as planilhas que Karlie mencionou na área de trabalho.

Começo a me familiarizar com o trabalho, até que meu telefone vibra anunciando uma mensagem de Hope.

HOPE DIZ: *Almoço hoje? Você escolhe o lugar.
Precisamos conversar. Sinto sua falta!*

Penso em responder dizendo que estou ocupada, mas sei que Hope não vai engolir essa desculpa e realmente precisamos conversar, já andei ignorando

as chamadas dela nos últimos dias. Digito um “ok” e o horário em que estarei disponível, ela manda uma carinha feliz e eu espero que realmente as coisas possam se acertar, Hope é minha única amiga e me afastar dela é mais difícil do que eu pensava.

Passo o resto da manhã imersa em trabalho e logo pego o ritmo de tudo. Faço uma grade de horários para visitas e coloco dois seguranças na sala para supervisionar. Antes de ir almoçar, volto à sala de Karlie e ela confirma que o cronograma ficou muito bom e diz que irá solicitar os funcionários. Recebo uma mensagem de Hope dizendo que já está na recepção e resolvo descer para encará-la.

Como sempre, Hope está vestida de forma impecável, com um conjunto de *tailleur*^[9] branco, que lhe cai muito bem. Os cabelos estão presos em um coque bagunçado e quando ela abre um sorriso largo e ansioso, acabo sorrindo também e quando percebo estamos nos abraçando como loucas.

— Sua diabinha, senti sua falta — ela fala com advertência e engancha um braço em volta do meu.

— Eu também senti, mas precisava colocar os pensamentos em ordem... — digo constrangida, já que o problema era outro.

— Bom, vamos conversar enquanto comemos. Aonde vamos? — Ela pergunta enquanto entra no banco do carona do meu carro.

— Pensei em comermos em um restaurante novo algumas quadras daqui... — digo de forma despreocupada e começo a dirigir, observando um olhar indeciso de Hope.

— Realmente senti sua falta, Jen, conversei com sua mãe e preciso me explicar. — Ela desvia o olhar para a janela, parecendo envergonhada.

— É claro que você conversou com a minha mãe... — falo com desdém, já que Hope tinha uma mania irritante de contar tudo para minha mãe.

— Não fique assim, só queria saber com o que estava lidando e gosto dos conselhos dela — Hope diz na defensiva.

— O problema era entre nós duas, Hope, você deveria ter vindo falar diretamente comigo — falo exasperada enquanto procuro uma vaga para estacionar.

Ela murmura algo inteligível e eu resolvo encerrar a discussão. Paro o carro a alguns metros do restaurante e quando saímos, ando na frente para não precisar enganchar o braço no dela. Hope tem o hábito irritante de achar que todos devem sempre perdoá-la, mas acontece que eu havia ficado bem chateada e precisava realmente desabafar de forma civilizada, ou acabaria

soltando os cachorros em cima dela.

Pegamos uma mesa no jardim e o ar fresco me faz bem. Hope, como sempre, pede um cardápio *fitness*, enquanto eu opto por uma massa, salada e um peixe grelhado. Comemos em silêncio por um tempo, até que ela finalmente resolve iniciar a conversa.

— Preciso me desculpar, eu realmente pensei que Clay e você eram bem compatíveis — ela diz a última palavra fazendo aspas com as mãos.

— Por compatível você diz mesma classe social? Mesmo salário? Sério, Hope? — digo indignada com o rumo da conversa.

— Não... bem... Pensei que vocês iriam gostar um do outro, já que ele é mais reservado como você. E sim, apresentei ele, e não outro amigo jogador de Erik, justamente porque a maioria não presta, Jennifer, e você provavelmente seria usada e descartada. — Ela parece aliviada por ter falado e volta a comer sem me encarar.

— Claro, porque você sempre sabe tudo sobre todos, não é, Hope? Pois bem, eu não sou você, não iria para cama com qualquer um, mesmo se fosse um astro do rock, então, por favor, da próxima vez não compare a sua vida com a minha. — Minhas palavras são como um tapa na cara dela e sei que consegui atingi-la.

Ela fica calada por um tempo e vejo seu rosto ficar vermelho, até que lágrimas começam a cair, estragando a sua maquiagem perfeita. Ela pede licença e vai até o banheiro, penso em ir embora, mas sei que fui cruel demais e que provavelmente agora sou eu quem deve desculpas. Ela retorna depois de alguns minutos e se senta na minha frente, parecendo mais calma.

— Você tem razão, Jennifer... — ela começa com a voz embargada pelo choro. — Eu não sou como você, justamente porque você é melhor. Então sim, eu fui idiota, mas juro que não de má intenção, realmente pensei que você iria gostar do Clay.

Encaro minha melhor amiga e vejo que ela realmente está arrependida, dou uma última garfada no meu prato e Hope me encara pacientemente, esperando uma resposta. Quando finalmente resolvo falar, sei que tomei a decisão certa.

— Eu gosto dele... — digo sorrindo e ela me olha assustada inicialmente, até entender e começar a sorrir também.

— Ah, Jen, senti tanto sua falta, nunca mais vamos brigar assim, ok? Você é minha melhor amiga. — Ela se levanta da própria cadeira e vem me abraçar.

— Ok. Desculpa, eu exagerei também, você é maravilhosa, Hope — retribuo o abraço e seguro a vontade de chorar também.

Ela se afasta e pede ao garçom para retirar nossos pratos. Resolvemos pedir torta de limão como sobremesa e enquanto aguardamos, Hope me conta sobre o seu relacionamento com Erik e o quanto os dois estão felizes. Nossos doces chegam e solto um suspiro com o primeiro pedaço, que é realmente um manjar.

— Tinha esquecido o quanto isso é bom... — ela diz suspirando.

— Eu também, sério, precisamos comer essa torta mais vezes — falo rindo e gostando do novo clima que estabelecemos entre a gente.

— E quanto a você e Clay, estão indo bem? — Vejo a curiosidade estampada no rosto dela e me sinto um pouco desanimada por não estar nada tão bem assim.

— Ah bem, saímos duas vezes, mas não sei se haverá uma terceira, sou um desastre com relacionamentos — digo por fim.

— Ah, qual é... é claro que haverá uma terceira! Tenho uma ideia — ela diz animada e começa a digitar freneticamente no celular.

— Nem pense em armar um encontro, Hope, não quero parecer desesperada. — Ela só abre um sorriso e continua digitando, embora eu queira muito ver Clay novamente, não quero implorar ou parecer estúpida.

— Feito. — Ela guarda o telefone na bolsa e me encara com um brilho nos olhos. — Você, Clay, Eu e Erik iremos passar esse fim de semana na casa de praia da família dele. Se prepare que vamos para os *Hampton's*, meu bem. — Ela dá um gritinho animado e eu seguro a vontade de sair correndo, já que as pessoas do restaurante começam a olhar para nossa mesa.

— Não sei, Hope... Vai parecer que tudo foi arquitetado, não quero forçar a barra com Clay. — Sinto meu rosto queimar, só de imaginar uma rejeição dele.

— Não tem nada disso, vai ser um encontro de amigos e vamos nos divertir. Clay pense o que quiser, mas espero que realmente vocês se acertem. — Ela segura minha mão do outro lado da mesa e me lança um piscadela.

— Tudo bem... — digo me rendendo, torcendo para que ela realmente esteja certa.

CAPÍTULO 12

Na sexta-feira estou em um turbilhão de emoções. Hope não parava de mandar fotos de biquínis para que eu escolhesse e Clay finalmente havia dado sinal de vida, mandando uma mensagem perguntando a que horas me pegava. Mesmo parecendo um pouco impessoal, acabei respondendo de forma genérica também, mas me senti mais aliviada quando ele mandou um coraçãozinho como resposta.

No museu, o movimento estava grande, as visitas semanais haviam dobrado e Karlie resolveu abrir a sala indiana duas noites por semana, o que consequentemente me obrigava a fazer hora extra, que era muito bem remunerada, mas ainda assim me deixava exausta. Saber que o fim da semana havia chegado é um alívio bem-vindo e por isso caminho até minha sala um pouco mais animada.

Mal ligo meu computador e o telefone toca; John, um dos seguranças do museu, diz que a visita da manhã foi cancelada e me pede para fechar a sala, já que ele está supervisionando a sala da Idade Média. Arrastando-me em meus saltos, pego minhas chaves e vou em direção aos artefatos indianos. O silêncio impera nos corredores, já que poucas visitas são realizadas na sexta, por um momento me sinto grata pela calma e só torço para que o dia termine logo.

Chego à sala que está totalmente iluminada e com uma brisa fresca entrando pela porta. Os artefatos permanecem tão intrigantes como no primeiro dia e do outro lado da sala, o espelho me encara com toda sua elegância e mistério. Apago as luzes de cada artefato, à medida que caminho pela sala, finalmente paro no espelho, que hoje está iluminado por dois feixes de luz. Aproximo-me um pouco e contemplo sua magnitude, observando sua moldura confusa e que para mim continua lembrando flores de lótus.

— Qual será a sua história? — pergunto alto para mim mesma, pensando

por que um espelho tão lindo nunca foi descoberto antes.

Encaro meu reflexo no vidro negro e vejo uma sombra atrás de mim. Olho rapidamente para trás assustada e não vejo nada, somente a sala iluminada pelo único lustre aceso. Viro-me para o espelho e a sombra continua lá, ainda mais próxima de mim. Dou passos hesitantes e ultrapasso a fita vermelha de distância do objeto. Estou tão próxima do vidro, que só vejo meu rosto agora, olho para cima e continuo vendo somente o reflexo da sala, mas quando me volto para meu rosto, dou um grito assustado vendo um rosto masculino bem perto de mim.

Olho para o meu lado e está tudo escuro, o lustre e toda a sala estão com as luzes apagadas. Somente uma única luz do espelho está acesa e sinto um medo tão grande de olhar novamente para ele, que deixo meus olhos recaírem sobre os meus pés. Tateio em busca do meu celular no bolso da calça, mas não o encontro, provavelmente o deixei na mesa. Alguns minutos se passam e eu volto a olhar o espelho, não há nada dessa vez ao meu lado, e suspiro aliviada. Até que sinto um sopro em meu ouvido, com uma voz grossa e firme sussurrando: *Nalini...*

Solto um grito espantado e sinto meu corpo se desequilibrar, toco o espelho para evitar cair no chão, mas o vidro negro parece uma massa escura e densa em minhas mãos, fazendo-me escorregar e cair. Sinto uma dor forte na cabeça e vejo a escuridão tomar conta de mim, fecho os olhos e antes de deixar minha consciência se esvaír, ouço novamente aquela voz, soando mais urgente: *Nalini.*



Abro os olhos com dificuldade, estranhando a claridade a minha volta. Tento me sentar, mas sinto uma dor forte na cabeça e lembro-me de ter caído próxima ao espelho. Assusto-me com a lembrança e sento de uma vez só, olhando em volta alarmada. Estou deitada no sofá da minha sala e não há sinal nenhum do espelho ou de um homem sussurrando no meu ouvido.

Levanto-me um pouco tonta e olho as horas no meu celular, já são quase cinco da tarde. Será que adormeci e acabei sonhando? Não, não é possível, eu não sonho, nem sei o que é isso e duvido muito que cause uma dor tão forte na cabeça como a que sinto agora. Vou até o banheiro e encaro meu reflexo; fora os cabelos bagunçados, pareço comigo mesma e minha nuca está um

pouco rosada, confirmando que realmente caí.

Jogo um pouco de água no rosto e respiro fundo, pegando alguns analgésicos na bolsa. Já está no meu horário de ir para casa e eu ainda preciso me arrumar para a viagem, Hope ficou de me buscar as nove da noite, o que me dá quatro horas para organizar tudo. Reúno as minhas coisas e tranco a sala, enquanto caminho pelo corredor, vejo que um segurança está em frente à porta da sala indiana e resolvo perguntar o que houve.

— Olá, o senhor que trancou a sala? — resolvo começar o diálogo da forma mais natural possível.

— Não... A senhora fechou. — Ele arqueia as sobrancelhas, provavelmente pensando que sou louca.

— Eu passei por aqui e fui para minha sala? — Pelo olhar de descrença do homem, sei que devo parecer lunática e tento abrir um sorriso tranquilizador, mas sai parecido com uma careta.

— Sim, passou, você não olhou para os lados e nem falou com ninguém. Entrou na sua sala e mesmo que o professor Robert tenha lhe chamado umas cinco vezes, você não atendeu — ele sussurra a frase olhando para os lados, claramente temendo pelo próprio cargo.

— Oh eu acho que peguei no sono... — digo envergonhada, já que não ouvi Robert me chamando e nem me lembro de ter levantado e fechado a porta.

— Acontece, também morro de sono nesse museu — ele fala de forma compreensiva.

Despeço-me dele e resolvo ir direto para casa. A ideia mais lógica é de que eu provavelmente caí no sono e não lembrava o que tinha acontecido. Talvez, depois de ter caído em frente ao espelho, eu levantei correndo e saí da sala? Quem sabe. Mas ao me lembrar daquela voz e do hálito frio no meu ouvido, seguro a vontade de correr até o meu carro, posso jurar que tudo aquilo foi real, pois ainda consigo sentir os arrepios na minha pele.

Dirijo para casa olhando toda a hora para o retrovisor, esperando não ver nada próximo a mim. Quando finalmente guardo o carro na garagem, evito olhar para rua e corro até a porta. Nunca fui muito corajosa na vida, nem mesmo costume assistir filmes de terror, mas de repente coisas estranhas vêm acontecendo mais vezes do que eu possa contar e não sei se é a loucura tomando conta da minha mente ou a ideia de que seres sobrenaturais realmente existem. Balanço a cabeça em discordância e me ponho em movimento para arrumar a mala.

CAPÍTULO 13

O caminho de carro até a casa de Erik nos *Hampton's* foi bem divertido, Clay colocou várias músicas para tocar e a maioria Hope e eu sabíamos cantar. Os garotos pareciam se divertir com o nosso entusiasmo e fiquei grata a minha amiga por aquele momento. Era bom sair um pouco de casa e viver outras emoções, sentia-me tão mais relaxada que quase esqueci o estranho episódio no museu, mas a leve dor de cabeça ainda insistia em me lembrar.

Quando chegamos à casa de Erik, já é quase meia noite, mas ainda assim é impossível não ficar boquiaberta com as mansões pelas quais passamos e também pela própria casa dele, que é deslumbrante. A casa é toda de alvenaria, com paredes azuis claras e portas e janelas brancas. Logo que passamos pelo portão, uma piscina enorme de borda infinita nos recebe, bem como a casa da piscina que é maior que a minha residência no *Brooklyn*.

Do outro lado da casa, é possível ver uma quadra de esportes e também um caminho de areia até a praia, o mar parece bem agitado, mas no dia seguinte eu com certeza irei dar um passeio por lá. Erik liga a lareira assim que chegamos e para minha surpresa, uma senhora, que se apresenta como Carmen, já nos aguarda com petiscos prontos e diz que estará à disposição pela manhã. Hope me explica que ela é a governanta da casa e que há vários outros funcionários na mansão.

Fazemos uma roda no tapete da sala e conversamos, comemos e rimos muito. Erik é incrivelmente gentil e engraçado, parece realmente gostar de Hope. Já Clay parece bem à vontade na casa do amigo e mesmo sem me tocar, por vezes eu observo seus olhos em mim e nós dois acabamos sustentando um desses olhares por um tempo e sorrindo em seguida.

As horas vão passando e decidimos que é hora de dormir. Hope fica com Erik na suíte, enquanto Clay ocupa o quarto do irmão de Erik e eu fico com o

quarto de hóspedes, que além de ser amplo e espaçoso, também abriga uma cama *king size* enorme e ainda tem uma varanda com vista para o mar. Acabo demorando a adormecer, já que fico repassando os últimos acontecimentos do dia e escondo a cabeça com o cobertor, torcendo para não ouvir nunca mais aquela voz.

Finalmente fecho os olhos, deixando o sono me entorpecer, mas algo improvável acontece.



Eu estava de pé em um corredor branco do teto as paredes, um vestido cinza sem graça adornava o meu corpo, juntamente com joias em meu braço que não pareciam ser minhas. No pescoço, o colar da flor de lótus repousava, eu odiava tanto aquele objeto, que tentei retirá-lo, mas à medida que eu teimava com a abotoadura, o colar parecia se apertar ainda mais em minha garganta e por fim acabei desistindo, sentindo que ele logo se afrouxou.

Continuei caminhando pelo corredor, era extenso e sem curvas, parecendo nunca ter fim. Comecei a me sentir desesperada e resolvi correr um pouco para diminuir a distância, esperava encontrar uma curva ou mesmo uma porta, mas não existia nada naquele lugar, somente um corredor infinito. Cansada de caminhar, olhei para trás e vi a mesma paisagem da frente, resolvi então tocar a parede em minha volta, poderia haver uma porta?

Tateei e empurrei com força, estava prestes a desistir quando senti minha mão afundar em um tecido, era uma cortina branca, tão parecida com a parede e toda aquela mistura branca, que era impossível tomar conhecimento dela sem tocar. Adentrei em meio aos tecidos e uma profusão de cinzas entrou em meu foco, agora a sala era toda escura, tudo parecia cinza e sem graça, percebi que meu vestido se camuflava bem ao local, eu era tão sem graça quanto.

Caminhei em volta e vi vários objetos estranhos, havia bandolins e almofadas com bordados que deveriam ser bonitos, se não fossem tão escuros. Havia também um altar com sete largos degraus, em seu topo, o espelho negro repousava. Senti um aperto no estômago ao encará-lo assim, parecia se mesclar à sala, mas ao mesmo tempo seu vidro negro se destacava

dos demais. À medida que me aproximei da escada, percebi que havia frases escritas em uma língua desconhecida por mim e acabei desistindo de tentar ler.

Subi o primeiro degrau hesitante, esperando que algo catastrófico acontecesse, mas o silêncio imperava. Assim que cheguei ao último degrau, o vidro negro do espelho tremeluziu e se tornou amarelo, exalando uma luz tão forte que forcei os olhos para enxergar. Quando a luz finalmente se abrandou, engoli um grito de puro assombro, o homem mais lindo que eu já vi na vida me encarava e mesmo à distância, eu conseguia enxergar o azul celeste dos seus olhos. Abri a boca para falar, esperando perguntar o nome do estranho, que começou a sorrir, mas de repente ouvi uma voz conhecida me chamando.



— Jen... acorda, sua preguiçosa, já passa do meio dia. — Demoro um pouco a assimilar a voz de Hope e quando abro os olhos, encaro-a intrigada.

Vendo minha expressão confusa, ela me olha por um tempo em silêncio e resolvo me sentar na cama, para reordenar meus pensamentos. Eu havia acabado de sonhar e o pior, não foi um sonho qualquer. Tinha o estranho espelho e também havia um homem e ele era maravilhoso, tão lindo que eu temia esquecer suas feições, embora não conseguisse descrevê-las com exatidão.

— Alô... Terra para Jennifer! Está tudo bem? — Hope perguntou visivelmente preocupada com a minha mudez.

— Sim, desculpa... Só estava tentando me situar — falo constrangida e resolvo manter o sonho só para mim.

— Certo... Você estava parecendo tão serena enquanto dormia. Se não te conhecesse, iria dizer que você estava sonhando. — Ela se levanta da cama e gargalha com a própria piada.

Retribuo com uma risada falsa e ela diz que está me esperando lá embaixo para tomar café e ir à praia. Levanto-me e começo a sorrir comigo mesma por finalmente ter sonhado, era incrível e estranho. Como sempre suspeitei, eu me lembraria de um sonho, caso o tivesse. E este estava tão vívido em minha mente, que eu quase tinha vontade de tentar dormir de novo só para poder rever novamente aquele *homem no espelho*.

Resolvo me apressar, retiro um vestido branco da mala e procuro pelo meu biquíni, que estranhamente parece ser da mesma cor dos olhos do homem do sonho. Balanço a cabeça me livrando dos meus devaneios e quase solto um grito quando vejo o colar de flor de lótus enroscado no biquíni. Não me lembro de o ter trazido, mas talvez acabou se enroscando na roupa, embora eu não imagine como, já que ele fica dentro da minha caixinha de joias. Pego o biquíni e olho novamente para o colar, pondero um pouco sobre colocá-lo ou não e acabo desistindo.

Foram poucas as vezes que usei esse colar e em todas elas, retirava-o imediatamente, pois sempre me recorda da mãe que me abandonou e eu detesto me lembrar disso. Por isso o jogo mais para o fundo da mala e me visto para encontrar Hope.

Na cozinha, uma mesa enorme com vários pães, bolos e guloseimas está servida. Hope come sozinha e me pergunto onde estão os garotos; como se entendesse o meu questionamento, ela se apressa em dizer.

— Estão surfando na praia, acordaram primeiro que nós — ela diz sorrindo e parecendo animada.

— Vou comer rápido, estou louca para ir até a praia — digo de bom humor, enquanto ataco alguns pãezinhos.

— Ótimo, também estou. Preciso de um bronzeado urgente — ela comenta empolgada.

Descemos até a praia e sinto o Sol quentinho agraciar minha pele. Os dias têm sido muito frios e felizmente o calor está voltando. Um pouco tímida, retiro meu vestido e vejo que Clay, mesmo à distância, parece me observar. Encolho-me um pouco e deito logo sobre a espreguiçadeira, colocando chapéu e óculo escuros. Tateio em minha bolsa de praia e também encontro o livro que estava lendo, é uma ficção científica ambientada no Japão e está seguindo um ritmo maravilhoso.

Hope coloca os fones de ouvido e começa a cantar baixinho. Não me incomodo, já que ela tem uma voz linda e acabo me pegando cantando a música também. Depois de algum tempo, os meninos se aproximam e Erik sacode o cabelo molhado em Hope, que grita com descrença. Morro de rir da cena e vejo Clay ao meu lado, exibindo um corpo musculoso e uma barriga de tanquinho tão linda, que sinto minhas bochechas corarem por estar observando.

— Vamos dar um mergulho? — Ele se vira para mim e parece esperançoso.

— Só se for na piscina, morro de medo de nadar no mar — digo me levantando, já que realmente não gosto muito da água salgada.

— Tudo bem, vamos lá. — Ele estende a mão para mim e a pego um pouco hesitante.

Hope e Erik também resolvem nadar e nos acompanham, logo estamos os quatro na piscina, jogando vôlei, o qual Clay e eu perdemos humildemente para dois profissionais de educação física. Na hora do almoço, comemos também do lado de fora e me delicio com um salmão ao molho de coco, tão saboroso que acabo repetindo e Hope também.

À tarde, Erik diz que iremos a uma festa de um vizinho. Fico um pouco desconfortável por não ter roupa adequada, mas Hope, que sempre foi e será minha salvação, me empresta um vestido estampado com flores azuis e rosa, totalmente jovial e que realçou minhas pernas recém-bronzeadas. Coloco uma sandália de salto na cor palha e enquanto aplico maquiagem no espelho, Hope surge com o colar de flor de lótus na mão.

— Você vai usá-lo hoje? — pergunta com curiosidade, já que ela conhece bem a história desse colar.

— Não, por quê? — pergunto intrigada.

— Estava em cima da sua cama, pensei que havia pegado. — Ela dá de ombros e começa a caminhar novamente até a mala.

— Hope... espera, eu vou usá-lo — digo por fim, já que realmente não havia pegado o colar, mas uma força invisível parece insistir em vê-lo no meu pescoço.

Pego o colar das mãos de Hope e o analiso pensativa. O cordão é fino e dourado, mesmo após os anos continuou reluzente. A flor de lótus é pequena, também feita de ouro, mas possui duas pedrinhas azuis nas pétalas menores da flor. É lindo e delicado, e embora eu me sinta desconfortável com ele em meu pescoço, resolvo abrir uma exceção a fim de descobrir porque as forças da natureza parecem conspirar para que eu o use.

Quando finalmente estamos todos prontos, saímos no carro de Erik, com Clay dirigindo, embora a mansão não seja muito longe, Hope insiste em não caminhar com os saltos novos que ela usa. Chegamos em poucos minutos ao local e me surpreendo com a casa, que é duas vezes maior que a de Erik. A mansão também é cercada por um gramado lindo e uma piscina iluminada, que me deixa ainda mais espantada.

Entramos no saguão que já estava lotado de gente, até finalmente sermos guiados até o salão, que é igualmente imenso, com chão de mármore e uma

decoração bem divertida, cheio de lanternas de papel. Músicas eletrônicas saem das caixas de som e um DJ anima a festa. Duas portas grandes nas laterais abrem caminho para a praia, que para minha surpresa, também está iluminada, com música e pessoas dançando. O dono deve ser realmente muito rico.

— Quem é o dono? — pergunto gritando para Hope, que tenta me ouvir em meio à música.

— É um cara estrangeiro, segundo Erik. Vou pedir para nos apresentar — ela grita novamente em meio à música e fala no ouvido de Erik, que assim que entende acena para nós em concordância.

— Gostaria de dançar? — Clay me convida com o mesmo tom cavalheiro e não hesito em dizer sim.

A música eletrônica dá lugar a uma melodia mais harmoniosa e parecida com as músicas orientais, embora seja cantada por uma voz desconhecida. Clay se mexe no ritmo da música, sempre mantendo uma mão em minha cintura e me vejo retribuindo os movimentos, entrando no ritmo também. Ao nosso lado, Hope e Erik dão um show na pista de dança e logo que a primeira música acaba, ouvimos *Wherever I Go*, do *One Republic* em uma versão remix muito boa.

Estou dançando e me divertindo tanto, que quando olho para as pessoas ao redor, percebo um homem bem próximo ao meu lado. Não é Clay, sei disso pelas vestimentas, esse homem está de bermudas brancas e sem camisa, exibindo um físico tão lindo, que não consigo me virar para encarar seu rosto. Estamos envoltos em uma dança e os movimentos dele me atraem como imã e a pista de dança parece ser somente nossa.

Giro para encará-lo e me surpreendo ao encontrar o homem do espelho, ele sorri de forma enigmática para mim, os olhos azuis parecem mais escuros e profundos, só agora eu percebo que uma barba por fazer desponta em seu rosto e que seus cabelos negros são levemente bagunçados. Sua pele bronzeada parece reluzir e os músculos do braço flexionam à medida que ele se movimenta. Estamos imersos em nosso próprio mundo, a letra da música invade minha mente e percebo que ela se encaixa perfeitamente na minha vida.

*“I know I could lie but I'm telling the truth
Wherever I go there's a shadow of you”^[10]*

A música termina e paro subitamente de dançar, Hope segura em meu

braço e diz que Erik irá nos apresentar ao dono da casa. Viro para me despedir do rapaz, mas quando olho, ele não está mais lá. Fico alguns segundos procurando-o entre a multidão, mas desisto e resolvo caminhar com Hope. Atravessamos o mar de pessoas dançando e vejo Clay sentado no bar bebericando uma bebida, provavelmente não deve dirigir hoje.

Quando me vê olhando, ele vira o rosto, provavelmente irritado por eu ter dançado com um estranho, que não é tão estranho assim, já que o tinha visto em meu sonho. Hope parece alheia à situação e conversa animadamente com Erik, estamos de volta ao saguão, mas desta vez um mordomo da casa nos acompanha até uma sala de estar.

Sinto um nó no estômago e uma vontade louca de sair correndo desse cômodo, até que entendo o motivo da minha reação. Baahir entra pela porta, sorrindo largamente e me lançando um olhar divertido, que rapidamente se torna sério e concentrado quando ele observa o colar em meu pescoço. Coloco a mão nele inconscientemente e Baahir parece sair do transe em que se encontra, cumprimentando Hope e Erik que parecem deslumbrados.

Quando ele se aproxima para um abraço, encolho-me e estendo somente a mão. Ele a aperta gentilmente, sem se abalar e se volta para os meus amigos, conversando animadamente e perguntando onde estamos hospedados. Percebo que o olhar dele toda hora recai sobre o meu pescoço e peço licença para ir até o banheiro. Hope me lança um olhar confuso, mas acaba acenando e voltando a conversa.

Caminho correndo pelos jardins da casa e chego até a piscina, penso um pouco sobre o que fazer, até que sinto uma mão quente em meus ombros, me viro torcendo para não ser Baahir e felizmente vejo Clay, que parece visivelmente curioso com a minha fuga.

— Está tudo bem? — ele pergunta com as sobrancelhas arqueadas.

— Só gostaria de ir para casa, você pode me levar? — pergunto um pouco embaraçada por precisar pedir isso a ele.

— Claro... — ele envia uma mensagem para Erik e caminha na minha frente guiando nosso caminho.

Resolvemos ir a pé e quanto mais nos afastamos da mansão, mas alívio começo a sentir, como se o ar se tornasse mais límpido. Embora algo ainda me incomode; é estranho ter ciência de que Baahir sabe onde estou dormindo, por isso faço uma nota mental de trancar bem a porta do quarto e evitar a qualquer custo encontrar esse homem novamente.

CAPÍTULO 14

No dia seguinte, voltamos para Nova York logo após o almoço, Hope e Erik estão de ressaca pela noite e falam pouco durante o percurso. Clay parece visivelmente desinteressado em conversar comigo e resolvo continuar a ler o livro que levei. Embora essa noite eu tenha mantido o colar em meu pescoço, acabei não tendo nenhum sonho com o homem de olhos azuis, somente alguns pesadelos estranhos, mas nada que me recordasse pela manhã, o que me deixa visivelmente decepcionada.

Tudo isso ainda é um pouco novo para mim, ter sonhos e pesadelos, pois embora tivesse ouvido muitas pessoas narrar suas experiências, eu ainda me sinto um bebê em relação ao assunto e quero muito contar aos meus pais, mas temo que a natureza do meu primeiro sonho seja constrangedora demais, sem contar que achei realmente ter visto o homem na casa de Baahir, mas Hope me garantiu que eu dancei sozinha o tempo inteiro, por isso Clay se afastou, provavelmente se sentindo dispensado.

Ficamos em silêncio o resto do caminho e graças a Hope, sou deixada primeiro em casa. Despeço-me de todos e Clay somente acena com um sorriso fraco, acho que detonei todas minhas chances com ele. Quando entro em casa, meus pais ficam animados e pedem detalhes, resolvo falar das mansões, já que eles assistiram a série *Revenge* que é justamente ambientada nos *Hampton's*. Minha mãe fica babando nas poucas fotos que tirei e sua expressão de felicidade só muda quando vê o colar em meu pescoço.

— Ah... Resolvi colocar para combinar com um vestido, nada demais — apresso-me em dizer, temendo magoá-la.

— Oh, não se preocupe querida, só estranhei você usá-lo. Mas fica lindo em você, supere o passado — ela diz sorrindo afetuosamente e sei que tenho muita sorte de tê-la em minha vida.

— Obrigada, mãe, você tem razão... Passado é passado — digo mais

confiante em usar o colar.

Passo a tarde revirando o catálogo da *Netflix* e procurando alguma série ou filme bom para assistir, mas nada parece me entreter e me pego distraída pensando no dono daqueles lindos olhos azuis. Pergunto-me se ele é real, ou total fruto da minha imaginação. Torço para não estar enlouquecendo, já que se perder a sanidade implicasse encontrar aquele homem novamente, eu me perderia facilmente e provavelmente não iria querer voltar. Balanço a cabeça e tento me livrar desses pensamentos estranhos, realmente estou precisando de um bom psicólogo.



Durante a semana, mantenho-me focada no trabalho e não visito nenhuma única vez a sala com o espelho. Os sonhos também parecem ter se evaporado novamente e eu quase sinto minha vida voltar ao normal, se não fosse a minha mente que insiste em me lembrar daquele homem, que visivelmente é fruto da minha imaginação.

Acabo saindo para o almoço um pouco mais animada, já que meus pais resolveram fazer um piquenique no Central Park e resolvi encontrá-los. Passo pelos corredores do museu e evito olhar para alguma coisa em específico, deixando somente meus passos me guiarem. A verdade é que eu temo estar enlouquecendo ou me embrenhando demais em histórias de ficção, o que consequentemente explica o sonho e o surto psicótico na sala indiana.

Decidida a deixar esses episódios para trás, vou ao encontro dos meus pais, que já estão sentados sobre uma tolha na grama, eles parecem tão serenos e divertidos, que me sinto aliviada em encontrá-los. Aproximo-me devagar e logo sou recepcionada por abraços calorosos, hoje mais cedo eles haviam dito que precisavam me contar algo importante e isso havia me deixado ansiosa durante o dia todo.

— Você chegou mais cedo que o esperado, minha querida. — Meu pai sorri de forma jovial e me oferece uma travessa cheia de morangos.

— Estava ansiosa demais para o misterioso assunto que vocês querem me contar, então, por favor, não me enrolem — digo um pouco agitada, sentando-me ao lado deles. Começo a devorar alguns morangos.

— Sabia que você chegaria perguntando por isso... — minha mãe diz com um sorriso conspiratório. — Bom, vamos ao que importa, você pode

começar, Wilson? — Ela se vira para o meu pai que assente animado.

— Então... Estivemos reunindo nossas economias e resolvemos fazer uma viagem. Não precisa se preocupar, serão apenas alguns meses onde faremos um tour pela América Latina, mas gostaríamos de saber o que você acha disso. — Quando ele termina de falar, percebo que seu olhar é um pouco constrangido, provavelmente pensando que eu vou reagir de forma revoltada.

Faço um pouco de suspense e continuo comendo calmamente as outras frutas dispostas pela toalha. O rosto da minha mãe demonstra ansiedade e sei que ela está começando a ficar preocupada, quando finalmente resolvo abrir a boca e soltar o veredito.

— Eu acho isso... — faço uma pausa e abro um sorriso largo para os dois. — Uma excelente ideia. Vocês merecem viajar e se divertirem um pouco, prometam me mandar muitas fotos! — digo finalmente, ganhando um suspiro aliviado dos dois.

— Ufa! Obrigada, querida. Realmente não queríamos parecer irresponsáveis... — meu pai diz encabulado.

— Por favor, já passei da idade de tomar as rédeas da minha vida. Vocês precisam aproveitar a suas também, não se preocupem, ficarei bem. — Tento passar segurança aos dois, que parecem genuinamente felizes.

Terminamos o piquenique algumas horas depois e resolvo voltar ao museu. Estou quase chegando a minha própria sala quando ouço Karlie me chamar no fim do corredor. Caminho hesitante até a sala dela e tenho vontade de sair correndo quando vejo Baahir acomodado em um dos sofás.

— Jennifer, querida, entre e feche a porta, por favor — ela fala sem olhar para mim, fixando seu olhar com certa contemplação em Baahir.

Fecho a porta atrás de mim e me mantenho próxima a ela, já que não gosto nem um pouco do homem que está na sala. Baahir, por sua vez, abre um sorriso caloroso ao me ver e tenho certeza de que se diverte com o meu desconforto. Espero Karlie começar a se explicar, torcendo para ser logo liberada.

— Como já lhe apresentei, este é o Sr. Kumari, um dos doadores do museu... ele estará passando um tempo aqui, me ajudando em algumas questões burocráticas. Gostaria de lhe informar que poderá se reportar a ele, da mesma forma que se reporta a mim e, qualquer coisa, estamos ambos à disposição. — Sinto uma súbita vontade de sair correndo da sala, se Baahir agora será um dos meus chefes, as chances de eu conseguir me manter sã nesse emprego parecem esgotadas.

— Certo... — pigarreio confusa e me viro para sair.

— Ah, mais uma coisa, querida, o colar que está usando é muito bonito... herança de família? — sinto meu rosto esquentar quando vejo o olhar de Baahir percorrer meu pescoço com curiosidade.

— Sim... é uma joia de família — resolvo mentir para não estender o assunto. — Se me dão licença. — Saio pela porta antes que eles tenham a oportunidade responder.

Caminho a passos largos para a minha sala e me amaldiçoo internamente por ter uma sorte tão ruim. Trabalhar com Baahir no mesmo prédio é quase um suicídio, embora eu conheça pouco do homem, sinto uma energia tão negativa e perigosa fluir dele, que é quase impossível ficar no mesmo ambiente. Saber agora que ele será teoricamente um dos meus chefes, contribui pouco para minha animação.

Passo o resto do dia presa no computador e atendo o telefone sempre com receio, esperando Baahir me convocar para ir a sua sala. Felizmente nada disso acontece e termino o dia relativamente bem, dada às circunstâncias. Quando estou quase chegando até o meu carro, vejo uma figura encostada nele, não demoro a reconhecer o mesmo homem do espelho, desta vez ele está usando calças largas pretas e uma camisa branca aberta no peito.

Enquanto o analiso a distância, vejo que ele não usa sapatos e parece confuso ao analisar o cenário a nossa volta. Quase dou meia volta para o museu quando percebo que os olhos azuis repousam em mim. Ao tomar consciência da minha presença, abre o mesmo sorriso enigmático de sempre e endireita sua postura, claramente mostrando que está me esperando. Penso em sair correndo ou ligar para a polícia, mas algo em meu íntimo me diz que isso está longe de acabar.

CAPÍTULO 15

Ravi Karan Yadav é o nome do meu estranho perseguidor, depois de meia hora em um diálogo mais do que estranho, estamos os dois dentro do carro, enquanto eu dirijo como uma tartaruga, já que é impossível me concentrar com o homem do meu sonho ao lado. Quando o questionei sobre suas vestimentas, ele pareceu confuso e disse que vinha de outro lugar. Recusou a responder o que queria falar comigo e disse que precisávamos ir a um lugar seguro primeiro. Sem muitas alternativas, acabei entrando no carro com um homem que pode ser louco ou até mesmo um assassino, mas estranhamente exala uma energia diferente e inebriante, que passa certa confiança, aliada a um cheiro de sândalo que parece me enfeitiçar.

— Olha, estou dirigindo com você há mais de meia hora e não posso levá-lo para minha casa, é melhor você começar a falar — digo em tom de advertência, sentindo-me assustada com o rumo da situação.

— Vamos para sua casa, seus pais vão estar na cozinha, podemos conversar no seu quarto — ele diz em um tom convencido que teria me irritado se eu não tivesse percebido que ele sabia a rotina da minha casa.

— Como você sabe ? Você é um maldito *Stalker*? — grito eufórica e faço um desvio arriscado para não bater em um poste.

— O que é um *Stalker*? — ele pergunta confuso, fazendo-me balançar a cabeça em descrença.

— Um perseguidor, que fica vigiando as pessoas e está sempre à espreita — digo de forma enfática, para deixá-lo desconfortável.

— Acho que sou um *Stalker* então, mas tenho um motivo, *Nalini*. — Seu tom despreocupado me diz que ele não entende perfeitamente a nomenclatura do termo e que realmente parece confiante de si mesmo.

Quando ouço aquele nome novamente, decido fazer o caminho para casa e abrigar esse estranho que provavelmente não vai parar de me perseguir.

Vasculho meus pensamentos, lembrando-me do spray de pimenta que tenho na bolsa e lembro que meu pai tem uma arma em casa, então relativamente estamos seguros.

— Por que você me chama assim? Meu nome é Jennifer — digo curiosa, enquanto lanço olhares furtivos na direção dele.

— Você logo entenderá. — Ele dá de ombros e mantém os olhos na janela, parecendo surpreso com tudo que vê.

Continuo dirigindo e quando finalmente paro na garagem da minha casa, peço a Ravi que espere alguns segundos, até que eu confirme que meus pais realmente estão na cozinha. Volto para o carro depois de avisá-los que havia chegado e por um momento me permito suspirar aliviada. Ele não está mais no banco do carona. Contudo, quase solto um grito assustado quando escuto a voz dele atrás de mim.

— Vamos logo, Jennifer, estou com fome — ele diz de forma ansiosa e percebo que usou meu nome correto desta vez.

— Certo, você não vai fazer barulho, entendeu? Vou pegar comida para você, mas só depois de me esclarecer tudo — digo frustrada, enquanto o puxo pelo braço fazendo o caminho até o meu quarto.

Quando abro a porta, torço para que eu não tenha esquecido nenhuma *lingerie* na cama e felizmente o quarto todo parece adequado. Ravi entra com um olhar curioso e analisa tudo a sua volta, parando em frente ao espelho da minha penteadeira. Ele o encara fixamente por um tempo, provavelmente deve adorar admirar o próprio reflexo.

— Então, vamos lá... desembucha. — Jogo-me na cama e espero pacientemente por uma explicação.

— O que você quer saber, Nalini? — Ele se senta ao meu lado, visivelmente à vontade.

— Para começar, o que é Nalini? — pergunto curiosa, achando estranha aquela palavra, que tinha um som diferente na voz dele.

— Você a usa em um colar e não sabe a origem dela? — Fico mortificada com a resposta irônica que ele dá, penso em falar algo agressivo, mas quando olho novamente para aquele rosto de feições proeminentes, queixo largo e lábios atraentes, fico mais calma.

— Flor de lótus? É isso que significa? — pergunto visivelmente interessada no que ele tem a dizer

— Sim, mas Nalini também é o nome de uma princesa perdida... — ele me lança uma piscadela no final e fico corada por alguns segundos.

— Bom, o que você quer de mim, Ravi? Por que fica me perseguindo? — começo a me sentir um pouco frustrada com o rumo da conversa.

— Estou aqui para protegê-la, você me despertou e cá estou. — Ele abre os braços que acabam atraindo a minha atenção para o seu belo físico e sacudo a cabeça tentando voltar à realidade.

— Eu não despertei você coisa nenhuma e não preciso de proteção — digo furiosa com a audácia dele em mentir.

— Sim, você chamou. Tocou no espelho e eu senti a sua energia, estou aqui para cuidar de você. E antes que venha me dizer que não está em perigo, aquela sombra do outro lado da rua visivelmente não oferece nenhuma segurança. — Fico boquiaberta com a explicação dele e olho para a janela do outro lado do quarto, tentando reunir coragem de afastar a cortina e espreitar pela rua.

— Como você sabe das sombras? — minha voz sai em um sussurro assustado.

— Eu posso senti-la, você também será capaz daqui alguns dias... — ele passa as mãos pelo cabelo, parecendo visivelmente cansado.

— Só um minuto, vou ser capaz de sentir essas coisas estranhas? Não quero nada disso em minha vida, Ravi, você, o espelho é tudo uma loucura! Só quero a minha rotina normal outra vez — esbravejo, levantando-me da cama e começando a dar voltas pelo quarto.

— Não se deve lutar contra as suas próprias origens, Jennifer, tenho muito a lhe ensinar, mas estou faminto no momento, então se não se importa, você prometeu me trazer um banquete. — Ele se levanta e caminha até mim, segurando meus braços e fazendo carícias quentes, que por alguns momentos começam a deixar meu corpo mais relaxado.

— Eu... hum... vou buscar... é... — me sinto cada vez mais inundada pela energia de Ravi, é como se ele fosse o Sol e exalasse um calor tão agradável, que preenche meus sentidos, deixando meus músculos relaxados.

— Certo, vou esperá-la aqui. — Ele se afasta, sorrindo para si mesmo, como se percebesse os efeitos que causa em mim.

— Então... eu já volto... — murmuro um pouco abalada e saio do quarto me sentindo relaxada e bem mais leve.

Quando chego à cozinha, meus pais me contam que já agendaram a viagem e devem partir no final de semana. Fico feliz por eles e coloco pouca comida no meu prato, já que preciso levar o jantar para Ravi. Quando eles saem da cozinha, rumo à sala de TV, faço um prato grande e elaborado,

esperando que ele coma tudo, já que realmente parecia faminto. Encho um copo de suco de laranja e subo em passos rápidos, um pouco ansiosa para revê-lo.

Quando entro no quarto, Ravi está deitado na cama, com os olhos fechados e parecendo serenamente calmo. Penso um pouco se devo acordá-lo ou não, mas acabo fazendo um pouco de barulho quando coloco a bandeja na cômoda e ele desperta visivelmente assustado. Quando o olhar desorientado dele recai sobre mim, um sorriso incrivelmente doce surge em seu rosto e ele se levanta empolgado.

— Você trouxe um banquete, Jennifer, obrigado. — Ele se aproxima de mim e encosta os lábios na minha bochecha por poucos segundos, pegando a bandeja para si e começando a se alimentar com entusiasmo.

Depois de alimentado, pergunto a Ravi se ele irá embora e quando vejo seu olhar confuso, sei que ele não tem onde ficar. Penso um pouco sobre a situação e acabo fazendo uma cama improvisada para ele, com um colchão extra no meu quarto. Pego toalhas limpas e escova de dente, sendo que preciso ensiná-lo como usar esta última.

Quando ele finalmente sai do banho, cheirando ao meu shampoo de pêssgo e enrolado em uma toalha, desvio meu olhar rapidamente, sentindo meu rosto queimar, pois nunca vi um corpo tão esbelto. A barriga delineada tem oito gomos, em uma pele bronzeada que desperta várias partes do meu corpo. Ele, no entanto, parece visivelmente satisfeito com o efeito que causa em mim e o vejo sorrindo de forma divertida, quando eu me apresso em correr para o banheiro.

Tomo um banho mais demorado que o normal e tento clarear minha mente, à medida que peço ao meu corpo para relaxar e parar de lembrar daquele outro corpo molhado e que agora provavelmente está deitado bem do lado da minha cama. Seco o cabelo de forma distraída e quando finalmente entro no quarto, vestindo uma camisa do *Star Wars* até o joelho, me sinto praticamente nua com o olhar que recebo de Ravi.

Caminho hesitante até minha cama e ele se afasta, deitando no colchão que eu coloquei ao lado. Apago as luzes e tento ignorar o olhar curioso que ele lança ao observar minhas pernas, agradeço internamente por estar mais escuro, ou ele provavelmente veria o quão corada e quente eu me sinto. Enrolo-me no edredom e por um momento só escuto nossas respirações em meio à escuridão, até que Ravi boceja alto.

— Boa noite, Jennifer — ele diz com a voz preguiçosa.

— Boa noite, Ravi — falo em um sussurro e após alguns segundos percebo que ele adormeceu.

A única acordada, no entanto, sou eu. Não consigo pregar os olhos sentindo a presença de Ravi no meu quarto, é quase como uma espécie de imã que me faz querer experimentar um pouco mais de suas mãos quentes e fortes, mas me lembro de que acabei de conhecê-lo, e em circunstâncias nada normais. Para piorar, acho que ele pode ser mais maluco do que eu.

CAPÍTULO 16

No dia seguinte, acordo com Ravi cantando uma melodia baixinha, a qual desconheço a letra. Quando o questiono sobre a música, ele diz que é algo do seu mundo e me limito a não fazer mais perguntas, já que sempre recebo respostas vagas. Desço para o café da manhã e depois levo novamente comida para o quarto, minha mãe se surpreende com a quantidade que comi, mas parece visivelmente satisfeita com os meus novos hábitos de alimentação. Mal sabe que ela que se trata de algo bem mais complexo.

Quando me preparo para ir ao museu, Ravi insiste em me acompanhar e leva uns bons minutos em uma discussão sussurrada entre nós, até que ele finalmente concordar em ficar no meu quarto. Como meus pais vão sair hoje para comprar algumas coisas para a viagem, deixo o número de um restaurante para Ravi pedir o almoço e ele só murmura um agradecimento de forma rabugenta, claramente insatisfeito por ficar em casa.

As coisas no trabalho acabam saindo muito bem, Karlie visita minha sala pela manhã e diz estar gostando da minha gerência. Vejo Robert no almoço e conversamos um pouco sobre o novo projeto que ele está coordenando, desta vez trata-se de um fóssil muito raro e não consigo deixar de sorrir ao ouvir as indagações dele. Felizmente não vejo Baahir e nem mesmo ouço notícias dele, o que claramente me deixa mais aliviada.

Minha tranquilidade só chega ao fim quando volto do almoço, e encontro Ravi deitado no sofá da minha sala. Ele exhibe um sorriso constrangido e penso em gritar ou dizer que ele devia ter ficado em casa, até perceber que a porta estava trancada, os seguranças dificilmente deixariam alguém entrar, sem contar que Ravi veste a mesma roupa, bermudas de linho e um colete, nada apropriado para um museu.

— Como você entrou aqui? — pergunto um pouco assustada com a

situação.

— Não tenha medo, Jennifer, consigo atravessar pontes — ele diz com naturalidade.

— Como assim atravessar pontes? Você veio andando até aqui? — começo a pensar que Ravi é realmente maluco e me mantenho próxima à porta um pouco temerosa.

— Não, Nalini, eu vim por meio de pontes. No meu mundo, nós podemos atravessá-las através de espelhos ou da própria água também. — Ele se senta no sofá e como parece inofensivo, resolvo me aproximar.

— Você sabe que isso tudo é uma loucura, não é? Espelhos são objetos e só, não dá para sair por aí entrando neles — digo de forma descrente, me sentindo incomodada por ter visto Ravi em um espelho no meu sonho.

— Você irá se surpreender com as coisas que você acha serem produtos de uma mente insana, na verdade são bem reais. — Olho para ele em busca de um sorriso ou uma expressão debochada, mas seu olhar sério me deixa intrigada e um pouco confusa.

— Vou ignorar essa sua explicação, mas por que veio até aqui? — pergunto de forma despreziosa.

— Porque você não está segura aqui, Jennifer, não deveria voltar mais a este lugar — ele fala em um tom sério, levantando-se e vindo até mim.

Por um momento fico perdida na beleza de Ravi, que exerce efeitos estranhos sobre mim, mas me lembro de que nada do que ele diz faz sentido, embora sua voz seja cheia de certeza e convicção. Já vi muitas pessoas mentirem na minha vida, mas sabia internamente que este não era o caso de Ravi, o que só poderia significar que ele acreditava na própria loucura.

Além disso, ele podia ter fugido de algum circo ou hospital psiquiátrico, difícil dizer com as roupas que ele usava. Eu precisava encontrar uma solução e só conseguiria ajuda com uma pessoa que acreditasse no improvável tanto quanto Ravi e que provavelmente me ajudaria em meio aquilo.

— Ravi, nós vamos fazer um passeio depois do meu trabalho. Quero lhe mostrar algo — digo animada, recebendo um olhar confuso dele.

— Tudo bem, Jennifer, mas depois você me deixará mostrar o que realmente vim fazer aqui. — Olho para ele surpresa, não esperava que houvesse mais explicações, mas assinto em resposta.

Enquanto Ravi fica deitado sobre o meu sofá, tentando ler um romance, mando uma mensagem para o professor Arnald, explicando vagamente a situação e dando ênfase na urgência do assunto. Ele demora um pouco a

responder, mas confirma que posso visitá-lo esta tarde, demonstrando preocupação. Depois de assegurar a ele que está tudo bem por enquanto, volto ao meu trabalho, mas não consigo me manter concentrada, enquanto Ravi perambula pela minúscula sala, mexendo em tudo que encontra pela frente.



O apartamento do professor Arnald fica na Lincoln Square próximo a Nona Avenida, o que me faz questionar se o professor realmente gosta de movimentação ou ainda não optou por uma vida mais tranquila, em um bairro residencial, por algum outro motivo. Chegamos ao prédio, onde o porteiro já está ciente da minha chegada, deixando-nos subir em seguida. O complexo de apartamentos é luxuoso e me sinto como Ravi, observando tudo com curiosidade e encantamento.

Quando o elevador chega, Ravi se recusa a entrar na “caixa metálica”, alegando que provavelmente é uma armadilha. Demoro uns bons minutos convencendo-o a entrar, o que acaba garantindo alguns olhares de curiosidade em nossa direção, até que finalmente Ravi cede e fica murmurando o que eu imagino ser uma prece em outra língua, até chegarmos ao andar do professor.

Batemos na porta e aguardamos por alguns segundos, até sermos recepcionados pelo próprio professor, que lança um olhar curioso na direção de Ravi. Ao sairmos do museu, resolvi parar em uma loja de roupas no caminho e acabei comprando um par de calças jeans, três camisas e um moletom para Ravi. Ainda faltavam os tênis, mas como ele usava uma sandália estranha e não parecia disposto a tirá-la, acabei cedendo e deixando o assunto para outra hora.

O professor Arnald nos convida para entrar, sem tirar os olhos de Ravi que parece um pouco desconfortável em conhecer outra pessoa. Ficamos algum tempo em silêncio, até uma senhora simpática servir um café. Neste momento, decido começar a falar e conto toda a situação do estranho que trouxe comigo. Ravi, por sua vez, é levado para a biblioteca e parece entretido, enquanto eu e o professor conversamos.

— Sabe, Jennifer, conheço você bem o suficiente para dizer que não está mentindo. Sei o quanto é cética, e não buscaria meus conselhos se não fosse sério, mas tenho uma pergunta a fazer. — Arnald me encara de forma

pensativa por alguns segundos e quando assinto, incentivando-o a continuar, ele se inclina um pouco no próprio assento e fala de forma baixa. — Você realmente acha que aquele rapaz é louco?

Desvio meu olhar do professor, que pacientemente respeita o meu silêncio. Quando finalmente não respondo, sei que meu ceticismo está sendo colocado à prova. Embora nunca tivesse acreditado em magia ou seres sobrenaturais, não podia negar que as circunstâncias em que Ravi tinha aparecido na minha vida eram demasiadamente controversas. Sem contar o assunto de viagem no espelho, que me deixava ainda mais intrigada.

— Faremos o seguinte, vou convidar o rapaz para uma conversa, veremos o que ele tem a dizer. — Arnald se levanta e chama Ravi novamente para a sala. Meu estranho companheiro me encara em dúvida e quando assinto, ele relaxa, sentando-se ao meu lado.

— Senhor Ravi... preciso lhe assegurar que sou um amigo de confiança da Jennifer, ela me explicou sobre a situação e achamos que podemos ajudá-lo se entendermos melhor as circunstâncias em que você chegou aqui. — O professor faz uma pausa e vendo que Ravi o está compreendendo, continua a falar. — De qual lugar você veio e por que precisa proteger a Jennifer?

Ravi assume uma expressão mais séria e enigmática, seus olhos azuis cobalto pousam primeiramente em mim, buscando confiança. Estendo minha mão até a dele e ao receber o seu aperto de volta, sei que ganhei sua confiança. Ele volta a olhar para o professor, mas não é com a mesma suavidade e percebo que alguma coisa está errada. Tento abrir a boca para dizer algo, mas Ravi é mais rápido e murmura algumas palavras em hindi, que novamente eu não consigo compreender. Em um instante, Arnald está olhando para nós de forma curiosa, no seguinte ele está totalmente paralisado.

Olho para Ravi assustada e ele se levanta caminhando em passos largos até a saída, obrigo-me a sair do meu transe e correr atrás dele.

— Ravi! Espere, o que foi aquilo que você fez? O professor é gentil, ele não iria fazer nada conosco — digo exasperada, fazendo-o parar e se virar para me encarar.

— O que eu vim fazer aqui é muito importante, Jennifer. Eu não conheço esse professor, e não posso confiar em ninguém aqui. O feitiço que coloquei nele é um teste. Caso ele seja confiável, voltará ao normal dentro de alguns minutos, mas se ele estiver mentindo, esta será sua condição para sempre. — Ele volta a caminhar e não se vira para me encarar. Pondero se continuo seguindo-o ou se vou até o professor.

— Onde você está indo? — pergunto desesperada e assustada demais com a situação.

— Ficarei bem, Jennifer, vigie o seu professor. Quando estiver pronta para falar comigo, é só me chamar e virei. — Ele me lança uma piscadela e some pelo corredor.

Fico parada por alguns minutos no mesmo lugar e só quando me dou conta do que acabei de presenciar, é que corro até o apartamento, pedindo internamente para que Arnald esteja bem, pois se não posso confiar nele nesta situação, não sei em quem mais poderia.

CAPÍTULO 17

Duas horas depois, estou com o professor Arnald que não consegue formar frases completas e parece visivelmente abalado. Depois de conseguir explicar para ele que o feitiço de Ravi era um teste, ele assente um pouco assustado e finalmente diz que ele deve ter bons motivos e que vai esperar por explicações quando eu estiver pronta. Saio do prédio dele ainda mais confusa do que quando entrei, já que a descoberta do grande mistério parece depender unicamente de mim, mas uma pequena parte do meu ser me diz para continuar na ignorância e evitar problemas.

Chego em casa e minha mente ainda está uma confusa, corro para o quarto à procura de Ravi, mas assim que chego no corredor, sei que ele não está aqui. É difícil dizer, mas há algo nele que me deixa totalmente desorientada e não tem a ver só com os truques de mágica, é algo além do que eu posso explicar. Um sentimento confuso e indeciso que habita em mim. No banho, tento formar explicações coerentes para o que presenciei, mas me sinto tão exausta que acabo desistindo.

Vou para cama e penso em chamar por Ravi, ele poderia esclarecer tudo e eu dormiria com algumas respostas, que poderiam ser ou não boas. Resolvo, no entanto, adiar mais um pouco e vendo que não consigo dormir, tomo dois calmantes e deixo o mundo dos sonhos me confortarem. Mas como era de se esperar, os pesadelos ocupam minha mente. Neles, Ravi é sempre parte de algo ruim e eu sempre acabo morta. Acordo quatro vezes durante a noite e quando o dia amanhece, me sinto um lixo.

No museu, a manhã passa como um borrão. Minha noite mal dormida me deixa com enxaqueca e por isso trabalho bem mais devagar do que o meu normal. Hope me liga, convidando-me para visitar uma loja de vestidos com ela. Aparentemente, Eric irá apresentá-la a família no dia de um jantar beneficente, o qual ela precisa estar estonteante. Penso em recusar, mas

imagino que um pouco de normalidade possa me fazer bem.

Hope está como sempre bem vestida e com um belo sorriso no rosto. Quando me vê, ela faz uma careta e só comento se tratar de uma insônia. Ela parece acreditar e conta sobre a sua vida, enquanto dirijo para o *shopping*. Um pouco curiosa, ela diz que Clay apareceu com outra garota no apartamento de Eric e me limito a dar de ombros, já que ele merece seguir em frente e quase me sinto agradecida por não ter ninguém ao meu lado no momento. Ravi tinha aparecido e trazido algumas complicações, ainda não tinha ideia de suas dimensões, mas já estou bastante temerosa.

Hope acaba parando em três lojas e não gostando de quase nada, quando estamos na quarta, eu me entupo de *fast food* enquanto ela está no provador. Torço para que não precisemos ir a mais nenhuma, já que meu horário de almoço está terminando e pretendo descansar um pouco na minha sala. Ela experimenta alguns modelos, até finalmente escolher um vermelho, rendado e justo. Aprovo a escolha, embora não tenha prestado muito atenção nos outros e finalmente voltamos para o carro.

— Você me pareceu distraída hoje... — ela diz enquanto se vira para mim.

— Trabalho demais e uma noite mal dormida me torna um ser humano desatento — digo em tom debochado e ela acaba sorrindo.

— Espero que você não esteja triste pelo Clay, não posso dizer que ele é um babaca, mas seguiu em frente muito rápido. — Tento não começar a rir por ela pensar que estou assim pelo Clay, parece uma piada engraçada do destino.

— Não, juro que não é isso. Ele é um cara legal, merece encontrar alguém, Hope. Estou somente cansada mesmo, queria poder viajar como os meus pais. — Acabo me lembrando de que meus pais embarcarão no dia seguinte.

— Faça isso nas suas primeiras férias então, querida, viaje e conheça um pedacinho do mundo. — ela sorri empolgada e parece mais aliviada com a minha explicação.

De volta ao museu, despeço-me dela e volto me arrastando para minha sala, estou quase na minha porta quando Baahir surge no meu campo de visão, sorrindo de forma animada e fazendo o meu dia piorar. Tento abrir um sorriso para não ser tão hostil, mas tenho certeza de que acabei fazendo uma careta. Baahir, no entanto, parece não se abalar e continua com o mesmo semblante feliz.

— Srta. Mills, estava lhe aguardando. Preciso das chaves da sala indiana, sei que está fora do horário, mas alguns amigos meus pretendem fazer uma

visita especial. — A voz dele é melodiosa e tento não estremecer.

— Claro, vou pegar... — murmuro de forma desanimada e abro minha sala. Baahir não espera um convite e entra junto comigo.

— Tem recebido muitas visitas? — ele pergunta lançando um olhar para o sofá, pondero por alguns instantes se ele viu Ravi aqui, mas me lembro do que ele disse sobre viagens no espelho.

— Não, só Karlie e alguns funcionários. Aqui estão as chaves. — Estendo o chaveiro e Baahir o pega na minha mão, segurando-a com certa agressividade, tento me soltar, mas ele parece em transe. Quando começo a me sacudir assustada, ele parece acordar e volta a exhibir um sorriso falso de novo.

— Acabei me distraíndo, obrigado querida. — ele caminha a passos largos da minha sala e fico um pouco abismada com a situação.

Sempre que me encontrava com ele, o clima ficava estranho, como se Baahir exalasse alguma energia negativa que me deixava em alerta e ao mesmo tempo querendo sair correndo pela porta. Tento superar o episódio desconfortável e começo a trabalhar. O resto da tarde passa sem nenhum incidente e quando finalmente saio do museu, penso em manter essa normalidade por mais alguns dias. Não que eu esteja desinteressada no que Ravi tem a dizer, mas temo descobrir algo desagradável e isso é o que me impede de chamá-lo.

No caminho até em casa, coloco uma *playlist* dos *Beatles* e começo a cantar empolgada. Há muito tempo eu não me divertia de verdade e precisava encontrar um caminho para a diversão de novo. Quando estaciono o carro na garagem, estranho o fato das luzes estarem todas apagadas. Dificilmente meus pais dormem cedo e não avisaram que iam sair. Entro um pouco apreensiva pela sala e piso em algo úmido.

Tateio as paredes em busca do interruptor de luz e quando finalmente o acendo, desejo não tê-lo feito. Grito horrorizada com a cena que se desprende em minha frente, há tanto sangue que demoro a assimilar que estes são meus pais. As pessoas que me acolheram quando fui deixada em sua porta e me deram carinho e amor durante todos esses anos... eles estavam prestes a aproveitar a vida, iriam viajar... como isso pôde acontecer? Tudo se resume agora a um mar de sangue e não sei por quanto tempo choro descontrolada, mas em algum momento percebo que estou adormecendo, rezando para que tudo seja somente um pesadelo, porque isso realmente não pode estar acontecendo.



Abro os olhos devagar, tentando assimilar porque sinto um enorme vazio no peito. Olho ao redor e percebo que estou em um quarto que não é meu. A cama grande e as janelas altas do chão ao teto não se comparam a minha humilde janela. Quando começo a pensar na minha casa, lembro-me do que encontrei quando entrei nela. Meus pais haviam sido brutalmente assassinados, havia tanto sangue e eu sei que nunca vou me esquecer daquela cena.

A dor é tanta que eu tento me recompor e criar coragem para descobrir onde estou, mas cada vez que eu penso neles, uma onda de choro me percorre e percebo que estou sozinha no mundo, não há ninguém mais com quem contar. Acho que acabo dormindo, pois quando abro os olhos novamente, não há claridade nas janelas e sei que é noite. Obrigó meu corpo a se mexer e levanto um pouco tonta, provavelmente me deram algum remédio.

Abro a porta do quarto e observo o corredor, então sei exatamente onde estou. A casa de Hope é elegante, e tão grande que é possível se perder. Caminho um pouco trôpega e me deparo com as escadas, descê-las parece suicídio, mas não tenho muitos motivos para viver agora, então começo a empreitada, segurando fortemente no corrimão. Estou na metade quando ouço o grito de Hope.

— Jennifer, o que você está fazendo? — Ela sobe correndo e me encontra no caminho, apoiando meu braço em si mesma.

— Não quero ficar mais deitada, preciso saber o que aconteceu — digo um pouco nervosa e ansiosa por respostas.

— Sim, é claro que você precisa, mas tem certeza de que está bem para isso, Jen? Você surtou ontem à noite, primeiro gritou muito e depois ficou paralisada, não sabíamos o que fazer, até que o médico recomendou um sedativo. — Ao olhar para Hope, percebo que ela realmente parece preocupada e me sinto um pouco mal por ser ingrata, mas a dor que sinto não me deixa pedir desculpas.

— O que vocês esperavam que eu fizesse? Sorrisse e cantasse? — digo de forma venenosa e quando finalmente acabamos de descer as escadas, olho em volta procurando pela minha bolsa. — Onde estão minhas coisas?

— Vou pegá-las para você. — Hope parece magoada e me amaldiçoo

internamente por estar sendo idiota. — Aqui está.

Ela me entrega a bolsa e procuro primeiro pelo meu celular, felizmente com bateria. Há algumas mensagens nele, a maioria dos parentes distantes do meu pai, já que minha mãe também era uma filha adotiva e tinha pouco contato com a família. Alguns diziam que já estavam cuidando do funeral, parei de ler e resolvi perguntar mais coisas a Hope.

— A polícia sabe o que aconteceu? — pergunto incomodada com a situação.

— Como assim? — Vendo a confusão no rosto de Hope, sei que algo está errado. — Foi um incêndio accidental, Jen, seus pais provavelmente esqueceram a válvula do gás aberta.

— Não, você não está entendendo, Hope, eles não estavam queimados quando eu entrei lá, a casa estava normal, mas cheia de sangue. Eu vi muito sangue. — Percebo que estou gritando e o olhar assustado de Hope me faz parar.

Eric surge atrás dela depois de alguns minutos e me lança um olhar preocupado, não entendo porque eles parecem tão assustados. Eu sei o que vi, não sei? Ou será que tudo aquilo foi um sonho e eu realmente tive uma alucinação? Porque não me lembro de um incêndio.

— Jen, você estava no gramado, em posição fetal e chorando do lado de fora. Assim que você chegou, houve a explosão. Você não lembra? — Hope se aproxima de mim e me abraça, afasto-me e a encaro descrente.

— Não, eu estacionei o carro do outro lado da rua, foi só quando abri a porta que vi tudo, eu tenho certeza, Hope, não estou maluca. Foi um assassinato, se colocaram fogo, foi depois que eu surtei. — Sinto-me desesperada e sei pelo olhar de Eric e Hope que eles não acreditam em mim.

— Onde está meu carro? — pergunto de forma urgente.

— Aonde você vai? — ela pergunta assustada e olha para Eric em busca de ajuda.

— Encontrar uma pessoa que eu sei que pode me ajudar, agora onde está a porra do carro, Hope? — grito nervosa e vejo que Eric se aproxima, provavelmente esperando me deter.

— Jen, você precisa descansar, foi um trauma muito grande. Prometo que amanhã lhe mostrarei onde está o seu carro. — Ela segura meu braço com firmeza e tento puxar de voltar.

Eric se aproxima dizendo que preciso ficar calma e quando tento me soltar novamente, ele me segura, passando meu braço em volta da cabeça dele e me

pegando no colo. Sei que eles provavelmente vão me trancar no quarto e paro de lutar, fingindo chorar baixinho. Quando Eric começa a subir a escada, com Hope logo ao lado, dou um chute com meus pés descalços nela e a vejo cair sentada na escada, gritando algo sobre o próprio olho.

Eric me larga no chão e aproveito para correr, pego a chave do carro que está em cima da mesinha, a qual só tomei conhecimento depois do aperto de Hope. Abro a porta e corro até a garagem, acionando o alarme do meu carro e entrando nele com pouca destreza. Clay aparece no meu campo de visão e levanta as mãos em sinal de paz.

Sei que ele provavelmente vai querer me levar também e me aprego em entrar no carro, tranco a porta e em poucos segundos dou partida. Clay, Hope e Eric estão na frente, impedindo minha passagem e me desafiando a ficar, olho bem para eles e me lembro do que Ravi disse, sobre não confiar em ninguém. Eu tenho certeza do que vi, não sei o que realmente aconteceu, mas se houve um incêndio, foi para cobrir rastros.

— Vamos, Jen, entre comigo, tudo ficará bem. — Hope começa a se aproximar devagar e eu piso no acelerador.

Vendo que estou com o carro em movimento, Clay puxa Hope para o lado a tempo e Eric também se afasta assustado enquanto canto pneus pela rua. Só há uma pessoa que pode me ajudar agora, duas na verdade. E por isso chamo fortemente o nome de Ravi, enquanto dirijo até a casa do professor Arnald, torcendo para que não seja tarde demais.

CAPÍTULO 18

Quando bato no apartamento do professor Arnald, Ravi abre a porta parecendo desesperado. Jogo-me nos braços dele e recebo um abraço caloroso; não consigo segurar as lágrimas. Ravi me pega no colo e senta comigo no sofá, embalando-me como uma criança e murmurando palavras em hindi. Acalmo-me depois de alguns minutos e finalmente consigo encarar os dois homens na sala, que parecem muito preocupados.

— O que houve, Jennifer? Ravi chegou aqui e me disse que você estava vindo. Conte-nos o que aconteceu. — Arnald parece impaciente e entendo que meu silêncio é perturbador.

Começo a falar sobre a morte dos meus pais e depois sobre Hope, que tentou me impedir de sair. Ravi se levanta e anda de um lado para outro, praguejando e dizendo que é tarde demais. Arnald parece visivelmente espantado e quando Ravi finalmente se acalma, peço que ele nos conte tudo o que está acontecendo. Antes de começar, ele diz precisar fazer alguns encantamentos no prédio e sai por alguns minutos, voltando mais aliviado.

Arnald nos serve um chá de hortelã com torradas e percebo que não como nada há muitas horas, o que acaba me fazendo devorar tudo que está na mesa. Ravi beberica o próprio chá e finalmente começa a falar, parecendo tão sério que sinto meu estômago se apertar.

— Você conhece a história de Parvati? — ele pergunta olhando diretamente para mim.

— Não, só sei que ela é uma deusa hindu, algo assim... — falo constrangida.

— O professor já deve saber da história, mas preciso contar a versão verdadeira. — Ravi toma uma respiração profunda e segura minha mão entre as suas, como se temesse que eu saísse correndo. — Parvati faz parte da

tridevi, que consiste em: Parvati, Durga e Kali. Elas são a mesma entidade, mas com diferentes personalidades, sendo que Kali é a pior e mais sombria de todas. Em uma batalha contra o demônio *Raktabija*, Durga acabou ficando sem saídas, já que o demônio quando era atingido, tinha suas gotas de sangue transformadas em outros demônios, o que tornava impossível destruí-lo. — Ravi me olha esperando confirmação para continuar e assinto um pouco assustada com o rumo da história.

— Sem alternativas, Durga evoluiu e criou a personificação de Kali, que ao lutar com o demônio *Raktabija*, lambeu seu corpo e evitou que o sangue caísse, transformando-se em demônios. Assim, ela conseguiu derrotá-lo e se tornou uma ceifadora de vidas. O problema todo era que Kali não existia sem Durga, mas depois de um tempo, vários povos começaram a exaltá-la, fazendo sacrifícios em sua homenagem, até que ela se fortificou e começou a existir em uma forma independente. — Ravi faz uma pausa e bebe um pouco do próprio chá, o professor Arnald está atento, esperando ele continuar.

— Você precisa entender que Kali está sempre associada à morte, ela não se contentou em matar somente o demônio, começou a fazer várias vítimas e se esbanjava com os sacrifícios humanos. Até que um dia, o rei Ragendra Rashid ficou inconformado com tamanha desumanidade e decretou que qualquer culto a Kali seria considerado como traição a vida e seria punido com o exílio ou em casos mais graves com morte.

Peço a Ravi uma pausa e enquanto pondero sobre o que acabei de ouvir, pergunto-me se estou preparada para o que virá.

— Deixe-o continuar, Jennifer, é importante... — Arnald fala de forma preocupada.

— Tudo bem, continue... Não irei interromper — digo convicta de que preciso entender toda a história.

— Pois bem, Kali ficou sabendo do decreto do rei e resolveu se vingar dele. Em uma noite, assumiu a forma de sua esposa Indira Rashid e copulou com o rei, que pensava estar se deitando com a sua amada. Com isso, Kali ficou grávida do rei e pretendia humilhá-lo com um filho do que ele mais desprezava, só que a criança nasceu natimorto. Inconformada, Kali alimentou o bebê com o próprio sangue imortal e a criança sobreviveu, recebendo o nome de Dakini. Este, por sua vez, ganhou velocidade, astúcia, imortalidade e uma sede por sangue como a mãe. Descobriu-se também que quando Dakini bebia o sangue de suas vítimas, se não o fizesse até a morte, os mesmos se tornavam iguais a ele, apenas mais fracos e também viravam seus

servos. Eles foram chamados de *dakinis*, os filhos de Kali.

Ravi para por um momento, vendo como eu e o professor Arnald reagimos à história, começo a pensar que os *dakinis* são parecidos com os vampiros, mas em uma versão totalmente diferente e mais assustadora da história. Frutos da cria de um demônio com um humano... é horrível imaginar que essas criaturas podem realmente existir e habitar os mundos.

— São parecidos com os vampiros... — digo olhando para o professor que assente em minha direção.

— Sim, mas os *dakinis* são um pouco mais cruéis. Não só bebem o sangue, podem se alimentar da carne humana também — Arnald responde, provavelmente familiarizado com a história.

— E então, como você e eu nos encaixamos nessa história? — pergunto curiosa.

— Dakini teve vários “filhos” e formou clãs poderosos, que foram ao encontro do rei Ragendra, Kali e seus filhos obrigaram o rei a se curvar a eles e ajudarem a semear o mal pela terra. Mas o rei ainda tinha uma carta na manga, prometeu cumprir o que Kali pedia e aceitou transformar toda a sua corte em *dakinis*, mas durante o ritual, o rei pediu ajuda a sua irmã Adjra Rashid, uma feiticeira muito poderosa, que executou um feitiço que levou Kali e seus filhos, juntamente com a corte do rei Regendra para dentro do Espelho Negro. Lá eles foram habitar a quarta dimensão, que chamamos de “Véu”. É onde habitam as criaturas que se alimentam de ódio e são contra a humanidade — fico um pouco assustada, pensando se é o mesmo espelho do museu.

— Com o feitiço de Adjra, tornou-se impossível para Kali e seus filhos viajarem para a dimensão humana. No entanto, com o passar dos anos, Kali começou a ficar mais forte e conseguiu estabelecer uma forma neste plano, uma visivelmente fraca perto do que ela é no Véu, mas ainda assim ela consegue vir para cá. Ela sabe que não conseguirá dominar a raça humana no momento, mas ela veio em busca de uma pessoa... — sinto meu corpo todo tremer quando recebo o olhar de Ravi, que me encara profundamente.

— Não, você só pode estar brincando. O que um demônio iria querer comigo? — pergunto assustada.

— Quando Adjra fez o feitiço, o rei pediu para ela salvar também sua filha recém-nascida, o nome dela era Nalini Rashid, princesa herdeira do trono. Um dia antes de Kali ir até o rei, a deusa Durga o avisou em um sonho o que iria acontecer e disse que agradeceria a criança com um fragmento de sua alma,

que seria capaz de derrotar Kali. Contudo, para isso ser possível, o rei precisou que Adjra enviasse sua filha para outra dimensão onde Kali não fosse forte o suficiente para ir atrás dela. — Quando Ravi termina de falar, mordo minha língua com força e sinto o gosto de sangue. Não é possível que eu seja essa princesa perdida, eu sou humanamente comum, não consegui salvar meus pais, quem dirá matar um demônio.

— Isso é muito para absorver... — digo visivelmente esgotada e caminho até o banheiro.

Lavo meu rosto várias vezes e não consigo parar de me sentir em pânico. É difícil receber tudo isso em um dia, primeiro meus pais, que haviam morrido e eu ainda não sabia o motivo, embora suspeitasse que tudo que Ravi me contou tivesse a ver com isso. Depois descubro que um demônio está atrás de mim, provavelmente querendo me matar, já que aparentemente sou uma ameaça, quando na verdade sou tão impotente quanto.

Acho que demoro demais no banheiro, pois Ravi bate na porta e entra parecendo preocupado. Ele diz que iremos passar a noite na casa de Arnald e me leva para o quarto de hóspedes, sento na cama me sentindo desolada e quando Ravi começa a se afastar, seguro o braço dele e peço que fique. Não vou conseguir dormir sozinha essa noite, talvez nunca mais, pois agora — por mais maluco que pareça — sei que criaturas cruéis e sanguinárias existem e uma delas está atrás de mim.

CAPÍTULO 19

Depois de um café da manhã em discussão acalorada, Ravi finalmente cede e entende que eu devo ir ao funeral. Ele teme que os *dakinis* estejam na cidade, já que os vampiros hindus não são mortos pelo sol como os americanos, eles só o evitavam. Para piorar, o dia está chuvoso e não há sinais de raios de sol.

Como a maioria das minhas roupas foi destruída, acabo usando a mesma calça de ontem, mas com uma blusa e lingerie diferentes, graças à governanta do professor Arnald.

Saímos do apartamento às dez da manhã e como eu havia recebido o endereço da casa funerária no meu celular, vamos direto para lá. Para minha surpresa, o local está cheio e vejo alguns rostos de conhecidos amigos dos meus pais. A maioria se aproxima e me oferece suas condolências, mas minha mente parece nublada e tudo que eu consigo fazer é dar pequenos acenos de cabeça.

Ravi e Arnald se mantêm ao meu lado o tempo inteiro, é esperado que eu fale um discurso, mas felizmente os parentes dos meus pais se encarregam de proferir suas próprias palavras. Internamente eu quero fugir de tudo isso, chorar no travesseiro e lamentar o fato de que não me despedi de nenhum deles. O enterro é o pior momento da minha vida; ver os caixões sendo abaixados me provoca um sentimento de desespero e Ravi precisa me abraçar bem forte para que eu não desmaie.

Quando as pessoas começam a ir embora, avisto Hope entre a multidão. Os olhos dela estão vermelhos e sua expressão exhibe um olhar desnordeado. Quando ela finalmente pousa seus olhos em mim, aproxima-se um pouco hesitante, como se temesse a minha fuga. Cutuco Ravi com os dedos e recebo um aceno dele, que entende que é o momento de analisar se Hope é ou não um *dakini*.

— Jennifer, vamos esquecer tudo que aconteceu ontem. Sinto muito... De verdade. — A voz dela está abafada pelo choro e quando ela se aproxima, dou um passo cauteloso para trás.

— Tudo bem... você só estava tentando me ajudar. — Minha voz sai rouca e tão fria que Hope recua um pouco assustada.

— Me ligue quando estiver bem, ok? Estarei sempre lá por você... — ela me lança um último olhar de tristeza e quando se vira para ir, Ravi está no campo de visão dela.

Reparo os dois se encarando por um tempo e começo a ficar ansiosa, se Hope realmente for um *dakini*, o que acontecerá? Conheço-a tempo demais e sei que notaria se ela tivesse algum hábito estranho, mas me sinto tão assustada com todas as revelações, que é impossível não desconfiar dela.

Finalmente Ravi se afasta e Hope sai sem olhar para trás, encaro-o em busca de respostas e ele balança a cabeça em negativa. Voltamos para o carro de Albert e suspiro de alívio, pelo menos Hope não é uma daquelas criaturas. Começo a suspirar aliviada quando Ravi finalmente solta a bomba.

— Ela não é um *dakini*, mas foi usada por um. Os pensamentos dela estão confusos, plantaram falas para ela dizer. — Estremeço com as palavras dele e o professor Arnald me olha temeroso.

— Ela não me pareceu estranha nos últimos dias... — digo finalmente, tentando rever as semanas passadas.

— Talvez ela tenha tentado lhe apresentar alguém? Ou fez perguntas sobre a sua vida? — Arnald sugere enquanto mantém um olho no trânsito.

— Bom... há o Clay, ele é o motorista de Eric. Hope nos apresentou, embora não tenha dado certo — digo pensativa. — Mas eles não podem ser *dakinis*, estivemos na praia e também os vi comer, pareciam satisfeitos.

— Não se engane, Nalini, eles podem ser o que quiserem — Ravi fala com um ar sério e visivelmente preocupado.

— Gostaria de passar na minha casa... — falo devagar, esperando ser contestada.

— Seria bom, eu poderia tentar a rastrear a energia, caso o incêndio tenha sido provocado por alguma outra criatura. — Ravi segura minha mão entre a sua e dá um leve aperto de confiança.

— Então iremos para lá, mas não vamos nos demorar... — Arnald diz, tomando o caminho para minha casa.

As ruas passam como um borrão, enquanto me sinto confusa sobre o que sentir quando ver minha casa em pedaços. Havia tantas histórias naquelas

paredes, que hoje estavam esquecidas pelas cinzas. Instantaneamente fico feliz por ter Ravi ao meu lado, durante a noite ele me abraçou de forma carinhosa e me senti totalmente entorpecida por sua energia. Existiam tantas dúvidas na minha cabeça, tantas coisas que eu gostaria de perguntar, mas resolvi me concentrar somente na força dele.

Quando chegamos à minha casa, o choque inicial é ver o quanto está destruída. Algumas paredes ainda estão de pé, mas a quantidade de entulhos e cinzas tornam impossível conseguir visualizar o que era tudo aquilo antes. Saio do carro e caminho em passos lentos, sentindo as lágrimas encherem meus olhos. Meu lar está destruído e tudo que eu mais amava havia ido embora com ele também.

Ravi aperta meu ombro de leve e se coloca à frente, caminhando em torno do terreno e estendo as mãos para captar alguma coisa. Para minha surpresa, fragmentos de uma espécie de energia verde fluem por suas mãos e enquanto ele estremece com os olhos fechados, professor Arnald murmura o quanto aquilo é magnífico, pelo menos alguém está se divertindo nessa história toda.

Quando Ravi finalmente abre os olhos, ele caminha decidido em meio aos entulhos, parando finalmente em um amontoado de cinzas, ele se agacha e remexe um pouco a terra. Quero perguntar o que está acontecendo, mas logo ele se levanta e vem em minha direção. Seguro um suspiro de espanto quando vejo o que está em suas mãos. Meu colar de flor de lótus brilha em meio à sujeira, parecendo intocável.

Pego-o entre as mãos de Ravi e limpo a sujeira com os meus dedos, agora que entendo sua verdadeira origem, sei que preciso superar a raiva que sentia dos meus pais, que aparentemente são um rei e uma rainha de um reino amaldiçoado. Ainda que isso tudo pareça loucura, coloco o colar sobre o meu pescoço e recebo um olhar de consentimento vindo de Ravi.

Acabamos fazendo nosso caminho de volta e Albert sugere que eu compre algumas roupas novas, já que meu guarda roupa está muito limitado. Felizmente eu ainda tenha minha bolsa, com documentos e cartões de crédito. Acabo aceitando a sugestão e enquanto vamos ao *shopping*, pergunto-me como posso estar pensando em fazer compras, quando minha vida está um caos.



No *shopping*, Ravi parece desconfortável e confuso. Não gostou da escada rolante e enquanto eu escolhia calças e blusas básicas, tentou me coagir a comprar vestidos, que segundo ele eram mais bonitos e adequados para uma dama. Segurei um sorriso, imaginando que o mundo dele era muito diferente do meu, embora a dimensão a qual ele tenha mencionado, “O Véu”, não me parecesse tão atrativa.

Acabei comprando um único vestido azul, que combinava com os olhos de Ravi, o qual ele pareceu visivelmente satisfeito. Arnald resolveu presentear Ravi com calçados e enquanto as vendedoras pareciam maravilhadas com a beleza dele, revirei os olhos e observei alguns sapatos, escolhendo dois pares para mim.

Finalmente caminhamos para a praça de alimentação. Ravi adorou o hambúrguer e comeu quatro de uma vez, parecendo maravilhado e murmurava o tempo todo que adorava um banquete. Eu não consegui comer muita coisa, lembrando diversas vezes dos meus pais, que adoravam alimentos mais calóricos e se divertiriam com o apetite de Ravi. O professor Arnald pareceu notar o meu desânimo e sugeriu que voltássemos para o apartamento.

Estávamos na Nona Avenida quando o carro de Arnald recusou-se a prosseguir. Encostamos e o professor deu a chave do apartamento para mim e para Ravi, dizendo que deveríamos ir em frente, enquanto ele chamava um guincho. Sem muitas alternativas, Ravi e eu caminhamos lado a lado na rua e percebi que o olhar dele ia para todas as direções visivelmente preocupado.

— Esta tudo bem? — pergunto um pouco desconfortável.

— Estou sentindo algo... — ele diz em sussurro, apertando sua mão na minha.

— Está tudo bem, vamos apressar o passo — digo cautelosa, começando a olhar em todas as direções.

— Não há tempo, corra, Jennifer... Não pare até que entre no prédio. — Ravi me empurra para frente a fim de me acordar do meu transe e antes que eu possa argumentar, um homem pálido cai bem em frente a Ravi, entortando o pescoço de uma forma estranha.

— É bom revê-lo, Ravi... — A voz do homem é fria e desprovida de emoções, provavelmente um *dakini*. Não consigo ver seu rosto, mas seus cabelos são brancos e seu pescoço fino é extremamente maleável.

— Jennifer, corra! — Ravi grita tão alto que me obrigo a andar, não

esperando para ver se o *dakini* vem atrás de mim.

Corro a passos desesperados, empurrando várias pessoas que murmuram xingamentos. Estou avistando o prédio do professor, quando duas figuras surgem em meu campo de visão. Uma delas é uma mulher, com os cabelos ruivos bagunçados, vestindo preto da cabeça aos pés. O homem tem um olhar divertido no rosto, embora seus olhos sejam brancos leitosos, diferentes do da mulher que são verde floresta.

Dou meia e volta e refaço meu caminho, correndo com pouca destreza, já que minhas calças jeans não me deixam ser muito ágil. Sinto a risada da mulher nas minhas costas e para minha surpresa, o homem já está parado na outra esquina, divertindo-se com meu espanto. Olho para os lados exasperada e resolvo atravessar a rua. Entro na frente de alguns carros e ouço alguns motoristas me xingarem por serem obrigados a frear bruscamente.

Continuo correndo e me embrenho em uma praça arborizada, como já passa das quatro da tarde, há poucas pessoas no local e me limito a continuar correndo, mesmo com o meu corpo protestando por descanso. Finalmente paro e tomo fôlego, olhando para os lados e torcendo para tê-los despistados. Começo a caminhar na direção do prédio de Arnald, quando uma mão fria segura meu braço.

— Aonde você pensa que vai, Jennifer? — Para meu total espanto, é a voz de Clay e solto um grito assustado, tentando me desvencilhar dele.

— Solte-me, Clay, ou qualquer que seja seu nome — digo com raiva, observando os olhos castanhos que eu havia admirado se tornarem brancos leitosos como o do outro *dakini* na rua.

— Ora, não fique tão chateada. Você começou a gostar de mim, uma pena não termos ido adiante. — O sorriso diabólico dele me deixa enojada e tento me afastar novamente.

— Não sei o que vocês querem, mas não sou ameaça nenhuma a rainha de vocês, pretendo ficar no meu mundo — falo com firmeza na esperança de que Clay me solte.

— Ah, então Ravi não lhe contou tudo, não é? Interessante... — Clay abre um sorriso de divertimento e me puxa mais para perto, deixando seu rosto próximo a mim. — Minha senhora quer que você seja dela e é isso que vai acontecer, Jennifer, vou levá-la agora.

— Acho que podemos discordar nisso. — Ouço a voz de Ravi, que por um momento parece tão fria quanto a de Clay.

— Apareça, feiticeiro, vou acabar com você como fiz com o seu pai. —

Clay olha para os lados buscando Ravi que ainda não deu as caras.

— Discordamos nisso novamente. — Ravi diz com raiva reverberando em sua voz, então ele aparece atrás de Clay que, ao se virar, é envolvido por uma nevoa dourada fluindo das mãos de Ravi.

Clay me solta com espanto e sinto meu corpo cair com um baque no chão. Olho atônita para a cena e vejo Clay gritar, enquanto a fumaça dourada lhe queima a pele, que fica cada vez mais vermelha e ferida, até o momento em que ele consegue rastejar para fora da fumaça e corre pelo campo, sumindo de nossas vistas.

— Você está bem? — Ravi pergunta preocupado, ajudando-me a levantar.

— Sim, desculpa não ter conseguido chegar ao prédio, fui cercada — digo de forma derrotada.

— Tudo bem, você ainda não está preparada... — A voz dele parece hesitante e me lembro do que Clay falou.

— O que você ainda não está me contando, Ravi? — pergunto temerosa pelo que pode estar por vir.

— Venha, vamos para a casa de Arnald, ele já chegou lá. Vou explicar tudo em breve. — Aceito a mão dele estendida e caminhamos em passos largos em silêncio.

Quando chegamos ao prédio, Arnald parece aliviado ao me ver. Segundo ele, dois *dakinis* também o haviam interceptado, mas como a rua estava movimentada, usou isso como uma estratégia, mesclando-se às pessoas, até finalmente conseguir chegar ao prédio. O carro teve alguns cabos cortados, provavelmente um *daniki* os cortou enquanto estávamos no *shopping*.

Ravi diz ter matado dois deles, mas há outros, mais do que esperamos e por isso fico ainda mais assustada. O prédio está enfeitiçado e embora não vá durar mais do que alguns dias, Ravi diz que pode realizar o encantamento de novo, embora sua energia esteja muito fraca.

— O que podemos fazer para deixá-lo mais forte? — Arnald pergunta visivelmente preocupado.

— Não há muito que fazer, minha energia se desfragmenta rápido nesse mundo... — ele diz com a voz fraca e percebo o cansaço em suas feições.

— Você precisaria voltar ao Véu para se recarregar? — pergunto curiosa.

— Eu não venho do Véu, Jennifer. Meu mundo está localizado em *Asuras*, uma dimensão intermediária. Há vários tipos de seres sobrenaturais lá, pouquíssimos humanos, mas é segura e é onde a magia flui livremente. — Assusto-me um pouco por saber que há mais outra dimensão.

— São quantas dimensões ao todo? — pergunto curiosa, já que não imagino a amplitude do universo.

— São seis: o Véu, a dimensão mais baixa, também chamada de *Naraká*. *Pretá*, o reino dos espíritos onde vivem as almas vagantes e que ainda não reencarnaram. *Asuras*, a dimensão intermediária onde vivem feiticeiros, bruxas e todas as criaturas que possuem magia. Tem esta dimensão humana a qual nós chamamos de *Manushya*, há também *Tiryak*, que é uma terra sem leis, habitada em sua maioria por criaturas de pura ignorância e por fim o Reino dos Deuses, o qual nós chamamos de Devas.

— Você já visitou todas? — recebo um olhar divertido de Ravi quando pergunto.

— Não há como entrar e sair de dimensões assim, Jennifer, nasci e fui criado em *Asuras*, consegui vir para esse mundo graças a um feitiço poderoso e também por que estou destinado a ser seu guardião. — Ele me lança um olhar penetrante e sinto minhas bochechas corarem.

— Os *dakinis* e Kali vivem em *Naraká*? — pergunto já imaginando a resposta.

— Sim. Juntamente com os Rashid... — ele diz baixinho.

— Como assim? Os Rashid ainda estão vivos? — pergunto incrédula.

— Eles estão amaldiçoados, Jennifer, a corte inteira deles foi transferida para *Naraká*, eles servem como empregados de Kali, que os atormenta e tortura. — Ravi fala com tanta raiva, que sinto meu estômago revirar.

— Eles são imortais? — pergunto um pouco confusa com a história.

— Eles são *dakinis*, foi um dos preços que eles pagaram. Só podem ser libertados quando Kali e seu filho morrer. — Ravi bagunça o cabelo parecendo incomodado com o assunto.

— E somente Jennifer pode derrotá-la... — Arnald fala para si mesmo de forma pensativa.

— Não posso não, vocês viram hoje, sou um desastre — digo assustada, já que realmente fiquei com medo dos *dakinis*.

— Sim, somente ela. Mas não pode fazer isso aqui no reino humano, aqui ela não se fortalece — Ravi diz com um olhar penetrante e antes que eu possa argumentar, ele se levanta e sai da sala.

Penso sobre o que ele disse, na maldição em que vivem os Rashid. Eternamente atormentados por Kali, sendo que o rei só tentou fazer o bem. Embora eu me compadeça por eles, sei que não posso salvar ninguém, quando nem a mim mesma eu consigo salvar. Pensar em ir para outro mundo

é totalmente loucura, parece que a vida está me pregando peças demais.

CAPÍTULO 20

Arnald insiste em nos preparar um jantar e passa o resto da tarde na cozinha, entretido em suas próprias receitas. Ravi resolve descansar um pouco, para tentar recuperar parte de sua energia perdida. Sem muito que fazer, acabo ligando para Karlie e explico o que aconteceu nos últimos dias. Para minha surpresa, ela já havia sido informada e diz que eu posso retornar ao trabalho na semana seguinte.

A conversa não é muito longa, embora Karlie insista em saber onde eu estou hospedada. Limito-me a dar respostas vagas, já que minha chefe também pode representar um perigo e pensar nisso me deixa ainda mais paranoica. Quando termino a ligação, Arnald anuncia que o jantar está pronto. Pondero sobre acordar ou não Ravi, mas para minha surpresa ele aparece na sala, exibindo o mesmo olhar cansado, o que significa que dormir não funcionou bem para ele.

A comida de Arnald é muito saborosa e fico surpresa com a variedade de pratos que ele sabe fazer. Pergunto-me porque ele não se casou, já que possui estabilidade para tanto, mas acho que esse não é um assunto para ser perguntado assim de repente e me limito a comer em silêncio, enquanto Ravi e ele parecem entretidos em uma conversa.

Quando o jantar termina, ajudo Arnald com a louça, já que ele dispensou a governanta pelo resto da semana, temendo colocá-la em perigo. Quando ele se recolhe para o quarto, Ravi e eu ficamos em um silêncio confortável na sala. É incrível a forma como eu me sinto relaxada e tranquila na presença dele, é como se realmente estivéssemos destinados a nos conhecer, o que me causa certo frio na barriga e me deixa temerosa.

— Vamos para o telhado, gosto das estrelas do seu mundo. — Saio dos meus devaneios quando Ravi levanta e estende a mão para mim.

— Claro... — falo com a voz fraca e encaixo minhas mãos na dele,

sentindo a familiar energia calorosa que ele emana.

O apartamento de Arnald ficava no último andar do prédio e por isso subimos apenas um lance de escadas, antes de darmos de cara com uma vista magnífica da cidade. Embora o céu estivesse nublado durante o dia, nessa noite em especial, várias estrelas nos observam lá de cima. Sento em um dos bancos e fecho os olhos, sentindo a brisa fresca da noite bagunçar meus cabelos.

— No que você está pensando, Jennifer? — Ouço a voz de Ravi próxima ao meu ouvido e abro meus olhos devagar, deparando-me com ele abaixado na minha frente e sorrindo de forma afetuosa.

— Em tudo... Nos meus pais, nos Rashid, nos *dakinis*... enfim... é muito para absorver. — Solto um suspiro de cansaço e olho para Ravi que parece pensativo.

— Preferia que nada disso estivesse acontecendo? — ele pergunta baixinho, com um olhar triste no rosto.

— Bem, sim, eu gostava da minha vida, Ravi... não era perfeita, mas minha família ainda estaria viva e eu... — paro de falar quando sinto as lágrimas escorrerem pelas minhas bochechas. Tudo que eu consigo pensar é que em um dia eu havia perdido tudo o que mais amava.

— Eu sinto muito por tudo isso, Jennifer, se eu pudesse arrancaria toda a sua dor... — ele enxuga as lágrimas do meu rosto com o dedo e parece tão transtornado quanto eu.

— Você me salvou... mesmo quando eu não acreditei em você, sei que não pode retirar minha dor, mas só por você estar aqui, consigo me permitir alguns momentos de paz — falo com a voz embargada pelo choro e sentindo a intensidade da ligação entre mim e Ravi.

— Não há nenhum outro lugar que eu queira estar, que não seja com você, Nalini... — A voz dele é como música em meus ouvidos e deixo nossas testas se encostarem. Sinto que Ravi é tudo que me mantém firme.

— Então esteja sempre comigo... — digo em um sussurro, sentindo as palavras fluírem sobre mim.

— Este é o meu destino — ele fala com resignação e segura meu rosto em suas mãos.

Não sei quantos segundos se passam, mas estou perdida na imensidão dos seus olhos azuis. Meu olhar pousa em seus lábios, sedutoramente entreabertos. Sei que posso estar perdendo o controle, mas sinto que Ravi é a âncora que me mantém em pé, em meio a todo esse caos. Não consigo pensar

de forma coerente com a nossa aproximação e nem quero, pois me vejo colando meus lábios nos dele, que me corresponde com fervor, acendendo todas as partes adormecidas do meu corpo.

Enquanto beijo Ravi, todos os problemas desaparecem. Não estamos em Nova York, não estamos em lugar nenhum. Não há ameaça que nos alcance neste momento, porque somos só nós dois contra o mundo e eu sei que enquanto estiver envolvida pelo corpo dele, nunca estarei só. Reivindico os lábios dele com desejo e quando sinto que ficarei sem ar, afasto-me ofegante, encarando os lábios vermelhos e inchados de Ravi, que agora exibem um sorriso doce.

— Acho que nunca beijei ninguém, não tomando a iniciativa... — falo com a voz entrecortada, ainda sentindo os braços quentes de Ravi em volta da minha cintura.

— Fico feliz em ser o primeiro... — ele diz com malícia e deposita alguns selinhos meu rosto.

Retribuo as carícias e Ravi se levanta do chão, sentando ao meu lado e me colocando em seu colo. Ficamos encarando a cidade por um tempo, ouvindo somente o som das nossas respirações. Fico totalmente confortada pelos braços de Ravi e sinto um medo repentino, quando me lembro de que ele parece cada vez mais fraco, à medida que vive neste mundo.

— Se você continuar vivendo aqui... No mundo dos humanos, o que acontece? — pergunto baixinho, sentindo o corpo dele se retesar.

— Minha magia provavelmente irá sucumbir, não sei o que acontece com o meu corpo, mas já sinto alguns efeitos, como fadiga... — sinto a decepção na voz dele e pego o seu rosto entre as minhas mãos.

— Caso eu vá para *Asuras*... Vai acontecer o mesmo comigo? — por um momento, sei que é loucura querer ir para outro mundo, principalmente com as criaturas que acabei conhecendo hoje, mas sinto um incômodo no meu peito só de pensar em abandonar Ravi.

— Não, *Asuras* é uma dimensão mágica, todos os seres podem viver lá... você correria mais perigo, já que humanos não são bem-vindos, mas eu não deixaria ninguém lhe fazer mal. — Ele me abraça um pouco mais forte e sorri animado.

— Não sei se consigo fazer isso, Ravi... Ir para outra dimensão, salvar os Rashid, como você mesmo viu eu não tenho poder nenhum — digo desapontada com a minha inutilidade.

— Aqui você não tem magia, Jennifer, justamente porque esse mundo só tem traços dela que são logo expurgados. Em *Asuras* você seria treinada a desenvolver a parte de você que está conectada a Durga e não vim até você para salvarmos os Rashid... Vim para protegê-la de qualquer mal, porque este é o meu dever — ele diz com uma seriedade e confiança que me espantam.

— Como você sabe que deveria ser meu guardião? Eu não entendo... — falo um pouco confusa.

— Fui treinado por sua tia, Adjra Rashid. Meu pai era o general do exército do seu pai, minha mãe ficou grávida na mesma época que a Rainha. Adjra resolveu salvar nós dois, mas eu fui deixado em *Asuras*, onde fui treinado por ela. Enquanto você veio para o futuro, pois era mais seguro aqui em *Manushya* — fico um pouco espantada com a história dele e não imaginava ter uma tia que ainda está viva.

— Você diz que aqui é o futuro... Os tempos passam de forma diferente em cada dimensão? — pergunto incomodada, já que se Adjra realmente está viva, deve ter uns trezentos anos.

— Sim e não, depende do local em que estamos em cada dimensão. É um pouco confuso... mas feiticeiros tem vidas longas e envelhecemos devagar também — ele fala de forma pensativa.

— Então você conhece Adjra... a mulher que me trouxe até aqui... — falo um pouco incomodada, pois ainda não decidi qual sentimento nutrir por ela.

— Sim, mas não se ressinta... Tudo que ela fez foi para mantê-la a salvo. — ouço o tom defensivo na voz dele e sei que ele a admira.

— Não estou me ressentindo, eu só não a conheço... E tudo que sei é que ela me trouxe aqui para me manter protegida e mesmo assim os *dakinis* me encontraram e ainda mataram meus pais. — Sinto o ressentimento na minha voz e Ravi se levanta abruptamente, colocando-me no banco, ele parece chateado.

— Acredite, Jennifer, se você estivesse em *Asuras* já estaria morta há muito tempo — ele fala com um olhar descontente em minha direção.

— Então por que vocês querem que eu vá até lá agora? — pergunto na defensiva, sentindo-me um pião em meio aos planos da minha tia misteriosa.

— Porque agora eu e ela somos fortes o suficiente para protegê-la e também podemos nos camuflar com feitiços por lá, além disso, você precisa aprender a se defender — ele fala com mais calma, aproximando-se novamente de mim.

— Eu preciso pensar, Ravi... Isso tudo é muito confuso. — Levanto-me e começo a descer as escadas com Ravi em meu encalço.

— Você tem seu tempo para pensar, Jennifer, embora ele seja limitado. Mas não se esqueça de que aqui você não está em segurança, muito menos as pessoas que você gosta. Kali é cruel e os filhos dela estão dispostos a tudo para agradá-la. — Ele para na escada e me lança um último olhar antes de voltar ao telhado.

Faço meu caminho para o apartamento de Arnald e me sinto ainda mais confusa do que antes. Ravi tem razão; em parte estou colocando muitas pessoas em riscos ao viver aqui, totalmente desprotegida. Meus pais foram vítimas da crueldade de Kali e uma sede de vingança começa a se aflorar em mim. Eu preciso detê-la e matar todos os *dakinis* que me separaram das únicas pessoas que me amaram.

Mas ir para outra dimensão parece muita loucura. No entanto, eu tenho Ravi e se o que ele diz for realmente verdade, eu posso tentar me fortalecer e ser capaz de destruir aquelas criaturas. Eu só não quero me tornar um pião de Adjra, mas posso usar todo o conhecimento que ela tem ao meu favor e me vingar dos demônios que destruíram a minha vida.

CAPÍTULO 21

— Você tem certeza disso, Jennifer? — Arnald me pergunta, meio consternado, aparentando uma visível preocupação com a minha ideia.

— Sim, vou voltar ao museu. O espelho está lá e sou a única que pode vigia-lo, assim posso ver quantos *dakinis* estão vindo para essa dimensão e se estão tendo ajuda — digo decidida enquanto pego minha bolsa.

Depois de ter pensando muito pela noite, resolvi que realmente precisava ir para *Asuras*, mas não sem obter algumas respostas. Aparentemente, alguém está ajudando os filhos de Kali a vir para esta dimensão e minhas principais suspeitas recaem sobre alguém do museu, com acesso amplo a sala onde está o espelho. Para descobrir isso, resolvi que irei comprar uma aparelhagem de câmeras espiãs, poderíamos supervisioná-las noite e dia e finalmente descobrir quem estava por trás disso.

— Eu estarei por perto. O espelho de *Vishnu* ficava em uma câmera escondida no castelo dos Rashid, se ele veio para essa dimensão, com certeza teve ajuda de fora. Kali queria trazer mais *dakinis* até aqui e também atraí-la — Ravi fala pensativo.

— Você conseguiu vir pelo espelho, ninguém te viu sair dele? — pergunto curiosa.

— Não, eu ouvi um chamado e em pouco tempo estava entrando no espelho do meu quarto. Quando cheguei aqui, encontrei você desmaiada e não demorei muito a entender o que estava acontecendo. Senti a energia dos *dakinis*, por toda aquela sala do museu — Ravi fala com um olhar distante, provavelmente se lembrando.

— Bom, acho que podemos descobrir quem está por trás disso então, e depois iremos para *Asuras*. — Arnald fala tentando camuflar a empolgação.

— Nós? Você ficará aqui, professor, é muito arriscado — digo em tom descrente, já que não posso colocar mais alguém em perigo.

— A vida é arriscada, Jennifer, seja em qualquer lugar em que ela for vivida. Além disso, já cansei dessa vida mundana, preciso conhecer o mundo de Ravi — ele fala com os olhos brilhando e vejo que Ravi está sorrindo em resposta.

— Ah, professor... Sei que não posso detê-lo, mas peço que reconsidere... — digo um pouco desanimada e começo a reunir minhas coisas. — Vou comprar as câmeras antes e Ravi vai instalá-las no museu, quando tiver notícias envio uma mensagem.

Despeço-me de Arnald, torcendo para que ele mude de ideia, mas sei que o olhar dele é decidido. Quando entramos no carro, Ravi murmura outro encantamento e diz que estaremos seguros por algumas horas. Passamos em uma loja de eletrônicos e não faço contato visual com os vendedores, que parecem visivelmente incomodados com a quantidade de aparelhagem que eu compro.

Ravi observa tudo de forma obediente e como faltam algumas horas para o museu abrir, paro o carro algumas quadras antes e pego os manuais tentando explicar para ele como instalar tudo. Confiro minha agenda eletrônica e vejo que não tem visitas agendadas para esta manhã, o que deve ser tempo suficiente para conseguirmos executar a tarefa.

— Posso utilizar magia, Jennifer, esses manuais me parecem confusos — ele diz incomodado, enquanto observa os desenhos com uma careta.

— Você já está usando energia demais e se não conseguir abrir o portal para *Asuras*? — indago preocupada, já que tenho observado que Ravi está cada vez mais cansado.

— Posso usar o seu colar, há magia de Adjra nele — ele fala com um olhar direcionado ao meu pescoço, mas que logo sobe para os meus lábios.

— É... hã... não sabia disso... — digo de forma desconcertada, enquanto Ravi se aproxima e pega meu rosto em suas mãos.

— Não se preocupe tanto comigo, assim que eu chegar a *Asuras* me sentirei bem — ele fala com a voz sussurrada e aproxima nossos lábios.

O beijo de Ravi é calmo e hesitante, esperando meu consentimento. Não hesito e deixo nossas línguas se unirem, perdendo-me novamente no calor dos braços dele. Deixo minhas mãos se espalmarem pelas costas musculosas de Ravi e me pergunto como será a visão delas sem camisa. Acho que solto um gemido fraco, pois Ravi me puxa para o seu colo em resposta e segura

meus quadris com força, enquanto seus lábios começam a descer pelo meu pescoço e chegam próximos ao decote da minha blusa. Quero pedir que ele continue, mas uma batida na janela me assusta e saio do meu torpor.

— Não é permitido essas demonstrações de afeto aqui, senhorita, vocês terão que sair. — A voz do guarda me faz pular de volta para o meu assento e me vejo pedindo desculpas com o rosto corado.

Ravi também se desculpa, mas não parece nem um pouco abalado, me pergunto se em *Asuras* as coisas não são assim. Dou partida no carro e faço o caminho para o museu, o trânsito turbulento me deixa ansiosa e Ravi, percebendo meu nervosismo, entrelaça nossas mãos, depositando um beijo cálido que me faz ficar arrepiada.

— Você consegue usar o espelho do carro, não sei... para ir até minha sala? — pergunto confusa, quando estaciono próximo ao museu.

— Sim. Não se preocupe, estarei lá e vou levar os aparelhos comigo. Tenha cuidado — ele deposita um beijo demorado na minha testa.

Saio do carro e tento parecer o mais normal possível enquanto entro no museu. A maioria dos funcionários me cumprimenta e dá condolências pela minha família, agradeço a todos de forma gentil e no caminho passo pela sala de Karlie; um guarda me informa que ela ainda não está. Vou direto para minha sala, temendo encontrar Baahir, o que felizmente não acontece e para minha surpresa Ravi já me espera no sofá.

— Minha chefe está fora de vista, o que nos dá um bom tempo... tem o Baahir, não sei se ele chegou... então vou averiguar — digo um pouco nervosa.

— Baahir... — Ravi fala pensativo.

— Você o conhece? — pergunto confusa, vendo o rosto de Ravi se tornar obscuro.

— É um nome antigo, Jennifer, significa “*aquele que caminha ao lado das sombras*”. — Olho assustada para Ravi e começo a me perguntar se Baahir pode ser um *dakini*.

— Você acha que ele pode ser um *dakini*? Digo... Eu sempre senti uma energia negativa vindo dele... — falo pesarosa, me lembrando do desconforto que sinto ao estar perto desse homem.

— É possível, mas só posso saber rastreando a energia dele... — Ravi caminha de um lado para outro na sala, visivelmente preocupado.

— Olha, tudo bem. Mesmo que ele seja, vou descobrir se está no prédio primeiro — pego o telefone e disco o número da recepção.

Para o meu total desconforto, descubro que Karlie, Baahir e mais algumas pessoas estão em reunião na sala indiana. Sinto meu estômago se apertar no mesmo momento e Ravi, percebendo minha expressão, pega minha mão e começa a nos arrastar pelos corredores.

— Precisamos ir embora, Jennifer, se estão todos aqui... Não sou forte o suficiente agora — ele diz com pânico na voz.

Passamos em passos apressados pelo corredor e quando nos deparamos com a porta da sala indiana, Ravi ajoelha no corredor, segurando a cabeça e murmurando algo sobre sentir muita dor. Coloco o braço dele sobre o meu ombro e volto para minha sala, sabendo que não podemos sair desse jeito pelo museu.

— Vou ligar para o Arnald e pedir que ele venha nos buscar — falo com o celular na mão, enquanto espero o professor atender.

— Estou muito fraco e a energia deles é esmagadora, alguma coisa muito ruim está acontecendo naquela sala — Ravi fala com dificuldade, enquanto sua respiração fica ofegante.

Arnald atende após alguns instantes e explico a situação para ele. Ele diz que estará no museu em vinte minutos e nesse meio tempo, olho para Ravi preocupada e temendo mais ainda que Karlie e seus companheiros descubram que estou na minha sala.

— Você consegue atravessar o espelho até o carro lá fora? — pergunto preocupada, já que consigo sair furtivamente, mas não carregando Ravi.

— Não sei... minha energia está muito fraca Jennifer, posso acabar indo para outro lugar — ele diz pesaroso e fazendo uma careta de dor.

— Então eu acho que já sei o que faremos... — digo pensando em uma ideia.



Minutos depois, Ravi está sendo levado em uma maca por paramédicos, enquanto eu caminho de forma rápida e furtiva pelos corredores. Confirmo com a recepcionista e a reunião no salão ainda não terminou, o que acaba nos dando tempo para sair do prédio. Arnald que está com o carro parado do outro lado da rua, fica pasmo quando Ravi murmura um encantamento e enfeitiça os paramédicos, que saem desorientados e com a ambulância vazia, rumo ao hospital.

Caso Karlie e Baahir perguntem alguma coisa, só saberão que um visitante

passou mal e teve que ser socorrido pela emergência. Ravi também confundiu a mente dos seguranças e da recepcionista, que não saberão dizer se eu visitei ou não o prédio. Quando entramos no carro de Arnald, percebo o olhar assustador do professor ao ver Ravi, que parece visivelmente mais pálido e começou a transpirar nos últimos minutos.

— Ravi... Você precisa ir para *Asuras*? — pergunto preocupada, já que não sei o que fazer para ajudá-lo.

— Sim, Nalini... passei tempo demais aqui... — ele fala com a voz fraca e entrecortada.

— Não dá para usarmos o espelho agora... Como faremos? — pergunto nervosa, pensando em alguma alternativa.

— Água corrente... — ele fala com um suspiro fraco. — Podemos usar água corrente, ela nos direcionará ao espelho.

— A ponte do *Brooklyn* é a mais próxima — Arnald fala com entusiasmo.

— Mas, Ravi, nós só temos que estar na ponte, não é? Não precisamos pular... — pergunto temerosa, já que tenho medo de altura.

— Sim, só precisamos estar no meio dela — ele fala baixinho.

Peço a Arnald que vá para a ponte, parece loucura ter que ir para *Asuras* justamente agora, sem nenhum suplemento e preparação, mas Ravi está muito mal e eu não posso arriscar perdê-lo. O trânsito está lento e quando estamos a alguns metros da ponte, peço a Arnald para estacionar e digo que seguiremos a pé. Ravi caminha em passos lentos, com o auxílio de Arnald, e parece mais animado com a perspectiva de finalmente ir para o seu mundo.

Finalmente chegamos à ponte e caminhamos devagar rumo ao centro, Ravi diz que precisará se concentrar e usar meu colar. Estamos quase na metade quando solto um grito assustado ao ver Clay e mais três homens desconhecidos, ambos cercando nossa passagem. Tento fazer o caminho de volta, mais outros quatro *dakinis* impedem nosso caminho.

— Ora, Ora... Estava pensando em viajar sem mim? — Clay fala com uma voz maliciosa e começa a caminhar até nós.

— Ravi, se você tem que fazer alguma coisa... O momento é agora... — digo em pânico enquanto arranco o colar do meu pescoço.

— Deem as mãos, fiquem perto da grade — Ravi fala com pânico na voz e murmura um encantamento, que faz Clay e os outros *dakinis* caírem no chão.

Arnald e eu fazemos como foi pedido, enquanto Ravi também segura nossas mãos, ao mesmo tempo em que uma redoma verde surge a nossa volta. Percebo que Ravi está se esforçando para nos proteger e sem saber a

quem pedir, rogo a Durga que nos proteja e dê energia o suficiente para nos tirar dali. Ravi pega o colar entre as mãos e murmuram palavras em hindi, um redemoinho se forma na água e Ravi assente para mim.

— Temos que pular... — ele diz com esforço, enquanto mantém o escudo.

— Você disse que não precisava pular — falo assustada, enquanto olho para a altura da ponte.

— Não tenho energias o suficiente, para trazer o portal até aqui em cima Jennifer, precisamos ir agora — ele fala exasperado.

Começo a tentar me afastar da borda e sentir vertigens ao olhar para baixo, mas Arnald me puxa com o braço, enquanto Ravi me segura pelo outro, escondo meu rosto no pescoço dele e solto um grito estridente enquanto o chão some de nossos pés e caímos em direção à água. O frio na barriga é inevitável e sinto meus olhos lacrimejarem de desespero, estamos caindo por tanto tempo que não tenho certeza se realmente estamos em Nova York ainda.

Abro os olhos e espio onde estamos e vejo que está tudo escuro, a única coisa que sinto são as mãos de Ravi e do professor segurando firmemente na minha. Começo a me remexer e ouço o grito de Ravi me mandando ficar calma. Um barulho de vento muito alto ressoa pelos meus ouvidos e de repente sinto nossos corpos caírem com um baque no chão. A dor na minha cabeça é instantânea e sinto minha consciência começar a se esvaír, onde fico presa na escuridão.

CAPÍTULO 22

Abro os olhos com dificuldade e uma luz dourada os faz arder. Solto um gemido de frustração e ouço Ravi dizer palavras incompreensíveis. Levanto meu corpo com dificuldade e olho em volta ainda desorientada. Minha cabeça dói e sinto que minha coluna protesta à medida que fico sentada. Arnald e Ravi abrem sorrisos hesitantes ao me verem acordar, abro boca para perguntar o que está errado, mas então me recordo de onde estamos e olho em volta assustada.

— Nós conseguimos? Estamos em *Asuras*? — Minha voz sai rouca, enquanto observo o espaço a minha volta.

Há um gramado denso e muito verde, com um céu alaranjado que me faz pensar que estamos prestes a presenciar um pôr do sol, mas não há nenhum sinal do astro. Para todos os lados que olho só há grama e o campo parece não ter fim, coloco-me de pé e aceito o braço de Ravi para me amparar.

— Sim, estamos em *Asuras*. Esta é a *colheita*, precisamos sair daqui — Ravi fala em um tom grave e ao observar o rosto dele, vejo claros sinais de melhora em sua condição física.

— Como assim *colheita*? Não vejo nada para se colher aqui... — digo começando a me sentir temerosa.

— Eles não colhem frutos... colhem criaturas, esse campo é a fonte de alimento de uma espécie chamada *Ikumuru*, os abutres vem aqui justamente para comê-los. — Ravi fala com tanta naturalidade que quase solto um suspiro desanimado.

— Então vamos dar o fora daqui, aonde é a sua casa? — pergunto incomodada quando vejo Arnald caminhando mais frente, com o celular nas mãos.

— A cidade é a alguns metros daqui... — Ravi se vira para a direção que eu olho e corre até Arnald assustado. — Professor, venha aqui, não é bom nos

separarmos. Os abutres apreciam a carne humana também.

Arnald olha assustado para Ravi e se coloca próximo de nós, desligando o celular. Começamos a caminhar, sempre olhando para os céus em busca de alguma ameaça. Eu não sei se os abutres são os mesmos que eu conheço, mas temo perguntar e ficar assustada. Após um tempo de caminhada, chegamos a uma ravina e percebo que lá embaixo, uma cidade com construções medianas nos aguarda.

— É lá que você vive? — Arnald pergunta curioso, voltando a tirar fotos com o celular.

— Sim, iremos encontrar Adjra lá também. — Ravi me lança um sorriso hesitante e resolvo retribuir, já que não quero desapontá-lo.

— Como descemos? — digo observando o caminho que parece muito íngreme.

— Vamos dar a volta, há uma trilha. — Ravi se vira para o campo e nos obriga a segui-lo.

Começo a me sentir incomodada com o calor que faz nesse lugar, neste lado do campo a grama quase chega à minha cintura e o mato pegajoso começa a me deixar aflita. Passamos um tempo em silêncio, ouvindo somente o som do vento, quando uma agitação no matagal começa a me assustar.

— O que é isso? — pergunto temerosa, olhando para todas as direções.

— Se abaixem... Os abutres chegaram — Ravi fala com urgência, puxando-me para o chão.

Percebo que os abutres são piores do que eu pensava ao ouvir o som do bater de suas asas, que é alto e faz a grama chacoalhar a minha volta. Vejo pequenos olhos verdes e amarelos me observarem pela grama e quando abro a boca para perguntar a Ravi, um grito alto me faz pular e vejo os abutres recolhendo as criaturas com as línguas, que são grandes e bifurcadas, além de alcançarem longas distâncias como a de um sapo.

— O que faremos? Vamos acabar sendo vistos — pergunto em um sussurro, sentindo o corpo de Ravi ficar tensionado.

— Vou distraí-los para uma direção, vocês correm rumo à cidade. Não parem até chegar lá — ele fala olhando para o campo, parecendo ponderar sobre sua decisão. Arnald e eu assentimos preocupados.

— Tome cuidado, por favor — peço com desespero, temendo por Ravi.

— Vou me cuidar, agora corram. — Ravi se levanta em um pulo e começa a sinalizar para os abutres.

Arnald e eu nos levantamos, observando os pássaros irem até Ravi. Engulo em seco quando vejo o tamanho das criaturas que quase parecem um avestruz voador, um cheiro pútrido invade minhas narinas e começo a correr como Ravi mandou. Não ousou olhar para trás, já que ouço os gritos estridentes das criaturas e a voz de Ravi tentando atraí-las. Paro abruptamente, quando vejo que Arnald parou e está olhando com a boca aberta para um pássaro que vem em nossa direção.

Pela distância que a criatura está de nós, consigo observar que suas penas são azuis e roxas. Olhos amarelos com pupilas verticais nos encaram com interesse, a língua bifurcada está pendurada em um dos lados do bico, respigando gotas grossas de saliva pela grama. Sinto o pânico tomar conta de mim e começo a correr sem olhar para trás.

— Corra, professor... corra... — grito com assombro e empurro Arnald para frente, forçando-o a prosseguir.

Estremeço ao perceber que a criatura está próxima e a língua bifurcada é jogada em minha direção, obrigando-me a rolar para o lado para não ser atingida. Sei que aquele é o fim para mim e Arnald, já que mais pássaros começam a nos seguir. Mas de repente tenho uma ideia insana e tato o bolso da minha calça, encontrando meu celular. Começo a praguejar quando percebo que correr e usar o telefone é uma tarefa difícil, até que finalmente encontro o que procuro e dou o *play* em uma canção para pássaros. Eu havia baixado isso junto com um pacote de sons de natureza para relaxar.

A música é uma espécie de zunido que só as aves escutam, repele animais como gaviões e outras criaturas. Para minha surpresa, parece funcionar com os abutres que gritam mais alto e começam a formar uma nuvem preta no céu, afastando-se cada vez mais de nós. Solto um suspiro de alívio e me deixo cair na grama, vendo que Arnald também faz o mesmo, parecendo visivelmente cansado.

— Aquilo foi... demais, Jennifer, demais — Arnald fala com dificuldade, com a respiração entrecortada.

— Acredite, eu não saberia o que fazer se tivesse dado errado — falo com pesar e olho para o meu *iPhone*, que ainda tem um pouco de carga e mesmo sem sinal de operadora, salvou a minha vida.

— Me lembre de baixar esse aplicativo — o professor fala com um sorriso e me vejo gargalhando da situação.

— Bom... Acho que vocês estão bem, o que foi aquilo? — Ravi pergunta

com o rosto confuso.

— Jennifer usou um som para pássaros do celular dela, que acabou repelindo esses sapos voadores — Arnald fala entre risos.

— Sapos voadores... — gargalho mais alto ainda e logo Ravi nos acompanha, rindo da situação.

Começo a me levantar, mas sinto um puxão no meu braço e olho assustada, quando vejo a criaturinha de antes me encarando. Os olhos verdes são do tom da grama, mas os braços e o corpinho são feito de folhas amareladas, o cabelo parece espiga de milho e os dentinhos são tortos e sobressalentes.

— Não tenha medo, senhorita, gostaríamos de agradecê-la pela proteção. — a criaturinha fala com a voz hesitante, aproximando-se de mim com cuidado.

— Oh... não foi nada... — falo confusa e vejo que há mais deles me observando.

— Jennifer, você precisa aceitar o presente deles — Ravi fala, ajoelhando-se ao meu lado e sorrindo.

— Claro... — falo hesitante e vejo que o a grama começa a se movimentar, enquanto mais criaturinhas chegam. Todas possuem a mesma aparência, exceto pela cor dos olhos que variam entre o verde e um azul violeta. — Como é mesmo o nome deles? — pergunto a Ravi, que exhibe um olhar divertido.

— *Ikumurus*, são inofensivos e quando são ajudados, costumam retribuir. — Ravi estende a mão para outro *Ikumuru* e vejo que Arnald observa tudo animado.

— Isto é para você, senhorita, se um dia precisar de nossa ajuda, é só soprá-la. — O *Ikumuru* que havia falado comigo, o qual eu reconheço por ter uma manchinha vermelha na bochecha, me entrega um bambu com alguns furinhos em cima, provavelmente uma espécie de flauta.

— Obrigada — falo com animação e as criaturas sorriem satisfeitas, voltando a se agitar pela grama e sumindo de nossas vistas. — Uma pena eles serem caçados assim, ninguém pode fazer nada? — pergunto um pouco preocupada.

— Nesse mundo não há governantes e sendo assim não há leis, Jennifer, há somente respeito entre algumas raças... Infelizmente não podemos fazer nada — Ravi fala com pesar.

— Entendo... mas gostaria de poder ajudar... — falo me ressentindo pelos

Ikumurus.

— Precisamos ir, os abutres podem voltar... — Ravi se levanta e estende a mão para mim.

Começamos a caminhar novamente e desta vez percebo que a cidade está cada vez mais próxima. Ravi parece mais bem humorado e quando chegamos à entrada, ele pede para que eu e Arnald mantenhamos nossas cabeças baixas e não olhemos por muito tempo para ninguém em especial, já que são poucos seres humanos que vivem aqui e a maioria não é bem-vinda.

A cidade de *Rakha* é a coisa mais estranha que eu já vi na minha vida. Ravi explica que é um dos lugares onde mais há concentração de seres vivos nesse mundo e que a cidade é tão extensa, que nem mesmo ele conseguiu percorrer todo o seu perímetro. O mais estranho são as construções, todas irregulares e apertadas demais do meu ponto de vista. As ruas também são estreitas e de terra batida, algumas vielas mal passam duas pessoas e Ravi me explica que não há transportes em *Rakha*.

Encaro todo o espaço com curiosidade e embora Ravi tenha dito que não há humanos, a maioria dos cidadãos se assemelham ao *homo sapiens*, com exceções de alguns pequenos detalhes, como olhos coloridos, penas ao invés de pelos nos braços, e até mesmo misturas de hominídeos com animais. Eu me deparo uma mulher metade felino no caminho e percebo que a variedade aqui não tem limites. Arnald parece encantado e Ravi precisa puxá-lo diversas vezes, já que ele encara todo o local com fascinação.

Enquanto percorro as ruas apertadas de *Rakha*, tudo que consigo pensar é que estou muito longe da minha própria vida e isso tudo parece um sonho ou um pesadelo, já que eu ainda não me decidi. Abaixo a cabeça e torço para que seja o primeiro, já imaginando a quantidade de surpresas que eu ainda vou vivenciar.

CAPÍTULO 23

Meia hora depois de caminhar pelos becos de *Rakha*, recebendo vários olhares em nossa direção e ouvindo estranhas conversas entre os moradores, finalmente paramos em uma espécie de mercado de pulgas, várias pessoas exibem seus ofícios na calçada, que, aliás, é um pouco maior do que as ruas que havíamos passado anteriormente. Percebo que no entorno só há lojas e embora as placas estejam em diferentes línguas, consigo avistar uma taverna e um armazém de alimentos.

Ravi para em frente a uma casa de poções e antes que eu possa perguntar, adentra no local, obrigando-nos a segui-lo. Dentro da loja há pouca iluminação, várias prateleiras contêm potes com líquidos coloridos e evito me aproximar muito, temendo acabar quebrando alguma coisa. Arnald por sua vez parece fascinado e só não toca em nada, pois recebe um olhar de advertência de Ravi.

O balcão da loja fica mais no fundo, iluminado por uma única lâmpada acesa. Não há ninguém nele e começo a me sentir estranha nesse lugar, até finalmente ouvir uma voz feminina, que acaba me despertando do transe.

— Ravi! É você? — A voz é aguda e fina, lembrou-me a de uma garotinha. Mas quando a dona dela aparece em nosso campo de visão, me assusto com a sua aparência que é um tanto quanto peculiar.

— Laha! — Ravi fala com uma voz emocionada e logo a garota se joga nos braços dele, me deixando um pouco desconfortável.

— Por que você está aqui? Onde está nossa mãe?

Seguro um impulso de interromper o reencontro, primeiro porque Laha é uma espécie de sátiro, com o rosto totalmente humano. Ela tem olhos dourados, lábios carnudos e uma quantidade generosa de cabelos loiros que caem em sua cintura. Desta para baixo, pernas peludas que se assemelham a lã de ovelha lhe adornam o restante do corpo, com cascos ao invés dos pés.

Quase me pergunto onde estão os chifres, mas como tudo nesse lugar não é como deve ser, mantenho-me calada.

Segundo porque se Ravi falou “mãe” provavelmente está se referindo a Adjra e saber que ele tem uma relação tão íntima com a mulher que se intitula minha tia, deixa-me muito desconfortável, afinal eu ainda não sei que sentimento nutrir pela estranha mulher. Percebo que todos me encaram e sacudo a cabeça tentando voltar à conversa.

— Está tudo bem, Jennifer? Está é Laha, minha irmã de criação. — Ravi abre um sorriso hesitante e percebo que ainda estou calada.

— Muito prazer, Laha, sou Jennifer Mills... E este é Arnald, um amigo e professor — falo com a voz fraca e vejo que o olhar dela permanece indecifrável, como se estivesse decidindo se gosta de mim ou não.

— Você é a quebradora da maldição? — Laha pergunta com curiosidade, examinando-me dos pés à cabeça.

— É o que dizem... — falo com sarcasmo e recebo um olhar de advertência de Ravi. — Digo, Ravi me buscou no meu mundo e me trouxe aqui para descobrir mais sobre as minhas origens.

— Você é realmente uma salvadora. — Laha caminha até mim com passos largos e barulhentos. Quando percebo, os braços dela estão a minha volta e como a altura dela é bem maior comparada a mim, retribuo o abraço um pouco sem jeito, me sentindo uma anã. — É um prazer conhecê-la. Mamãe ficará animada com a sua chegada.

Laha me solta do abraço e me encara com um sorriso esperançoso, tento retribuir mais sei que fiz uma careta. Arnald resolve se apresentar e recebe o mesmo abraço caloroso de Laha, que acaba ficando muito interessada pelos óculos do professor. Enquanto os dois conversam, me vejo encarando o lugar, começando a me arrepender por estar aqui. Este não é o meu mundo, nunca me senti tão desolada e o pior é que eu não faço ideia de como um dia voltarei para casa.

— O meu filho retornou — ouço uma voz grave e mais séria, que me faz virar para encarar a figura baixa e exótica que nos encara.

Ravi corre para abraçar a mãe, o que me deixa ainda mais incomodada. Adjra não é nada do que eu imaginava, cabelos negros como o meu caem sobre as costas dela, envolvidos em uma trança elaborada. Os olhos são esverdeados, com um rosto que eu esperava ser mais velho, mas estranhamente exibe traços de uma mulher de quarenta anos. Quando percebo que estou encarando-a, volto meu olhar para Ravi que parece muito

empolgado pelo reencontro.

— Tenho muitas novidades, mãe, mas a principal está bem aqui na sua frente, está é... — Ravi é interrompido por Adjra, que se adianta caminhando até mim.

— A herdeira dos Rashid, Nalini... Pensei que não a veria novamente. — A voz da minha tia não demonstra muita emoção, mas consigo captar uma curiosidade que lhe percorre os olhos, enquanto ela me encara. — Acho que você já deve estar a par da situação...

— Eu expliquei o que pude para ela... — Ravi fala em um tom modesto, que acaba me deixando irritada.

— Ele me explicou tudo, estou aqui para receber o treinamento e adquirir o poder de Durga. — Minha voz sai mais confiante do esperava e vejo que Adjra sorri em resposta.

— Pois é isto que iremos fazer, minha jovem, mas primeiro preciso saber tudo o que aconteceu. — Adjra volta seu olhar para Ravi esperando por respostas.

Enquanto Ravi narra nossas aventuras nos últimos dias, fico parada me sentindo desanimada toda vez que recebo um olhar da minha tia. Ainda não entendo muita coisa sobre ela, suas expressões são sempre mascaradas por sorrisos, mas algo em seu olhar me deixava desconfortável e eu me sinto cada vez mais frágil e estúpida aqui. Arnald resolve aparecer com Laha e Adjra não interpreta bem a chegada do professor, chamando Ravi para conversar em particular.

— Acho que não vou receber abraços de boas-vindas... — Arnald diz claramente desconfortável.

— Nenhum de nós vai, esse lugar é muito estranho... E essas pessoas, se é que podem ser chamadas disso, me deixam ainda mais deslocada — desabafo e encosto-me ao balcão da loja, que está cheio de papéis espalhados.

— É realmente algo fora de nossa zona de conforto, Jennifer, mas acredito que você poderá descobrir mais sobre si mesma aqui. Não deixe de dar uma chance a essa experiência. — O professor aperta meu ombro como incentivo e me obrigo a sorrir, tentando ver o lado positivo como ele.

— Minha mãe preparou alguns quartos para vocês, sigam-me... — Laha aparece em nosso campo de visão e o olhar frio que ela lança para mim me faz perceber que provavelmente ouviu a conversa.

Caminho ao lado professor pelas estantes escuras, logo estamos descendo

uma escadaria mais ao fundo, que leva para uma área subterrânea da loja. O corredor pelo qual passamos é bem iluminado e várias portas estão fechadas, paramos em duas no final do corredor e Laha diz que meu quarto é o da esquerda e que Arnald poderá ficar com o da frente. Mesmo sob a minha tentativa de pedir desculpas, a jovem sátira me deixa falando sozinha e sai batendo os cascos.

Arnald dá de ombros e abre a porta do próprio quarto, provavelmente curioso pelo que vai encontrar. Resolvo fazer o mesmo e me surpreendo ao perceber que no modesto cômodo, uma cama de madeira está encostada em um canto. Uma pequena estante com toalhas cinza e uma bacia de água repousam do outro lado do quarto e um candelabro rústico de velas adorna o teto. O fato de não haver janelas me deixa desconfortável, mas resolvo não protestar e caminho até a cama, me jogando sobre os lençóis frios.

Percebo que o tecido é um pouco mais áspero e me pergunto como eles produzem esse tipo de coisa por aqui, mas resolvo deixar esses pensamentos para outro dia. Fecho meu olhos e sinto o cansaço tomar conta do meu corpo, foram muitas aventuras nas últimas horas e provavelmente já é noite em Nova York. Deixo uma onda de sono me invadir e limpo minha mente. Tentando esquecer que estou em um quarto, a alguns palmos do chão e em um mundo totalmente diferente de tudo que já vi na vida. Além de estar com uma tia que espera que eu seja a quebradora de uma maldição.



Acordo com a voz de Ravi me chamando, abro os olhos e o vejo exibir um sorriso lindo, enquanto se aproxima do meu rosto e deposita um beijo cáldo em meus lábios. Quase me sinto bem novamente, mas ao olhar para os lados lembro-me de onde estou e começo a me levantar, preciso de esclarecimentos e Ravi e Adjra me devem alguns.

— Sua tia gostaria de conversar com você agora... — A voz dele é hesitante e enquanto ele bagunça os cabelos mostrando sinais de nervosismo, resolvo ser sincera.

— Minha tia ou sua mãe? Porque eu não sabia que você a considerava assim — falo com rancor e me levanto da cama, caminhando até a bacia com água em cima da estante, onde lavo meu rosto para afastar os sinais do sono.

— Não achei que seria necessário falar, eu lhe disse que ela me criou. Você parece nutrir certo rancor por ela e acho que as duas poderiam se

entender melhor se conversassem. — Ravi caminha até a porta do quarto e me espera parecendo frustrado.

— Claro, você não achou importante me dizer que tinha uma irmã que é uma espécie de sátira e que Adjra fabrica poções... Eu só... Estou de saco cheio de tudo isso. — Passo por ele e caminho a passos largos pelo corredor.

Ravi que parece ainda mais furioso passa a minha frente e começa a guiar o caminho. Subimos as escadas em silêncio e quando voltamos à loja, Adjra, Laha e Arnald no esperam na porta. Sinto vontade de perguntar onde estamos indo, mas me calo, pois estou furiosa demais para falar qualquer coisa. Caminho atrás do grupo pelas ruas e vejo que Ravi tenta acompanhar meu passo, o que me deixa ainda mais irritada.

Passamos por algumas ruas e após virarmos várias esquinas, finalmente paramos em uma taverna. Uma música estranha ecoa do lugar e quando passamos pelas portas, tenho vontade de sair correndo. O bar poderia muito bem ser um circo de horrores, um centauro com um cachimbo é o barman. As garçonetes possuem penas no lugar dos cabelos e várias outras criaturas estão sentadas nas mesas, todas nos olhando com curiosidade.

— Vamos encontrar uma mesa, tem um ensopado de lebre maravilhoso aqui. — Adjra caminha para uma mesa do canto e recebe vários cumprimentos respeitosos.

Sentamo-nos em uma mesa grande e redonda, mais afastada e que nos dá um pouco de privacidade. Arnald parece maravilhado com a variedade de “espécies” que habitam *Rakha*, o que faz Adjra ficar empolgada e falar do local com entusiasmo, dizendo que a maioria das criaturas é híbrida, crias de duas espécies. E é por isso que algumas características são tão diferentes das outras e alguns até mesmo se assemelham aos humanos.

— Há *dakinis* misturados com outra raça aqui? — pergunto com amargura na voz e recebo um olhar raivoso de Adjra.

— Esses seres não vivem nesta dimensão, Jennifer, e se julgam tão superiores, que não possuem relação com qualquer outra espécie. — A voz dela é claramente contrariada e quando uma das garçonetes se aproxima, seu rosto vira uma máscara feliz e eu reviro os olhos contrariada.

— Um caldo de lebre para todos e cerveja preta como acompanhamento. — Ravi faz os pedidos e percebo que ele provavelmente deve ter sentido falta daqui, já que é o único mundo que ele conhece.

— Vamos passar essa noite na cidade, amanhã iremos para os campos. — Adjra fala olhando em minha direção e percebo que ela espera uma resposta.

— A sua maravilhosa cidade não é segura? — sinto o tom hostil da minha voz e me arrependo imediatamente.

— A cidade pode não ser incrível, Jennifer, mas foi o que salvou a mim e a Ravi de serem mortos. E várias outras criaturas se refugiam aqui também. — Ela faz uma pausa quando as refeições chegam e volta a falar quando a garçonne desaparece pelo bar. — Aqui não é seguro, porque é um mundo aberto a todos os seres vivos existentes. Incluindo os *dakinis*, que sim, são praticamente mortos vivos, mas também possuem livre acesso a esse local.

Vejo-me assentir em concordância e deixo meu olhar pousar em Ravi, que está encarando a própria comida com desânimo. Sinto meu coração se apertar, pois realmente estou sendo uma péssima companhia, mas a verdade é que estou assustada, tudo isso parece demais para minha mente cética e estar em uma taverna, cheia de híbridos, não melhorava em nada minha situação.

Provo o caldo que para minha surpresa tem um sabor maravilhoso e exótico. Como tudo com avidez, não percebendo o quanto estava com fome. Um pão que se assemelha muito ao sírio também é servido e percebo que Adjra pediu mais uma porção de caldo para mim, provavelmente percebendo o meu apetite. Devoro tudo calada e quando estamos todos fartos, Arnald resolve se misturar a dança que está ocorrendo no salão.

— Como são produzidos os alimentos aqui? — resolvo perguntar por curiosidade, já que meu silêncio está me sufocando.

— Da mesma forma que são produzidos em seu mundo, plantações. Com a diferença de que a maioria dos cidadãos são feiticeiros, então damos uma ajudinha para que os alimentos cresçam em qualquer solo e em um tempo bem menor — Ravi me responde, parecendo menos chateado.

— Laha, querida, vamos dançar? Há tempos não fazemos isso... — Adjra se afasta com a sátira, que parece empolgada com a ideia.

Da nossa mesa, observo Arnald se enturmar e dançar com as garçonetes. Adjra logo entra no ritmo e Laha fica um pouco tímida, mas se solta. A música é proveniente de uma flauta e um bandolim, que tocam sozinhos em um canto, provavelmente foram encantados. O som é animado e me vejo sorrir com a cena, mesmo com todas as diferenças, todos ali estavam unidos, sendo desiguais em sua igualdade, sobrevivendo em meio ao caos.

Sinto Ravi se aproximar de mim e quando percebo ele está sentado ao meu lado, me viro para encará-lo e deixo minha mão percorrer o seu belo rosto. Seus olhos azuis estão mais escuros e me ressinto por vê-lo tão preocupado, antes que ele fale qualquer coisa, lanço-me em seus braços e o beijo com

carinho e paixão. Quando nossas línguas se encontram, nossos corpos parecem totalmente despertos, ansiando por mais.

Minha mente e meu corpo querem pertencer somente a ele, minhas mãos passeiam pelos cabelos negros sedosos, ao mesmo tempo em que Ravi me coloca em seu colo, não se importando com as pessoas a nossa volta. As mãos dele espalmam minhas coxas e estou quase em combustão, quando ele finalmente separa nossas bocas, olhando-me com um misto de desejo e felicidade.

— Eu preciso de você, Jennifer, enquanto estivermos juntos, nada irá lhe acontecer. — Ele segura meu rosto em suas mãos e me vejo assentindo debilmente. — Se você não quiser derrotar *dakinis*, se quiser somente fugir, eu irei. Só, por favor, não me afaste.

— Desculpe por hoje, só estou me sentindo deslocada — falo com a voz embargada e sinto as lágrimas ameaçarem cair sobre meus olhos.

— Está tudo bem querida, você tem passado por fortes emoções. Mas ficaremos bem — ele enxuga as primeiras lágrimas que caem dos meus olhos e logo estamos nos abraçando novamente.

Estamos imersos em carinho, quando vejo Laha vir em nossa direção. Saio do colo de Ravi um pouco envergonhada e tento arrumar meu cabelo, que provavelmente está muito desganhado.

— Vocês precisam ver isso! — ela me puxa pelas mãos e resolvo segui-la, sentindo Ravi vindo atrás de mim.

Nada no mundo poderia me preparar para a cena que vejo a seguir, Arnald está com os braços em volta de uma garçonete e enquanto eles dançam e se beijam, a cor do professor muda do verde para vermelho, alternando sempre, e todos em volta olham sorrindo. Começo a gargalhar com a situação e Ravi sacode a cabeça divertido, pelo menos alguém está aproveitando a experiência em *Asuras*.

CAPÍTULO 24

Depois de sairmos da taverna, Adjra sugere que todos devem ir para cama, já que no dia seguinte teremos muito o que fazer. Fico um pouco confusa, já que a paisagem do céu não se alterou e quando questiono se é noite ou dia, Ravi me explica que o tempo de *Asuras* é medido pelas sombras. Quando a sombra do prédio mais alto de *Rakha* estiver na metade da praça, significa que já se passa das cinco da tarde.

Passamos pelo prédio em questão e embora realmente seja uma construção maior que as demais, é de longe a mais bonita e percebo algum tempo depois que se trata de um templo de cultos. A porta aberta me permite espiar e logo vejo uma grande estátua dentro do cômodo, mas como não paramos, não consigo identificar de qual santidade se trata, já que os hindus adoram muitas.

Ao chegar na loja de poções, sou escoltada por Ravi até o meu quarto e despeço-me de todos, inclusive de Adjra, que exhibe a mesma expressão indecifrável. Nos meus aposentos, Ravi entra sem cerimônia e me encara com uma mistura de desejo contido e indecisão. Se fosse em outro lugar, eu me jogaria nos braços dele agora mesmo. Mas aqui, em *Rakha*, com Adjra a poucos passos de nós, fico um pouco hesitante.

— Você parece tensa... — A voz de Ravi é um murmuro baixo, enquanto ele se aproxima devagar.

— Só estou cansada, foi um longo dia... — Sento na cama e encaro minhas mãos desanimada. — Estive pensando em Nova York. Como Clay pode ser um *dakini*? E qual o papel de Baahir e Karlíe nisso tudo?

Ravi se senta ao meu lado e por alguns segundos não diz nada. Ele leva as mãos ao meu rosto delicadamente e me encara com profundidade, parecendo tão preocupado quanto eu.

— Quanto a Clay, ele provavelmente é um servo de Kali. Não conheço os outros dois, mas senti algo muito ruim atrás daquela porta. E se eles trouxeram o espelho para Nova York, com certeza foi com o intuito de atraí-la. — Sinto meu estômago doer quando ele termina de falar.

É difícil pensar que tudo o que aconteceu na minha vida, já estava planejado. O pior de tudo é tomar consciência de que se eu não tivesse

aceitado o trabalho no museu, talvez meus pais ainda estivessem vivos, talvez eu ainda estivesse no *Brooklyn* levando uma vida monótona, sem conhecer *Asuras*, mas pelo menos ao lado das pessoas que amava.

— A vaga de emprego... tudo foi planejado...— murmuro para mim mesma, me sentindo traída.

— Provavelmente, era seu destino derrotar Kali. Você recebeu um presente de Durga, mas veio com um preço. — Ravi se levanta devagar e caminha até a porta de forma hesitante, como se ponderasse se devia ou não ficar.

— Um preço que agora eu preciso pagar e preciso tentar fazer justiça pelas pessoas inocentes que morreram. — Sinto as lágrimas escorrerem pela minha bochecha e não me importo em deixá-las cair.

Ravi me lança um olhar de pena, que me deixa ainda mais desconfortável. Abaixo minha cabeça esperando a porta bater, mas para minha surpresa, sinto o corpo dele recaindo sobre a cama e logo estou envolvida em seus braços. O cheiro de sândalo e menta me inebria, é quase um remédio para minha dor. Escondo meu rosto na curva do pescoço dele e deixo as lágrimas rolarem, pois no dia seguinte precisarei ser forte. Aprenderei a ser Durga.



Eu nunca senti tanto calor na minha vida. *Rakha* parece escaldante quando saímos em direção aos campos. As ruas estão abarrotadas de pessoas. É possível ouvir os boatos de que os *dakinis* estão escondidos entre as sombras, e para não correr riscos, Adjra insistiu para eu e Arnald usássemos uma capa preta de lã com capuz. Agora estou morrendo de calor e é difícil se movimentar vestida com isso, pois ela é duas vezes maior que eu, o que me desanima completamente.

Ravi se mantém ao meu lado, sempre atento a todas as pessoas que se aproximam do grupo. Eu não sei se faremos todo o percurso a pé, mas tenho certeza que se este for o caso, eu não vou sobreviver as próximas horas.

O suor desce pelas minhas costas e embora o céu continue em um estranho tom indefinido de laranja, o ar é abafado, como se estivéssemos de frente para uma caldeira. Adjra faz uma parada e conversa com um homem baixo e parrudo, provavelmente uma espécie de anão. Os olhos são pequenos e fundos, com nariz e boca muito grandes, os dentes amarelados são

sobressalentes, além da barba roxa que o tornava um verdadeiro monstrinho.

— Pessoal, o Sr. Fitz nos levará até o nosso destino — Adjra apresenta o homenzinho, que sacude a cabeça sem nos encarar.

Seguimos Sr. Fitz por duas vielas, até nos depararmos com um pasto para elefantes. Os pesados animais parecem calmos e serenos em nossa presença e se não fosse o cheiro horrível que o local exala, eu tenho certeza de que sorriria. Arnald é o único que parece empolgado, caminhando entre os animais com animação. Adjra precisa repreendê-lo, já que não devemos chamar atenção.

Sr. Fitz, com as pernas pequenas e rechonchudas, caminha com muita tranquilidade e me pergunto se ele não tem medo de ser pisoteado. Seguimos o anão e ele aponta para o maior elefante que eu já vi na minha vida, dizendo que aquele é nosso transporte. Acho que fico com a boca aberta por um tempo, até que Ravi me cutuca levemente, sorrindo com a minha descrença.

Uma longa escada de madeira e corda é colocada diante do animal, que permanece inerte diante da nossa presença. Adjra murmura algumas palavras, parecendo uma prece e começa a subir a escada. Percebo que mesmo tendo alguns séculos de idade, ela é ágil. Ao chegar ao topo, acomoda-se no acento improvisado em cima do animal.

Arnald vai em seguida, doido pela viagem. Olho para Laha, mas ela dá de ombros e diz que irá caminhando. Começo a perguntar o que ela quer dizer, quando Ravi me diz que vou entender melhor no caminho. É minha vez de subir e quando olho para a escada, percebo que a túnica pesada dificultará minha subida.

— Acho que não consigo com essa capa pesada... — falo baixinho para Ravi.

— Você não pode tirá-la, é muito perigoso... — ele sussurra de volta e olha para Sr. Fitz que parece impaciente.

— Não sejam bundas moles, Anesha é uma excelente aliá. Subam logo! — O anão joga os braços de forma exasperada e começa a subir. As perninhas pequenas são ágeis e logo ele está sentado ao lado de Adjra, exibido.

— Vamos, Nalini! Se você cair, estarei aqui. — Ravi segura minhas mãos com delicadeza e me impulsiona para o primeiro degrau.

— Se eu cair, me lembre de matá-lo depois. — Ouço a risada dele, após minha ameaça e começo a me concentrar nos degraus.

A madeira é envolvida por cordas, o que dá certa mobilidade para a escada. Todas as vezes que eu avanço um degrau, o balanço faz meu

estômago embrulhar e tento não olhar para baixo. Ravi continua murmurando frases de incentivo e quando finalmente chego no topo, me ajeito de forma atrapalhada ao lado de Arnald, que parece bem mais habituado que eu.

— Esse passeio vai ser incrível, Jennifer, é melhor do que ir à Tailândia.
— O professor falta bater palmas de empolgação e eu me obrigo a retribuir o sorriso.

Ravi sobe com agilidade logo em seguida e se senta ao meu lado, envolvendo os braços ao meu redor. Fitz grita para outro anão abrir a pesada porta de madeira a nossa frente, uma alavanca é acionada e vários outros anões trabalharam juntos para abrirem a porta, até finalmente a claridade do dia invadir o recinto e Anesha começar a caminhar.

Andar em um elefante gigante é pior do que eu pensava, o balanço se assemelha a maresia e por vezes meu estômago dá voltas. O passo de Anesha é lento e com o Sol quente em nossas cabeças, além da capa pesada no meu corpo, penso que irei desmaiar.

— Se segurem — Fitz fala com empolgação, à medida que a paisagem urbana dá lugar a um campo parecido com o lar dos *ikumurus*.

— Vamos passar por aquele campo da colheita? — pergunto a Ravi que parece tão empolgado quanto Arnald com o passeio.

— Não, pegaremos uma trilha pela floresta dos sussurros. Em seguida chegaremos aos Campos Vermelhos, que é onde fica a casa de Adjra. — Minha tia, ao ouvir a voz de Ravi, se vira para nós e abre um sorriso largo.

— É melhor se segurar, Jennifer, a viagem começará a ficar interessante.
— Abro minha boca para perguntar o que ela quer dizer, mas não tenho tempo.

Anesha começa a correr pela trilha e logo a paisagem a nossa volta se transforma em um borrão. O Sol quente é substituído pelas sombras frescas das árvores e embora eu não consiga ver muitas coisas, percebo que estamos na floresta dos sussurros. Por um momento, o som do vento é nosso único companheiro, mas logo Ravi sinaliza para que eu tampe os ouvidos como ele.

Quando penso em perguntar o que está acontecendo, o barulho do vento nos impede de conversar. Arnald também parece não entender, mas logo que ouço a primeira voz, entendo o que Ravi quer nos explicar. Uma voz feminina começa uma cantoria alegre, que não condiz com as palavras proferidas. Logo um coro de vozes, que parecem ser de crianças, começa a acompanhar e com muita dificuldade consigo entender as frases completas.

*Voa, voa aquela abelhinha
O homem matou todas as garotinhas
Sangue nas roupas
Sangue no chão
A lâmina continua ceifando o coração.*

Assustada, olho em volta, mas é difícil enxergar no borrão que virou a paisagem. Ravi destampa os próprios ouvidos e me obriga a tampar os meus ao pegar minhas mãos e levar até eles, ele me lança um olhar de advertência. Resolvo obedecê-lo e Arnald faz o mesmo. A viagem agora parece mais estranha e mesmo com os ouvidos tampados, juro ouvir algumas vozes ainda que baixinhas.

Começo a me sentir inquieta, quando finalmente uma clareira vermelha surge em nosso campo de visão. No início, penso que são flores, mas quando Anesha começa a diminuir os passos, vejo que a grama é vermelha, como sangue. Ao nosso lado, uma figura vem galopando e logo que avisto uma cabeleira loira, percebo que é Laha que nos acompanhava com agilidade. Pergunto-me se ela não ficou com medo sozinha na floresta, mas imagino que Adjra não deixaria que ela corresse riscos, caso fosse muito perigoso. Anesha volta aos passos lentos e fico mais animada, conseguindo observar melhor a paisagem.

— Por que Anesha é tão grande e corre mais do que um elefante comum? — pergunto baixinho para Ravi, mas é Adjra que me respondeu.

— Ela nasceu em *Asuras* e não há restrições para magia aqui. Você verá que tudo aqui não é como parece, demora um tempo, mas a gente se acostuma. — Ela me lança uma piscadela e um sorriso, e retribuo de forma automática.

— Estamos chegando. — Ravi fala com entusiasmo e aponta para uma construção a alguns metros à frente.

A casa é grande e o local se assemelha a uma fazenda, só que sem animais. Além da construção parecer ser a única em meio ao matagal vermelho. Anesha para próxima a casa e Sr. Fitz aceita o convite de Adjra para descansar. Descer do animal é pior do que subir, já que meu corpo está um pouco mole e por isso, quando tropeço nos degraus, Ravi me segura para eu não cair de bunda no chão.

O silêncio no campo é estranho, as janelas da casa de Adjra estão abertas e

são pintadas de azul. Há um poço à direita da casa, com um balde de metal descansando no muro de pedra. Nos aproximamos hesitantes da porta, até que uma voz animada chama por Ravi. Quando olho para a lateral da casa, um homem muito alto e magro caminha a passos largos — e bota largos nisso — até nós, parecendo feliz com a nossa chega.

— Esse é um *grande* amigo meu, conheça Jordan, ele é um gigante e já viveu em Nova York. — Adjra tem uma expressão animada.

Enquanto eu observo o homem grande abraçar Ravi, sinto minhas pernas amolecerem com a escuridão tomando conta dos meus olhos, tento me apoiar em algo, mas em poucos segundos perco a consciência.

CAPÍTULO 25

***E**stava escuro e um vento frio açoitava o meu corpo. Era impossível enxergar, mas pelo som do vento que parecia movimentar as árvores, percebi que estava em uma área externa. Pisquei algumas vezes, tentando me acostumar com a pouca luz e logo enxerguei meus pés, que estavam apoiados em uma terra escura como carvão.*

O ambiente a minha volta foi ganhando forma, havia realmente várias árvores com pouquíssimas folhas. O vento fazia os galhos rangerem, como em um protesto silencioso, envergando cada vez mais em ângulos estranhos. O mais estranho era as colunas de pedra, grandes restos de uma construção que se reunia a minha volta, provavelmente um antigo salão.

Comecei a caminhar de forma hesitante pela paisagem enegrecida, me assustando a cada vez que o vento soprava mais forte e um galho se quebrava atrás de mim. Escadas de mármore branco estavam logo a minha frente, guardando uma entrada levemente iluminada. Subi em passos hesitantes, temendo o que ia encontrar, até que tomei ciência de que a entrada do lugar se parecia muito com um palácio indiano, cheio de entalhes e com flores de lótus adornando o beiral.

À medida que caminhava, meus pés tropeçavam na barra de um vestido. Percebi que estava usando um modelo branco, em estilo indiano, adornado por entalhes prateados, que refletiam como diamantes diante daquela escuridão. Meus cabelos esvoaçavam com o vento e resolvi continuar meu caminho, não me importando com as estranhas roupas que estava usando.

Ouvi uma risada familiar vindo da porta e comecei a me apressar, pois sabia que era algo que precisava ver. Cheguei até ela e espiei, a primeira coisa que vi foi uma espécie de vidro impedindo minha passagem. Com dificuldade, entendi que se tratava de um espelho, já que as bordas do vidro

refletiam o meu rosto, enquanto o centro me mostra algo que tive dificuldades para digerir.

Karlie e Baahir estavam na cena, era o salão do museu e os dois estavam envoltos em carícias apaixonadas. Senti minhas bochechas corarem à medida que a cena avançava, logo o casal estava envolvido em investidas sexuais, com Baahir dominando totalmente o corpo de Karlie, que parecia perdida em meio ao prazer. Não consegui ver o rosto dela, mas o espelho parecia ouvir meus pensamentos, pois logo que o foco mudou, os olhos de Karlie estavam negros como piche.

Soltei um grito assustado e o casal parou na mesma hora, como se tivessem me escutado. Karlie se levantou do chão lustrado em que estava a pouco tempo sendo tomada por Baahir, mesmo nua ela caminhava com graciosidade não se importando em ser observada. Percebi com horror que ela estava bem próxima do espelho e se eu estava vendo-a, provavelmente ela me enxergava também.

Comecei a me afastar, mas quando ela falou comigo, não consegui dar mais nenhum passo. A voz que escutei não era de Karlie, tampouco me parecia humana. O som que saía de suas cordas vocais era grosso e estranho, como se carregasse o choro de mil almas e logo fez meu corpo tremer involuntariamente.

— Jennifer... estamos sentindo a sua falta. — engoli seco à medida que Karlie estava bem próxima do espelho, me encarando tão profundamente que quase tive certeza de que se esticasse minha mão, poderia tocá-la.

— O que são vocês? — perguntei com a voz fraca, já que algo em meu íntimo me disse que Karlie não era um dakini, era algo bem pior.

— Você realmente não sabe? Carrega uma parte do que um dia já fui e não consegue imaginar quem sou eu? — ela piscou os olhos com graciosidade e abriu um sorriso diabólico, me dando as costas para encarar Baahir que agora estava do seu lado, igualmente nu e me encarando com crueldade.

— Acho que ela não é muito inteligente, mãe... — Baahir falou em meio a beijos pelo ombro de Karlie e senti o medo tomar conta do meu corpo quando me dei conta do que realmente estava acontecendo.

— Você não é humana... nenhum de vocês são — disse automaticamente, como se o quebra-cabeças realmente estivesse tomando forma em minha mente. — Você é Kali, e você é Dakini, o original... o primeiro filho...

Senti minha voz falhar e comecei a me afastar do espelho. Queria sair

daquele lugar, queria que aquele pesadelo acabasse! Quando senti que minha consciência estava acordando e que ia conseguir fugir de tudo aquilo, escutei a voz de Baahir invadir minha mente, como um convite para me deixar ainda mais atormentada.

— Até mais ver, irmãzinha. — O tom sarcástico me embrulhou o estômago e jurei ter visto a sombra de um sorriso, antes de conseguir finalmente acordar.

CAPÍTULO 26

Acordo com um vento fresco soprando pela janela, olho em volta e percebo que estou em um quarto amplo e arejado. A cama é baixa, mas confortável. Várias almofadas estão dispostas pelo local e uma penteadeira sem espelho descansa na parede oposta. Levanto um pouco tonta, tentando reorganizar meus pensamentos, até que me lembro de que provavelmente acabei desmaiando.

Saio da cama e vejo que minha calça jeans e camisetas além de sujas não exalam um cheiro muito bom. Olho para a penteadeira e vejo um par de roupas em cima, que nada mais é do que calças largas marrom de algodão e uma blusa em estilo cigana na cor vinho. Um par de sapatilhas também está ao lado das peças e como meu tênis parece ter sumido, acabo pegando tudo e indo para o outro cômodo, tentando encontrar um banheiro.

Deparo-me com um corredor extenso, com chão de madeira e que exala um leve cheiro de mirra. Caminho hesitante e tento abrir as outras portas, mas todas parecem trancadas. Viro à esquerda e me deparo com uma sala grande, o cheiro de incenso é mais forte aqui e logo entendo que se trata de um templo. Uma estátua média, coberta em ouro, está em um pedestal. Almofadas em variadas cores estão dispostas pelo recinto e mais a frente, Adjra se encontra agachada em meio a uma prece.

Tento voltar para trás devagar e sem fazer barulho, mas minha tia parece me notar assim que chego, pois se vira e abre um sorriso largo ao me ver.

— Jennifer, vejo que se sente melhor. Você nos deu um grande susto. — Ela se levanta com agilidade e caminha até mim, seu rosto mesmo jovem exibe sinais de cansaço e me pergunto como deve ser para ela, ser a única sobrevivente de um massacre.

— Sim, eu acho que foi o calor... — falo com a voz fraca e me sentindo pouco a vontade com a presença dela.

— Imagino que você queira um banho, vou preparar um para você e no meio disso, podemos conversar. Você deve ter muitas dúvidas. — Estranhamente a voz dela é mais simpática do que no dia anterior e mesmo me sentindo insegura, acabo aceitando o braço que ela me oferece.

Caminhamos novamente pelo corredor e dessa vez, ao pararmos em uma porta, ela se abre, mesmo sem chave alguma. Penso em questionar, mas como Adjra é dona de uma casa de poções, imagino que nada deve ser muito impossível para ela. O banheiro é diferente do que eu esperava. Ele tem uma grande piscina no centro, parecida com uma casa de banho da Roma antiga, exceto pelo espaço que é relativamente menor.

Baldes de metal estão na outra extremidade do cômodo e Adjra me pede ajuda para carregá-los até a lareira. Penso em questionar porque ela não estala os dedos e deixa tudo pronto, mas me mantenho obedientemente calada, já que preciso obter minhas respostas. Trabalhamos em silêncio e após muito esforço de minha parte, conseguimos encher a banheira e a água quentinha finalmente me aguarda.

Adjra sai para buscar algumas essências e sabão para o meu banho, aproveito para me despir e deixo as roupas limpas em um banco e as sujas em uma pilha no chão. Quando termino de entrar na água, Adjra volta e me entrega os produtos, fazendo questão de também tirar as próprias roupas. Desvio meu olhar para os lados, sentindo-me constrangida, já que nunca tomei banho com ninguém, até que minha tia finalmente entra na água e me olha com curiosidade.

— Você me lembra muito a sua mãe, Nalini, até mesmo na forma de sorrir... — O olhar dela parece distante e imagino que esteja se lembrando de alguma coisa.

— É esse o nome que eles escolheram? Nalini? — pergunto um pouco incomoda e apalpo meu colar de flor de lótus, que obedientemente continua em meu pescoço.

— Sim, imagino que você saiba o que significa — ela encara meu colar e volta a me olhar com intensidade. — Eu lhe dei esse colar no minuto em que coloquei você na porta daquele casal, ele contém toda a sua magia e também guarda os seus sonhos.

Olho assustada para o colar e quando o observo com mais atenção, percebo que uma espécie de brilho dourado parece fluir pelo cordão, como se tivesse energia própria. Se eu soubesse que aquele acessório era portador de todos os meus sonhos, não teria me dado o trabalho de fazer tantas pesquisas.

— Por que você retirou os meus sonhos? — percebo que minha voz é acusadora e tento ficar mais calma. — Era horrível... não sonhar, sabe? Eu pensei que tinha algum problema mental.

Lembro-me do quanto insisti em ter sonhos e como eu parecia ser anormal, já que Hope sempre me contava seus sonhos malucos e os professores, às vezes, nos pediam para exprimir o nosso maior sonho. Claro que isso tinha mais a ver com o desejo de nossos corações, mas ainda assim parecia ter um sentido diferente para minha vida, já que meu maior sonho era simplesmente poder sonhar.

— Kali possui vários poderes, dentre eles vagar pelos sonhos. Ela poderia encontrá-la facilmente, por isso tive que fazer isso com você e também comigo, já que eu era a única que sabia a sua localização. — O olhar de Adjra não exprime nenhum arrependimento e imagino que essa deveria ser sua única alternativa.

— Ravi me disse que meus pais ainda estão vivos... mas presos em forma de *dakini*... Caso eu mate Kali, o que acontece com eles? — pergunto temerosa, já que essa pergunta me assombra há alguns dias.

— Estarão livres da servidão que lhe foram impostas. Kali nunca morrerá completamente, mas caso você a derrote, ela ficará tão enfraquecida, que o seu filho e as corjas dele também perderam seus poderes. Para alguns isso pode significar a morte, para outros, libertação. — Adjra deixa o corpo submergir por um tempo e logo volta a superfície com os cabelos negros completamente molhados e a maquiagem de olhos delineados muito borrada.

— Quando começamos meu treinamento? — sinto minha voz vacilar e penso se devo contar ou não sobre o sonho que tive a Adjra.

— Amanhã, sairemos cedo. Deixarei nossas coisas prontas. — Ela me lança um olhar penetrante e começa a sair da água.

— Sairemos para onde? — pergunto incrédula. —Pensei que este era o local para treinar.

— Sim, este lugar servirá para nossos treinos, mas para libertar sua magia, só há um lugar em que isso pode ser feito. — Ela caminha até uma toalha branca e enquanto se enrola, fala sem me encarar. — Iremos até a floresta dos sussurros.

Quando Adjra sai do banheiro, tento deixar meus músculos relaxarem com a água quente e penso que amanhã realmente será um longo dia. Pego o colar em minhas mãos e me pergunto como vou extrair minha magia dele, Adjra provavelmente tem um plano e eu espero que dê tudo certo. Agora que sei a

verdadeira identidade de Kali, sinto-me cada vez mais próxima da grande batalha que terei de travar contra ela.

Saio do banheiro, já com as roupas limpas e a sapatilha de tecido nos pés. Não demoro muito até encontrar todos, já que após alguns passos ouço a voz de Arnald. Deparo-me com uma reunião no que parece ser a cozinha e um cheiro tão bom é exalado das panelas, que faz meu estômago protestar imediatamente. Ravi se levanta e vem até mim, segurando meu rosto entre as mãos como se temesse me machucar com um simples toque.

— Estou bem. Só faminta — falo em um sussurro para tranquiliza-lo, o que parece funcionar, ele sorri e após beijar minha testa, me leva até a mesa de refeições.

Jordan, o gigante que havia sido apresentado, se espreme em uma cadeira próxima a mim e abre um sorriso gentil ao me ver. Retribuo com entusiasmo e logo digo que ele não é tão alto para um gigante, já que pelas minhas contas deve medir no máximo dois metros de altura e há no mundo pessoas que já bateram esse recorde.

— Nem todos os gigantes são do tamanho dos prédios de Nova York, você verá que cada espécie tem um padrão de altura... A minha se chama *ifinis*, temos estaturas medianas e podemos nos camuflar bem entre os humanos — Jordan fala entre colheradas de caldo.

— Você vive aqui? No campo? — pergunto enquanto como e percebo que a comida está uma delícia.

— Sim, minha aldeia é próxima daqui. Quando Adjra disse que estava vindo, corri e abasteci a dispensa. Temos assuntos da guerra para tratar também. — Acho que Jordan acabou me dando muitas informações, pois logo que ele termina a frase, Adjra deixa um prato cair no chão.

— Qual guerra? A batalha contra Kali? — pergunto com curiosidade, vendo todos me encararem de forma alarmada, exceto Arnald que parece tão surpreso quanto eu.

— Bem sim, Kali tem um exército. Seu papel é derrotá-la, mas não conseguirá sem passar por todos aqueles *dakinis* e demônios que auxiliam ela. — Jordan volta a falar, mas percebo que omite coisas, já que está ciente do olhar de Adjra.

— Jennifer só tem que se preocupar em treinar e recuperar os próprios poderes. Nós cuidaremos do exército — Ravi fala com a voz grave, como se encerrasse o assunto.

— Não, também preciso estar a par de tudo que está acontecendo. Se

querem que eu a derrote, não devem omitir nada — sinto a comida pesar no meu estômago, mas continuo. — Já conheci Kali e Dakini pessoalmente, sei quem eles são.

Ravi me olha tão assustado que vejo a cor sumir do seu rosto. Adjra parece arrepiada e se aproxima de mim, parecendo ainda mais temerosa. Arnald, que parece um pouco confuso, faz o sinal da cruz e tenho vontade de rir e dizer a ele que as santidades aqui são outras.

— Como isso aconteceu? Por que não me contou isso antes? — Ravi parece transtornado e me apresso em corrigir.

— Karlie e Baahir. São eles. Estavam camuflados no mundo humano. Sonhei com eles ontem, vi através do espelho de *Vishnu* — começo a me lembrar do sonho e tento não estremecer novamente com a voz de Baahir me chamando de irmã.

— Mas isso é impossível, Kali não deveria ter força para ir ao reino humano por mais alguns séculos... — Jordan fala exasperado, mas Adjra, com um olhar assombrado, murmura mais para si mesma do que para nós.

— Alguma coisa deu a ela força suficiente para isso, só não sabemos o que, mas se Kali conseguiu entrar no mundo humano, as coisas estão piores do que eu pensava.

CAPÍTULO 27

Adjra não brincou quando disse que eu precisaria acordar cedo. Embora a paisagem do céu não se altere, eu sei que dormi um pouco mais do que quatro horas de sono, já que fiquei conversando com Ravi, Jordan e Arnald praticamente a noite inteira. Meu humor, como é de se esperar, está sombrio e enquanto minha tia tagarela sobre o que devemos ou não levar para a floresta, como algumas frutas de café da manhã, sem pronunciar nenhuma palavra.

Percorremos a maior parte do caminho a cavalo, que para minha surpresa são bem normais, sem tamanho extra ou nada muito espantoso. Ao chegar às proximidades da floresta, os animais se recusam a prosseguir e Adjra me explica que somente os elefantes e alguns outros seres conseguem caminhar livremente pela floresta. Os cavalos infelizmente não são uma exceção.

Contrariados, deixamos os animais com comida e água próximos a uma árvore de cerejeira e começamos a trilhar nosso caminho a pé. À medida que nos embrenhamos mais na floresta, a pouca luz e o ar úmido toma conta. Adjra caminha com passos elegantes, quase sem fazer barulhos, enquanto eu tropeço a todo tempo nas raízes das árvores e me amaldiçoo internamente por não ter procurado meus tênis, já que as sapatilhas vão me deixar com bolhas nos pés.

— Quando passamos aqui com Anesha, Ravi me mandou tapar os ouvidos, pois comecei a ouvir uma cantoria. Por que não escutamos nada agora? — pergunto incomodada, enquanto olho para todos os lados, já que tenho aquela estranha sensação de estar sendo observada.

— Por que dessa vez eu pedi a floresta para entrarmos, ela sabe que você tem um propósito aqui e a deixará ficar até que consiga resolvê-lo. — A naturalidade com que ela fala, como se a floresta fosse um ente vivo, me

deixa tão assustada que apresso meu passo e me aproximo mais dela.

— Então... falta muito? — Minha ansiedade é evidente, já que quero logo resgatar minha magia e também porque esse lugar me dá arrepios.

— Sim, estamos quase lá. — Adjra se limita a continuar caminhando e percebo que não quer responder mais minhas perguntas.

Caminhamos por alguns metros, até finalmente nos embrenharmos em uma trilha estreita, parando de frente para um lago, com águas esverdeadas que parecem nos observar como tudo neste lugar. Adjra se aproxima da água e enche nossos cantos, imagino que vamos continuar seguindo, mas ela simplesmente senta em uma pedra e me encara com um sorriso misterioso.

— Chegamos, Nalini Almura Rashid. — Ao ouvir o meu suposto nome completo, me viro para encará-la com curiosidade e me sinto estremecer quando um vento frio açoita meu rosto.

— Como assim chegamos? Não há nada demais aqui. O que faremos? — Minha voz soa um pouco exasperada e tento me acalmar, já que cada palavra dita nessa floresta, parece reverberar por quilômetros.

— É este o lugar. Você deve entrar na água e enfrentar as guardiãs. Se for digna, elas lhe devolverão sua magia e você poderá cumprir com o seu destino. — Adjra se ajeita mais na pedra e continua sorrindo como se fosse divertido testar minha sanidade.

— Eu não vou entrar nessa água — falo em meio a sussurros enquanto me afasto da borda do lago. — Não sei o que pode ter aí, cobras, crocodilos. Pelo amor de Deus, não vou me arriscar.

Espero alguma reação exagerada de Adjra, mas tudo que recebo é um dar de ombros, enquanto ela começa a se levantar novamente. Penso que tudo não passou de uma pegadinha, até ouvir a voz dela, que é cortante como o vento, me fazendo estremecer com sua profundidade.

— Se você quer fracassar, então não entre no lago. Esta é a única forma de derrotar Kali, mas já que você pretende ver o fim dos mundos, somente porque tem medo de um simples lago, tudo bem. — Ela começa a caminhar pela trilha e sinto um nó no meu estômago, começo a pensar o quanto estou sendo covarde.

— Tudo bem, vou entrar nessa maldita água. Só me diga o que fazer — apereço-me em dizer e volto devagar até a margem do lago.

— Acho que alguém voltou a pensar com a cabeça novamente. — Ela sorri com diversão e caminha até o meu lado. — Entre na água e tente se conectar com o colar. Ouça o que ele tem a dizer, as guardiãs surgirão ao seu

tempo e um preço deve ser pago para a libertação da magia.

— Mas que preço? Eu não tenho nada nesse lugar... — falo com pânico, temendo quem são essas guardiãs.

— O preço não tem valor pecuniário, é algo mais significativo e íntimo. Não faço ideia do que pode ser, mas no momento certo você terá que decidir. — Ela aperta meus ombros levemente com as mãos e volta para a pedra, parecendo mais aliviada.

— Tudo bem, é só um lago... vamos fazer isso. — Tomo algumas respirações e tento rezar para qualquer Deus que esteja me ouvindo, incluindo Durga. Que ela me proteja e me ajude a recuperar uma magia que eu sequer sabia que tinha.

Dou os primeiros passos para a água e tenho vontade de gritar com a temperatura fria em contraste com meu corpo quente. Continuo andando devagar, meu corpo se afundando cada vez mais no ecossistema do lago, até que finalmente não consigo mais apoiar os pés no chão. Nado até o centro, sentindo meu corpo se acostumar com a temperatura da água.

— E agora? — grito para Adjra que parece perdida em pensamentos na margem do lago.

— Agora, você deseja e tenta invocar sua magia. Concentre-se, Jennifer. — O tom de advertência dela me deixa furiosa, mas resolvo fazer o que ela manda.

Pego o colar em minhas mãos, fecho os olhos e tento sentir alguma energia vinda da joia, mas nada acontece. Concentro-me mais uma vez e tento até mesmo conjurar algum poder, nada acontece. Estou quase desistindo quando penso em Durga, Ravi havia me contado algumas histórias sobre a deusa e começo a pedir auxílio para ela, desejando liberar a magia que me foi dada de presente, suplicando para conseguir cumprir meu desejo.

Sinto a água se remexer a minha volta e abro os olhos, mas está tudo calmo. Adjra está fora de vista e quando abro a boca para chamá-la, sinto duas superfícies frias se enrolarem na minha perna, por um momento penso que poderiam ser cobras. Me agito e cada vez mais o aperto aumenta, até que finalmente sou puxada para baixo. Fico totalmente submersa naquela água fria e sinto meu peito queimar em busca de ar. Olho para baixo e não há nada prendendo meus pés.

Tento ir para superfície novamente, mas a cada bater de braços, parece que a superfície está ainda mais longe. Meus pulmões queimam e finalmente paro de prender o ar, a água começa a me invadir, me deixando desesperada. Até

que sinto uma calmaria e vozes sussurradas começam a falar, em uma espécie de cântico.

*Uma garota em meio às águas
Com uma língua muito afiada
Queremos saber quem ousa nos incomodar
Neste silêncio sepulcral, um preço terá que pagar*

Abro minha boca e lembro que não posso falar, embora eu ainda esteja debaixo do lago, não estou mais afogando. As donas das vozes surgem a minha frente, primeiro penso ser uma sereia, mas logo percebo que não há olhos e nem nariz nos rostos. Somente bocas grandes e tortas, que ao sorrirem exibem largas presas. As três criaturas me rodeiam e observo enquanto os trapos brancos que elas vestem, começam a se enrolar no meu corpo.

*Afobada essa garotinha
Com um colar que brilha entre as águas
Queremos saber o que quer essa intrusa
Ou podemos deixá-la virar comida de sapo*

Tento falar novamente, mas engulo uma quantidade considerável de água. As criaturas finalmente parecem notar a situação, o que pensei ser impossível, já que elas não possuem olhos, apenas rostos são expressivos. Os braços brancos se engancham aos meus, enquanto a terceira abraça minha cintura. Logo elas nadam rumo à superfície, me puxando consigo. E finalmente começo a emergir da água.

Meus pulmões gritam por ar e uma tosse toma conta da minha garganta. Olho novamente para a margem, mas não há nenhum sinal de Adjra. As minhas anfitriãs, no entanto, agora que estão em um melhor ângulo, e me assustam mais ainda com suas peles brancas e escamadas. A cabeça é lisa como a de um ovo e no lugar das orelhas, pequenas fendas como guelras de peixe parecem captar todos os sons da floresta.

— O que a traz até nós, minha jovem? — A voz vem da criatura do meio, que está mais próxima. Ela entorta a boca como se estivesse desgostada em estar na superfície.

— Vocês são as guardiãs? — Minha voz é tão fraca que penso que não

serei ouvida, até que as três me rodeiam e exibem sorrisos maliciosos.

— Sim. Quem ousa nos incomodar? — As três falam juntas, o que é ao mesmo tempo irritante e assustador. Engulo em seco e tento formar palavras coerentes.

— Jen... Nalini, sou a herdeira dos Rashid. Preciso da minha magia de volta e estou disposta a pagar o preço. — Fico mais feliz com a confiança em minha voz, embora por dentro eu esteja morrendo de medo.

— Ela quer pagar o preço... — as guardiãs falam conjuntamente e gargalham como se eu tivesse contado uma piada. Sinto meu rosto corar e me seguro para não xingar aquelas múmias aquáticas. — O preço é sua memória, jovem criança, um fragmento de sua felicidade. Você pode selecionar qual deseja nos ceder, mas uma vez que desistir dela, não terá como obtê-la novamente.

Fico um pouco surpreendida com o pedido. Não sei que memória ceder, já que há vários momentos da minha vida que eu posso dizer que são inesquecíveis. Fico relutante e logo penso em Ravi, nos conhecemos há pouco tempo e não quero esquecê-lo, já que tivemos poucos momentos juntos. Recordo-me então dos meus pais adotivos, a família que tanto me acolheu e presenciou meu crescimento.

Escolho um dos momentos bons da minha infância, um em que apresentei uma peça escolar e meus pais me aplaudiram como loucos, mesmo após eu ter errado algumas falas. Resolvo abrir mão dela e como se sentisse minha decisão, as guardiãs se aproximam e formam uma roda em minha volta.

— Você fez sua escolha, juvenzinha, sua magia se libertará e você nunca mais se lembrará deste momento vivido — as três falam em uníssono e percebo que começam a girar a minha volta.

— E agora o que eu faço? — pergunto assustada, vendo a água borbulhar em volta do meu corpo.

— Deseje com o fundo do seu coração. — É a guardiã do meio que me instrui, ela movimenta a cabeça para o céu e continua a rodar com as demais.

Fecho meus olhos e faço uma prece silenciosa a Durga. Seguro o colar entre as minhas mãos e peço com todas as minhas forças que minha magia seja restaurada. Sinto o colar quente em minhas mãos e não ousa abrir os olhos. A energia começa a fluir pelo meu braço, formigando levemente minha pele, mas me fortalecendo de uma forma inimaginável. Começo a sorrir ao sentir a magia tomar conta do meu corpo.

Abro os olhos e sei que recuperei o que precisava, embora não lembre

mais de qual lembrança e do que cedi às guardiãs. Elas desaparecem e quando olho novamente para margem, Adjra está caminhando de um lado ao outro, parecendo aflita. Nado até ela e quando me vê aproximar, abre um sorriso largo e esperançoso.

Eu agora sinto uma grande mudança no ar. Ouço os barulhos da floresta de uma forma muito mais aguçada e o lago que eu temia, parece me abraçar como um velho amigo. Saio da água e minhas roupas que deveriam estar encharcadas, continuam secas. Adjra corre e me abraça. Pela primeira vez na vida, estou orgulhosa de mim e sinto certo conforto com a minha tia.

CAPÍTULO 28

Passo o caminho todo sentindo as vibrações ao meu redor, com a magia fluindo pelo meu corpo, tudo parece mais vívido. Consigo ouvir todos os barulhos a minha volta, ao mesmo tempo em que também consigo ignorá-los. Até mesmo os sussurros da floresta não me incomodam, acabo compreendendo que são vozes das almas perdidas. Sinto uma excitação no ar e Adjra parece mais aliviada.

Quando chegamos à casa de campo, sou recepcionada por uma visão um tanto quanto quente. Ravi está sem camisa, segurando uma pesada espada de ferro, enquanto Jordan segura outra de mesmo modelo, ambos envolvidos em uma luta sincronizada, onde o tilintar das lâminas pode ser ouvido a quilômetros.

Observo tudo com fascinação, os músculos de Ravi trabalham com agilidade e à medida que eles se contraem, consigo observar cada curva do seu físico bronzeado. Acho que passo tempo demais admirando, porque em algum momento, percebo que os sons das lâminas pararam e logo vejo Ravi caminhando em minha direção, com o peitoral brilhando de suor. Cabelos negros bagunçados em sua testa e um sorriso que poderia iluminar toda a *Asuras* por uma eternidade.

— Nalini... — a voz dele é um sussurro tão urgente que em segundos estou em volta dos seus braços. — Estava preocupado, me segurei o dia inteiro para não ir atrás de você.

Enquanto abraço Ravi, sinto-me tão segura que quase desejo que ele tenha ido conosco. Nossas almas parecem conectadas, meu coração chama por ele toda vez que nos afastamos e saber que ele sente o mesmo, me deixa tão feliz que mal consigo formar frases coerentes. Estou perdida entre músculos rígidos e braços quentes; nunca pensei que um porto seguro não seria um lugar, mas sim uma pessoa. Eu iria para qualquer lugar, desde que estivesse

com Ravi.

— Eu consegui... — falo com a voz embargada pelas emoções. — Estou com a minha magia de volta, agora podemos libertar *minha família*.

Minhas duas últimas palavras parecem estranhas em minha boca, mas sei que é o nome mais apropriado para aquelas pessoas aprisionadas, não as conheci, mas sei que se sacrificaram pela minha segurança. Preciso libertá-los da servidão a Kali, mesmo que isso signifique aprisionar a mim mesma.

— Eu sabia que você conseguiria. Vamos entrar, você deve estar com fome. — Ravi segura meu rosto entre as mãos, pressionando os lábios de forma casta em minha testa.

— Quero aprender tudo o que eu puder e também preciso de todas as informações — falo enquanto caminho de mãos dadas com Ravi, recebendo um sorriso amistoso de Arnald e Laha, que nos aguardam na porta.

— Jennifer, nunca pensei que a veria tão empolgada. Recuperar sua magia lhe fez bem — Arnald diz com entusiasmo e penso que realmente me sinto diferente, como se tivesse recuperado todas as minhas forças.

— O seu treinamento começa amanhã, Nalini. Descanse por hoje e amanhã teremos muito que fazer. — Adjra me lança uma piscadela e caminha pelos corredores da casa.

Enquanto observo minha tia caminhar em passos largos, volto meu olhar para Ravi que parece pensativo. Sigo em direção à cozinha, sentindo um cheiro delicioso no ar. Logo descubro que se trata de um cordeiro assado, cozinhado por Arnald, que parece ter se familiarizado com o fogão a lenha. Sentamo-nos à mesa grande de madeira e percebo que todos me olham com expectativa.

— Foi complicado... digo... conseguir sua magia de volta? — Jordan pergunta demonstrando curiosidade, enquanto começa a fazer um prato para si mesmo.

— Não diria complicado, mas sim... surpreendedor — engulo em seco ao me lembrar das guardiãs sem rosto. — Precisei ceder uma memória afetiva para conseguir minha magia de volta, só espero ter me desfeito da coisa certa.

— Tenho certeza de que você tomou a melhor decisão, Nalini, agora coma. — Ravi coloca um prato a minha frente, parecendo visivelmente incomodado com o assunto. — Não gosto que você corra riscos assim, Adjra deveria ter encontrado outra forma.

— Não fale isso, era o único jeito. E sim, eu tive medo no início, mas toda a experiência valeu a pena e agora tenho forças para lutar. — Me surpreendo

com as minhas palavras, já que realmente me sinto diferente e ter entrado naquele lago me mudou.

— Você falou como uma verdadeira guerreira, Jennifer, estou ansioso pelo que você vai aprender — Arnald fala como encorajamento e é impossível não me sentir animada também.

Conversamos sobre a minha experiência no lago, com Ravi fazendo cara feia quando descobre sobre as guardiãs. Arnald anota tudo em algumas folhas amareladas que ele trouxe na mochila, ele diz que não quer perder nenhum detalhe e Laha parece igualmente animada com o fato do professor saber ler e escrever, já que ela não teve essa oportunidade.

Termino meu jantar me sentindo cansada e um pouco empolgada. Peço licença para me retirar e Ravi se levanta me acompanhando. Ele não falou mais nada, desde que contei como foi meu dia. E me ressinto um pouco por ele se preocupar tanto, afinal, se fui trazida para *Asuras*, esse sempre foi o meu destino e ele mais do que ninguém sabia disso há muito tempo.

— Você está chateado? — pergunto enquanto caminhamos com as mãos entrelaçadas pelo corredor da casa.

— Sim... Não, digo não com você, Nalini, mas com essa situação, não queria colocá-la em risco. — Ele espalma as mãos pelo cabelo, parecendo desnortado.

— Ei... você me trouxe aqui, sabia o que eu teria que fazer. Tenha um pouco de fé em mim. — Paro na porta do meu quarto e olho para o chão, pensando se pareço tão fraca quanto aparento.

— Eu tenho fé em você, mais do que em mim mesmo. — Ravi segura meu rosto em suas mãos, me olhando com tanta profundidade que fico sem palavras. — Só não me peça para não me preocupar, não quando você é tudo que me mantém em pé.

Demoro um tempo para assimilar as palavras, mas resolvo não pensar muito e quando sinto o rosto dele se aproximar, deixo meu corpo se levar pelos beijos ardentes que recebo. Nossas línguas estão em perfeita sincronia, massageando uma a outra. Meu corpo está prensado sobre a porta e sinto todo o calor que exala de Ravi a minha volta.

Logo, entre beijos e suspiros, deixo meus lábios descerem pelo pescoço dele, sentindo o sal do seu corpo na minha boca. A ereção de Ravi se faz presente no meu abdômen e logo ele espalma as mãos na minha bunda, erguendo meu corpo e deixando minhas pernas enganchadas em sua cintura.

Ele abre a porta sem interromper o beijo e a fecha com o pé. Estamos conectados, perdidos um no outro e mal percebo que estamos caminhando para minha cama.

A luz crepuscular adentra pelas janelas e eu só consigo pensar que nunca me senti tão amada. Somos fogo e água juntos, cada pedaço meu pertence a ele. Quanto mais me entrego ao prazer de estar com Ravi, mais começo a compreender que não há nenhum lugar em que eu queira estar. *Asuras* não tem sol, mas Ravi consegue iluminar e aquecer todo o meu dia.

CAPÍTULO 29

Acordo e não encontro Ravi na cama, mas ainda assim não consigo retirar o sorriso do meu rosto. Uma brisa fresca adentra pelas janelas do quarto e me permito pensar um pouco sobre os rumos da minha vida, antes de levantar e seguir para a cozinha.

O dia parecia promissor, hoje eu iniciarei minhas aulas de magia com Adjra. Eu sei que o tempo é relativamente curto para aprender a derrotar alguém tão poderosa quanto Kali, mas eu preciso me esforçar e tentar aprender o máximo, já que algo em meu coração me diz que estamos prestes a enfrentar algo muito sombrio.

Encontro Adjra no quintal, sentada sob um tecido azul escuro, com um narguilé prateado ao seu lado, exalando um leve cheiro mentolado. Aproximo-me um pouco hesitante, mas sou recepcionada por um sorriso dela que parece feliz em me ver. Sento na outra extremidade da toalha e encaro o espaço a minha volta.

Por vários quilômetros só se pode ver grama alta, cor de chumbo. O céu faz um excelente contraste em seu tom alaranjado pôr do sol. O vento varia de direção, mas não passa de uma brisa suave, que parece aplacar um pouco a paisagem anormal.

— Podemos começar... digo estou pronta. — Minha voz soa ansiosa e Adjra me olha com curiosidade enquanto deixa de lado o narguilé.

— Sim, podemos. Há muitas coisas que preciso lhe ensinar, receio não termos tempo para tudo. Mas te ensinarei o suficiente para que você consiga despertar o poder de Durga. — Adjra começa a se levantar, ajeitando a saia e parecendo mais empolgada. — O primeiro domínio que você precisa aprender é o dos quatro elementos. Hoje começaremos com o vento, um elemento poderoso e sempre presente.

Observo fascinada enquanto Adjra inclina um pouco os joelhos, assume

uma expressão concentrada e movimenta as mãos, trazendo uma grande corrente de ar a nossa volta. Em segundos estamos flutuando levemente. Ela com muita graça e domínio, enquanto eu luto para não gritar e parecer tola.

Ela nos coloca novamente no chão e ainda dominando o vento, forma um pequeno redemoinho no quintal. A grama começa a farfalhar e até mesmo as pequenas pedras levitam. Um pequeno tornado começa a rodear o recinto. Espio tudo com curiosidade, tento guardar os movimentos das mãos de Adjra em minha mente.

Quando o redemoinho finalmente se espalha, deixando o vento tomar seu rumo. Adjra se vira para mim, sorrindo como uma criança e me encara com expectativa.

— Vamos, é a sua vez. Feche os olhos e sinta o ar a sua volta, concentre-se e comece a senti-lo em suas mãos. — Ouço tudo com atenção e resolvo tentar o que foi pedido.

Faço como Adjra pediu, fecho os olhos e embora eu sinta o vento fluindo à minha volta. Não consigo pegá-lo ou senti-lo em minhas mãos. Abro os olhos frustrada, mas Adjra que já voltou ao narguilé, continua me encarando, esperando algum avanço. Faço tudo novamente e de novo, e de novo, até que Ravi aparece e me lança um olhar divertido.

— Nalini... Vim lhe convidar para almoçar. — O sorriso dele é mais amplo que o normal e sinto minhas bochechas corarem ao lembrar-se da noite passada.

— É... hã... claro — falo de forma desajeitada e olho para Adjra que tem uma expressão estranha no rosto.

— Você fica, Nalini, a fome irá lhe servir de incentivo. Não sairemos daqui enquanto você não tiver um avanço significativo. — A voz severa dela me faz pular para trás.

— Ela irá comer, não pode conseguir extrair energia alguma sem alimento — Ravi fala com a voz cortante e tenho certeza de que é a primeira vez que desafia Adjra.

— Não fale do que você não entende, garoto. Ela fica e irá aprender. — Minha tia parece que não irá mudar de ideia e por um momento penso que Ravi me levará a força para a cozinha.

— Tudo bem, mas eu fico aqui também. — Abro a boca para protestar, ao ver ele se sentar na grama e me encarar, mas resolvo não dizer nada quando observo sua expressão aborrecida.

Passamos o resto do dia sem avanço, Ravi até mesmo tenta me auxiliar, mas não conseguimos nada. No fim da tarde, Adjra me dispensa e sem falar uma palavra com Ravi, entra na casa. Meu estômago está roncando e uma dor de cabeça, devido ao esforço da concentração, começa a me incomodar.

Fico feliz por Arnald ter ido para cozinha novamente e desta vez, devoro tudo e fico ainda querendo mais ao terminar. Ravi me assegura que é assim no começo, é difícil conseguir dominar sua magia de um dia para outro. Mas como eu sei que não temos tempo, nada disso me conforta. Pelo contrário, me sinto ainda mais inútil do que antes.

Resolvo ir para a cama mais cedo, desta vez Ravi me deixa na porta e se despede com um beijo. Jogo-me no colchão, sentindo a exaustão tomar conta do meu corpo e começo a pensar: se não consegui executar uma simples tarefa, como irei derrotar Kali? Reviro-me entre os lençóis, mas mesmo cansada o sono não vem.

Resolvo ir até a cozinha e tentar encontrar algum chá. Os corredores estão silenciosos, por isso dou passos leves para não acordar ninguém. Para minha surpresa, Jordan está na cozinha, olhando para a janela e parecendo pensativo. Pondero se devo ou não voltar para o meu quarto, mas acabo desistindo e adentro a cozinha.

— Jennifer, ou Nalini, como preferir. O que faz acordada? — A voz de Jordan é animada, embora seu rosto não alcance toda essa empolgação.

— Não consigo dormir, pensei em fazer um chá... — falo, dando de ombros e indo até o fogão, onde um bule esquisito repousa.

— Ah, eu sofro do mesmo mal, não consigo dormir com tantas preocupações na minha cabeça... — observo o rosto do gigante e percebo que realmente olheiras profundas podem ser vistas em seu rosto.

— O que lhe preocupa? — pergunto curiosa, enquanto ajeito a lenha no fogão e pego um pouco de brasa da lareira para acendê-lo.

— Minha família. Eles estão no exército e tem lutado muito para conseguir derrotar os *dakinis*, mas não sei... Estou com medo de que tudo seja um sonho, que nós nunca vamos conseguir nos livrar dela. — Ver Jordan desabafar assim, me dá uma aperto no estômago.

Ficamos em silêncio por um tempo, enquanto eu penso na coisa certa a dizer. Não posso dizer a ele que sua família ficará segura. Eu sequer consigo me imaginar derrotando Kali! Ontem parecia que tudo daria certo, mas hoje, após o fracassado treino com Adjra, me sinto tão inútil quanto um grão de areia. A chaleira apita e começo a servir chá para mim e Jordan, sento em

frente a ele na mesa, pensando que Ravi havia dito que Jordan era de Nova York.

— Você vivia no meu mundo... como veio parar aqui? — Minha curiosidade aguçada acaba deixando Jordan desconfortável, mas após um breve silêncio, ele começa a falar.

— Fui enviado para *Manushya* em uma missão, eu e meus amigos deveríamos destruir qualquer *dakini* que adentrasse na cidade. — O olhar dele parece cada vez mais distante, como se estivesse revivendo os momentos de sua vida. — Acabei falhando quando comecei a me sentir acomodado com os humanos. Arrumei um emprego, frequentei festas e até aí tudo bem. Mas quando encontrei uma mortal, que conquistou meu coração, fui obrigado a voltar para *Asuras* e meu castigo é nunca mais voltar ao seu mundo.

Fico um tempo pensativa, tentando imaginar Jordan em Nova York, comendo *fast food* e saindo para dançar. Eu acho *Asuras* diferente e desafiadora, mas isso é porque eu nunca conheci nada desse lugar. Contudo, quando você consegue comparar dois mundos, deve ser horrível precisar voltar justamente para aquele em que você não se sente seguro.

— Vocês possuem algum líder entre o povo gigante? — Tento imaginar um gigante maior do que Jordan, ditando as regras e condenando os demais.

— Sim, somos divididos em três raças. — Ele faz uma pausa, como se considerasse se deveria ou não falar disso comigo, mas ao me ver curiosa, ele relaxa na cadeira e começa a contar. — A primeira espécie é a mais poderosa é a dos *arnit*, possuem três vezes o meu tamanho e são como a realeza do nosso povo. Há também os *urni*, possuem entre três a quatro metros de altura e lideram o exército. Por fim tem a minha raça, *ifinis*. Somos os agricultores, curandeiros, construtores e também servimos ao exército.

Beberico o meu chá e fico imaginando toda uma legião de gigantes vivendo em *Asuras*. Até o momento eu só conheço Jordan, mas não posso negar que deve ser incrível encontrar outros povos, vivendo em formas variadas e com hierarquias diversas, em uma dimensão que não tem uma lei geral, somente uma mistura de habitantes, que vivem a sua maneira.

— Onde fica o seu povo? Não os vi em *Rakha*... — temo parecer intrometida ou invasiva demais, mas Jordan parece tranquilo em falar do assunto.

— Meu povo vive aqui nos campos de sangue e também habitam algumas terras em volta do Mar Negro. — Fico um pouco assustada por não saber nada da geografia de *Asuras*, mas pelo menos sei o nome da casa onde

estamos vivendo.

— Eu sei que não posso prometer nada, mas farei o meu melhor, Jordan. E caso você sinta que não é seguro, eu entendo se não quiser lutar por mim. — Sinto-me totalmente fracassada e olho para o meu chá, que agora pesa meu estômago.

— Devo muito a Adjra e conheço a sua história. Muitas pessoas não acreditavam que você viria, mas eu tenho fé em você, Jennifer Nalini, tenho certeza que irá encontrar uma forma de derrotar aquela bruxa. — Ele bagunça os cabelos com as mãos, enquanto eu sinto as lágrimas preencherem meus olhos. — Quanto a minha família, eles escolheram o próprio destino. Só me resta ficar preocupado e torcer para que todos sobrevivam.

CAPÍTULO 30

*G*otas de chuva. Foi a primeira coisa que pensei ao sentir alguns pontos gelados no meu rosto. Abri os olhos desnorreada, mas não havia sinal da tempestade. Somente um céu negro, que me levou a questionar se Asuras finalmente havia anoitecido. Levantei um pouco abalada, olhando a minha volta e vendo o mesmo cenário do meu sonho anterior.

Eu estava deitada sobre uma terra negra como piche, as ruínas de uma construção imponente rodeavam o espaço e se espalhavam até onde os olhos não conseguiam alcançar. O ar parecia tão pesado que minha respiração era ofegante. As árvores de uma floresta que contornava as margens balançavam freneticamente, com galhos quebrando contra o vento.

Era frio naquele lugar e mais uma vez constatei as roupas que eu vestia. O vestido desta vez era vinho, com um aspecto desbotado e rasgado em vários lugares. Caminhei, enquanto sentia os remendos do tecido ceder e tentei não pensar muito no porquê das minhas roupas estarem esfarrapadas.

Como no outro sonho, eu sabia o caminho. As escadas de mármore, que um dia deveria ter sido polido, me aguardavam. Estavam sujas com uma mistura de folhas e barro, o que comprovava meu pensamento de que em algum momento chovera aqui. O espelho de Vishnu estava logo acima, o porquê daquele artefato majestoso estar em um lugar como esse, era um fato alheio a mim.

Meus pés descalços pisavam na lama fofa. Os galhos arranhavam meus calcanhares levemente, mas tentei não pensar muito naquela paisagem hostil. Terminei de subir as escadas e encontrei o espelho, a moldura assumira um tom branco marfim. Para minha surpresa, não havia mais aqueles entalhes confusos, somente uma lisa camada em volta do vidro negro e por um momento questionei se aquele era realmente o espelho.

Ao me aproximar, a energia que sempre me atraiu a esse artefato se fixou em mim como um ímã. Mesmo se eu quisesse, não conseguiria voltar agora. O espelho tinha algo a me mostrar e eu não poderia me negar a ver. Observei o vidro negro, que me refletia com pouca exatidão.

Meus cabelos negros e longos estavam bagunçados e se agitavam com o vento. A roupa realmente estava rasgada e até mesmo chamuscada em algumas partes. O porquê, eu não entendia. O colar de flor de lótus era a única coisa que parecia intacta, já que minha expressão também era de puro assombro. Perguntei-me se o espelho me dava naquele instante um vislumbre de minha alma, que estava bagunçada e perdida em meio a toda essa loucura.

Não prossegui com meus pensamentos, porque logo uma imagem começou a se formar no vidro. A primeira coisa que vi foi uma multidão incomum, havia dakinis e criaturas que eu imaginava serem demônios, muito grandes e bem mais assustadores. Todos pareciam vestir uma espécie de armadura, o metal era preto e levava um desenho confuso, parecido com um pentagrama, mas os padrões eram estranhos, com outros símbolos intrincados e números espalhados aleatoriamente.

A visão logo deu lugar a Kali e Baahir, que estavam em cima de uma rocha mais alta. Vestidos com o que deveria ser uma roupa de combate, embora muito estranha. Kali usava uma espécie de vestido, feito com o metal da armadura do seu exército, que conseguia destacar suas curvas, ao passo que uma saia longa e preta caía logo abaixo do corpete. Duas fendas grandes na perna mostravam que ela usava uma calça por baixo, com metais pretos em volta, e botas longas até o joelho.

Baahir usava uma espécie de capacete, era o único dourado e parecia reluzir mais do que qualquer um ali. Sua armadura era mais sofisticada que as demais, do mesmo metal negro. Com a diferença de havia um chicote preso a sua cintura e ele também segurava uma pesada espada. Kali tinha em mãos um bastão, longo e prateado. Eu suspeitava que aquela não fosse uma simples arma, mas ela continuou imóvel sem mostrar o verdadeiro potencial do objeto.

Eu estava esperando ouvir algum discurso, para entender quais eram os planos dos dois. Mas de repente o ambiente a minha volta começou a sacudir, o espelho tornou-se negro novamente. E o vento cortante começou a me arrastar do local. Tentei segurar nas pilastras ainda erguidas, mas nada parecia funcionar. Acabei desistindo e deixando meu corpo ser levado,

embora eu esperasse sentir alguma dor, somente a leveza do vento era o que penetrava na minha pele.

Fechei os olhos e me deixei desfrutar do momento, era aquilo que Adjra dizia? Sentir que podia controlar o vento em suas mãos? Abri os olhos e vi que ainda estava flutuando, mas precisava me esforçar para conseguir enxergar o local em que estava. Assimilei pequenos traços do ambiente e percebi que estava em um morro, a grama ali era de um verde comum e o vento continuava soprando forte, mas pousei no chão com delicadeza.

Como o cume que em que estava era alto, consegui observar a paisagem abaixo e vi a floresta dos sussurros, bem como o campo de sangue, que parecia somente uma mancha vermelha em minha visão. Fiquei mais tranquila por saber onde estava, mas quando ouvi uma voz às minhas costas, engoli o grito de espanto, pois somente Kali e Baahir já tinham conversado comigo em um sonho.

— Princesa Nalini... — A voz era tão melodiosa, que me virei devagar, tentando criar coragem para olhar. — Não tenha medo, querida, vire-se.

Resolvi saciar logo minha curiosidade e me virei, encontrando um tigre enorme que não rugia e nem parecia se importar com a minha presença. Ao lado dele, uma mulher com os traços mais lindos que eu já vi na vida me encarava com um sorriso maroto, que contrastava com seus olhos verdes e um vestido vermelho, cravejado com pedras. Os cabelos pretos e brilhosos faziam uma cascata até a cintura da mulher. O braço estava envolto por joias, que pareciam mudar dependendo do ângulo em que olhava. Não precisei perguntar de quem se tratava, pois algo em meu íntimo já me dizia. Aquela era Durga, em pessoa, ou melhor, uma deusa.

— Você é Durga — falei com confiança e recebi um sorriso ainda mais amplo da deusa.

— Sim, vi que você está tendo problemas com a sua magia. Se sentir tão desencorajada, enfraquece você. Todas as vezes que você perde a fé em si mesma, abre espaço para os sonhos com o espelho. — A voz da deusa, mesmo com a voz séria, parecia calma e controlada, senti meu rosto corar diante da afirmação.

— É inevitável me sentir assim, quando não consigo fazer nenhum avanço — disse com a voz embargada de emoções.

— Você fará o seu avanço se acreditar em si mesma. Dei-lhe um presente muito especial, Nalini, use-o com sabedoria. Kali se fortalece cada vez mais, prova disso é que ela está invadindo seus sonhos. — Arquejei assustada ao

ouvir as palavras de Durga. Se aqueles sonhos com o espelho eram obra de Kali, significava que ela andava sondando a minha mente.

— Como ela consegue? Digo... o espelho foi criado por Vishnu, como ele pode servir ao mal? — perguntei incrédula, me lembrando da origem daquele artefato.

— O espelho serve a quem lhe possui, Kali o tem há muitos anos e por isso ele é um servo fiel. Você precisa se fortalecer, princesa, um exército marchará para Asuras e destruirá tudo pela frente. — A voz de Durga ganhou um tom mais urgente, embora ela ainda parecesse calma.

— Eu irei, só preciso aprender a controlar um maldito vento — falei emburrada, lembrando os meus fracassos.

— Acredite. A fé em si mesma é uma das armas mais forte de qualquer ser vivo. — Durga piscou mais uma vez para mim e antes que eu pudesse fazer mais perguntas, sua imagem se desvaneceu como poeira.

Tentei olhar em volta novamente, mas senti que meu corpo iria começar a despertar. Desta vez, deixei minha mente me guiar e antes de abrir os olhos, senti pela última vez a brisa de um vento e um leve cheiro de flor de lótus, provando que Durga realmente estivera ali.

CAPÍTULO 31

Acordo mais encorajada, não ousa contar sobre o sonho com Durga, mantendo aquilo somente para mim, já que me sinto mais próxima da deusa agora. Sobre o exército, no entanto, preciso falar tudo o que vi. Recebo comentários raivosos de Ravi e vejo Jordan empalidecer à medida que eu explico sobre os demônios e *dakinis* juntos.

Adjra se mantém calada e quando termina sua refeição, convida-me para se juntar a ela no jardim. Pela sua expressão, sei que não tem muitas esperanças em meus avanços e confesso, eu até mesmo já me imagino fracassando outra vez. Mas enquanto fecho os olhos para tentar sentir o vento a minha volta, o familiar perfume de lótus alcança minhas narinas, lembrando-me do que Durga disse.

Eu não posso ficar à mercê de Kali novamente, seja lá o que ela quer me mostrar com os sonhos, não posso permitir que minha mente fique vagando por aquela paisagem hostil. Eu preciso acreditar em Durga, preciso confiar em mim mesma e tomar controle da situação. Respiro de forma resignada e de repente começo a sentir a corrente de ar a minha volta.

É tão densa que parece um grande cobertor pesado, o qual com um pouco de esforço, eu consigo manipular e formar pequenos redemoinhos na grama. Olho para Adjra e encontro um sorriso tão grande, que sei que agora posso fazer qualquer coisa. Durante a manhã, pratico um pouco mais com o vento, aprendendo a levitar a mim mesma e aos objetos.

Na hora do almoço, já tenho um progresso muito grande e embora me sinta um pouco cansada, resolvo tentar controlar os próximos elementos durante a tarde. Ravi, que exibe um olhar pensativo, fica feliz com o meu avanço e resolve tomar o lugar de Adjra para me ensinar a controlar o fogo. Aquele é um elemento mais rebelde e que precisa de grande técnica para evitar acidentes.

— Preciso que tenha paciência, Nalini, e se concentre em tudo que eu falar. — A voz de Ravi é séria, demonstrando preocupação exacerbada comigo.

— Farei tudo que disser, prometo. — Resolvo tentar passar um pouco de confiança para ele, caso contrário nunca aprenderei a usar o fogo da forma apropriada.

— Muito bem. — Ele solta um suspiro resignado e caminha até a pequena fogueira crepitando em uma bacia de metal no templo, o qual eu descubro conter uma estátua de *Vishnu*. — Você aprendeu a sentir o vento, com o fogo você deve aprender a não senti-lo. Quando o calor das chamas não lhe incomodar, significa que você pode manipulá-lo a sua vontade.

Observo Ravi estender as mãos até o fogo, à medida que ele se concentra, as chamas tremeluzem, como se estivessem lutando para serem contidas. Mas Ravi, com habilidade, coloca as mãos entre as chamas e as ergue para mim. O fogo tremeluz em um azul oceano em suas mãos e quando eu penso em perguntar algo, vejo Ravi arremessar uma das chamas para o outro lado do cômodo, onde a mesma se espalha e acende um a um, os incensos e velas espalhadas pelo templo.

— Isso foi incrível! — falo empolgada, enquanto me aproximo de Ravi. Quero muito fazer o mesmo, será útil e já imagino tudo o que posso fazer, se controlar o fogo.

— Vamos deixar você tentar agora, lembre-se que se continuar sentindo o calor forte das chamas, não deve aproximar suas mãos. — O tom dele é de alerta, por isso resolvo seguir à risca. Ravi acende novamente a fogueira na bacia e aperta levemente o meu ombro, me incentivando a me aproximar.

Caminho até a fogueira um pouco temerosa, assim que aproximo minhas mãos, o calor do fogo as envolve como um manto quente. Concentro-me, reunindo a força interior que eu sei que habita em mim. Por algum tempo, nada acontece e até mesmo ouço Ravi bufar de forma exasperada. Penso em desistir por hoje, mas sei que o perigo se aproxima e me vejo novamente recorrendo a Durga.

A deusa, com todo seu esplendor e beleza, consegue ser letal. Havia dividido sua alma em três fragmentos, tudo para derrotar o mal. Eu preciso ser forte como ela e alcançar todo o meu potencial, mesmo que isso me esgote. Concentro novamente no calor das chamas e as fito com coragem e audácia, o fogo começa a tremeluzir como aconteceu com Ravi.

Mantenho minha concentração, até que paro de sentir o calor das chamas.

Aproximo minhas mãos bem devagar e acho que Ravi disse algo, mas logo que sinto uma leve energia formigar minhas mãos, tomo coragem e retiro as chamas da bacia. Ao contrário das chamas de Ravi, que eram azuis, as minhas assumem uma tonalidade verde limão.

— Por que está desta cor? Não deveria ser azul? — pergunto assustada enquanto passo as chamas de uma mão para outra.

— Isso é... — Ravi fica um tempo mudo, deixando-me ainda mais apreensiva, até que finalmente suspira e fala. — Significa que você as dominou totalmente, não precisa acender mais uma fogueira como eu, você pode invocar o fogo, quando e onde quiser.

Nesse momento, arquejo assustada e vejo que as chamas esverdeadas começam a se espalhar pelo meu braço e por todo meu corpo, a sensação de formigamento é intensa e tento em vão contê-la, até que sinto um pequeno aperto na barriga e as chamas logo se extinguem. Olho para Ravi assustada, ao mesmo tempo em que Adjra adentra a porta com um olhar curioso.

— Está tudo bem? — ela pergunta, vendo o meu olhar indeciso.

— Tente convocar o fogo agora, Jennifer. — A voz de Ravi é um sussurro, com um misto de emoções que eu não sei identificar.

— Como eu faço? — pergunto indecisa, já que não tenho ideia do que fazer.

— Só concentre-se e imagine-o em suas mãos novamente. — Ravi agora exhibe um sorriso encorajador, o que me deixa mais animada.

Assinto e fecho os olhos, imaginando aquelas chamas verdes tomando conta das minhas mãos, não preciso me esforçar muito. Em pouco tempo, a sensação de tê-las retorna e quando abro os olhos, encaro animada as duas chamas verdes tomarem conta das minhas mãos. Começo a bater palmas, até que as chamas tomam uma tonalidade vermelha e com um movimento brusco de minha parte, acabo lançando uma bola de fogo pelo templo e por pouco não acerto Adjra. Não posso dizer o mesmo da cortina.

— Certo, acho que você sabe o que fazer agora... — Adjra murmura com um sorriso debochado no rosto, enquanto Ravi parece um pouco desnortado.

— Sinto que posso fazer qualquer coisa agora — falo dando pulinhos, após extinguir o fogo das minhas mãos. — Podemos aprender sobre a água agora?

Adjra e Ravi se entreolharam e espero por uma notícia pior, mas após um tácito entendimento dos dois, Adjra assente e caminha até os fundos do templo. Ela traz uma moringa de água, que despeja sobre uma bacia vazia de

cobre, onde ela se senta com as pernas cruzadas e balança a cabeça em concordância, esperando que eu me junte a ela.

— Acho que você está se esforçando muito, Jennifer, pode acabar exaurindo suas energias. — Ravi segura meu braço de forma protetora e seu olhar parece amedrontado, o que me faz abrir um sorriso automático.

— Está tudo bem, Ravi. Se eu me sentir cansada, prometo parar. Mas no momento, preciso continuar, temos pouco tempo — falo resignada e deposito um beijo casto nos lábios dele, antes de caminhar até onde Adjra está sentada.

Acomodo-me em frente à Adjra e esta se limita a me olhar por um momento, antes de começar a moldar a água com as mãos. Percebo que ela tem muita prática com o elemento, que parece ser mais fácil que os demais. Tento imitar o mesmo em seguida, tendo como resultado apenas alguns tapas na água. Por fim, minha cabeça começa a doer e Ravi, vendo meu desconforto, caminha até mim e me pega no colo.

— Chega por hoje, vamos descansar Nalini. — Acabo aceitando sem relutar enquanto ele me carrega pelo corredor da casa e minha cabeça lateja de forma constante.

— Acho que minha cabeça vai explodir... — murmuro, sentindo-me desconfortável com a dor.

— Vou lhe ajudar com isso. — Ravi entra no quarto dele, onde as janelas permanecem fechadas.

Sou colocada sobre a cama e vejo quando ele se levanta e procura algo em um armário no canto do quarto. Após alguns minutos, ele retorna e um cheiro de forte de ervas toma conta do meu nariz, abro a boca para questionar, mas logo sinto um líquido frio e espesso sobre a minha testa e os polegares de Ravi começam a massagear as minhas têmporas.

Sinto de imediato certo alívio com esse gesto, quero dizer algo, conversar um pouco com ele, mas meu corpo parece protestar e acabo sendo carregada pelo sono. Deixo minha mente descansar, desta vez não há nenhum espelho, é somente um sono pesado, com sonhos que eu já não me lembrarei no dia seguinte e que me asseguram de que por enquanto estou segura.



Passei o resto da semana treinando minha magia, consegui avanços com a

água, embora o fogo fosse o elemento com o qual tivesse mais afinidade. Com a terra também foi fácil, mas acabei deixando toda a casa coberta de cipós, os quais Jordan demorou dois dias inteiros para cortar tudo. Havia certa animação no ambiente e descobri tardiamente que se tratava do aniversário de Laha.

Não sabia como aconteciam as comemorações em *Asuras*, mas aparentemente Adjra havia convidado vários moradores dos arredores do campo de sangue e com isso, eu me encontro agora pronta para enfeitar um arco de madeira, com petúnias, a pedido de Adjra, que adora essas flores. Ravi e Jordan parecem mais animados e ajudam a carregar os barris de cerveja e vinho, trazidos por dois gigantes, amigos de Jordan.

— Os gigantes da outra raça, maiores que Jordan, também virão? — pergunto baixinho a Laha, que está ao meu lado esperando ver algum resultado com o arco.

— Não, os *Urni* e *Arnit* só aparecem no campo de batalha. Dificilmente saem para socializar assim — Laha fala com certa indiferença na voz, enquanto eu tento me lembrar de aquelas são as raças do exército e realeza que Jordan me falou.

— Você fará quantos anos Laha? — pergunto curiosa, enquanto analiso o rosto jovial da sátira.

— Farei cinquenta e seis, estou chegando próxima à idade de casar, mas aparentemente não há muitos sátiros disponíveis. — Percebo certo pesar nas palavras de Laha, mas fico mais surpreendida pela idade dela e penso que Sátiros devem ter vidas longas também.

— Não há muitos sátiros em *Asuras*? Só vi você até o momento... — falo um pouco insegura, já que não conheço a história de Laha.

— Há uma tribo na floresta, mas não são muito amigáveis. Eu poderia me juntar a eles, mas as fêmeas só servem para procriação e eu não quero essa vida para mim, pretendo lutar batalhas. — Surpreendo-me com a firmeza das palavras de Laha e me pergunto se ela pretende ir à guerra.

Laha se afasta um pouco, indo buscar alguns bancos de madeira. Resolvo me concentrar no arco e lembro-me das petúnias, não sei quais as cores que Adjra vai querer, por isso acabo pensando em todas. O resultado é um arco com flores rosa, rochas e brancas. Satisfeita, acabo incorporando mais algumas ao redor do campo, o que deixa a paisagem bem incomum. Grama avermelhada, com flores coloridas é realmente algo de outro mundo.

Começo a me virar para ir em direção à casa, quando vejo uma sombra

mais à frente no campo. De longe só consigo ver uma figura de preto e resolvo averiguar, já que tenho um mau pressentimento sobre isso. Corro em direção ao intruso, que começa a correr também, embrenhando-se cada vez mais na grama alta, caminho por um tempo, perseguindo-o. Ouço a voz de Ravi atrás de mim e quando olho para trás, ele também corre ao meu encontro. Neste minuto de distração, a figura desaparece.

— Jennifer, está tudo bem? Vi você correndo feito uma louca. — A voz dele é curiosa e abafada pela respiração forte.

— Eu tinha visto alguém... Só que começou a correr quando percebeu que estava sendo observado. — Mordo o lábio e olho em volta, tentando encontrar novamente aquele ou aquela a qual eu perseguia.

— Não vi nada, deve ter sido algum animal. Vamos embora. — Ravi passa um braço em volta do meu corpo e deixa-o me levar de volta para casa.

Ao chegar, percebo que alguns convidados já estão presentes no jardim. A maioria é gigantes amigos de Jordan, também vejo um grupo de duendes que parecem eufóricos enquanto se deliciam com a cerveja, três porcos estão sendo assados e Arnald já está entretido em uma conversa animada com dois elfos.

Para esta ocasião, Adjra me emprestou um vestido. É roxo com bordados dourados; o tecido, embora pesado, destaca algumas curvas do meu corpo. O mais interessante é o brasão da família Rashid, cravado bem nas minhas costas. Isso me pegou desprevenida, por isso fiquei um tempo encarando-o antes de vesti-lo.

Ravi está usando uma calça caqui e camisa branca aberta no peito. Está lindo, e os cabelos desgrenhados com o vento só me fazem admirá-lo ainda mais. Eu não conheço quase ninguém da festa, mas ainda assim todos parecem confortáveis e me lançam olhares sutis enquanto festejam. Embora Ravi tenha me convidado para dançar, resolvo ficar sentada e alerta ao ambiente.

Adjra traz para mim uma sidra de maçã, tão saborosa que me vejo embriagada em pouco tempo. Laha parece muito empolgada, principalmente quando cinco sátiros, vindos do bando da floresta, apareceram para cortejá-la. Embora eu saiba sobre seus desejos, é visível que ela também tem vontade de encontrar o amor e se estabilizar. Torço internamente para que isso aconteça, já que bem no fundo do meu coração, eu temo não vencer a guerra.

Fico muita animada com a bebida e conseqüentemente começo a dançar, os passos são fáceis e sincronizados, Ravi aparece atrás de mim e envolve as

mãos na minha cintura. Dançamos por tanto tempo que eu perco totalmente a noção de onde estou e tudo eu quero é ter mais momentos assim com ele, nossos corpos se movem perfeitamente em uma união além do imaginado.

— Você está maravilhosa, Nalini, nunca me esquecerei dessa visão que estou tendo de você hoje. — A voz dele é de pura admiração e acabo sentindo minhas bochechas corarem.

— Pretendo ter muitos momentos assim com você — falo com a voz embargada, já que eu realmente não consigo me imaginar sem Ravi.

— Então você ficará comigo em *Asuras*? — Os olhos dele brilham esperançosos e mesmo que eu não tenha pensado muito nisso, sei que se Ravi quiser ficar em *Asuras*, então esse é o meu lugar.

— Sim, eu ficarei onde você estiver — sussurro próximo aos lábios dele, recebendo de volta sua boca, a qual eu recebo de muito bom grado, sentindo-me nas nuvens.

— Eu te amo, Nalini. Não deixarei nada de mal acontecer a você. — Essa promessa é tão profunda e sincera, sussurrada entre nossos lábios, que me vejo concordando e sentindo um pouco de temor pelo que o futuro poder nos reservar.

— Ravi, você viu a mãe? Não estou encontrando-a. — Laha nos interrompe, enquanto está de mãos dadas com um dos sátiros visitantes, ele é loiro como ela e tem olhos dourados, com um físico muito bem esculpido, tão belo que fico admirando-o com curiosidade.

— Não, já procurou na casa? — Sinto Ravi ficar um pouco tenso e quando Laha assente, resolvemos nos separar para procurar.

— Nalini, tenha cuidado. Qualquer coisa, volte imediatamente para mim. — Ele me beija com aspereza, ainda que de forma rápida, e sai em busca de Adjra, enquanto eu vou para o lado oposto.

Não faço ideia de onde Adjra pode estar, por isso me vejo perguntando a vários convidados que, já embriagados, mal respondem a minha pergunta. Continuo caminhando, até que olho para o campo, pensando se ela viu algo e foi atrás como eu. Dou dois passos quando um grito alto e assustador me faz estancar no lugar.

Logo em seguida, vários gritos se unem e antes que eu possa perguntar o que está ocorrendo, vejo tudo ocorrer bem na minha frente. *Dakinis* cercam a casa, alguns começam a atacar os convidados, banquetecendo-se com sangue. Os primeiros são os anões, aparentemente o sangue mais parecido com os humanos, enquanto os gigantes começam a lutar.

Sinto a raiva tomar conta do meu corpo e deixo o fogo surgir em minhas mãos, penso em arremessá-lo, mas é difícil conseguir uma mira precisa, já que a festa agora é uma mistura de *dakinis* e convidados, todos em fúria, tentando lutar pela própria sobrevivência. Percebo que estou em choque enquanto observo a cena, até que ouço uma voz muito familiar às minhas costas.

— Jennifer, é sempre bom vê-la. Seja em Nova York ou em *Asuras*. — A voz de Clay me provoca um imediato calafrio e me viro com rapidez, para encarar os olhos que um dia foram castanhos, agora são brancos e leitosos, mostrando sua verdadeira natureza.

— O que vocês estão fazendo aqui? Não há nada para vocês, parem de machucar as pessoas, a luta de vocês é comigo — cuspo as palavras com ódio, ouvindo os gritos a minha volta e vendo dois gigantes caídos no chão.

— Ora, Jennifer, essa briga é muito maior do que você imagina. *Asuras* é um lugar sem lei, logo podemos fazer o que bem entendermos, inclusive beber o sangue desses miseráveis. — O sorriso dele é pura perversidade e me pergunto como não percebi antes a falsidade em seu olhar. — Preciso dizer que tenho um apreço especial por sátiros...

Acompanho o olhar de Clay e vejo que um *dakini* pegou Laha, corro na direção dela e arremesso uma bola de fogo, que o acerta em cheio, fazendo-o gritar e se contorcer. Laha olha para mim e grito para que ela chame Ravi, ela se coloca em movimento e logo ouço a risada alta e debochada de Clay atrás de mim.

— Vejo que descobriu seus poderes... Interessante, talvez assim você seja páreo para nossa mãe, embora eu duvide muito disso. — A voz dele é de pura provocação e de repente me lembro de que se desse um jeito de o prender, posso extrair informações dele.

— Não confie tanto assim na sua mãezinha, afinal eu vivi todos esses anos sem ser descoberta — falo com sarcasmo, vendo o rosto dele endurecer.

— Nós já sabíamos sua localização há muitos anos, precisei me infiltrar naquele reino estúpido e fingir ser um motorista até conseguir encontrá-la. Mas acho que obtivemos sucesso. — Ele volta a abrir um sorriso maldoso e começa a se aproximar.

— Isso, venha até mim, Clay, acho que você também quer se queimar um pouquinho — falo com um sorriso diabólico, enquanto deixo as chamas aparecerem em minhas mãos.

Clay se afasta um pouco quando vê o fogo e continua me encarando, até

que algo atrás de mim o assusta. Ouço Ravi gritar para que eu abaixe e automaticamente o faço, sentindo uma carga de energia se fixar em Clay, que começa a se contorcer no chão. Ravi logo está do meu lado, enquanto Jordan e mais dois gigantes amarram uma corda em volta de um Clay que parece estar tendo um ataque epilético.

— Eu havia acabado de pensar em prendê-lo... como você? — pergunto curiosa, já que não disse nada a Ravi.

— Antes de nos separarmos, liguei nossas mentes por algumas horas, somente para saber o que estava se passando com você. Desculpa não ter avisado antes. — Ravi parece visivelmente constrangido, mas seguro a mão dele em compreensão.

— Não, tudo bem. Vamos interrogá-lo, tenho certeza de que há muitas coisas para descobrirmos. — Olho para Clay, que tem a pele agora cheia de bolhas de queimaduras, embora algumas já estejam cicatrizando.

Em outro momento eu seria totalmente contra a tortura, mas ao lembrar que Clay me traiu e manipulou, e provavelmente matou os meus pais, eu não consigo me compadecer por ele. Só sinto ódio fluindo pelas minhas veias e uma vontade louca de arrancar toda a verdade dele, coisas que eu sei que me deixarão um passo à frente de Kali, já que a batalha está cada vez mais próxima.

CAPÍTULO 32

Aquela foi uma noite longa e parecia que nunca teria fim, mesmo que não houvesse a escuridão da noite, o alaranjado do céu de *Asuras*, parecia mais escuro, quase como se refletisse o sangue derramado em nosso jardim. Não havia nenhum sinal de Adjra, o que nos fazia presumir o pior. Laha estava em estado de choque, mas ao menos o sátiro com quem ela estava de mãos dadas tinha sobrevivido e voltado para sua tribo a fim de narrar o que aconteceu.

Arnald parecia tão assustado que seus comentários bem-humorados foram extintos. Ele se limitou a recolher as sobras de comida e preparar um café da manhã para nós, que ainda não havíamos conseguido assimilar toda a situação. Clay estava preso nos fundos da casa, sendo constantemente vigiado por Ravi e Jordan.

Os gigantes que nos visitavam acabaram ficando e já haviam passado uma mensagem para o líder, avisando sobre a presença dos *dakinis*. Em pouco tempo, boatos de que *Rakha* também havia presenciado um banho de sangue chegaram aos nossos ouvidos, eu me sentia completamente impotente e o que mais queria era deitar na minha cama e pensar que tudo aquilo tinha sido um sonho ruim.

Contudo, aqui estou, sem alternativas, indo até onde Clay está preso. Surpreendo-me por encontrá-lo todo ensanguentado, com marcas de chicote que parecem cicatrizar bem rápido, embora Jordan não esteja disposto a deixar que ele se cure inteiramente. Ravi não olha para mim, o que me faz questionar se a conexão de pensamentos ainda existe entre nós.

— Conseguiram extrair alguma coisa? — pergunto com a voz fria, tentando expurgar todas as minhas emoções.

— Somente que eles têm Adjra — Ravi responde com a voz distante e

entendo o porquê dele não ter me olhado, não quer demonstrar o desespero que está sentindo. Saber disso me mostra que ainda estamos ligados.

— Deixe-me fazer algumas perguntas. — Caminho até Clay, que me encara com um sorriso ensanguentado.

— Já estava sentindo minha falta, Jennifer? Acho que seu feiticeiro não sabe satisfazê-la o suficiente. — O comentário de Clay é recebido com um chute no maxilar dado por Ravi. Isso, no entanto, parece desnortear o *dakini* por poucos segundos, que logo volta a me encarar com curiosidade.

— Onde eles estão mantendo Adjra? Aqui em *Asuras*? — pergunto com a voz firme, recebendo nenhuma resposta de Clay. — Eu vou contar até cinco, Clay, se você não responder, vou queimar cinquenta por cento do seu corpo e tenho certeza de que isso vai demorar muito a se curar, então esta é a sua última chance.

Clay começa a rir de forma histérica, fazendo Ravi bufar bem alto. Sem pensar, deixo as chamas crescerem em minhas mãos e começo a contar.

— Um — falo e vejo que Clay continua a rir, mas acaba se voltando para me olhar.

— Dois — digo com mais veemência, fazendo o fogo assumir uma tonalidade avermelhada e caminho mais para perto de Clay.

— Três. — Nesta hora Clay para de rir e me encara com um misto de curiosidade e deboche, como se duvidasse da minha capacidade.

— Quatro. — Aproximo-me ainda mais, com o fogo rugindo em minhas mãos e pronto para ser arremessado.

— Nalini... — Ouço a voz temerosa de Ravi, mas não espero.

— Cinco. Seu tempo acabou. — Não espero a reação de Clay, apenas deixo o fogo ser expelido das minhas mãos, como um incinerador. Os gritos de Clay são de puro sofrimento e eu tenho certeza de que ficarão para sempre gravados em minha memória, ouço Jordan gritando para que eu pare e só assim finalizo as chamas.

O resultado é um Clay com queimaduras de segundo e terceiro grau, o rosto totalmente esturricado não exhibe mais deboche e um cheiro de carne queimada exala por todo o ambiente. Ravi está abismado e Jordan exhibe o mesmo olhar assustado. Encaro Clay que começa a murmurar algo, mas como a sua voz é baixa, tenho que me aproximar para ouvir.

— Fale mais alto — ordeno sem nenhuma empatia.

— Ela está em *Naraká* — ele sussurra de forma mais audível e exalando sofrimento em sua voz.

— Precisamos ir para *Naraká* — falo me virando para os rapazes, que após alguns segundos se recuperam do choque.

— Só vamos conseguir ir até lá por meio do espelho de *Vishnu*... — Ravi fala pensativo e me lembro da forma como viajamos pela ponte do *Brooklyn*.

— Água corrente não funciona? — pergunto curiosa.

— Não para ir até *Naraká*, só o espelho pode nos levar até lá. — Ravi parece decidido e eu entendo o que precisamos fazer.

— Então vamos para Nova York, encontramos o espelho e partimos. — A ideia de voltar a minha cidade natal me assombra, mas eu sei que é o único meio.

Ravi assente e segura minha mão, levando-me para fora do recinto. Olho mais uma vez para Clay e vejo que ele murmura algumas coisas, provavelmente está sentindo muita dor. Ao sair do quarto, sinto a brisa acariciar meu rosto e tomo fôlego ao pensar no que fiz. Acabei de queimar um ser vivo, maligno, mas tornei-me tão cruel quanto ele ao fazer isso. No entanto eu sei bem que somente isso funciona com Clay.

— Você está bem? — Ouço Ravi perguntar e me fazer parar próxima a uma janela no corredor.

— Sim, eu sei que excedi... mas Clay não iria falar. — Minha justificativa quase não convence a mim mesma, mas sei que não posso me culpar, não agora pelo menos.

— Eu fiquei um pouco surpreendido, mas agradeço pelo que fez. Agora poderemos encontrar Adjra. — Olho para Ravi e percebo o quanto ele parece apreensivo, a pessoa que o criou está correndo perigo e mesmo que eu não conheça Adjra o suficiente, é impossível não me preocupar com ela.

— Vamos resgatá-la. Só precisamos chegar à Nova York, há algum rio por aqui? — pergunto curiosa, já que não conheço a geografia de *Asuras*.

— Sim, há uns cinquenta quilômetros. Não é bem um rio, mas vai servir. — Ravi começa a andar novamente e o sigo até a cozinha.

— Como assim não é um rio? — pergunto quando chegamos à cozinha e encontramos um Arnald pensativo sentado à mesa.

— É um mar e ele é negro, totalmente desprovido de vida. Mas suas águas ainda fluem por toda *Asuras*. — É a voz de Jordan atrás de mim e o olho assustada por ter deixado Clay sozinho. Ele parece entender minha apreensão e se apressa em falar. — Meus amigos estão com ele agora, não se preocupe. Quero ir à Nova York com vocês.

— Mas você disse que está proibido... — falo com a voz fraca,

lembrando-me do que Jordan me contou.

— Sim, mas não me importo mais com essa punição idiota. Se não derrotarmos Kali, não sobrará nada de nós e estou lutando pela minha família. — É impossível contestar os motivos de Jordan, por isso Ravi e eu assentimos em concordância.

— Arnald... — chamo o professor, que parece absorto enquanto cozinha um ensopado. — Você também virá conosco.

O professor parece surpreso de início, mas logo que entende minha real intenção, aproxima-se e senta a minha frente. Temo o que Arnald vai dizer, mas em meu íntimo o conheço bem demais para já imaginar o que quer.

— Não quero ir, Jennifer, sei que você quer me proteger e acha que estarei seguro em Nova York, mas não estarei. — A voz dele é cheia de pesar e entendo que Arnald se adaptou, como eu, a vida em *Asuras*. — Quero ficar aqui e lutar, ajudarei Laha. Não sabemos se eles irão voltar.

Bufo indignada, sabendo que é inútil discutir com o professor, embora eu queira muito que ele volte para NY. Jordan me garante que mais dos seus estarão na casa e que eu posso ficar tranquila. Ravi acaba aceitando e dizendo que Laha precisa de alguém de confiança, por fim acabo sacudindo a cabeça e cedendo com a loucura toda.

— Então, Jordan, Ravi e eu iremos para Nova York — falo decidida, começando a me levantar para ir trocar de roupa.

— Vou me trocar também, partiremos depois do almoço. — Ravi se levanta e me segue pelo corredor.

Caminhamos em silêncio e só quando chegamos à porta do meu quarto, é que Ravi entra e desaba na minha frente. Ele bate na parede e murmura palavras incompreensíveis, deixo que descarregue a raiva, enquanto começo a me despir. Só quando ele vê minha pele nua, é que para e caminha em passos bem lentos, me encarando com profundidade.

— Não posso perder você, prometa-me que ficará ao meu lado durante todo o caminho. — A voz dele é pura súplica e me vejo assentindo com firmeza.

— Prometo — falo com a voz embargada de emoção e o encaro profundamente. — Agora, ame-me. Não quero morrer e saber que não tivemos nossos últimos momentos.

— Não iremos morrer, jamais deixaria algo lhe acontecer. — Ele segura meu rosto com firmeza e começa a distribuir beijos pelo meu pescoço. — Estaremos sempre juntos, Nalini, faremos amor sempre e quando quisermos,

você é minha e eu sou inteiramente seu.

Não há o que contestar quanto a isso, embora eu tenha medo dos rumos que nossa vida vai tomar. Deixo nossos corpos se envolverem, em uma dança de movimentos que nos torna um. Cada célula do meu corpo ama incondicionalmente Ravi e eu lutarei até o final, por ele e por tudo que pretendemos construir juntos.

CAPÍTULO 33

Após uma despedida difícil, deixamos a casa do campo e seguimos rumo ao Mar Negro. Não temos muito que falar durante o percurso, exceto sobre os possíveis planos traçados. Para entrar no museu, precisaremos nos passar por turistas, mas antes Arnald me deixa com sua chave de casa e me garante que posso usar o seu cartão de crédito para comprar roupas e alimento.

Ravi parece extremamente pensativo, principalmente quando nos reunimos em um bosque próximo à floresta sombria, paramos um pouco para descansar e Jordan acende uma fogueira, enquanto conversa sozinho. Ficamos em silêncio por um tempo, até que algo que o gigante diz realmente me faz despertar do transe e o olhar com curiosidade.

— Quero ter a chance de rever a humana por quem me apaixonei, pelo menos antes de ir para *Naraká*. — Os olhos dele estão tão esperançosos que mordo os lábios para dizer que não temos tempo. Ravi, no entanto, pouco se importa com os sentimentos do gigante e se apressa em falar.

— Não podemos, Jordan, se quiser ficar em Nova York, fique, mas minha mãe corre perigo a cada segundo que passamos sem atravessar o portal. — Percebo que a voz dele é um misto de culpa e apreensão. Provavelmente se sente mal por não ter protegido Adjra como devia, mas internamente nós dois sabemos que ela é muito mais forte do que nós dois juntos.

— Será um encontro breve, prometo. Enquanto vocês comprem as roupas, irei visitá-la. Ela mora próximo ao museu. — Jordan parece tão decidido que acabo dando de ombros e Ravi se mantém em silêncio.

Comemos nossas provisões e seguimos caminho. Ravi não quer parar nem mesmo para dormir, por isso resolvo não protestar e deixar a exaustão para quando estivermos seguros. À medida que atravessamos o bosque, logo começamos a ouvir um barulho de ondas batendo contra as pedras. Por ser

um mar morto, eu espero certa calmaria, mas percebo que me enganei logo ao chegar à praia e constatar o que está na minha frente.

A areia da praia é completamente preta, cada grão se assemelha ao carvão e com isso a paisagem é totalmente exótica. A água do mar, no entanto, é de um azul escuro, com a espuma branca fazendo um excelente contraste na areia. As ondas estão raivosas, chicoteando as rochas que ali repousam, como se estivéssemos em meio a uma tempestade.

Ravi caminha até a água e espera que façamos o mesmo. Não hesito, embora sinta certo temor nesta estranha calmaria. Jordan murmura uma espécie de prece e também entra na água. Quando Ravi estende as mãos, não perde tempo e começa a murmurar o encantamento. Em poucos segundos, a água ao nosso redor começa a borbulhar e quando percebo que um redemoinho se forma, resolvi fechar os olhos, já que estou muito assustada.

Ravi continua com o cântico e é impossível não sentir um formigamento na pele, é o elemento da água querendo ser dominado, mas acabo quebrando a conexão e me concentrando no portal que tentamos abrir. Ouso olhar ao nosso redor e percebo que a areia sumiu abaixo de nossos pés, estamos flutuando em meio à água e antes que eu possa perguntar alguma coisa, somos engolidos por uma onda e arremessados para todos os lados, girando em um redemoinho sem fim.

Nossas mãos continuam fortemente unidas e meus olhos começam a arder com tanta água nos envolvendo. Surpreendentemente eu ainda pareço respirar da mesma forma, mas logo começo a me sentir claustrofóbica, não conseguindo enxergar nada e muito menos falar. Somente sinto a mão dos rapazes, que apertam firmemente a minha, como se temessem ficar sozinhos também nessa escuridão.

Quando penso que vou enlouquecer, finalmente uma luz começa a aparecer em meio ao breu. Logo a claridade toma conta e sinto meu corpo cair, soltando a mão de Jordan e Ravi que gritam meu nome. Sinto um baque nas costas e sei que estou em alguma superfície fria e dura. Demoro a entender o ambiente ao meu redor e vejo que estou no Central Park, de frente para o lago e completamente suja.

Ravi vem ao meu encontro, com Jordan em seu encalço. Os dois estão ensopados, já que caíram justamente no lago. Levanto e aceno para ele, certificando de que estou bem. Meus olhos custam a conseguir enxergar tudo ao meu redor, já que pela claridade só pode ser manhã em Nova York e eu nunca pensei que ia voltar aqui novamente. Uma brisa fria sacode as árvores

e percebo que provavelmente o inverno está começando e que nenhum de nós está vestido adequadamente para o clima.

— Precisamos ir até o apartamento de Arnald, estamos muito expostos assim — falo com convicção, enquanto tateio meus bolsos e encontro os poucos dólares que eu e Arnald levamos para *Asuras*, e surpreendentemente se encontram intactos.

— Certo, vamos chamar um táxi então. — Jordan concorda comigo e começa caminhar a nossa frente, olhando para todos os lados com desconfiança.

— Como se sente ao estar de volta? — Ravi pergunta com um meio sorriso.

— Me sinto bem, eu amo essa cidade — falo com um suspiro de pesar por talvez não voltar a ver esta paisagem.

— Deseja ficar? — A voz dele é tão baixa que me esforço para ouvir e quando vejo sua expressão, sei que é um pouco temerosa.

— Vou ficar onde você estiver Ravi, seja aqui ou em *Asuras*. — Dou de ombros e abro um sorriso confiante para ele.

— Eu ficaria com você também, em qualquer lugar, Nalini. Basta me pedir e eu fico. — Olho surpresa para ele após e paro para encará-lo.

— Depois que enfrentarmos Kali, vamos decidir o nosso destino. Por hora, o que importa é somente o fato de que estamos juntos. — Me aproximo dele e seguro o seu rosto com suavidade, o olhar que recebo em troca é tão profundo que sei que Ravi falou a verdade em cada palavra, ele realmente ficará onde eu quiser.

— Hã... pessoal, acho que encontrei um táxi. — Jordan acena mais a frente e vejo um veículo amarelo parado na rua.

Ravi e eu unimos nossas mãos e o seguimos. O motorista, um senhor calvo e de aparência frágil, nos olha de uma forma estranha e parece indeciso quanto aos nossos trajes, até que Jordan explica que fazemos teatros e por isso estamos usando roupas de guerreiros e camponeses. Isso parece convencer o homem que assente e começa a dirigir.

O trânsito de manhã não está tão caótico e quando passamos pelo museu, sinto um arrepio ao observar as grandes janelas de vidro que outrora foram meu local de trabalho. Pergunto-me se Robert ainda está ali, realizando suas pesquisas. Ou se Kali ainda finge ser uma curadora, com Baahir em seu encalço. Eu não duvido que mesmo acabando comigo, ambos não irão cansar de tentar conseguir mais poder e por isso eu preciso derrotá-los e impedir que

o mal se alastre.

Quando chegamos ao prédio de Arnald, suspiro com alívio e pago o taxista. Para evitar questionamentos, Ravi usa um encantamento no porteiro e conseguimos subir sem problemas. O apartamento do professor parece o mesmo, desde que entramos em um portal. Só levemente desarrumado, já que a empregada foi dispensada e percebendo a quantidade de poeira, pergunto-me quantos dias nesta dimensão humana realmente ficamos ausentes.

— Quanto tempo ficamos fora? — decido esclarecer a dúvida ao jogar minha bolsa de tecido improvisada sobre o sofá.

— Provavelmente uns dois meses, já que os dias em *Asuras* possuem mais horas. — É Jordan quem responde e percebo que ele olha para o telefone de forma pensativa.

— Pretende ligar para a garota? — pergunto com curiosidade, vendo Ravi fechar a cara em repreensão.

— Sim. Ainda me lembro do número dela, mas primeiro pretendo tomar um banho. — Ele começa a olhar em volta e logo que aponto o corredor do banheiro, sai em silêncio, deixando Ravi e eu sozinhos.

— Não fique tão zangado, ele merece ver novamente a pessoa que ama — falo com um sorriso ao ver Ravi bufar. — Vou procurar as poucas coisas que deixei aqui, incluindo a chave do meu carro. Tomamos banho e vamos às compras, ok?

— Certo. Vou ver se encontro algo na cozinha, pois estou faminto. — Ravi levanta do sofá e me dá um beijo estalado na testa, caminhando pela casa com naturalidade, o que me faz refletir se conseguiremos ter uma vida normal aqui.



Após um banho e um macarrão bem elaborado feito por mim, saímos os três do apartamento rumo ao *shopping*. Deixo Jordan no meio do caminho, já que ele disse ter acertado o encontro. Ravi e eu nos preparamos para as compras e decidimos que iremos ao museu no dia seguinte, já que descansar será vital para a viagem.

O *shopping*, como de costume, está lotado, mas não chamamos a atenção de ninguém, já que eu uso minhas próprias roupas, que havia deixado na casa de Arnald, e Ravi está com algumas peças do professor. Compramos poucas coisas, todas bem simples para nos camuflar, tipo chapéus, óculos escuros e

até mesmo uma peruca loira para mim. Ravi insiste em comer *fast food* e acabo tomando um *Milk shake*, enquanto ele devora um hambúrguer imenso.

Finalmente retornamos para casa e sem sinal de Jordan, nos sentamos em frente à TV, repassando os planos para o dia seguinte. Mesmo que a sessão Indiana esteja fechada, tentaremos entrar sorrateiramente. Ravi só vai precisar enfeitiçar alguns guardas. Também estamos preparados para possíveis embates. Não estou com medo, tenho os elementos ao meu favor, e alguns planos em mente.

Quando a noite enfim chega, fico um tempo contemplando o céu escuro, na varanda do apartamento. Em *Asuras* nunca há noite, por isso dificilmente vemos as estrelas. Mas aqui em Nova York, eu posso apreciar um pouco dessa escuridão, que agora parece acolhedora. Vejo Jordan entrar pela porta e tanto eu quanto Ravi suspiramos aliviados. Só que essa sensação vai embora rapidamente quando vejo a pessoa que está atrás dele, nos olhando com o mesmo espanto.

CAPÍTULO 34

É assustador, mas Hope nos encara com a mesma curiosidade com a qual a observamos. Jordan, sem entender o que acontece, passa um braço em volta dela, que parece se sentir mais segura e dá um passo a frente, caminhando até mim de forma hesitante. Engulo em seco quando vejo lágrimas surgirem em seus olhos e só então entendo que Hope também foi uma vítima.

— Jennifer... eu pensei... — ela suspira pesadamente, enquanto as lágrimas caem pelo seu rosto. — Eu pensei que você estava morta.

Não tenho tempo de responder, pois logo sou recepcionada por um abraço apertado. É difícil não retribuir, Hope sempre foi minha melhor amiga e agora, vendo-a tão fragilizada, eu sei que ela foi só mais uma peça nisso tudo, manipulada por Clay e Erik. Suspiro com alívio também, já que realmente sentia falta dela e quando finalmente nos soltamos, abro um sorriso hesitante.

— Eu estou bem, Hope, desculpa ter sumido assim... — falo com a voz embargada de emoções.

Vejo Jordan se aproximando e ficando atrás de Hope. Ravi olha tudo de forma curiosa, ainda estamos meio sem entender, mas quando percebo a forma que Jordan olha para minha amiga e o quanto ela parece desnorteada com a presença dele, entendo que Hope é a garota que Jordan ama. O que faz muito sentido, já que ele é um tipo bem atlético, exceto pela falta de dinheiro, algo que normalmente incomoda Hope.

— Então vocês dois já se conhecem... — murmuro o óbvio, vendo ambos assentirem. — Preciso entender melhor essa história — falo olhando para Hope, que entrelaça minha mão na sua.

— Podemos conversar em um local privado? Há muito que falar. — A voz dela agora é mais firme e sei que os assuntos que precisamos discutir

envolvem Clay e Erik.

— Vamos para o quarto de hóspedes. Garotos, comportem-se na nossa ausência, tem lanche para você na geladeira, Jordan — falo com um sorriso simpático e não espero a reação dos dois, enquanto subo as escadas com Hope em meu encalço.

Quando finalmente estamos a sós, sento na cama e cruzo as pernas esperando que Hope comece a falar. Ela caminha pelo quarto, olhando tudo com curiosidade, e se depara com duas espadas deixadas em um canto do cômodo; Ravi resolveu trazê-las, já que provavelmente precisaremos lutar. Para minha surpresa, Hope não pergunta sobre elas, só fica perdida em pensamentos até finalmente começar a falar.

— Erik não era o que dizia ser... — ela diz com um fio de voz. — Só quando seus pais morreram, foi que percebi o que realmente estava acontecendo. Coisas estranhas já haviam acontecido comigo antes, principalmente desde que conheci Jordan, mas só agora entendi o que tudo isso significa. — Ela para de caminhar e senta ao meu lado me olhando como se desvendasse a minha alma.

— Então você sabe sobre o que Erik é? E sobre... Jordan? — questiono de forma surpresa, pois nunca imaginei que Hope estaria bem sabendo que existem criaturas sobrenaturais.

— Eu desconfiava. Quando conheci Jordan, vivemos momentos maravilhosos e com o tempo surgiu os questionamentos, ele não se segurou e me contou tudo sobre seu mundo. Sobre as dimensões... — ela faz uma pausa e parece tomar coragem para finalmente falar. — Eu só não sabia dos *dakinis*. Quando Jordan sumiu sem explicações, eu sabia que havia algo mais acontecendo, mas temia parecer louca e resolvi enterrar tudo dentro do meu peito, comecei a viver para este mundo e deixei essa história para trás... Até que Erik apareceu.

— Por que você nunca me falou sobre Jordan? — Sinto minha voz ficar na defensiva, pois ela me escondeu muitas coisas.

— Porque você não entenderia, Jennifer. Me pediria para deixá-lo e eu não tinha como explicar coisas básicas como de onde ele era ou o que fazia. Eu o conheci por acaso, quando quase fui atropelada na rua e ele me salvou. Nossa conexão foi imediata e logo que descobri sobre sua real natureza, era impossível lhe dizer qualquer coisa sem que você me achasse louca. — Percebo que há realmente um arrependimento na voz dela e assinto em concordância, já que eu realmente não acreditaria em nada daquilo até algum

tempo atrás.

— E quanto ao Erik? Você não sabia que ele era um *dakini*? — O rancor na minha voz deixa claro que por um momento eu pensei que realmente fosse aliada deles.

— Não me olhe assim, Jennifer. Eu nunca lhe faria mal e realmente não sabia nada sobre aquele traste. Na verdade, descobri através de uma cigana que eu estava enfeitiçada. Ou seja, não gostava realmente de Erik, somente fui levada a achar que realmente o amava e acreditava em tudo que ele dizia. Eu acordava tão confusa às vezes, tentava me lembrar dos dias em que vi Erik jogar na seleção do futebol, mas tudo parecia muito vago. Como se nunca tivessem acontecido.

Olho para Hope e vejo o quanto ela parece perdida. Sei que ela diz a verdade, simplesmente porque a conheço bem demais e isso me deixa ainda mais triste, já que quando ela realmente precisou de uma amiga, eu estive longe e pensando que ela havia me traído. Puxo-a para um abraço e ficamos as duas assim por um tempo, ambas erramos em não termos sido sinceras, mas nosso laço é mais forte e nossa amizade sobreviverá de alguma forma.

— Você realmente vai enfrentar um demônio? — ela pergunta após se desvencilhar e parece ainda mais amedrontada.

— Sim... é o meu destino, mas pretendo sobreviver — falo com um meio sorriso e começo a contar para ela sobre os meus poderes, sobre *Asuras* e tudo que consegui aprender. Falo também do sonho com Durga e também do espelho, que tem sido erroneamente usado para o mal.

Hope é uma boa ouvinte e somente fala quando tem alguma dúvida. Sinto-me tão leve por ter desabafado com ela, que o peso nas minhas costas parece ter aliviado um bocado. Quando termino de contar tudo, vejo o olhar de compreensão nos olhos dela e mais ainda, vejo determinação e temo quando ouço o que não quero ouvir.

— Eu vou com vocês, posso ser útil — pela forma como ela fala, vejo que realmente se sente convencida disso e me apresso em protestar.

— Jordan jamais deixaria você correr um risco assim. Você deve ficar e nos esperar aqui. Caso queira ir para *Asuras*, tenho certeza de que isso não lhe será negado, mas já adianto que lá é bem diferente deste mundo em que vivemos. — A compreensão passa pelos olhos de Hope e vejo que ela concorda comigo.

— Certo, mas prometam voltar inteiros... — ela segura minhas mãos e me olha com esperança. — Eu realmente gosto do Jordan, temia não vê-lo mais,

mas agora que está aqui e também se sente disposto a burlar as regras de seu mundo para ficarmos juntos, não quero perdê-lo, Jen.

— Não irá, eu prometo. — Aperto as mãos dela novamente e logo somos interrompidas por um barulho na porta.

Ravi coloca a cabeça dentro do quarto, com Jordan logo atrás. Ambos nos olham com curiosidade e sorrimos de volta. Os rapazes se juntam a nós e repassamos o plano para o dia seguinte. Hope pretende nos ajudar com as credenciais para o museu, ela faz algumas ligações e consegue para nós identidades falsas, além de também ficar responsável pelo meu carro e o apartamento de Arnald, o qual ela promete cuidar muito bem.

Quando ela e Jordan vão para o outro cômodo, Ravi e eu ficamos abraçados e em silêncio, pensando sobre a complexidade de nossas vidas e o que poderemos encontrar amanhã. Eu não tenho ideia de como é *Naraká* e muito menos ele. Contudo, Adjra nos salvou e agora precisamos retribuir toda a ajuda, se não fosse por ela, talvez nem estivéssemos vivos. Kali e Baahir precisam ser derrotados, mesmo que isso custe um preço alto demais.



No dia seguinte, repassamos nosso plano durante o café. Hope parece muito apreensiva e tanto ela quanto Jordan não param de se tocar. Sinto-me um pouco triste por eles, já que mal se encontraram e já precisaram se separar novamente. Ravi também exibe um olhar triste, não precisamos falar, pois silenciosamente sabemos que vamos fazer de tudo para que Jordan volte intacto. Ele merece uma chance de ser feliz, mais do que ninguém.

Após vestirmos nossos trajes, encontro-me com uma calça preta e blusa rosa, além da peruca loira e um óculos de sol, quase chique, se não fosse meus tênis despojados. Ravi usa calças jeans, blusa branca com uma camisa xadrez por cima. Para completar o disfarce, coloca um boné esportivo azul e os óculos aviadores que o deixam irreconhecível e também muito lindo a meu ver. Jordan usa uma roupa parecida, exceto pela camisa que é substituída por um moletom cinza.

Hope nos leva como prometido e demora um pouco a se despedir de todos, com olhos vermelhos, pede que voltemos rápido. Ao entrar no museu, nossos documentos falsos servem perfeitamente para o cadastro de visitante e logo estamos acompanhando um guia pela sessão paleontológica e fingindo estar

prestando atenção a tudo que nos é explicado. Vejo de relance Robert passar ao lado de uma moça bem jovem, se parece muito com Lily. Felizmente nenhum dos dois olha na minha direção e quando finalmente começamos a caminhar, resolvo que é a hora de colocarmos nosso plano em ação.

Jordan finge passar mal, e logo os seguranças e o guia prendem sua atenção nele. Os outros visitantes também parecem curiosos e mal percebem que Ravi e eu escapulimos pelo corredor oposto. Caminhamos devagar, como se estivéssemos realmente apreciando os objetos. Finalmente chegamos ao corredor da sala indiana, que está a algumas portas de distância. Para nossa frustração, dois guardas esperam em frente à porta, mas Ravi murmura um encantamento e ambos caem desmaiados no chão.

Apresso-me e com a ajuda de Ravi, arrastamos os dois para uma sala vazia, fechando a porta em seguida. Enquanto Ravi entra na sala indiana, corro até o corredor e faço sinal para Jordan sair de perto da multidão, que caminha para outra sala. Abrimos a porta da sala indiana e nos deparamos com Ravi lutando com sua espada, que estava escondida em seu cinto. Jordan se apressa e começa a ajudá-lo, enquanto eu observo com horror os cinco *dakinis* que os dois enfrentam.

— Nalini, o espelho — Ravi grita, me fazendo sair do torpor.

Caminho até o espelho, conjurando uma bola de fogo quando um *dakini* tenta se aproximar de mim. Chego até o artefato e o encaro com curiosidade, seus entalhes parecem ainda mais confusos depois de eu só o ver em meus sonhos com a moldura lisa, mas não perco tempo observando-o. Toco seu vidro negro e logo o sinto se desintegrar em minhas mãos. Ravi havia me ensinado as palavras para abrir o portal e logo começo entoá-las, quando sinto uma mão me arremessar para longe do espelho.

Olho assustada e vejo uma *dakini* caminhando até mim, é a mesma ruiva que eu havia visto perto da casa de Arnald e sinto a raiva se apoderar de mim, perdendo a paciência com aquelas criaturas. Levanto com agilidade e ergo a mão em direção à mulher, concentro-me em seu pescoço e logo vejo ela arfar em busca de ar. Parece que até mesmo os demônios precisam respirar. Continuo fazendo pressão e sei que a traqueia dela, eventualmente, irá quebrar, mas não perco tempo, arremesso-a para o outro lado da sala, vendo seu pescoço entortar em um ângulo estranho.

Em meu pouco conhecimento sobre *dakinis*, constatei que se curam com facilidade, só morrem quando tem a cabeça arrancada ou o corpo totalmente queimado. Sendo assim, ela acordará em breve e enquanto Jordan e Ravi

estão imersos na luta, volto ao espelho e murmuro o encantamento. Repito três vezes até que funcione e um clarão dá lugar ao vidro negro. Vendo que a luta atrás de mim não terá um fim tão cedo, olho para as grossas cortinas cobrindo as janelas e bolo um plano.

Estendo as mãos e arranco todas de uma vez, grito para Jordan e Ravi se abaixarem e logo envolvo todos os *dakinis* com o pesado tecido vermelho. Aperto bem o nó com as mãos e Ravi, ao entender meu plano, murmura um encantamento que os deixa pregados na parede e embolados em uma espécie de bola de tecido. Solto um riso sarcástico e espero os rapazes se aproximarem. Unimos nossas mãos e desta vez sei que é definitivo, estamos indo direto para o perigo, selar nossos destinos, mas nunca me senti tão viva e corajosa em minha vida.

Olho mais uma vez para trás e quando nós três apertamos levemente a mão um do outro, entramos no espelho rumo ao inferno.

CAPÍTULO 35

Atravessar um portal pelo espelho é muito mais calmo do que eu imaginava, não há escuridão, somente parecemos ser carregados por um corredor espelhado, que reflete paisagens estranhas, e finalmente quando nos sentimos cair, aterrissamos com leveza em um chão de terra vermelha. A paisagem é diferente do que eu esperava, de todos os lados só vejo rochedos e nenhuma construção à vista.

— Não vejo nada... — falo em um sussurro, temendo acordar alguma criatura que aqui habita.

— Por enquanto. — Ravi fala sem muita empolgação.

Observo que o céu aqui é escuro como a noite, mas não nos impossibilita de ver a paisagem. O ar é mais pesado e à medida que caminhamos, percebo que o cansaço logo se apodera de nossos corpos. Finalmente Ravi tem a ideia de fazer um encantamento, mesmo que fazer magia signifique chamar atenção para nós. Quando vejo, uma chama verde surge a nossa frente e começa a se mover, percebo que ele fez um feitiço de localização, já que um pedaço de tecido está em suas mãos, provavelmente de alguma roupa de Adjra.

Caminhamos atrás da chama, ouvindo vários ruídos que me deixam cada vez mais assustada. Quando chegamos a um penhasco, com um caminho bem estreito entre um precipício, penso em flutuar até o outro lado, mas me lembro de que muita magia pode acabar alertando Kali de que estávamos aqui, se é que ela já não sabe. Começamos nossa triste caminhada pelo desfiladeiro, tento manter minha atenção nos meus pés e evito olhar para baixo.

— Vai mais devagar — Ravi me alerta, já que estou tentando acabar logo com isso.

— Só não quero ficar muito tempo aqui, odeio altura — murmuro com

desdém.

— Se continuar andando assim, vai acabar caindo. Fique calma, Nalini, estou bem aqui. — A mão forte de Ravi envolve a minha e continuo a caminhar.

É acordado que eu irei ao meio, com Jordan à frente e Ravi logo atrás de mim. As horas parecem se passar rapidamente, porque perco a noção de quanto tempo estamos descendo este desfiladeiro, isso porque nem avistamos ainda o castelo. Ouço um barulho de asas que me assusta e olho em volta, mas não vejo sinal algum de pássaros. Continuo focando na minha caminhada, até que o rochedo acima da minha cabeça é atingido com um baque e me assusto, perdendo o equilíbrio.

Grito assustada e vejo Ravi me reerguendo, quando volto meu olhar para o rosto dele, vejo que ele observa outra coisa e com assombro encaro uma espécie de quimera. A criatura é uma mistura de leão e águia, voando bem próximo de nós. A boca salivando nos mostra que somos o lanche da tarde e logo que ela volta a se aproximar, Ravi murmura um encantamento.

Sem hesito, a criatura não se abala e acerta o paredão de pedra mais uma vez, fazendo Jordan se desequilibrar. Ele logo se apruma e olha com raiva para a quimera, que nos lança um olhar debochado, com o bico se movimentando enquanto a saliva escorre. O corpo de leão é levemente amarelado, mas falhado em várias partes. As asas são longas, com penas que um dia devem ter sido de um marrom dourado, mas agora parecem sem vida e tão escassas que conseguimos ver a estrutura óssea logo abaixo da pele fina.

— Como nos livramos dela? — falo em um sussurro de pânico, vendo que mesmo com bico, a boca da criatura possui dentes internos.

— Há tempos não vejo esse tipo de quimera, normalmente só se acalmam e dormem quando escutam o som de uma flauta dos *Ikumurus* — Jordan fala com pesar, mas logo se assusta quando dou um grito vitorioso.

— Eu ganhei uma! Está bem aqui. — Retiro a flauta da bolsa e entrego a Jordan que olha surpreso para mim.

— Onde achou isso? — Vejo que a curiosidade em seus olhos logo é tomada por assombro quando a criatura vem com tudo em nossa direção. — Me conte depois — ele fala apressado e começa a tocar o instrumento.

A música que soa é excêntrica. As notas se assemelham a um bandolim, mas são mais pesadas e formam uma melodia diferente. A quimera logo para em seu percurso, pousando em uma pedra e parecendo ficar encantada com o som. Jordan continua tocando e logo o bichano boceja e entra em um sono

profundo. Caminhamos em silêncio desta vez e após alguns escorregões de minha parte, avistamos o castelo que tantos procuramos. Mas é ainda pior do que eu imaginava. A construção, que um dia parece ter sido muito bela, está bem no meio do desfiladeiro, sustentada por uma larga ponte de pedra. Da onde estamos, é possível ver um pátio central da construção, onde uma movimentação muito estranha acontece.

— Demônios... vários deles... — Jordan murmura baixinho e Ravi assente em concordância.

— Como conseguiremos encontrar Adjra? — falo em um sussurro assustado, sentindo a energia pesada emanando daquele lugar.

— Vamos precisar de um plano e dos bons — Jordan diz com convicção e continuamos a descer bem devagar, temendo despertar algum alarme.

À medida que nos aproximamos, o frio na minha barriga cresce a cada instante. Eu me senti tão corajosa no museu, mas agora me vejo fraquejar ao observar a multidão de criaturas cruéis e maliciosas. Kali não havia reunido só um exército, ela fez questão de selecionar bem os seus seguidores, que provavelmente ficarão muito felizes em nos derrotar.

CAPÍTULO 36

Já descemos boa parte do paredão de pedra e agora estamos escondidos entre alguns rochedos, próximo ao largo portão que dá acesso à ponte. Dois demônios gigantes guardam a porta com machados afiados nas mãos e armaduras prateadas. Percebo que ambos possuem cabeça de hipopótamo, o corpo se assemelha aos membros humanos, exceto pelo excesso de pelos. Os pés também são de hipopótamo e a cabeleira que escapa do elmo é preta e desgrenhada.

— Que feios — murmuro com horror, observando um deles arrotar e rir com uma boca cheia de dentes podres.

— São demônios da água, não entendo o que estão fazendo aqui... — Ravi murmura pensativo e penso que faz sentido se parecerem com hipopótamos.

— Provavelmente Kali prometeu a essas criaturas algo muito grande — Jordan fala com o cenho franzido, enquanto percorre o olhar pelo ambiente.

— Como entraremos? — pergunto de forma temerosa, já que o castelo parece praticamente impenetrável.

— Naquilo ali. — Ravi aponta para quatro carroças que começam a subir a encosta até a ponte, cheia do que eu imagino ser palha, tão fedida que engulo o nojo.

— Vamos derrubar os condutores e usar as roupas deles? — pergunto de forma animada, percebendo que ainda estou com a peruca loira na cabeça.

— Não, vamos nos esconder em meio ao feno — Jordan elucida com um sorriso malicioso, vendo minha expressão de horror.

— Que nojo. Eu não vou me esconder naquela coisa fedida. Prefiro entrar como uma guerreira e exigir um torneio — falo com falsa convicção.

— Nem pense nisso, Nalini, você não aguentaria um combate com Kali. — Ravi me olha de forma séria. — Prepare o nariz, porque vamos saltar.

Olho horrorizada para as carroças que se aproximavam, Ravi escolhe a

última, por razões óbvias, já que nenhum dos condutores irá nos ver. Descemos um pouco mais da enseada de pedras, de forma que só precisaremos nos pendurar e cair sem muita brutalidade em meio à palha. Logo que a primeira carroça passa, meu estômago embrulha ao ver a quantidade de mosquitos que rodeiam o feno, me pergunto para que serve algo tão nojento.

— Se prepare, Nalini, aqui vamos nós. — Ravi segura minhas mãos, fazendo-me pular junto com ele na última carroça.

Engulo o grito e logo aterrissamos no feno. Para minha surpresa, este não fede tanto quanto o primeiro e enquanto eu olho ao redor, percebo que o condutor, que é um *dakini* gorducho, parou a carroça. Escondo-me entre o feno, como Jordan e Ravi, que estão bem próximos de mim. O *dakini* inspeciona embaixo da carroça e também olha de forma curiosa para o caminho que percorreu.

Finalmente ele sobe novamente na engenhoca e começa a guiá-la pelo caminho. Quando passamos pelos demônios hipopótamos, assusto-me com a risada gutural deles e Ravi aperta minha mão, tentando me passar algum conforto. Observo tudo por uma fresta na madeira da carroça, que adentra no amplo pátio onde há alguns demônios e *dakinis* circulando. A carroça é levada a um estábulo e o feno começa a ser retirado com enxadas, mostro a Ravi o que está acontecendo.

— Merda! — ele sussurra. — Fique bem quieta, vou usar uma distração neles.

Ravi murmura algumas palavras e logo uma das enxadas está se movimentando sozinha, atraindo a atenção dos demônios. Os *dakinis* começam a correr atrás da enxada fugitiva, enquanto os demais objetos se juntam e começam a atacar os outros demônios. Concentrados no que acontece, nenhum deles nota quando saltamos da carroça e nos escondemos em uma das pilastras de pedra.

— Muito bom — falo com um sorriso enorme e observo o corredor seguinte, vendo um homem caminhar em passos lentos, varrendo o local.

— Não sabia que *dakinis* eram faxineiros — Jordan diz com deboche, até perceber o olhar de Ravi.

— Não é um *dakini* qualquer... — Ravi faz uma pausa e me olha nos olhos. — É o seu pai, Nalini.

Fico apreensiva à medida que observo a silhueta que caminha até nós, ele é alto e mesmo varrendo um chão imundo, ainda carrega certo ar de elegância

em cada um de seus movimentos. Os cabelos estão grandes até o ombro, em uma mistura de fios negros e grisalhos. O rosto parece tão jovem quanto o de Adjra, com uma barba espessa e olhos negros como os meus.

— Como você sabe que é ele? — pergunto, mesmo sabendo que claramente ele diz a verdade.

— Porque vocês são muito parecidos e já vi uma pintura dele — Ravi explica sua constatação em tom baixo.

— Vamos falar com ele? — Jordan questiona com indecisão, percebendo que as armas animadas pararam de entreter os demônios.

— Sim. Nós vamos — sou eu quem responde com convicção. Caminho até o homem, sentindo minha coragem diminuir à medida que ele nota nossa presença.

Logo que nos aproximamos, ele me encara tão profundamente que sinto minhas bochechas esquentarem. Ele acena com a cabeça em direção a uma porta e percebo que passos surgem do outro lado do corredor. Sem escolhas, nós o seguimos para dentro do cômodo, que na verdade é um armário com baldes, tecidos e vassouras. Observamos em silêncio os *dakinis* passarem e antes que eu possa falar, recebo um abraço caloroso do homem a minha frente.

— Você sobreviveu — ele sussurra e acaricia minha cabeça com tanto amor que sinto meus olhos ficarem marejados.

— Sim — digo com um sussurro e me separo dele para encará-lo. Percebo que olha para o meu cabelo com certa dúvida e me lembro da peruca, retirando-a da minha cabeça.

— O que vocês fazem aqui? — ele pergunta de forma incrédula.

— Viemos quebrar a maldição e salvar vocês — falo com um misto de animação e ousadia na voz, o qual ele retribui com um sorriso.

— Corajosa como a sua mãe. Precisaremos de um plano, Kali está planejando algo muito grande e ela tem Adjra presa em uma sala, a qual eu não consegui acesso. — Vejo o olhar de preocupação recair sobre os seus olhos e sinto um engulho, temendo pela minha tia.

— Nós iremos salvá-la, meu rei, sua filha já domina o poder de Durga — Ravi fala com tanto orgulho, que quase sinto meu coração quebrar, mas o medo de falhar com eles me deixa mais apreensiva.

— Nalini tem um papel muito importante nesta história, fico feliz que tenha recebido os dons de Durga, mas vocês correm perigo, o cheiro de vocês está por todo lugar. — O rei olha preocupado por uma fresta na porta e

observo que o rosto dele é muito pálido, tal como os *dakinis*.

— Vou ocultar nosso cheiro — Ravi fala e em seguida murmura um encantamento. — Preciso de roupas de serviçais, vou tentar encontrar Adjra.

— Vossa Majestade, rei Ragendra, poderia nos ajudar com algumas vestimentas? — Jordan pergunta de forma respeitosa, o que parece deixar o rei pensativo e um pouco encabulado.

— Pode me chamar somente de Ragendra, não sou rei. Não mais — ele murmura mais para si mesmo do que para nós, mas vendo meu olhar, ele abre um sorriso. — Irei buscar as roupas, não saiam daqui e não façam barulho.

Ragendra sai pela porta e observamos pela fresta o movimento no corredor e no pátio. Os *dakinis* treinam o tempo todo com espadas, parecendo muito concentrados e empenhados na guerra. Ravi diz que irá procurar Adjra, enquanto Jordan e eu devemos tentar encontrar uma saída. Quando questiono sobre enfrentar os demônios, ele me diz que só poderemos fazer isso quando nosso exército chegar e por isso acabo assentindo, já que sei que não sou páreo para eles sozinha.

Quando Ragendra retorna com as roupas nas mãos, respiramos mais aliviados. São bastante sofisticadas, já que tudo é feito de couro. Acabo usando uma calça preta bem apertada, mantenho minha camisa rosa por baixo da túnica bege e coloco um corpete de couro branco na cintura. Com meus cabelos presos em uma trança, finalizo com um chapéu sombreiro. Segundo Ragendra, é normal os empregados rurais usarem estas vestimentas, por isso não vão achar estranho.

— Nosso exército já está vindo — Jordan fala, enquanto olha para o lado de fora e observa certa movimentação.

— Como eles conseguem vir para *Naraká*? — pergunto curiosa, já que uma centena de gigantes no museu causaria um grande tumulto.

— Gigantes possuem os seus próprios feiticeiros, que são capazes de abrir imensos portais, mas não poderíamos ter esperado por eles, já que nossa abordagem era interna. — Ravi me responde de forma determinada e percebo que se tivéssemos vindo com o exército, chamaríamos atenção demais e provavelmente nem iríamos conseguir nos aproximar do castelo.

— Onde acontecerá a batalha? — pergunto curiosa, vendo que o castelo se encontra em um desfiladeiro.

— No campo logo acima, os guerreiros já começaram a subir. Vocês terão tempo de encontrar Adjra e darem o fora — Ragendra fala de forma enfática, preocupado com a segurança da irmã.

— Você também irá conosco, pretendo enfrentar Kali. — Sinto minha voz sair tão firme, que fico surpresa com a minha coragem.

— Você terá ajuda, não a enfrentará sozinha, minha filha. — Ragendra, a quem não consigo chamar de pai, me olha com tanta emoção que tudo que faço é assentir.

— Então vamos à batalha — digo com animação enquanto saímos do armário, percebendo que o pátio outrora movimentado, agora parece vazio.

A calma foi substituída pelo som dos tambores e o barulho da marcha dos demônios, que sobem o desfiladeiro rumo ao campo. Ravi vai em direção ao corredor apontado pelo rei, juntamente com Jordan. Ragendra me estende a mão, caminhando comigo pelos corredores e logo que encontramos mais *dakinis*, meu primeiro instinto é correr, mas me surpreendo ao perceber que eles já nos esperavam e me olham com certa esperança.

— Nalini, preciso lhe apresentar sua corte... — A voz de Ragendra vai sumindo à medida que observo melhor estes *dakinis*, todos possuem olhares tristes, mas que agora brilham de forma corajosa.

E entre a multidão, há uma figura que se destaca. Com cabelos negros como a noite, olhos verdes e lábios fartos, ela sorri para mim. Mesmo vestindo peles, parece incrivelmente esbelta e quando vejo lágrimas caindo de seus olhos, eu sei que acabei de encontrar alguém importante. Esta é minha mãe biológica, Indira Rashid.

CAPÍTULO 37

Abrçar Indira é tão emocionante que é difícil descrever o misto de emoções que sinto. Ela me olha como se eu fosse à única coisa que importa no mundo e percebo que Ragendra, meu pai, também me olha com a mesma admiração. É impossível não deixar as lágrimas caírem e encontro um pouco de conforto nos braços deles, que foram tão corajosos ao ponto de sacrificar suas vidas por mim. Eu preciso libertá-los e este é o dia em que farei isso.

— É muito bom finalmente encontrá-los, pai e mãe — digo com a voz embargada de emoção e vejo o sorriso de ambos aumentarem.

— Sempre estivemos com você, meu lótus, mas agora sim estamos felizes. Só de vê-la feliz e crescida, isso preenche nossos corações. — A voz da minha mãe é suave como uma flauta, tão leve que faz qualquer um relaxar em sua presença.

— Preciso encontrar Kali, enquanto o exército dela não está aqui. Seremos só nós duas — falo com convicção, já que é o único jeito de conseguirmos ir para casa.

Estou prestes a explicar o meu plano quando vejo os olhares assustados fixados em algo atrás de mim. Viro-me devagar e encontro Kali, que veste a pele de Karlie, usando a mesma armadura reluzente que vi em meu sonho. Seu sorriso é tão malicioso que engulo em seco quando ela estala o pescoço, parecendo estar entediada e ansiosa para acabar comigo.

— Comovente... — ela diz com uma voz maldosa, o que me faz perguntar por que não percebi todos os seus olhares de ódio e os sorrisos falsos. Como pude não perceber que era ela? — Você já esteve melhor, Jennifer, e não cheira muito bem.

O deboche dela não me atinge e caminho em frente aos meus pais, deixando as chamas se acenderem em minhas mãos. Percebo que por um

segundo o sorriso de Kali vacila, até que ela volta a sorrir maliciosamente quando ouço sons de espadas. Olho para as janelas do pátio e vejo Ravi travar uma luta com Baahir, enquanto Jordan está em combate com mais três *dakinis*. Fico surpresa, no entanto, quando vejo Adjra caída em um canto, entendendo tudo. Mesmo com olhos abertos, percebo que ela está fraca, com o pescoço marcado por mordidas e sangue escorrendo em cada marca de dente.

— Vou matá-la, Kali, e expurgá-la para o lugar de onde não devia ter saído! — falo com tanto ódio, que sinto as chamas crescerem ainda mais em minhas mãos.

— Isso é tudo que você tem, Jennifer? Sério? — ela ri com deboche e dá um soco na parede, fazendo tudo desabafar.

As pedras da construção atingem os *dakinis* despreparados e vejo meu pai empurrar minha mãe para o canto, cobrindo-a com o corpo. Um escudo se ergue em minha cabeça e percebo que a harmonia dos meus poderes tem começado a funcionar, eles agem de acordo com meu instinto e isso é algo que tenho ao meu favor. Kali, que não fica muito surpresa, retira sua espada e parte para cima de mim.

Como estou sem uma arma, meu pai joga rapidamente a sua espada em minha direção, a qual eu pego com agilidade, contudo, não consigo desviar da mesma forma dos golpes de Kali. Ela é muito mais graciosa que eu e mesmo com meus ataques constantes, ainda que sem desenvoltura, não hesita em momento algum. Percebo que sem meus poderes, essa luta de espadas está perdida e conjuro o fogo na espada, causando um corte cauterizado no braço de Kali, que solta um arquejo surpreso.

— Só sabe conjurar as chamas? Não sabe que elas me fortalecem minha cara? — A voz dela é de puro triunfo e isso me deixa ainda mais furiosa.

Ataco novamente, mas tropeço quando vou desviar do golpe dela e acabo recebendo um corte no ombro que arde como o inferno. Satisfeita, Kali continua o avanço e resolvo usar o que tenho ao meu favor. Convoco os destroços de pedras ao meu lado, fazendo-os flutuar levemente no ar e reúno minhas forças, arremessando-os em Kali. Uma das pedras atinge a testa dela, que sangra um líquido negro, fazendo-a rugir como um leão enraivecido.

Ainda assim sou fraca para essa luta e lembro-me do que Durga me disse, eu preciso ser forte. Um exército inteiro está lutando por mim, vejo meu pai e minha mãe brigarem com outros *dakinis*, tentando ajudar Jordan. Os outros membros da corte socorrem Adjra e Ravi parece não ter muitos progressos

com Baahir.

Kali ergue pedras como eu, tentando me acertar, embora meu escudo esteja persistente. Faço uma prece mental pedindo a Durga um auxílio e, em um momento, sinto meu corpo começar a formigar. Chamas começam a me envolver e vejo que Kali e os demais me observam. Lanço bolas de fogo nela que, surpresa, rebate com um escudo. Percebo que a irritei e jogo mais chamas, agora na direção dos *dakinis* que lutam com Jordan e meus pais. Todos eles gritam em meio ao fogo que não vai parar de arder até que eu mande.

Kali sorri de forma perversa e antes que eu possa dizer qualquer coisa, ergue Adjra do chão somente com o olhar. Vejo Ravi gritar, e Baahir aproveita para acertar um golpe no braço dele, que sangra abundantemente, embora o mesmo pareça não se importar. A atenção está toda em Adjra e com um último olhar de triunfo, Kali gira as mãos e tudo que ouvimos é o pescoço da minha tia se quebrar.

Grito de horror e minhas chamas logos se desvanecem. Ravi está ajoelhado no chão abismado, enquanto meu pai lança uma faca em direção a Kali, que desvia com destreza. Estou tão assustada que sei que vou entrar em choque, mas uma voz em minha mente me envia forças para continuar e me incita a dar a vingança que preciso: seja forte, Nalini, deixe-me assumir o controle.

A voz de Durga é como um bálsamo na minha realidade e me vejo cedendo espaço para ela em minha mente. Logo um clarão invade meus olhos, alastrando-se pelo palácio e impedindo-me de enxergar. Meu corpo formiga tanto que sou obrigada a olhar para minha pele e me surpreendo ao ver seis braços, três em cada lado, os quais com certa destreza eu consigo movimentar muito bem. Cada um segura uma arma e também estão adornados de joias.

Não perco tempo e antes que Kali se recupere no clarão, ataco-a. Para minha surpresa, ela logo assume também sua forma intermediária. Aparecendo com seis braços, pele azul anil e um sorriso ainda mais debochado, expondo seios fartos adornados por joias e segurando armas diferentes em cada mão. Ela é páreo para mim, afinal fomos criadas pela mesma essência, mas eu tenho algo que Kali não possui e é isso que irá me impulsionar.

Entramos em uma luta de movimentos sincronizados, e em nenhum

momento Kali deixa de sorrir. Entretanto, em um descuido de sua parte, minha espada corta um de seus braços e ela grita, arfando pela dor. Continuo com os golpes, atacando os outros braços e enfurecida ela grita, tentando me atingir, mas parece que o seu equilíbrio se perdeu. Chuto a barriga dela e consigo mandá-la de encontro à parede oposta. Jogo minha lança com precisão e esta se enterra em sua barriga. O grito dela é tão alto, que todos param assustados para olhar. Aproximo-me com cautela e abro um sorriso engenhoso.

— Você é forte, Kali, eu reconheço, mas você nunca será amada, nunca se sentará em meio aos deuses, nunca será glorificada, porque você nasceu da raiva e da vingança, você é um fruto de sentimentos obscuros. Seu destino é ficar para sempre imersa nas trevas, nunca mais volte, pois eu estarei aqui, esperando para derrotá-la. — Minha voz sai parecida com a de Durga e percebo que a deusa me ajudou a pronunciar as palavras, expressando também sua indignação.

— Por favor, não faça isso. Podemos ser aliadas... imagine o que podemos conseguir — ela implora como um cachorrinho triste, o que me deixa ainda mais furiosa por tentar me convidar para o seu lado.

— O seu fim chegou, Kali, o seu e de toda a sua corja — brado com a voz ecoando grave e não demoro em enterrar minha espada em seu coração.

Enfio bem fundo a lâmina escura, que sai ensopada de sangue negro. Não penso duas vezes e decepo a cabeça dela, dando um fim a sua existência. Meu corpo formiga novamente e percebo que os outros braços somem. Estendo minhas mãos e deixo as chamas tomarem conta, elas queimam a carne azul de Kali, que mesmo morta, mostra sua língua, quase como se ainda tivesse a mesma expressão de deboche de antes.

Baahir grita e vemos que ele está caído no pátio, caminho até ele, mas Ravi me para com um olhar. Ergue a espada e decepa a cabeça dele da mesma forma, queimando em seguida. Os outros *dakinis* já estão queimados há muito tempo e suspeito que os do campo de batalha não são mais invencíveis. Olho para os meus pais e vejo que não só eles, como toda a corte, estão banhados por uma luz azul que os envolve, deixando impossível enxergá-los.

Quando finalmente consigo olhar para eles, sorrio ao ver que suas peles agora exibem o mesmo tom marrom dourado da minha e que agora eles estão livres da maldição. Abraço-os fortemente e sinto a felicidade tomar conta de

mim, até ver Ravi ajoelhado perto de Adjra. Tento me aproximar, mas um casal chega ao lado dele e pelas semelhanças sei que são os pais dele, a família Yadav. Ele se levanta e abraça o casal, descarregando toda a sua energia. Sinto as lágrimas rolares pela minha face, já que Adjra cedeu tanto por nós, mas não pôde viver e nos ver quebrar a maldição.

— Tenho certeza de que ela está bem agora, minha filha, ela possui um espírito tão sábio que será muito útil ao lado dos deuses. — A voz da minha mãe me conforta e torço fortemente para que Adjra esteja em paz.

— Há uma guerra ainda acontecendo lá em cima... — falo com pesar.

— Não mais. Vencemos. — Olho para um gigante que adentra pelo pátio, sorrindo, mesmo estando coberto de sangue. Ele é bem mais alto e forte que Jordan, além de exibir um ar bem mais arrogante.

— O que aconteceu? — pergunto curiosa, vendo mais gigantes chegarem.

— Não sabemos ao certo, mas de repente todos eles se tornaram humanos e foi fácil derrotá-los. — Um gigante um pouco mais baixo, provavelmente um dos membros do exército, responde e volta seu olhar para Jordan.

— Acho que você precisa fazer um discurso, Nalini. — Olho para trás e vejo Ravi sorrindo para mim, sinto minhas bochechas corarem, mas vejo que não só os gigantes, como todas as outras criaturas que nos ajudaram, caminham para o palácio, esperando por minhas palavras.

— Vá em frente filha, você é a nova rainha. — Meu pai me dá um empurrãozinho até um altar, o mesmo em que Kali havia discursado no meu sonho.

— Sei que cada um de vocês se sacrificou para estar aqui hoje. Sou eternamente grata por todo apoio, vocês foram bravos e corajosos, me incitaram a ser destemida como eu nunca imaginei que conseguiria ser — faço uma pausa e encaro os rostos ansiosos. — Quando cheguei a *Asuras*, a primeira coisa que fiz foi reclamar das diferenças e achar as variedades de raças muito estranhas. Com o tempo, aprendi que é a diversidade que nos torna mais próximos, pois com elas eu aprendi a como derrotar meus próprios medos e encarar todos os desafios. Vencemos essa guerra juntos, hoje nós fizemos história. Não há nenhum mal que não possa ser expurgado quando temos um coração forte e valente. Juntos nos tornamos invencíveis. Vocês são invencíveis. Obrigada.

Gritos e salva de palmas explodem pelo palácio, sorrio animada e logo vejo meu corpo sendo erguido em meio à multidão. Meu nome é gritado e

nunca me senti tão feliz e animada na vida. Este dia estará para sempre em minha memória, não porque decepei um demônio, mas porque eu conquistei um reino e pretendo torná-lo um lugar melhor ao lado das pessoas que me amam.

CAPÍTULO 38

Com uma ajudinha dos gigantes, conseguimos voltar todos para *Asuras*. É claro que nossa volta não foi tão alegre, já que havia vários mortos, incluindo Adjra. O funeral foi o momento mais difícil, tantas vidas perdidas e aquilo pesava imensamente em meu coração. Laha e Ravi estavam inconsoláveis e eu me mantive afastada, dando tempo a eles de se despedirem daquela que tanto admiravam e que se sacrificou por todos nós.

Os dias seguintes se passaram com muita animação, meu pai iniciou planos para a construção de um castelo em *Rakha*, já que uma cidade sem governo acaba trazendo muitas injustiças e logo o povo começou a ouvir as propostas do rei e da rainha com animação. Queriam estabilidade como os outros reinos e é claro que os desafios seriam enormes, mas meus pais tinham muito tempo e vontade de reconstruírem suas vidas.

Arnald acabou se casando com uma mestiça, foi tão engraçado vê-la miando no altar que acabamos todos empolgados ao imaginarmos como nasceriam os bebês. Laha finalmente aceitou se unir ao clã dos sátiros e se despediu com um sorriso no rosto, já que há tempos sonhava em viver entre eles. Jordan planejava voltar para Hope, e após algumas insistências de minha parte, o gigante imperador cedeu e resolveu honrá-lo, ao invés de castigá-lo como antes.

Ravi esperava pacientemente pela minha decisão, eu sabia que ele amava *Asuras*, mas me acompanharia para onde quer que eu fosse. Não consegui decidir nada até voltar ao museu, onde encontrei o espelho e com um pouco de mágica, consegui transportá-lo para *Asuras*. Meus pais se tornaram guardiões dele e resolveram usar o portal como forma de receber visitantes e interagir com as outras dimensões, exceto com *Naraká*, é claro.

Após refletir sobre a minha vida, acabei tomando uma decisão difícil, afinal quando se tem o melhor de dois mundos, é uma tarefa complicada escolher um em qual viver. Em frente aos meus pais e alguns amigos próximos, declarei que voltaria a Nova York e viveria uma vida humana. Eu não queria viver séculos em Asuras, mas sim gostaria de aproveitar minha experiência. Fiquei surpresa quando meus pais concordaram com compreensão e me fizeram prometer visitá-los sempre que possível ou nos comunicar pelos espelhos.

Agora, Ravi está parado em meio ao campo de sangue, tão pensativo que me deixa um pouco temerosa quanto a minha decisão. É claro que vou adorar tê-lo ao meu lado, mas entenderei caso ele queira permanecer em *Asuras*. Eu só sinto que devo seguir meu caminho com minhas próprias mãos e descobrir os desafios que uma vida humana pode apresentar.

— No que está pensando? — pergunto curiosa enquanto analiso a paisagem.

— Estou me despedindo — ele fala com um fio de voz. — Nunca pensei que diria isso, mas estou feliz em ir viver com você em Nova York. Quero conhecer outro mundo, comer mais hambúrgueres e ainda não fui naquele cinema, o qual você prometeu me levar.

Solto uma gargalhada animada ao observá-lo, nunca pensei que encontraria alguém como Ravi na minha vida, mas agora que o tenho, pretendo fazê-lo feliz de todas as formas.

— Há muito que conhecermos e tenho certeza de que iremos várias vezes ao cinema — digo por fim, sorrindo animada.

— Então vamos viver nossas vidas, Jennifer — assusto-me quando ele me chama pelo meu nome e não por Nalini.

— Pensei que eu seria sempre Nalini para você... — exponho um pouco encabulada com a troca.

— Você é Jennifer, Nalini, Durga... Você é tantas coisas que fica difícil nomear, mas o mais importante, você é o amor da minha vida e eu aceito qualquer vida ao seu lado, seja ela como for.

Ravi me pega em seus braços e une nossos lábios, deixo todas as emoções fluírem em nosso beijo e quando nos separamos, sorrio animada e finalmente digo:

— Você foi a minha melhor aventura.

EPÍLOGO

É uma tarde especial, o sol está quente e o dia tão animado que é impossível não sorrir a cada instante. De certa forma, caminhar sobre o Central Park sempre me traz boas lembranças e aqui, dez anos depois do que aconteceu, eu ainda me sinto conectada àquela história e relembro os fatos vividamente em minha cabeça. Ravi está ao meu lado, sorrindo empolgado com o nosso filho nos braços.

Há tempos não recebemos notícias de *Asuras*, mas decidimos encerrar o contato, já que é difícil conciliar uma vida dupla e se adequar a essa dimensão. Ainda assim, eu sempre sinto sensações que me dizem que está tudo bem. Por vezes o colar de Durga ainda brilha quando eu o observo, ou minha pele formiga, lembrando-me do poder que um dia possuí.

Uma vida em Nova York se mostrou mais empolgante do que eu esperava, Ravi montou uma loja de antiguidades, enquanto eu consegui um mestrado em Yale. Hope e Jordan se casaram logo após o nosso retorno e os dois agora são pais de gêmeos, que nasceram um pouco grandes demais para os padrões de bebês, mas ainda assim são incrivelmente lindos.

É difícil voltar à normalidade quando se vive algo tão significativo, mas com o tempo minha vida acabou se tornando uma aventura novamente. Ravi sempre quer experimentar algo novo, por isso saímos e viajamos sempre que possível. Nosso casamento foi no Brasil, onde aproveitamos um cenário com uma praia linda e deserta, com pouquíssimas testemunhas, mas ainda assim foi o dia mais feliz de nossas vidas.

Com o tempo, pouco falávamos sobre o que vivemos, mas hoje enquanto caminhamos pelo Sol, algo incrível acontece. Agacho-me para pegar meu lenço que caiu, quando vejo algo brilhando próximo à margem do lago. Aproximo-me com cautela, mas quando vejo do que se trata, solto uma

gargalha animada e corro até Ravi, que me olha surpreso vendo o que eu tenho em mãos.

— Onde encontrou isso? — pergunta curioso e olhando ao redor.

— Na margem do lago! — falo com empolgação.

— Isso que significa que...? — O olhar dele é tão animado quanto o meu, mas logo sentimos uma presença atrás de nós e quando olhamos, a felicidade é ainda maior.

— Sentiram minha falta? — Arnald sorri descaradamente para nós, ainda é o mesmo de antes. Exceto pela barba grande e o rosto corado. Atrás dele, a sua esposa Mira nos encara com um largo sorriso e com os olhos felinos brilhantes.

Vendo-os em nossa frente, percebo que mesmo nos afastando de *Asuras*, um pedaço dela sempre residirá em nós. Afinal, somos parte de algo maior. Algo que nem todo mundo está preparado para entender. Expurgamos um mal, mas isso é apenas o começo. Dentro de mim, sei que ainda tenho energia e coragem o suficiente para uma próxima batalha.

AS DIMENSÕES

NARAKÁ ou “O Véu” — dimensão mais baixa, também chamada de inferno, é o lar de monstros e criaturas sombrias.

PRETÁ — reino dos espíritos, onde vivem as almas vagantes que ainda não reencarnaram.

ASURAS — dimensão intermediária, onde vivem os feiticeiros, bruxas e muitas outras criaturas. Neste lugar, a magia é livre.

MANUSHYA — dimensão dos humanos.

TIRYAK — terra sem leis, onde há mais criaturas e animais.

DEVAS — reino dos deuses.

AGRADECIMENTOS

Sempre achei os agradecimentos a parte mais difícil de um livro. Normalmente é porque há tanta inspiração envolvida, que fica difícil mencionar todas as pessoas importantes que contribuem para esse sonho e nos fazem sair de nossa zona de conforto, incitando-nos a arriscar.

Este livro em especial foi concebido com um apoio inestimável do meu pai que, desde os primeiros capítulos, se empolgou com o que eu estava criando e me incitou a terminar a história, fazendo-me superar os mais difíceis bloqueios criativos. Eu também não poderia ter criado esse universo, sem todo o carinho e apoio da minha mãe, que sempre me incentivou a ser corajosa, o que me fez tratar desse assunto com mais profundidade nesse livro e por isso digo que ela foi uma das minhas principais inspirações.

Eu tenho amigos maravilhosos e disso não tenho dúvidas. Meu seleto grupo “*Amantes do Amor*” são tão carismáticos, que acabaram me emprestando algumas de suas características para dar vida a esses personagens. Eu também não poderia esquecer a inestimável presença do meu companheiro, Victor Luz, que provavelmente se cansou de ouvir meus planos para essa história, mas ainda assim continuou me apoiando e criando frases de efeito incríveis para as capas dos meus livros.

Por fim, agradeço aos leitores que se aventuraram a ler essa obra. Vocês mais do que ninguém, incentivam a minha criatividade e me fazem crer que podemos criar histórias incríveis com a nossa imaginação. Espero que essa história preencha o coração de vocês com esperança e coragem.

Cordialmente,
Vivianne Sophie

[1] Sono REM (Rapid Eye Movement), “movimento rápido dos olhos” é a fase do sono onde ocorrem os sonhos mais vívidos.

[2] Típica camisa indiana de comprimento curto, usada juntamente com o sari.

[3] Vestimenta de tecido nobre.

[4] Echarpe, lenço.

[5] Bairro de Nova York localizado em Manhattan.

[6] *Túnica masculina ou feminina.*

[7] *Peça de pano que os homens enrolam em torno dos quadris, como calça.*

[8] *Echarpe ou lenço.*

[9] *Traje feminino composto de casaco e saia.*

[10] “Eu sei que poderia mentir, mas estou dizendo a verdade; Onde quer que eu vá há uma sombra de você”.